DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

TRANSCRIÇÃO *IPSIS VERBIS*

CPI - TRÁFICO DE ARMAS		
EVENTO: Audiência Pública	Nº: 0687/06	DATA: 23/05/06
INÍCIO: 14h34min	TÉRMINO: 23h05min	DURAÇÃO: 08h31min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 7h49min	PÁGINAS: 315	QUARTOS: 94

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO
MARIA CRISTINA DE SOUZA MACHADO - Advogada. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Advogado.

SUMÁRIO: Tomada de depoimento. Acareação.

OBSERVAÇÕES
A reunião foi suspensa e reaberta. Há palavras ou expressões ininteligíveis. Há falha na gravação. Há exibição de vídeo. Há intervenção fora do microfone. Inaudível. Há orador não identificado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Havendo número regimental, declaro aberta a 65ª Reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar as organizações criminosas do tráfico de armas.

Informo aos Srs. Parlamentares que foi distribuída cópia da ata da 64ª Reunião.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Sr. Presidente, pela ordem.

Solicito a dispensa da leitura da ata.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agradeço ao Deputado Alberto Fraga.

Dispensada a leitura, coloco a ata em discussão. *(Pausa.)*

Não havendo quem queira discuti-la, coloco-a em votação.

Aqueles que a aprovam permaneçam como se acham. *(Pausa.)*

Aprovada.

Informo aos Srs. Parlamentares recebimento de ofício do Deputado Luiz Couto justificando sua ausência na reunião do dia 18 do corrente mês, por ter estado em missão oficial no Município de Pombal, no Estado da Paraíba.

Esta reunião foi convocada para ouvir os Srs. Sérgio Weslei da Cunha e Maria Cristina de Souza Rachado, mas, antes, eu tenho que colocar em discussão um problema da CPI.

Muito antes dos problemas de São Paulo, nós aprovamos requerimento para oitiva do Marcola e aprovamos por uma razão só: esta CPI existe para combater as organizações criminosas do tráfico de armas. O PCC, hoje, segundo avaliação dos nossos técnicos, é a maior organização criminosa do tráfico de armas. Conseqüentemente, não teria razão para nós não ouvirmos o chefe dessa maior organização. Então, isso já tinha sido decidido antes de todos esses problemas de São Paulo. Antes de todos esses problemas, tínhamos decidido ouvi-lo aqui, em Brasília, como a tantos outros chefes de crime organizado que nós já ouvimos aqui em Brasília.

Tenho certeza de que qualquer que for a posição dos Deputados aqui, hoje, representa sugestão para o melhor andamento da CPI.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - V.Exa. vai abrir discussão, Presidente? Eu gostaria...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu vou abrir discussão para esse problema.

Então, eu peço ao secretário que possa... Então, a Deputada Laura inscreve. Porque é um problema que temos que decidir hoje — a imprensa toda pergunta sobre isso. Eu tenho certeza — quero aqui deixar de pronto — de que nenhum membro desta CPI veio a mim para recuar um milímetro na investigação que nós fazemos. Pelo contrário, todos os membros de todos os partidos desta CPI têm a resolução de que o que nós pudermos contribuir para desbaratar a organização criminosa, tanto do PCC quanto do Comando Vermelho, nós vamos fazer. Conseqüentemente não há nenhuma preocupação nesse sentido.

Ouvi-lo é uma decisão tomada já pela CPI. É claro que o Presidente sempre se curvará ao Plenário sobre esses assuntos. Sobre onde ouvi-lo, tinha uma decisão preliminar de ouvi-lo aqui. Há uma solicitação do Presidente da Câmara para que não façamos essa oitiva aqui nas dependências da Câmara. Então, as posições que nós temos: podemos ouvi-lo em Brasília, na Polícia Federal; podemos ouvi-lo lá na cidade do presídio; podemos ouvi-lo na Assembléia Legislativa. Então, temos várias opções. Eu quero ouvir o Plenário para depois colocar em votação a decisão final para esse problema.

Então, de acordo com os inscritos com a Deputada Laura, o Deputado Alberto Fraga é o primeiro a se pronunciar.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Sr. Presidente, prezados colegas, eu, Sr. Presidente, quero dizer a V.Exa. que confio muito no seu tino policial. No entanto, Sr. Presidente, eu quero discordar dessa proposta, dessa sugestão. E, se foi deliberada, eu peço vênia aos colegas para que repensemos essa situação.

Hoje nós vivemos aqui com questões de ameaças, com questões de intimidação. Eu acho que no momento em que nós dermos toda essa atenção para esse bandido, nós vamos estar promovendo a sua imagem desnecessariamente. Bandido tem que ser ouvido é exatamente no presídio, ou então através de uma teleconferência, se for possível. Mas eu confesso a V.Exas. que, no momento em que nós vivemos esta inquietação, no momento em que nós formos deslocar esse bandido para cá, vamos ter que movimentar uma série de... Ou seja, os mecanismos de segurança serão evidentemente mobilizados, trará transtornos, será oneroso. Eu acho muito mais prudente e pertinente que V.Exa., juntamente com o Relator, e até

mesmo a nossa 1ª Vice-Presidenta, se desloquem até o presídio, tomem as declarações do Marcola; aí, sim. Não podemos dar palco para esse cidadão! Já não basta Fernandinho Beira-Mar viajar este País de fora a fora, agora o Marcola também? Quer dizer, eu acho que nós não precisamos verdadeiramente colocar isso publicamente. Ao colocar numa Assembléia Legislativa, faremos também divulgação pública demais. E, com tanta ameaça, todo o mundo está preocupado. Eu acho que seria muito mais prudente ouvirmos esse bandido lá. E aí, sim, as informações ficariam nas mãos de V.Exas. para que até mesmo não haja tanta especulação e inquietação no mundo criminoso lá, em que ele tem a sua predominância. Colocar isso publicamente? As televisões farão com que nos presídios esse bandido... Não vamos esquecer o que Fernandinho Beira-Mar fez aqui: tripudiou, ironizou! E não se pode fazer nada!

Portanto, prezado Presidente, confio muito no seu tino policial de excelente delegado de polícia que foi e que ainda é, mas eu defendo que esse bandido tem que ser ouvido lá na cadeia, onde é o lugar dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Obrigado a V.Exa. Só quero dizer que o Presidente vai se render àquilo que o Plenário decidir.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - É isso aí. Posso falar, Presidente?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tem uma lista, e V.Exa. já está alistado.

Deputada Perpétua Almeida.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Presidente, o debate aqui não é de quem tem mais coragem ou menos coragem, mas a gente não pode desconhecer os fatos. Quando esta CPI aprovou requerimento para ouvir o bandido citado, a situação de segurança era outra. Discuti agora há pouco com o Deputado Alberto Fraga essa situação. Chega o povo brasileiro já ficar assistindo o Fernandinho Beira-Mar ficar passeando de helicóptero de um Estado para outro, dada a insegurança dos presídios no País.

O fato dos acontecimentos em São Paulo claro que colocou esse bandido em evidência mais ainda; claro que os bandidos também do presídio estão querendo vê-lo pela televisão, o que ele vai fazer, os risos, as gracinhas que ele vai fazer. Nós já estamos acostumados como é que é o processo de investigação aqui nessa CPI.

Aqui não se trata de quem tem medo ou quem não tem, até porque eu acho que, se tivesse, não estava investigando. Então, não se trata de quem tem mais coragem ou quem tem menos coragem. A brincadeira, ou a discussão, o debate não é esse.

Agora, eu acredito sinceramente que nós podemos ouvi-lo lá onde ele está, na penitenciária. Se acharmos ou tivermos alguma preocupação quanto à segurança do momento, podíamos tratar e ouvi-lo na Polícia Federal de São Paulo. Mas trazer para cá, fazer toda essa mídia para ele, eu acho desnecessário. Já chegam os últimos acontecimentos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputado Luiz Couto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Presidente, Srs. Deputados, eu acho que a declaração do Presidente de dizer que o Marcola não poderia ser ouvido aqui porque poderia trazer problema de insegurança, isso gerou um problema, porque nós poderíamos... Ou seja, há um reconhecimento do poder de Marcola. É dar muito peso para Marcola, quando aqui já tivemos outros que aqui vieram com a Polícia Federal, com a Polícia Civil, e toda a segurança foi dada. Eu acho que essa afirmação nos coloca num momento de xeque, ou seja, ou nós vamos fazer lá e vamos dizer que nós é que vamos ao encontro dele, e a CPI vai lá, e não vai ter a expressão pública que deveria ter, ou então nós vamos ficar, ou seja, numa situação de dizer: *"Aqui não vem"*, e a gente... É como o reconhecimento de que nós estamos amedrontados com isso. E isso não é verdade, isso não é verdade.

Eu acho que aquilo que a Comissão decidiu... Todas as testemunhas ou depoentes vêm aqui com toda a segurança. Eu acho que nós deveríamos ouvi-lo aqui na Câmara Federal, para dizer que a gente não tem medo do Sr. Marcola, que a gente não aceita essa situação. E a Casa deve dar todas as condições para que todos os servidores, Parlamentares, tenham a segurança devida. Não é somente porque vem... Aqui já teve Fernandinho Beira-Mar, aqui já teve bandidos perigosíssimos, e não houve nada disso.

Eu acho que foi infeliz a declaração, e nós não podemos agora ficar nesse diapasão de dizer: *"Não, não, vamos ouvir lá, porque não vamos dar expressão pública para esse bandido"*. Mas também o fato de ouvi-lo lá na cadeia significa que nós estamos dando tanta atenção a Marcola que nós é que estamos indo para ouvi-lo no presídio.

Acho que nós deveríamos ouvi-lo aqui na Câmara Federal, para que tenhamos todas as condições de confrontar inclusive as informações que nós temos. Nesse sentido, eu sou por que nós ouçamos o Marcola aqui na Câmara Federal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Muito obrigado, Deputado Luiz Couto. Seria o Deputado Biscaia, mas o Relator tem preferência em qualquer momento. Então, o Relator pediu a palavra.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sras. Deputadas, eu quero tornar pública a minha posição, a fim de que os senhores e as senhoras tenham a oportunidade de conhecer a opinião do Relator. Qual é o nosso objetivo? O nosso objetivo é colher o depoimento. O nosso objetivo é colher as informações necessárias para a elaboração do nosso relatório, a fim de elucidar questões que estamos investigando e que envolvem o tráfico de armas e de munição no País. Portanto, o que interessa para esta CPI são as informações que nós podemos buscar.

Eu entendo que, neste momento, nós proporcionarmos um espaço público para que este criminoso tenha a oportunidade de se dirigir ao País em cadeia de rádio e televisão, sendo ouvido como uma personalidade, em linha direta, pela imprensa, inclusive com os presídios, com os criminosos do Brasil afora, era tudo o que ele gostaria. Ele está num regime disciplinar especial, eu espero, sem contato com os demais membros dessa organização, e nós estaríamos proporcionando o espaço, inclusive, para que ele mandasse as mensagens, as informações, os recados, não só para o sistema penitenciário do Estado de São Paulo, mas para todo o Brasil. Então, eu considero, Sra. Presidente — neste momento, a sessão é presidida pela Deputada Laura —, totalmente inconveniente, do ponto de vista do interesse desta Comissão, transformar este criminoso numa personalidade e dar a ele o palco necessário para que ele possa adquirir um *status* de *popstar*, falando ao vivo e em cores para todos os criminosos do Brasil.

Então, eu sou contra e acredito que nós devemos ouvi-lo dentro da penitenciária, de modo a buscar única e exclusivamente o que interessa para esta CPI, que são as informações relativas ao tráfico de armas e de munição. Então, a minha opinião, como Relator, é que não deve ser proporcionado nenhum espetáculo, nenhuma movimentação desnecessária de seguranças, de estrutura das polícias, que já têm trabalho de sobra, e que nós devemos mandar uma comissão.

Porventura, os Parlamentares que desejarem também participar que se desloquem, e esse depoimento seja colhido dentro de uma unidade do sistema penitenciário do Estado de São Paulo.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Deputado Biscaia.

O SR. DEPUTADO ANTONIO CARLOS BISCAIA - Deputada Presidente, cumprimento V.Exa. Quero dizer que eu estou na mesma linha do Deputado Fraga e do Relator Paulo Pimenta. O papel da CPI é investigar, não é dar palco a bandido, que já é capa de *Veja*. Não é possível! Onde é que nós estamos? A capa da *Veja* é um criminoso como Marcola! Vamos trazê-lo aqui para quê? Não há qualquer justificativa. Nós temos que, isto sim, formar uma comissão e ouvi-lo no presídio, sem qualquer tipo de publicidade que transforme ele, como já foram transformados outros bandidos, em herói. Por favor, não vamos cometer um equívoco dessa natureza! Vamos ouvi-lo no local em que ele se encontra preso, cumprindo o regime diferenciado, que tem que ser uma regra rigorosa.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Obrigada a V.Exa.

Deputado Josias.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Sra. Presidente, Sr. Relator, Deputado Arnaldo Faria de Sá, a minha posição é um pouco diferente dos nossos companheiros. Primeiro, com relação à vinda de Marcola aqui, eu acho que, se foi agendado, a audiência deve ser feita. Deve ser feita na Polícia Federal, aqui na Polícia Federal, num ambiente restrito. Não devemos nos deslocar com esse aparato todo de Deputados indo lá para São Paulo, uma viagem que vai se tornar cara. Então, usa a estrutura da Polícia Federal e ouve o bandido aqui na Polícia Federal, numa reunião reservada, seja lá como for.

Mas eu quero aproveitar a oportunidade, Presidente, desse episódio todo para fazer também aqui o meu desabafo. Primeiro, não adianta tapar o sol com a peneira. Marcola é famoso, sim. Marcola é muito famoso, se tornou famoso, desafiou o Estado brasileiro, promoveu uma série de rebeliões, desafiou o Estado. Ele já está consagrado como bandido, como bandido famoso. E tudo isso... Do mesmo modo que Fernandinho Beira-Mar. Tudo isso por conta de um sistema policial, de um sistema penitenciário falho, falido. E olha, esse episódio deve trazer à sociedade toda uma reflexão, uma reflexão acerca da omissão do Governo, dos Governos, da omissão do Congresso na promoção de mudanças desse aparelho policial, desse

sistema penal, do sistema carcerário no Brasil. Então, criamos esses monstros. Não adianta tapar o sol com a peneira. São famosos, sim; têm poder, sim. E não será mais uma audiência ou outra audiência de CPI que vai promovê-los mais ou menos. Devemos ter o cuidado de colocar num ambiente restrito e fazer o que temos que fazer. Mas que são famosos, são, por conta disso aí. E outra coisa que quero deixar clara para V.Exas., meu ponto de vista nessa discussão toda: o Ministro da Justiça vem dizendo que já temos leis demais. Então, já mostra, mais uma vez, que não há muita disposição do Governo em fazer mudanças na legislação. Acha que há leis demais. Isso é posição clara do Ministro. S.Exa. assumiu claramente. O Congresso vem, através do Senado, propondo algumas — 2 ou 3 — medidas que vão parar por aí. E de todo esse noticiário — daqui a uns dias, os jornais estarão embrulhando peixe —, quem morreu, morreu, quem não morreu se prepare para morrer, porque tudo vai continuar como dantes, se não houver, de fato, uma vontade clara do Governo, através de suas lideranças, através de seu partido, da sua base em promover uma mudança estrutural que o Brasil precisa, que o aparelho policial precisa, que o sistema carcerário precisa, sem o que vamos viver esse episódio como já vivemos outros e vamos viver outros mais ainda.

Esta é minha posição. Aproveito o momento para fazer também esse desabafo. E, só para reforçar, finalmente, Sr. Presidente, em relação ao tema que está em discussão, a minha opinião é no sentido de que ouçamos o Marcola aqui, na Polícia Federal. Não vamos nos deslocar para lá com mais gastos para o Estado. Ele deve ser trazido à Polícia Federal, e nós vamos ouvi-lo lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Obrigado, Deputado.

Deputado Bosco Costa.

O SR. DEPUTADO BOSCO COSTA - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, serei breve. Sr. Presidente, vejam em que situação encontramos o nosso País. Sempre falei em outras oportunidades, até na época do Estatuto do Desarmamento, que o Estado brasileiro precisava investir em segurança pública. Isso há vários e vários anos. Chegou a um ponto, hoje, que esses bandidos desafiam a sociedade brasileira, a segurança pública do nosso País. É lamentável. Agora, acho que não podemos dar IBOPE a bandido. Bandido tem que ser tratado como bandido. Quanto mais IBOPE, quanto mais a imprensa divulga um elemento desse, acho que não leva nada à sociedade e ao povo brasileiro.

Sou a favor de que o ouçamos em qualquer lugar, ou em São Paulo, ou em Brasília, mas o mais reservado possível.

Muito obrigado, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Com a palavra o Deputado Arnaldo Faria de Sá.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sr. Presidente, primeiro, V.Exa. não precisa nem ouvir o Plenário. Já está aprovado o requerimento. A decisão é sua. V.Exa. decide o que quiser fazer. Lamento discordar do Presidente Aldo Rebelo, porque a CPI tem poder autônomo. A CPI pode quebrar sigilo bancário, telefônico, telemático e fiscal. O Presidente da Casa pode? Não pode. Então, quer dizer, a CPI tem poder autônomo para decidir o que quer e o que bem entende.

Eu respeito os argumentos de todos aqueles que são contrários à oitiva do Sr. Marcos Willians Camacho aqui, na Câmara Federal. Mas, na verdade, independentemente dessa questão, famoso ele já é, já foi capa de *Veja*, já foi tema de programa especial de televisão, já tem tudo o que poderia ter. A sociedade espera que nós mostremos a ela que ele não é aquilo que passaram como se fosse. Ele tem que ser escrachado e ele só será escrachado se for numa sessão pública aqui, na Câmara dos Deputados.

Portanto, respeitando a opinião de vários companheiros, eu entendo que temos que manter a convocação e mostrar à sociedade que não temos medo. A grande maioria dos Parlamentares que falaram não é de São Paulo, não sabe qual é o clima que está em São Paulo. Em São Paulo o clima que existe é que todo mundo tem medo dele, a sociedade está intimidada. E a oportunidade de mostrar à sociedade que esta Câmara não capitula é fazer a oitiva do Marcola.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Muito obrigado, Deputado Arnaldo Faria de Sá.

Deputado Raul Jungmann.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Obrigado, Presidente. Acho que já é consenso, Presidente, que no capítulo fama não vai ser esta CPI que vai agregar um milímetro sequer de fama ao Marcola, porque ele a conquistou pelos seus meios e, sobretudo, pela chantagem e pelo terror que ele promoveu em São Paulo. Acho até, neste capítulo, se me permitisse a blague, quem teria a lucrar muito mais com a fama seria, se se quisesse pensar assim, a CPI, do que, inversamente, o Marcola.

Em segundo lugar, Sr. Presidente, o que é efetivo, o que é importante, é ouvir o Marcola: aqui, lá, na Polícia Federal, em São Paulo. Isso é que é substantivo, meu caro Relator. Agora, vamos analisar as condições; e tem várias. Eu já ouvi várias ponderações. Quero só fazer uma a mais, Presidente, que é a seguinte: na medida em que o Marcola... Presidente, na medida em que o Marcola é líder de uma organização criminosa, com alto potencial de fogo, digamos assim, trazer o Marcola para dentro desta instituição aberta, democrática, com a presença de centenas, às vezes de milhares de pessoas, não me parece de bom alvitre. Nós temos que pensar também na segurança não apenas da CPI — e a discussão não é em torno do eixo se nós temos ou não temos medo; isso é absolutamente secundário . Não se trata aqui de prova de coragem de quem quer que seja. Eu acho que se nós observarmos já numa primeira reunião, aqui, com o PCC, nós tínhamos 2 advogados aí fora, que se infiltraram. Em seguida, compraram um áudio aqui dentro da própria Casa. Nós pudemos assegurar, Presidente, que nós vamos assegurar a incolumidade da CPI e também das demais pessoas que estão aqui dentro, na hipótese de alguma reação do PCC? Eu acho que nós temos responsabilidade a esse respeito.

Com uma organização, Deputada Laura, da dimensão, da periculosidade do PCC, esta não é, seguramente, a melhor Casa para poder proceder a isso.

Então, eu entendo, Presidente, *data venia,* que se o objetivo substantivo é ouvir o Marcola, que se ouça o Marcola lá em São Paulo. Se se entender que se deve ouvi-lo aqui na Polícia Federal, que se o faça. Mas dentro desta Casa, Deputada Laura e Sr. Presidente, eu acho que não existe ou não estão dadas as condições de segurança não só para a CPI, especificamente — talvez seja até secundário —, mas para o público que circula e que transita por esta Casa em grande quantidade.

Era isso, Sr. Presidente. Por isso, eu acho que o melhor seria ouvi-lo na Polícia Federal, aqui, ou lá em São Paulo.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputado Raul, eu sabia que um dia teríamos a mesma opinião. *(Risos.)*

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sr. Presidente, Sr. Presidente.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Já as tivemos antes, não foi apenas essa vez. Já aconteceu anteriormente.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sr. Presidente, só quero lembrar de um detalhe que, na hora da minha intervenção, eu não citei: o Comendador Arcanjo foi ouvido pela CPI dos Bingos, semana passada, lá no presídio de Mato Grosso. Ninguém ficou sabendo que ele foi ouvido.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Bom, mas o que importa é que ele foi ouvido.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sr. Presidente...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputada Laura.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu quero fazer uma ponderação de quem... Eu acho que as pessoas se esqueceram, nesta Comissão, mas nós ouvimos, há 1 ano, o Geleião. Talvez não é... Talvez, não, com certeza a imprensa não estava percebendo que existia CPI do Tráfico de Armas. Mas nós ouvimos o Geleião, o Leandro e tantos outros presos ao longo de 1 ano — ou as pessoas se esqueceram? —, o Naldinho. Nós ouvimos sempre.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - O próprio Marcola.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O próprio Marcola, lá atrás... Não! O Marcola, não, foi o Geleião .

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - O Marcola também.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Marcola também. Está certo. Até... Tantos! Na CPI do Narcotráfico a gente os ouviu. Enfim, ouvimos um monte de presos. Eu acho que a gente está confundindo 2 questões. A questão é: a sessão será reservada ou ela será pública? Porque tanto faz a exposição dele... se nós estivermos na PF de São Paulo, a imprensa vai entrar; se nós estivermos no Fórum de São Paulo, a imprensa vai entrar; se nós estivermos no fórum do Rio, a imprensa vai entrar; no do Piauí, a imprensa vai entrar; no de Brasília, a imprensa vai entrar. Então, eu só quero entender o que a gente está discutindo. Porque não adianta a gente ficar imaginando... Eu estava fazendo aqui o placar: 3 na penitenciária... Eu digo que não vou ouvir na penitenciária. Não é justo comigo, Parlamentar... Eu não tenho que entrar num presídio para ouvir preso. Eu não vou para dentro de penitenciária para ouvir preso, porque eu fiz isso na CPI do Narcotráfico e não deu certo.

Então, Presidente, eu acho que eu não posso, até não devo, opinar em função do que V.Exa. determinou, mas acho que a gente tem que fazer algumas ponderações do que a gente quer. Se é ouvir reservadamente, é o que disse o Deputado Bosco Costa: não interessa onde. Não interessa onde vai ser ouvido, se é aqui, se é na Polícia Federal, se é em São Paulo. Isso quem tem que ver é a Polícia Federal. É ela que vai decidir. Ela vai ver onde tem melhores condições de segurança, para nós, para a população e para o preso. Quem decide isso não somos nós. O que a gente tem que decidir é: vamos fazer onde e de que maneira. Se ela for reservada... Caiu até o celular. Escorregou.

Vamos lá. Então, eu acho que a gente tem que decidir é: será reservada ou não será reservada e em que Estado? Será em Brasília ou será em São Paulo? Eu acho que a Câmara dos Deputados é em Brasília. Nós todos estamos em Brasília. Não é... Eu não acho que é justo para a segurança dos 3, e aí muito claramente, que vão... Por que vamos nós 3, e não vamos nós 5, não vamos nós 10? Qual é o critério de escolha? Por que é o Presidente, o Vice-Presidente, o Relator? Ou isso não interessa à Comissão? Ou eu vou de antemão imaginar que uma informação que é dada aos Deputados desta Comissão pode vazar? Eu não vou pensar nisso.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Deputada Laura, a Mesa...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Essas são as ponderações que faço ao Presidente...

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - ... já baixou uma decisão...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ...e aos Deputados.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - A Mesa baixou uma decisão que quando for externa tem que ser limitada.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, eu quero só dar um outro esclarecimento. Não há como ser na Câmara dos Deputados. O Presidente Aldo já decidiu. O sistema é presidencialista. O Presidente Aldo decidiu que não será na Câmara, e não será na Câmara. Então, nós temos é que achar outra opção. Na Câmara, que era o normal, não será. Não por vontade nossa, mas por decisão do Presidente da Casa.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Eu pergunto se 2...

Eu estou preocupado, por que nós temos 2 oitivas para fazer. Então, eu pergunto o seguinte: será que nós não poderíamos delegar, ouvindo toda a

Comissão, que o Presidente decidisse isso? Precisamos avançar. Vamos pôr na mão do Presidente. Ouvir opinião. Ele sabe. Tem a visão. Então eu não acho que há uma necessidade de votar, por exemplo. Fica até um pouco...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tenho 2 Deputados para serem ouvidos ainda. Vou ouvir os 2 Deputados.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Ah, sim. Então, tudo bem. Mas eu acho que o Presidente... Eu proponho é que o Presidente decida isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu acho que nós podemos decidir.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Ouvindo a média da opinião, Presidente. Que decidisse, para a gente poder ouvir, porque o substantivo é ouvir.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Muito obrigado.

Deputado Appio.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Presidente, o Marcola está convocado. Isso é fato. Quanto ao local, V.Exa. vai decidir. Ouviu os membros da Comissão, há divergênicas, mas ele tem que ser ouvido. Eu acho que o mais importante até do que ouvir o Marcola é agir contra ele. Ele é um terrorista. Este País já está precisando de uma lei antiterror, porque esse cara está espalhando... Inclusive, neste instante, nós somos objeto da causa dele. Estamos discutindo o Marcola, quando nós devíamos discutir é com os advogados que compõem o pilar de sustentação, quebrar esse elo, porque não são advogados. São comprometidos com o terror, porque vieram aqui, corromperam um funcionário desta Casa, entregaram a fita para o Marcola usar como bem entendia. Por isso, nós estamos mais interessados é em tratar da questão dos advogados, neste instante, mais importante do que o Marcola. Vamos em frente, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputado Carlos Sampaio.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Sr. Presidente, eu acho que o que está em jogo evidentemente não é a coragem de cada um dos integrantes desta Comissão, nem tampouco a questão da fama do Marcola, já dita aqui, mais do que notória em todo o País. O que V.Exa. deveria analisar é o que é mais prudente, mais eficiente, e que vai gerar maior agilidade nos trabalhos desta CPI. É apenas uma sugestão que faço, como norte da decisão de V.Exa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Bom, nós temos... Pelo que eu ouvi de todas as observações, nós podemos ouvi-lo em São Paulo, na cidade do presídio. Eu concordo que se for na cidade do presídio, no Fórum da cidade, é o melhor lugar para ser ouvido, porque de qualquer jeito qualquer bandido é ouvido num fórum, em audiências, quer dizer, com o poder da Justiça no Fórum da cidade.

Podemos ouvi-lo, segundo o que eu ouvi aqui, na Assembléia de São Paulo, ou podemos ouvi-lo aqui em Brasília, talvez na sede da Polícia Federal, coisa assim. Pelo que eu vejo, há as 3 opções, pelo que eu ouvi. Não sei. Se alguém acha que tem alguma outra posição, coloque. Eu vou colocar em votação a possibilidade de ser ouvido na Assembléia de São Paulo.

Quem concorda com isso, se manifeste. *(Pausa.)*

Ninguém se manifestou. Então, ninguém concorda que seja na Assembléia de São Paulo.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sr. Presidente, a votação é o contrário, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tanto faz. Eu posso dizer: quem concorda permaneça como se acha, quem discorda levanta o braço, que seja na Assembléia de São Paulo. Quem discorda? Quem discorda levanta o braço. O Deputado Luiz Couto está concordando.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, não, a posição é que saia daqui de Brasília.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está bom. Então, não houve... Houve 2 votos, a minoria. Quem concorda que seja ouvido em Brasília, talvez na sede da Polícia Federal, permaneça como se acha. Quem discorda levanta o braço. *(Pausa.)*

Vamos ver. Tem 1, 2...

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - O Marcola não está aqui. Não precisa dar *quorum*, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ...3, 4, 5, 6, 7. Um, 2, 3, 4, 5.

Quem concorda que seja no Fórum de Barra Funda, levante o braço. Não, permaneça como se acha. Quem concorda. *(Pausa.)*

Então, será feita democraticamente a audiência...

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - No Fórum...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - no Fórum de Barra Funda.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - É isso aí.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Na Capital de São Paulo.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Onde ele é valente.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - E a montanha vai a Maomé.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, essa é uma decisão já amadurecida, discutida e resolvida.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Fórum de Barra Funda.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quem quiser ir a essa audiência, deve entrar em contato hoje com a Secretaria da CPI.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - E quando será a audiência?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A audiência, possivelmente, nós vamos combinar com o juiz e com a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo. Eu gostaria de ter voluntários para falar com a Secretaria de Segurança sobre essa...

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Eu me coloca à disposição.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputado Carlos Sampaio? Então, Deputado Carlos Sampaio, já, a partir de hoje, fale com a Secretaria de Segurança. Precisa de esquema de segurança para que seja feita a oitiva. O dia nós vamos decidir reservadamente com as autoridades. E só quem gostaria de ir eu peço que hoje se manifeste com o Secretário, porque amanhã eu já estarei dando a lista dos que vão a essa audiência. Então, decidido esse ponto, vamos à questão central da audiência de hoje.

Convidamos a Sra. Cristina de Souza Rachado para vir à Mesa, por favor. *(Pausa.)*

Quero informar que a segurança já providenciou para que o Sr. Sérgio Weslei da Cunha seja retirado para uma outra sala.

Então, por favor, D. Cristina, sente-se.

Eu pergunto a D. Maria Cristina se está acompanhada de advogado.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu, inicialmente... seria o Dr. Ademar Gomes que ia me representar. Só que os honorários estipulados por ele estão aquém do que eu posso pagar. Então, eu...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Além?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Além, além. Não posso. Então eu vou, eu mesma, fazer a defesa e pedir a prerrogativa da Ordem dos Advogados para me acompanhar. Já fiz a representação e estou à disposição de V.Exas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não. Muito obrigado, doutora. D. Cristina, eu pergunto se quer fazer o juramento de dizer a verdade.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, por favor.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - *"Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado".*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu não preciso dizer que o Código de Processo Penal, no seu art. 203, prevê...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sr. Presidente, eu sou advogada há 18 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu sei. Então...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Conheço a lei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A senhora já conhece os efeitos...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Os efeitos da mentira perante...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ... da mentira.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ... esta Comissão, perante esta CPI.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está bom, então. Bem, eu não preciso também fazer um resumo de por que a...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ... senhora está aqui, porque eu acho que foi amplamente divulgado.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Amplamente divulgado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não é?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E eu gostaria de...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, a senhora tem um tempo para poder expor o seu lado. Posteriormente, os Deputados argüirão a senhora. Por favor, o tempo é da senhora para falar.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim. Eu sou advogada há 18 anos. Meu nome é Maria Cristina de Souza Rachado. Sou advogada militante na área civil, criminal, área de família, trabalhista. Não faço parte de facção nenhuma criminosa. Defendo o Marcos Willians Herbas Camacho. Eu nunca soube, e ele nunca me disse que fazia parte de facção criminosa. Eu tenho 18 anos como profissional e jamais denegri a imagem da classe a que pertenço da Ordem dos Advogados do Brasil. Eu, desde que me formei, estou no mesmo local, tenho o mesmo número de telefone. Inicialmente, meu escritório era na Padre Venâncio de Resende, e passei para a Avenida José de Brito de Freitas, 429, que é um prédio alugado, onde permaneço. O número do meu telefone é o mesmo. Eu trouxe inclusive documentos para que V.Exas. examinem. Desse episódio que eu estou envolvida, eu tomei conhecimento na quarta-feira, através de um representante de uma pessoa que me disse que era daqui da CPI. E prontamente fui à Ordem dos Advogados do Brasil e entrei com uma representação. Eu quero esclarecer também que defendo, defendi o Marcola em 3 internações em RDD. Eu defendi ele, e ele foi desinternado. Eu tenho... trouxe as sentenças judiciais. Eu trouxe o HC que foi impetrado. Eu trouxe o acórdão e o agravo que o Ministério, o órgão do Ministério Público impetrou. Eu não freqüento presídio. Eu não tenho tempo. Eu tenho inúmeros processos em andamento, cerca de 500 processos. Tem um advogado que trabalha comigo. E eu tenho um nome a zelar. Esse episódio, ele foi tão grave que afetou a minha vida civil, dos meus filhos. Eu ouvi os Srs. Parlamentares dizerem: advogados — eu li — pilantras. Eu, com essa situação, é uma situação constrangedora, porque não existe prova de que eu tenha cometido algum delito. Eu acho que, primeiro, se prova para depois se tirar conclusões. Eu coloco o meu sigilo bancário, meu sigilo telefônico à disposição de vocês. E peço a vocês, também, que existem meios de saber quem é advogado que passou informação, advogado que freqüenta presídio. É muito fácil as pessoas acusarem sem qualquer prova. Eu sou espiritualista. Eu jamais passaria uma informação e jamais tomei conhecimento do que continha esse CD. Eu estou sendo injustiçada. Não sei o motivo. Eu estive aqui realmente no dia 10, porque peguei pela Internet que o Sr. Marcos Willians ia ser

ouvido. Então vim. Estava... Terminou... Permaneci quando a sessão foi pública. Quando a sessão não foi pública, eu permaneci fora. Eu não entrei em contato com esse rapaz quando terminou, quando a sessão passou a ser sigilosa. Posteriormente, quando terminou a sessão, eu subi à Secretaria da CPI, procurei o Sr. Manoel Alvim , para que me fornecesse a cópia do CD que foi permitido. O Sr. Manoel Alvim estava muito, estava tumultuado e me disse que passaria através do fax, que eu deixasse um cartão, que ele faria isso. Recebi, nesse espaço de tempo, um telefonema. O número do telefone foi 8102-0057, que foi o do Dr. Sérgio, dizendo que a CPI tinha autorizado que fizesse o CD do que fosse permitido do depoimento do cliente dele. Eu estranhei, mas eles estavam conversando, os 2, no corredor. Eu achei que aquilo era normal, que realmente tinha sido autorizado. Fomos até o restaurante desta Casa. Eu... Os 2 na frente e eu atrás. Falei*: Doutor, doutor, é melhor nós nos certificarmos disso".* Ele falou: *"Não, doutora, está autorizado. A parte que é referente ao depoimento do meu cliente foi autorizada".* Posteriormente, o funcionário disse que, para fazer a gravação, teria que ir ao *shopping*. O funcionário pegou um taxi aqui mesmo, próximo à Câmara. Foi primeiro numa loja. Disse que não poderia fazer a cópia.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Desculpe. Que funcionário? Ele tem nome?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu vim saber pela imprensa que o nome dele era Arthur. Posteriormente, nós fomos numa outra loja. Aí, foi feita a cópia de 2 CDs. Só que ele queria passar o CD. Eu falei: *Não, não é necessário. Não é do depoimento do cliente do doutor? Não é necessário que se veja o CD".* Eu não dei 200 reais, 50 reais, 100 reais, nada a ele. Quando saímos do *shopping*, como eu não tinha passagem para retorno para São Paulo e a minha passagem tinha sido marcada para o primeiro horário, eu perguntei: *"Que hotel que eu posso ficar?"* Ele falou: *"A senhora pode ficar num desses hotéis".* E eu permaneci no Naoum. Acho que é Naoum Hotel. Eu entrei no hotel. Não saí para lugar nenhum. Jantei no próprio hotel e, quando foi às 4h, me acordaram. Eu vim de GOL e fui de TAM. Eu trouxe todos os documentos que comprovam isso. Quando foi no dia 11, eu recebi um telefonema, dizendo — dia 11, às 17h19min — que entrasse em contato com Aurélio, Lucimar ou Camilo, que a fita estaria à disposição. Eu quis

saber o horário da ligação e de onde vinha essa ligação. Essa ligação veio do número (61), código, 32... 3216-6277. Eu não entrei em contato. Eu não quis saber.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aurélio, Lucimar e qual é o outro?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Aurélio, Lucimar ou Camilo. Quero esclarecer a vocês que eu tentei que permanecesse no meu telefone essa gravação, só que dizem que em 5 dias ela desaparece. Então, eu entrei em contato e reclamei, porque eu ouvia todo dia e gravava, para apresentar para vocês. Posteriormente — deixe eu ver —, eu fiz aqui o número da... Olha, a reclamação que eu fiz junto à TIM foi: 7446003, porque tinha sumido a gravação. Só que, no dia 19, eu dei uma entrevista para a imprensa. Eu dei uma entrevista para a *Globo*, o nome do repórter é Chico, o Chefe é Waltinho, e o telefone é 3687-3000. E ele gravou. Ouviu no meu celular e gravou. Eles devem ter a fita. Então, eu quero que V.Exas., com o poder que têm, que peçam essa fita, para que esclareçam a verdade. Eu quero também dizer que, quando saí do *shopping*, o Seu Arthur disse-me: *"Doutora, esse CD só contém o depoimento do cliente do doutor. A senhora não quer que eu lhe mande o CD completo? Eu vou pedir autorização para a CPI e lhe mando"*. Eu dei um telefone para ele. E ele falou: *"Doutora, eu vou dar um* e-mail *e vou falar é o HC. E a senhora responde o meu* e-mail *e eu vou passar o número da minha conta bancária, para que a senhora pagasse o CD"*. Eu não paguei o CD. Eu respondi, mas eu fiquei tão apavorada que eu coloquei... Nem sei o que coloquei, mas foi no *e-mail* de minha filha, que está à disposição de V.Exas. Eu quero dizer que é o seguinte: eu defendo o Marcos Willians, e quem fez do Marcos Willians esse mito foi a própria mídia. O Marcos Willians, ele é uma pessoa que ele responde a processos e está condenado por 39 anos e cumpriu 17. Qual é a liderança dele? A liderança: que eles consideram ele um injustiçado. Por quê? Porque ele permaneceu por vários anos em RDD. O corpo dele é todo marcado de espancamentos sofridos. Ele disse que foi pela Polícia.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Pela Ordem. Eu pediria à doutora que se ativesse aos fatos inerentes a ela. A senhora está falando do Marcola. Nós vamos ouvir o Marcola.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Eu gostaria que a senhora se ativesse apenas à história com relação à compra da fita, para que... A gente já conhece, inclusive, a vida do Marcola.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu só me senti na obrigação de esclarecer, porque... porque eu advogo para ele. Eu trouxe inclusive as sentenças do juiz. Eu não sou pombo-correio.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Aqui quem está sendo acusada é a senhora, não é o Marcola, não. Então, a senhora tem que se defender.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim, eu sei. É disso que estou me defendendo. Eu não sou pombo-correio. Eu sou uma advogada. Vocês podem levantar minha vida. Eu tenho o mesmo endereço profissional desde a formatura. Não é justo vocês chamarem uma pessoa que vocês não conhecem de pilantra, sem provar. *(Pausa.)* Eu quero dizer que vocês, pelo número da minha Ordem, vocês podem levantar se alguma vez eu fui punida, se alguma vez... se eu sou ex-presidiária, se eu sou pombo-correio. Nem delegacia e presídio eu freqüento, porque a minha agenda não dá tempo de fazer isso. Então, não é justo vocês pegarem... a imprensa divulgar... Eu tenho filhos na escola que, quando chegam para tomar lanche, as pessoas se afastam deles. Eu tenho marido, delegado de polícia, que está à disposição da Corregedoria, quando ele não tem nada a ver com a minha profissão. Sequer eu levo a minha agenda para casa ou comento com ele as ações que eu defendo, nome de clientes ou endereço. Não, ele tem a profissão dele; a profissão é minha. Quando eu passei a advogar para o Marcos Willians, a primeira vez foi em 2003. Eu fui ao DEIC e me proibiram de vê-lo. Eu fiz um BO na Corregedoria — está aqui à disposição — e fui à Ordem dos Advogados. Fiz requerimento, porque eu tenho o direito de conversar com o preso. Só que é o seguinte: tudo está imputando... Me chamaram das piores coisas. Você pega a Internet... Uma pessoa que tem 18 anos, uma carreira jogada por um funcionário que sequer tem nome, que mente. Eu não posso conceber. Vocês me desculpem, eu estou supernervosa. Eu nunca passei por isso. Você vê o seu nome divulgado na Internet.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - A casa caiu.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - A casa caiu coisa nenhuma. O senhor pode... Me desculpa, Presidente. Vocês podem levantar meus

antecedentes criminais, vocês podem levantar execução criminal, federal, vocês não vão encontrar nada. Eu gostaria que vocês levantassem, oficiassem à Secretaria da Administração Penitenciária e verificassem quantas vezes eu vou ao presídio. A última vez que eu falei com o Marcola foi em março, lá tem um livro de registro, com o Marcos... lá tem um livro de registro da entrada dos advogados. Eu não falo ao telefone. Eu deixo o meu telefone agora para que vocês periciem ele, o 8149. O número da minha conta bancária, se vocês quiserem anotar, é: o Banco Bradesco.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Senhora, por favor, por favor. A senhora está apelando. A sua vida pessoal ninguém quer saber. Fique tranqüila.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, não tem problema. Essas informações a senhora vai nos dar posteriormente, porque já foi quebrado o seu sigilo bancário, fiscal e telefônico.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sr. Presidente, eu acho que o tempo dela já foi, e nós temos que começar a fazer...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, ainda tem 3 minutos.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu quero dizer que sou inocente da acusação. Eu não sabia e nem sei o que o advogado conversou com ele. Ele conversou com o rapaz, e o advogado me disse que tinha sido autorizado por essa CPI. Eu não procurei saber. E disse que na fita só continha o depoimento do cliente dele, não disse que continha informações, nada. E eu saí do *shopping*, fui para o hotel e lá permaneci e não passei informação para ninguém. O hotel que eu fiquei, vocês podem investigar, podem ir no hotel, podem pedir informações. É isso que eu tenho a dizer, que eu sou inocente e estou à disposição de vocês para todas as perguntas que vocês acharem necessário para esclarecimento. Porque, para mim, eu quero que seja esclarecido, porque o que eu prezo mais é a honra, o nome, não a conta bancária; é a honra, o nome. Meu OAB é 95.701. Eu nunca fui penalizada pela Ordem. E, de repente, você se vê na mídia, não como uma advogada, como me viam e como era publicado, e sim tachada de bandido, de pilantra, o que eu não sou. Eu estou à disposição, tenho endereço fixo, estou no mesmo local de trabalho desde que me formei e fico à inteira disposição dessa CPI.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Muito obrigado.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sr. Presidente, eu queria solicitar a V.Exa. que, após o depoimento da Maria Cristina, ela fosse para uma sala

reservada e aguardasse o depoimento do Dr. Sérgio, porque eu estou vendo a necessidade da acareação ainda hoje, porque ela está dizendo que ele mentiu, e ele vai dizer que ela mentiu, e não vamos ficar no papel de bobo aqui, não.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu acho que não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Essa já é decisão desta Presidência.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Depois que ela falar, ela vai para uma sala reservada aguardar o outro depoimento e fazer uma acareação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Talvez V.Exa. não tenha ouvido quando eu disse que o Sr. Sérgio Weslei da Cunha iria para uma sala reservada, enquanto ela estivesse prestando depoimento.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu só quero esclarecer mais uma coisa. Eu conheci o Dr. Sérgio aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Só um momento. Eu lhe dou depois a palavra.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ah, sim, pois não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu quero dizer, D. Maria Cristina, eu sei, sempre temos drama na nossa vida, mas o drama causado pelo PCC com morte nas famílias dos policiais, na morte de inocentes, é um drama muito maior do que qualquer outro. Quer dizer, imagine as mães daqueles que morreram como estão hoje. Eu acho que esse drama é um drama muito grande que nós temos que ter em mente quando pensamos sobre isso. Eu tenho...

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sr. Presidente...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Só um pouquinho, Deputado.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Só em colaboração ao que V.Exa. está falando. Será que ela chorou quando o PCC matou um monte de policiais?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu só estou colocando o drama que é isso. Agora, a curiosidade que eu tenho, como Presidente da CPI, é: o que que a senhora estava fazendo aqui se a senhora não era advogada do Leandro?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu estava aqui porque eu vi o *site*...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A senhora veio de São Paulo para cá?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Vim. E aqui no *site* disse que ele seria convocado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Está aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas a senhora não tem nada a ver com o Leandro.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas eu não sabia que ele não seria ouvido. Eu trouxe a cópia aqui. Aí, quando vim, verifiquei que...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Deixa eu ler, Presidente.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ... tinha só o depoimento do Leandro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas eu quero entender: quem seria convocado?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, porque aqui, na verdade, é o *site* do Relator...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Presidente, vamos organizar as perguntas.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É o requerimento...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Relator, eu estou organizando isso. É uma dúvida da Presidência, só.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É um requerimento que você fez, você assinou. Então, ela... Não entendi bem por que, mas diz aqui... É um requerimento, que é de sua autoria, quando V.Exa. convoca...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas para esse dia não tinha ninguém.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O requerimento foi votado em 3 de maio. Não. Nada a ver.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A partir do momento que a senhora viu que o depoimento era do Leandro e não do seu cliente, por que que a senhora permaneceu aqui?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu já estava aqui e falei: *"Aqui vou permanecer".*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E a senhora se movimenta de São Paulo para Brasília sem sequer checar com a CPI se o seu cliente ia depor aqui?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu examinei o *site,* como...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O *site* não diz nada disso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E a senhora não pegou um telefone, ligou aqui para CPI e disse: *"Olha, o meu cliente vai ser ouvido aí?"* A senhora gasta passagem de avião de ida e vota, estadia, tudo, na suposição de que ele pudesse ser ouvido?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não vim só a Brasília para a CPI. Eu tenho processos em andamento em Brasília no...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quais são os processos que a senhora acompanhou aqui em Brasília?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu tenho vários processos, inclusive eu não trouxe os números.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Em que Tribunais? Mas em que Tribunais a senhora esteve aqui?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu estive no STJ.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - No STJ?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Foi no mesmo dia da CPI?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Que dia a senhora esteve?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu estive no mesmo dia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - No mesmo dia da CPI?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu devo ter, inclusive, protocolos daqueles andamentos que a gente retira e verifica.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Presidente, um aparte só.

A que horas a senhora esteve no Tribunal, na medida em que, se não me engano, a sessão começou às 2 da tarde?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O Tribunal fecha às 19 horas. Eu estive... cheguei muito cedo aqui...Olha, eu cheguei no vôo das 10h45min, aqui, fui até o Tribunal e vim para CPI. Fiz o que eu fiz hoje. Eu cheguei, hoje, aqui às 13h30min.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, antes da CPI, a senhora esteve no Tribunal?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Estive. Isso mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - No Superior Tribunal de Justiça?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está lá registrada a sua presença?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Deve estar registrada, sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, que eu saiba, todo mundo que entra no Tribunal tem um registro...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Obrigatoriamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) -... de entrada, têm câmaras, tem tudo, tal, sem problema. Lá a senhora está registrada.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu verifiquei os processos. Deve estar registrada, porque eles dão um crachá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora, a última pergunta, depois vou passar o tempo para o Relator. A última pergunta é de minha parte. A senhora ficou porque não tinha outra coisa para fazer. É isso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Que eu fiquei em Brasília?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, que ficou para assistir o Leandro.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso. Isso mesmo. Eu não tinha mais nada a fazer, então, permaneci...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não tinha mais nada a fazer?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ... e o vôo, eu não consegui vôo para aquele dia. Eu só consegui vôo pela TAM no outro dia. Então, não tinha para aonde ir. Então, por isso que eu permaneci na Casa. Eu tenho os comprovantes das passagens, que estão comigo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu passo o tempo ao Relator.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sr. Presidente, eu vou dar oportunidade à Dra. Maria Cristina para que ela reconstitua, perante esta Comissão, a apresentação que ela fez. A senhora disse que ficou sabendo que seu cliente iria depor nesta CPI?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso, através do *site*.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual é o *site?*

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu trouxe o comprovante.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não é *site*. Isso é referência do requerimento que foi feito pelo Moroni em determinado... Não é o *site* da Câmara.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Dá licença, só para eu...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Aí, quando cheguei, vi que seria só o Leandro e os 2 delegados.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. Isso aqui não é....

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não é um *site* convocando.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Isso aqui não é um *site*. Isso aqui é uma consulta sobre a tramitação das proposições, que revela que no dia 3 de maio foi votado o requerimento tratando da convocação do Sr. Marcos Willians Herbas Camacho. Vou voltar a fazer a fazer a pergunta à senhora. Como a senhora ficou sabendo que o seu cliente iria depor naquele dia?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu entendi que isso seria para ele depor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Como a senhora recebeu essa informação?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Como eu recebi? Eu consultei no computador.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O quê?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso. Eu entendi que...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora consultou onde, minha senhora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu consultei no meu escritório.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Em que local? Onde a senhora pesquisou isto?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Tem a data.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Onde a senhora pesquisou?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Deixa eu...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, senhora. Eu quero que a senhora me diga o seguinte: em qual o *site* que a senhora tirou essa informação?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Da Câmara.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não. No *site* da Câmara não é.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não é? Eu não entendo muito bem de fazer pesquisa. Eu posso, se o senhor me permitir, olhar... e tem...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, aqui é o *site* da Câmara. Só que é uma consulta que não está à disposição no *site* da Câmara. Isso aqui a senhora tem que entrar especificamente na questão das Comissões, entrar na Comissão, consultar as proposições. Foi a senhora que fez essa consulta?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Desse documento? Eu entrei no *site* da Câmara e obtive esse documento.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Foi a senhora que fez essa consulta?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Fui eu que fiz. Fui.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, se eu pedir para a senhora ir comigo ali no computador agora, a senhora sabe localizar esse documento?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Se o senhor... Quem faz...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora pode fazer isso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Quem faz essas consultas, no meu escritório, é minha secretária. É a Sheila. Eu não sei, olha, Sr. Relator, nem sei... Por exemplo, quando eu vou peticionar, eu dito para a minha secretária e a minha secretária faz as petições.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Correto. Quando que a senhora ficou sabendo disso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu fiquei sabendo disso acho que uns 2 dias, alguns dias antes.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E, aí, D. Maria Cristina? Aí a senhora resolveu vir a Brasília?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu vim a Brasília.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora fez uma reserva... Quando a senhora fez essa reserva?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu não fiz a reserva. Eu fui ao aeroporto, de um dia para o outro, e comprei a passagem.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, a senhora tinha, como a senhora disse, uma agenda muito cheia...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Tenho agenda. Trouxe ela.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí, a senhora se dirigiu ao aeroporto...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Me dirigi ao aeroporto.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ..., sem reserva...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sem reserva.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ..., comprou a passagem...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Comprei a passagem.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... e veio para a Brasília...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E vim para Brasília.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ..., sem saber exatamente o que a senhora estava vindo fazer?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu vim para Brasília, primeiro, que eu tinha que verificar os processos que estavam em andamento.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Dois, que eu ia aproveitar e vim para ver se o meu cliente seria requisitado e seria ouvido perante esta Comissão...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ...perante esta CPI.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Estou lhe dando a oportunidade...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim, eu sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... de a senhora falar a verdade, contar sua história.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu estou falando a verdade.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quando eu lhe perguntar, a senhora me responda.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, a senhora chegou em Brasília e se dirigiu ao STJ?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Me dirigi ao STJ.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora tem aí os processos que a senhora consultou?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Do STJ, eu não trouxe as informações, mas eu posso mandar para V.Exa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu quero já solicitar que seja feita a consulta ao STJ a respeito da possibilidade de ela...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Já está sendo feita a consulta, Relator.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... ter ido ao STJ ou não nesta data. Posteriormente a senhora se dirigiu a esta Casa.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso. Almocei no restaurante e fiquei aguardando o horário.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O horário...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ... que começaria a CPI.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí, a senhora chegou à CPI antes da hora da CPI?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso mesmo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E a senhora percebeu que não era o depoimento do Marcola?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu percebi, mas, como o meu vôo que eu consegui de retorno para São Paulo era no dia seguinte, eu permaneci por esse motivo. Eu peguei o primeiro vôo da TAM...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora tinha uma reserva no outro dia?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Tinha uma reserva no outro dia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A que horas?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Para às 5 cinco horas... Eu trouxe aqui.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora já tinha essa reserva?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu tinha. Quando eu desci em Brasília, eu comprei a passagem de volta. Eu tentei comprar para o mesmo dia, mas não consegui. Então, permaneci aqui. Eu trouxe as passagens.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Aí a senhora chegou aqui, não era o depoimento de seu cliente, mas, como a senhora tinha vindo até Brasília, não tinha nada para fazer de tarde, a senhora resolveu permanecer?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Permaneci na Casa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Aí a sessão foi transformada em reservada.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu saí, fiquei inicialmente aqui, nessa porta. Posteriormente eu dei a volta, sentei, e um garçom meu deu o lugar para sentar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora já conhecia o Dr. Sérgio?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Conheci o Dr. Sérgio aqui.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. A senhora conversou com o funcionário Arthur, funcionário terceirizado da Câmara durante esse período?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu, eu... não conversei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nós temos câmaras...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...aqui nesse corredor.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Quando...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Estou lhe alertando.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, olha.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu, quando dei a volta, estava tomando café, ele chegou: *"Tudo bem? Seu nome?"* Só. Mais nada. Eu não pedi nada a ele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora falou com ele?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Com o Arthur?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Só... é... Ele perguntou o meu nome e de quem eu era advogada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora disse o quê?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu falei o meu nome, Maria Cristina, e que eu era advogada do Marcos Willians.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Marcos Willians. Perfeito. Aí a senhora não conhecia o Dr. Sérgio, não tinha nada a ver com o cliente do Dr. Sérgio e, mesmo assim, a sessão reservada e a senhora aguardando aqui dentro da Câmara!

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O Dr. Sérgio falou: *"Doutora, a senhora tá aqui, conversamos. Somos colega. Espera! Aguarda!"* Eu aguardei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sem conhecer o Dr. Sérgio.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, ele se apresentou.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Aí concluiu o trabalho da sessão.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu subi.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora já tinha falado com o,...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Com o Sr. Manoel Alvim?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...com o Arthur...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... novamente?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Concluiu o trabalho. O que que eu fiz? Antes, quando era... porque foram várias vezes reservada e aberta. Numa dessas vezes, eu me dirigi ao Sr. Manoel Alvim e perguntei para ele: *"O que for permitido eu posso levar, o que é público?*" Ele falou: *"Pode, doutora*". Quando terminou a sessão, eu subi na Secretaria — todas as pessoas me viram, deve ter câmara lá —, ele me atendeu, o Sr. Manoel Alvim, pediu que eu aguardasse, que eu ia levar a fita, que era permitido. Posteriormente, passados uns 40 minutos, o Sr. Manoel Alvim retornou e falou: *"Doutora, impossível hoje. Eu estou lhe mandando essa fita amanhã*". Eu tirei um cartão da minha bolsa e passei para ele. Dei o cartão e falei para ele que me mandasse.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. E aí depois o que aconteceu?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Sr. Relator, apenas para esclarecer.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - V.Exa. já tem o documento do Manoel. É bom que a gente, desde já, deixe claro. *"À Sra. Maria Cristina, em 15 de maio de 2006. Prezada senhora, em atenção às normas determinadas pela direção desta Casa, requesto a V.Sa. que oficialize a solicitação feita por essa autoridade quando do envio do CD ROM constando o áudio da parte pública da reunião da CPI do Tráfico de Armas realizada em 10/05/2006. Certo de poder contar..., Manoel Alvim."*

Aqui estão todos os documentos que comprovam que, como qualquer outro, ela efetivamente pediu à parte pública da Comissão e a Comissão tem a obrigatoriedade de enviar. Então está aqui só o documento para que não reste dúvida quanto ao trabalho da Comissão.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quero entender ainda, doutora, por que razão a senhora solicitou um CD da parte pública de uma sessão que dizia respeito a alguém que não era seu cliente?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu tenho tudo, eu tenho os processos. Todos os processos eu costumo guardar eles.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Mas eu estou perguntando o seguinte: por que razão a senhora pediu...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Por curiosidade, somente...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por curiosidade.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Só isso. Mais nada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por curiosidade a senhora pediu o depoimento da parte pública de uma pessoa que foi presa...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não pedi... curiosidade. O advogado me autorizou.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, não. A senhora solicitou...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu solicitei. Isso mesmo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...ao Sr. Manoel...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Manoel.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...uma cópia do CD.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não era com referência só ao depoimento dele. Era o depoimento de tudo que foi tratado e que era público.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora veio aqui, não era uma sessão do seu cliente, não dizia respeito a nenhum cliente da senhora, a senhora ficou aqui durante todo o tempo, procurou o Secretário da Comissão e pediu uma cópia do CD da sessão de alguém que não é seu cliente. É isso que a senhora quer que a gente acredite?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu pedi uma cópia da sessão? Realmente pedi. Não foi só do depoimento do cliente, foi da parte que era pública.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A única parte pública...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Qualquer pessoa pode pedir e ter acesso...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Está bom, doutora, certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ...à parte pública.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A parte pública não precisa nem pedir, porque ela está à disposição.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas não estaria...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Na Internet. Ela é pública.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ...à disposição naquele dia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito, doutora.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Não. Naquele dia não.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí a senhora terminou o trabalho. E o que aconteceu daí?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, aí eu estava na Secretaria quando recebi um telefonema.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que horário?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É... O horário, após o término da CPI.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas tem registrado...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Dezessete...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...no seu telefone o horário.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim, mas eu nem sei olhar no meu telefone. Era por volta das 17 e 50 mais ou menos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas eu deixo o meu telefone para perícia, para que vocês verifiquem o horário.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Já foi solicitado da senhora a quebra do seu sigilo telefônico.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Certo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí, o que aconteceu? A senhora recebeu telefonema de quem?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Do Dr. Sérgio, dizendo que a CPI havia autorizado a cópia, que fosse permitido. Só que teria um funcionário que sair para tirar...,

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Então a senhora recebeu o telefonema do Dr. Sérgio...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso mesmo. E eu tenho...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...no seu celular...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - No meu celular.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...ele fazendo essa comunicação?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso. O senhor quer o número do telefone?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É, é 8...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não quero.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não quer?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Que dia?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - No dia 10...,

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu quero saber...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ...às 17 e 50, aproximadamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora não conhecia o Dr. Sérgio.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Eu fiquei conhecendo o Dr. Sérgio aqui.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas ele tinha o número do seu celular.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O Dr. Sérgio?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Nós trocamos cartões aqui.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tem o seu celular no seu cartão?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Hã? Tem meu celular. Eu posso lhe dar um.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, a senhora me passa, passa o seu cartão?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Passo, claro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora sabia que o Leandro, a pessoa que estava sendo ouvida, foi presa, acusada de transportar armas para o resgate do Marcola?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. O Dr. Sérgio me disse que o rapaz era inocente...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ...e que foi preso numa rodovia e que foi associado ao Marcola. Mas que esse rapaz não fazia parte de organização e era inocente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Aí o Dr. Sérgio ligou para a senhora e o que aconteceu?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Dr. Sérgio ligou, nós fomos até o restaurante desta Casa...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Por volta das 17h50min, é isso?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Umas 18 horas, mais ou menos. Deve ter câmeras.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora... Foram até o restaurante. Quem foi até o restaurante?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O Dr. Sérgio, o seu Arthur e eu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vocês foram juntos para o restaurante?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eles estavam na frente e eu mais atrás. Estávamos juntos, os 3.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Me relate como é que foi.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É... eu, eu... Esta Casa, ela é... é... é... me parece um labirinto.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Nós saímos, eu desci, encontrei o Dr. Sérgio e fui até o restaurante.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, a senhora foi para o restaurante junto com o Dr. Sérgio.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o Arthur junto.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E o Arthur junto.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. E aí?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E aí sentamos numa mesa, tomamos um lanche. E eu perguntei: *"Demora, doutor, para que essa fita seja gravada?*" Aí ele falou, o Seu Arthur: *"Não, aqui, nós temos que ir a um shopping*". Aí eu disse: *"Eu estou sem carro, eu estou de táxi*". Ele falou: *"Não tem problema, aqui na porta nós pegamos um táxi*".

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Hã, hã. E aí doutora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E aí, nós fomos a um *shopping*, que eu não sei o nome. E ele foi numa loja, naquela loja não se degravava esse tipo de CD. Aí, ele, naquela loja indicou que fôssemos numa outra loja. Nós fomos numa outra loja. Enquanto ele entrou na loja eu fiquei vendo a vitrine. Posteriormente o Sr. Arthur disse: *"É... 18 reais* — eu não me lembro o valor correto — *,18 reais e 50 centavos*". O Dr. Sérgio disse que não tinha o dinheiro e eu paguei os 18 reais e 50 centavos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora que pagou?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu que paguei. Eu que paguei o táxi também.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora pagou o táxi também?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso mesmo. E o Dr. Sérgio...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora recebeu os 2 CDs.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Um CD.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu recebi 1 CD,...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ...o Dr. Sérgio recebeu..

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ...outro CD. Imediatamente passou um táxi,...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ...o Dr. Sérgio entrou no táxi. E o Seu Arthur falou: *"Doutora, esse CD só consta o depoimento e coisas comuns da CPI..."*

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - *"...Eu vou... A senhora me passa seu cartão, eu vou entrar em contato com a senhora posterior e, vou pedir autorização, e lhe mando o CD completo*". No dia 11, eu recebi um telefonema.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Pediria ao Relator, um aparte. Bom, eu só queria entender uma coisa: se você já tinha vindo à Comissão, com o Seu Manoel Alvim, pedido a ele a degravação, para que que você precisava ter o trabalho de ir ao *shopping* para pegar a mesma degravação que você teria, oficialmente, pela Comissão?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não desconfiei que o Arthur estava mentindo. Eu achei que o Arthur tinha sido autorizado pelos...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - A minha pergunta é simples — a senhora não precisa contar de novo a história, a senhora vai contar para o Relator. Depois eu vou-lhe perguntar, a senhora vai contar para mim.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Mas é simples, a pergunta é clara e objetiva: para que a senhora precisava de 2 CDs com o mesmo texto?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não... é... eu... o horário...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Claro, um dado pelo Manoel Alvim, pela Comissão oficialmente, e o outro, supostamente, dado pelo Arthur.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O horário... Olha, o horário que eu falei com o Sr. Manoel foi anterior ao horário que eu falei com o Arthur.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Então, mais um motivo!

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas eu não levei o CD. O Sr. Manoel não me deu o CD no dia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutora, o Arthur lhe entregou um CD no *shoppin*g?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O Arthur entregou o CD no *shopping*?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Para senhora.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, o Arthur entregou 2 CDs. Acho que me entregou 1 CD no *shopping*.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Acha, ou lhe entregou um CD?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Entregou 1 CD.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora pode me devolver o CD?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não tenho o CD.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Cadê o CD?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O CD eu entreguei para ele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, ele lhe entregou o CD no *shopping.*

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele me entregou o CD.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo, certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Vou repetir novamente: ele entregou o CD. Quando nós saímos do *shopping*, o Dr. Sérgio pegou um táxi. Ele pediu o CD de volta, dizendo que entraria em contato comigo e mandaria, pediria autorização para a CPI para mandar o CD, todo. Eu não fiquei com CD nenhum. Eu não tenho CD. Eu não usei o CD. Eu não passei o CD para ninguém.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora foi até ao *shopping* de táxi, pagou o CD...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Pagou o táxi primeiro...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pagou o táxi, pagou o CD, saíram com os 2 CDs, ele lhe deu o CD, a senhora pegou o CD, aí depois a senhora devolveu o CD para ele, é isso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso é verdade, isso é verdade. Isso foi o que ocorreu. Eu estou sob juramento.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. E aí, depois, Doutora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Depois, eu recebi um telefonema no dia 11, mas eu só fui ver as mensagens posteriormente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito, perfeito.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E não entrei em contato. Quando foi na quarta-feira — deixa eu ver, dia 12, estava lá no... —, quando foi na quarta-feira, dia 17, eu recebi um telefonema de um senhor que dizia, da CPI, se chamar Jorge e que eu estava sendo investigada pela CPI.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu tenho o nome todo dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tá bom. Doutora, eu quero lhe perguntar o seguinte:

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Eu quero o nome todo até porque nós não temos Jorge.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu peguei do meu celular e anotei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A... a senhora trocou *e-mails* com o Arthur?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Se eu troquei *e-mails* com o Arthur?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O Arthur me passou um *e-mail*.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Inicialmente, eu não sabia que era Arthur ou não, porque ele deu o nome de Vinícius, e no finalzinho do *e-mail* estava Arthur.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. E esse *e-mail* tratava sobre o quê?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Tratava sobre HC.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que que é isso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - HC é verificar processo de *habeas corpus* no Tribunal.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. E a senhora respondeu o *e-mail* para ele?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, na realidade, quem respondeu o *e-mail* foi a minha secretária, mas não com o meu *e-mail*, porque eu fiquei assustada — recebendo telefonema, eu estou sendo ameaçada, recebendo telefonema...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Recebendo telefonema, como assim, Doutora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu vou explicar para o senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim. A senhora diz que a senhora recebeu...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, ligam para o meu escritório...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quando?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ...e falam assim, no dia 17...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No dia 17.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ...no dia 16, no dia 18. Eu tenho bina...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito, perfeito, perfeito. Tudo bem. Então, me explica de novo, a senhora ficou assustada por causa das ligações.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu fiquei assustada pelas ligações e falei: *"Meu Deus, o que se trata isso?"*

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu tenho, inclusive, recebido... Eu quero fazer ciência a V.Exa. que tem pessoas que ligam e falam: *"Vai para determinado lugar que tem um cliente aguardando".* Então, a gente, com medo, não vai sozinha, leva mais alguém. Quando chega, não tem cliente, não tem nada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Só tem um detalhe, doutora. O *e-mail* foi repassado para a senhora dia 12.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não guardo data.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu estou vendo, doutora!

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Entendeu? Eu não guardo, mas eu tenho os documentos...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas se a senhora já estava ameaçada... para o dia 16, 17, 18. Dia 12, às 18h56min, o Arthur passou um *e-mail* para a senhora.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não se esqueça de que o primeiro contato foi dia 11.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora sabe...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O segundo foi dia 12. Então, eu já fiquei preocupada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora sabe do que tratava esse *e-mail*, do que trata esse *e-mail*?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, na íntegra, eu não me lembro do que se trata.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora lembra o que a senhora respondeu?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Também não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Mas a senhora nem guardou o *e-mail*?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não guardei.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - A senhora guarda tudo, a senhora anota tudo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu devo ter...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - E foi no *e-mail* da sua filha, ainda por cima — não é isso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Foi. Tá certo. Não foi no seu porque a senhora estava preocupada que a senhora já sabia no dia 17 a senhora ia ser ameaçada — isso era no dia 12.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, olha: desde que eu estive aqui nesta CPI é telefonemas de todo tipo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutora, estou falando sobre o dia 12: ninguém sabia de nada. A senhora tinha estado aqui no dia 10, não tinha acontecido nada. No dia 12, pela manhã, a senhora recebeu o *e-mail* do Sr. Arthur.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu posso ter recebido no dia 12 mas eu não olhei no dia 12 e também não respondi no dia 12, não me lembro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutora, tem a data, tem a data.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O senhor pode me... Eu não me lembro da data.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tem a data e o horário, certo? Aí a senhora respondeu ao *e-mail*?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Respondi ao *e-mail*.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Dizendo o quê?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ai, Deputado, eu não me lembro...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas a senhora...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não me lembro, porque quem faz...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, doutora...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu peço para a secretária.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora pediu para a secretária dizer o que para o Arthur?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não me lembro. Eu não posso mentir. Se eu falar alguma coisa que não é verdade... eu não me lembro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, doutora, mas veja bem: a senhora recebe um *e-mail* de um funcionário da Câmara que a senhora mal conhecia, tratando de um assunto que a senhora sabia grave, e a senhora responde ao *e-mail*, e a senhora quer nos dizer que a senhora não sabe o que a senhora respondeu?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não me lembro — é verdade.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Mas eu só quero lembrar, Relator, que ela respondeu antes. Agora ela se esqueceu do que ela disse antes, mas ela falou.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é que assina o *e-mail*, doutora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Quem que assina o *e-mail*?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não sei quem assina o *e-mail*. Acho que o *e-mail* não está nem assinado. Eu não sei, Deputado...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual é o *e-mail*...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Porque, olha...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é a pessoa que pesquisou para a senhora no *site*?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - A pessoa que pesquisa para mim, que trabalha para mim é a minha secretária.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Como é o nome dela?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sheila

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sheila.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sheila.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É a mesma pessoa que responde aos *e-mails*?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - A mesma pessoa que responde aos *e-mails*.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O nome dela é Sheila?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sheila.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Foi ela quem respondeu a esse *e-mail*?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Foi ela quem respondeu ao *e-mail*. Foi, sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A Sheila?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - A Sheila.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Utilizando um *e-mail* que não é o seu?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas com a minha autorização...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. *"mari ponto meime..."* Esse?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso. Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Da sua filha?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso. Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. Aí, a senhora disse para Sheila: *"Responde para o Arthur"* — correto?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Inicialmente, não era Arthur, era Vinícius.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo, mas a senhora respondeu o quê?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não me lembro, Deputado, o que eu respondi.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora diz assim — vou lhe refrescar a memória.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Por favor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - *"Conforme combinamos, Vinícius, segue o e-mail para que você possa me remeter os andamentos do HC em Brasília"*. Traduza para nós.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É... O Arthur disse que ele era terceirizado da Câmara e que tinha... se eu tinha processos em andamento...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso que ele disse, e também...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Processos em andamento aonde?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Processos em andamento no STJ e no STF.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Eu estou entendendo ou a senhora está querendo dizer que o Arthur ia acompanhar os processos no STJ para a senhora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele falou que ganhava pouco — é verdade isso. Olha, vocês podem rir, mas foi isso o que ocorreu.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Não, ninguém está rindo. Primeiro, aqui as pessoas...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Olha, doutora, sinceramente, doutora! A senhora quer nos dizer, agora, a esta altura dos acontecimentos, que a senhora trocou *e-mail*... *"Conforme combinamos, Vinícius..."* Aí a senhora manda para o *e-mail* da sua filha... Por que a senhora não usou o seu?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Primeiro...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutora, a senhora está começando a complicar a sua situação mais do que a senhora já está, doutora. Quem assina esse *e-mail* não é a Sheila, doutora. A senhora quer dizer para esta CPI que a senhora ia contratar o Arthur, funcionário do Som da Câmara, para acompanhar processos no STF e no STJ para a senhora, doutora? A senhora está brincando conosco, doutora.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu não estou brincando.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Eu quero fazer uma outra perguntinha para a senhora: o HC era contra quem e a favor de quem? Esse HC que a senhora pediu para o Arthur...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual era o HC que ele iria acompanhar para a senhora?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - O Arthur Vinícius ia acompanhar um *habeas corpus* no Tribunal, tá certo? A gente quer saber qual é o *habeas corpus* que ele ia acompanhar. Quem é o seu cliente que ele ia acompanhar o *habeas corpus*?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu tenho vários HCs...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Não, não...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual é o...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Qual era o HC... especificamente, qual era o HC?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não era especificamente...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Não eram?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eram todos os HCs que tinham em andamento.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Todos os HCs. Faltou um "s" para ser HC no plural.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - "*Conforme combinamos, segue o e-mail para que você possa me remeter os andamentos do HC*". Qual é o HC que a senhora estava aguardando que ele lhe mandasse?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Renato Goulart. É um HC de um rapaz que foi processado no art. 12. Ele foi absolvido, e o Ministério Público entrou com recurso de apelação e ganhou.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito, Doutora. Então, a senhora quer dizer para esta CPI que a senhora mandou um *e-mail* para um funcionário terceirizado, que cuida do som da Câmara, pedindo que ele fosse nos tribunais superiores do País tratar de um *habeas corpus...*

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, era só verificar andamento. Não era para tratar de nada, nem fazer nada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Mas a senhora não tem um pessoal que toma conta na sua Internet? Isso está na Internet.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu estou começando a...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Pode perguntar para ela como é que o Arthur saberia que o *habeas corpus* seria esse?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Como é que ele saberia, doutora?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Que o HC é desse Renato.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele ficou de entrar em contato para eu dar o número dos processos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. E a senhora mandou?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu não entrei em contato, e nem ele entrou em contato...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por que não é Sheila, nem a senhora que assina o *e-mail,* é uma outra pessoa?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Que assina o *e-mail?*

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, normalmente sou eu ou ela quem assina o *e-mail.*

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Qual é o nome do Rapaz? Renato...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Renato Goulart de Andrade.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por que, doutora, não é nem a senhora, nem a Sheila que assina o *e-mail*, é uma terceira pessoa?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é a pessoa que assina o *e-mail,* doutora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, quem trabalha comigo no meu escritório é a Sheila, o Dr. Armindo e eu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - A senhora tem algum apelido?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Hã?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - A senhora tem algum apelido?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O seu nome é Maria Cristina, doutora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Maria Cristina de Souza.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é que poderia assinar “Cris”, dentro do escritório? O advogado, seu colega?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tem apelido de Cris? Ele tem apelido de Cris, doutora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Eu...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A Sheila tem apelido de Cris, doutora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora tem apelido de Cris, doutora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Eu vou explicar para o senhor...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Mas "Cris" significa Cristina, doutora.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - "Cris" significa Cristina, porque eu tenho uma imobiliária com o nome de Cris Consultoria de Imóveis.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, assina-se "Cris" no *e-mail,* e não foi a senhora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Está bom. Doutora, eu vou fazer a última pergunta para a senhora. Nós temos as imagens aqui. As imagens e as fotos de todos os corredores da Casa, certo? Todos os passos que a senhora deu aqui dentro.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Não, e lá fora também.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Lá fora também. No *shopping* também. Estou avisando, para a senhora saber.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu sei, Excelência.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tudo o que a senhora está dizendo eu estou comparando com as imagens que eu tenho aqui na minha mão. A senhora sabe disso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu sei, Excelência.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, eu vou lhe perguntar — e não vou perguntar mais: como a senhora e com quem a senhora foi para o restaurante aqui da Casa?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu fui para o restaurante da Casa com Arthur e o Dr. Sérgio.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora foi com eles para o restaurante?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu fui com eles.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora tem certeza, doutora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Absoluta. Olha, eu fui com eles. Eles entraram na frente, eu entrei atrás... Olha, é verdade isso. Eu almocei no restaurante. Podem vocês verificar que vocês vão ver que eu fui com eles.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutora!

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não posso...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutora!

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim. Com quem eu fui para o restaurante?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutora, a senhora não foi com eles, doutora.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não fui!?... *(Risos.)*

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora não foi com eles, doutora... Eu não quero criar uma situação de constrangimento para a senhora aqui. Eu estou lhe dando uma oportunidade de falar a verdade. Nós vamos fazer uma acareação com o advogado...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas eu fui com eles...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nós vamos fazer uma acareação com o rapaz. Eu tenho a imagem na minha frente. Eu sei como é que a senhora foi. Eu vou lhe dar a chance de falar a verdade para esta CPI.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Meu Deus!

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A partir de agora, a senhora começa a correr o risco de ser incriminada por falso testemunho perante esta CPI, doutora.

Como a senhora foi? Com quem a senhora foi, doutora? Como é que a senhora foi para o restaurante? De quem a senhora estava acompanhada?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Deputado, eu desci do cartório onde estava, eles estavam me aguardando. Eu... eu fui mais atrás e eles na frente. Eles se sentaram à mesa, e eu cheguei. Aí, eu, preocupada... aí eu peguei alguma coisa para comer e...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutora!

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É verdade. Eles foram, os 2, na frente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutora, a câmara marca os minutos, doutora.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não posso...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu tenho os minutos, os segundos. Eu sei o horário que eles passaram e o horário que a senhora passou. Não minta, doutora.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não estou mentindo. Eles foram na frente. É verdade, Deputado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora ia enxergando eles ali, assim... É isso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Hã?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Iam juntos assim?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso. Eles iam juntos. Olha, os 2... Deixa eu explicar para o senhor. Olha, os 2, eles disseram que iam tomar café. Eles foram na frente e eu atrás. É verdade. Eu não estou mentindo para o senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tá bom, doutora. Eu, doutora, eu vou voltar a falar com a senhora. Eu estou lhe dando ciência...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA -...ciência...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nós temos as fotos coloridas, imagens, tudo, doutora. Certo? A senhora não está falando a verdade, doutora.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu vou falar novamente como foi, Deputado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutora, a senhora vai ter oportunidade de falar comigo numa outra oportunidade.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sr. Presidente, eu não tenho mais nenhuma questão. A doutora não está falando a verdade aqui.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Meu Deus! Eu não me lembro...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Muito obrigado, Relator.

Eu tenho uma curiosidade: a senhora é advogada do Marcola em quantos processos?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu sou advogada do Marcola em 2 processos. Ele, em 3. Eu trouxe para o senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então é advogada em 3...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ...que foram as desinternações no RDD...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E agora em mais 2. Então, são 5?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Já tinham mais 2. Ele sempre teve mais 2.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim. São 3 mais 2; então, seriam 5. É isso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Estão aqui os processos...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu tenho uma curiosidade: o Marcola não ganha dinheiro. Como é que ele lhe paga?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Quem me paga é a tia dele. Eu recebo 2 mil reais por mês.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A senhora recebe 2 mil reais por mês?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Dois mil. Somente isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Da tia dele?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Da tia dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A tia dele trabalha com quê?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu costumo, Deputado, como... não entrar na vida do cliente. Eu tenho medo também. Eu não faço pergunta. Eu trato do processo.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Qual o nome da tia dele? Qual o nome da tia?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - A tia do Marcola?

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - É conhecida por Maria Aparecida.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - De quê?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não sei. Ela vai no escritório todo mês e faz o pagamento.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Qual o apelido dela?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não sei se ela tem apelido.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ela paga em dinheiro?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ela paga em dinheiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Como é que a senhora declara no Imposto de Renda esse recebimento.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu declaro. Eu declaro o recebimento de honorários.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Do nome dela completo?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu declaro... Todos os recebimentos que eu recebo de honorários, eu declaro no Imposto de Renda.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim. A senhora não bota o nome dela para dizer que ela lhe pagou?

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Quem lhe pagou.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu... quem faz a minha declaração é o contador. Eu... eu não sei se ele especifica o nome da pessoa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque aí a senhora tem que ter o nome completo para dizer.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Tem que ter o livro caixa da entrada.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu tenho o contrato de honorários, eu tenho recibo... tenho tudo, Deputado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A tia... como é que é o nome?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Maria Aparecida.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tia Maria Aparecida.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Seu contrato com o Marcola reza que a tia Maria Aparecida que paga?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso mesmo. Reza. Eu tenho contrato de honorários e tudo com ele. Desde o início da...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu vou solicitar que a senhora remeta isso aqui para CPI.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim. Imediatamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque tem que ter um sobrenome.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu gostaria de...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Maria Aparecida, só em São Paulo, dever te um bocado.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu gostaria de deixar também os documentos que eu tenho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, nesse ponto, fica a curiosidade, porque tem o risco de a senhora estar recebendo de honorários dinheiro ilegal, dinheiro irregular. E isso seria um complicador muito grande.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sr. Presidente, esse contrato ela fez com o Marcola ou com a Maria Aparecida?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu fiz com a tia dele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Com a Maria Aparecida.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Fez com a Maria Aparecida?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E a senhora não sabe todo o nome dela?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu me reservo o direito de, em particular, falar com o senhor, porque se eu divulgar o nome... O senhor está me colocando numa situação constrangedora. Eu estou divulgando nome e endereço de uma pessoa... Não posso fazer isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A senhora entrega depois.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Vocês querem que eu, além de processada, seja morta?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Presidente, ela disse que...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É difícil isso.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Sr. Presidente, se V.Exa. me permite, só pela oportunidade.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não se divulga isso.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Só pela oportunidade, Sr. Presidente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu estou inscrita.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ela disse que tinha medo...

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Sr. Presidente...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - ..., por isso que não fazia perguntas. Ela tinha medo de quê? Do cliente dela? O que ele faz que ela tem tanto medo?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Pergunta por quê.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Sr. Presidente, o senhor me permite, só pela oportunidade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Só um pouquinho. Deixa... Eu já dou a palavra a V.Exa. Deixa ela responder a pergunta da Deputada Perpétua.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Não, mas é nessa linha. É completando o que disse a Deputada Perpétua.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É completando? Então, por favor.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Ele iniciou sua fala fazendo uma digressão sobre o quanto que o Marcola foi injustiçado, o quanto que ele, na visão

dela, é uma pessoa de bem. Mas, quando perguntada sobre como que a tia paga, ela falou: *"Não posso dizer isso, eu tenho medo de ser morta".* Como é que pode ter um vínculo...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Deputado Carlos.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - ...entre um cliente de bem e uma tia do mal?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Deputado Carlos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, explique, por favor. Calma, deixa...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não quero dizer, por exemplo... Eu sei o nome todo dela, a qualificação. Eu não quero dizer, para que não seja gravado. Eu sei endereço. Eu quero dizer em particular, em sigilo, porque eu dei o endereço do meu escritório, que é conhecido, mas dei o meu endereço residencial e pedi sigilo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas eu não estou perguntando...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não posso...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ... grande coisa. Ela trabalha com quê, para justificar lhe dar 2 mil todos os meses?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, é... é... Ela diz que é ambulante, ela diz que comercializa roupa, sabe?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Vendedor ambulante, em São Paulo, dá para pagar 2 mil todo mês para o sobrinho?

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Deve ser ambulante de droga.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, para o advogado. Quer dizer, tem que ganhar 5.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, para o advogado do sobrinho?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Presidente, é a tia que sustenta a família do Marcola também?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - A família do Marcola? Não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está bom. Eu passo a palavra, numa permuta com o Deputado Alberto Fraga, à Deputada Laura Carneiro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Maria Cristina, eu queria... quando você começou, e aí complementando o que a Deputada Perpétua e o Deputado Carlos Sampaio perguntaram, você disse o seguinte: que você nunca soube que o Marcola era de uma organização criminosa. Bom, se você nunca soube que ele era de uma organização criminosa, e defendeu ele em 5 processos...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Em nenhum deles ficou provado...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ..., por que o medo?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, quem milita na área criminal, você não pode dizer o que você sabe do cliente, tanto na área criminal...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu não estou lhe pedindo para dizer nada, só não estou lhe pedindo para mentir.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ..., eu não posso. Eu não tenho medo. Eu não tenho medo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu não estou lhe dizendo para afirmar que ele é de uma organização criminosa, mas eu também não posso esperar que a senhora negue que ele é da organização criminosa, porque isso é mentir.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - A senhora disse que tinha medo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O Brasil sabe que ele é da organização criminosa. A senhora começa mentindo, dizendo que ele não é da organização criminosa.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A senhora não precisava ter falado o nome dele. Agora, também não nos faça de idiota...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ... de imaginar que a senhora é advogada criminal dele e não sabe qual é a atividade dele. Vamos continuar. A senhora disse no depoimento que encontrou, quando o Deputado Paulo Pimenta lhe apertou dizendo que nós tínhamos as fitas de tudo que aconteceu, a senhora se

lembrou que por acaso estava ali ao lado do cafezinho, e que ali ao lado do cafezinho ele falou com a senhora. Até lá, a senhora não tinha citado essa parte da história. Então, eu quero que a senhora resgate no primeiro depoimento esse pedacinho da história para que a gente possa entender. Como aconteceu seu contato e por que aconteceu o contato do Arthur Vinícius e a senhora, aqui atrás, no cafezinho?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O contato?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É, o contato.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim. Eu estava tomando café, e ele vinha. Ele perguntou o meu nome, eu disse meu nome e de quem era advogada, mas não tinha omitido.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, mas por que a senhora omitiu isso na primeira vez que a senhora explicou para nós como foi o seu dia naquela tarde?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, quer que eu diga para a senhora?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quero.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu estou assim... É a primeira vez que eu deponho numa CPI, eu estou sob pressão...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É a primeira vez que depõe?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ..., sob pressão, eu estou me... sabe? é muitas perguntas.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, mas ninguém está lhe pressionando, não.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu sei que não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aliás, tem até aguinha...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Entendeu? É... Sabe, então, você...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, a senhora se esqueceu? Então, a senhora quer nos convencer que o funcionário saiu da cabine de som, enquanto ele gravava uma sessão da CPI, para sair e bater papo com a senhora? É isso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, ele não saía para isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele saía para tomar café e água e voltava. Várias vezes, ele saiu.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Há, foi? Ele saiu várias vezes?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Várias vezes.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A senhora ficou acompanhando isso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu fiquei sentada, inclusive conversando com o garçom.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sentada onde?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Tinha um garçom. Eu fiquei sentada. Tinha 2 cadeiras.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas ali não tem cadeira.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas eles pegaram uma cadeira de uma...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Para a senhora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu fiquei sentada.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Hã.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sentada, um garçom sentou do lado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, pegaram uma cadeira especificamente para a senhora ficar conversando com o Arthur? É isso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu não conversei com ele em cadeira, foi em pé. Ninguém... Eu não me sentei com o Arthur.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, a senhora não se sentou com o Arthur?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não me sentei com ele. Olha, isso pode ser comprovado pelas fitas e também — sabe por que? — pelos próprios... pelas pessoas que estavam ali. Eu não fiquei me sentando com ele, nem conversando em pé. Eu tomava café, ele conversava. Eu tomava água, me sentei. Eu passei a maior parte do tempo sentada.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A senhora disse que... Bom, para mim é tão claro. A senhora se lembrou só quando foi pressionada pelo Deputado. Mas, enfim, vamos continuar. A senhora disse que conheceu o advogado Dr. Sérgio apenas aqui. É verdade?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É verdade.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E se eu considerasse que tudo o que a senhora falou até agora fosse verdade? A senhora está... É a mesma coisa de entender que o culpado dessa operação e quem lhe colocou nesse imbróglio, digamos assim, foi o Dr. Sérgio?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não foi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não foi o Dr. Sérgio?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, por quê? Porque quando o Dr. Sérgio disse... Eu também acho que ele foi colocado no imbróglio sem saber, como a senhora disse, *"imbróglio".* Porque ele..., ele também achou que o que foi passado para ele..., a fita era só com relação ao que fosse permitido que os advogados tivessem acesso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas então me explica para que tanta discrição?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas não teve discrição.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Me perdoe, a senhora me perdoe, mas quem está falando agora sou eu. Depois que eu terminar a senhora fala.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Tá bom.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não sei porque... É que talvez vocês..., os Deputados que viram... É bonitinho: entra um, daqui a pouco entra o outro, daqui a pouco entra o outro, se encontram dentro do restaurante. Está aqui para você... Tem os desenhinhos.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Vai para o *shopping* de táxi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não. Aí sai um, depois sai o outro, aí saem os 3 e vão caminhando... Aí saem por aqui por trás, pelo estacionamento, pegam um táxi e vão para o *shopping*. Aí chegam no *shopping*, chegam numa loja, não conseguem, vão para a segunda loja e aí conseguem. O engraçado é que a senhora... Os 3 são reconhecidos o tempo todo, são vistos.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas eu não estou negando isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu só não entendi... Não, a senhora não é doida de negar. Desculpa, a senhora não poderia negar, até porque a senhora sabe que nós temos um sistema de câmera na Câmara. A senhora não seria... A senhora é uma advogada, brilhante, há 18 anos, não seria inocente ao ponto de imaginar que contra uma cena a senhora pode apresentar algum argumento. Mas o que eu estou tentando entender é como a senhora... Se não era nada demais, se não tinha nenhum problema, por que que cada um entrou num momento no restaurante? Por que vocês simplesmente não fizeram isso calmamente, tranqüilamente, sem as cenas que nós podemos ver aqui?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, primeiro, eu não ando muito depressa. Eu... Não foi com o intuito de me furtar de nada, porque o fato de sair com o rapaz, de conversar aqui, se fosse escuso o que ele estava fazendo, não se faria aqui na Casa.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas não foi feito aqui na Casa mesmo não.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Você entendeu?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vocês fizeram lá no...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não foi feito nos corredores.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ... *shopping.*

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, mas aí... Como que se fosse o que ele tivesse fazendo era ilícito.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está bom. Eu vou considerar que a senhora está falando a verdade e vou fazer mais uma pergunta, para ver se a senhora pensa junto conosco. Por que um rapaz que perdeu o emprego, perdeu a vida — porque perdeu, está no Sistema de Proteção à Testemunha, acabou a vida do rapaz —, tem 27 anos, ia dizer que foi corrompido se não tivesse sido? Por Deus do céu! Qual é a lógica?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - A lógica...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele ia chegar aqui dizer que foi corrompido, perder a vida dele, perder o emprego dele, não tem como sustentar a família dele... Por quê? Por que ele é maluco? Ele é maluco, só pode ser isso.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Deputada, eu não respondi o telefonema do dia 12. Quando me ligaram, eu não respondi...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A senhora não respondeu telefonema, a senhora fez melhor. A senhora mandou um *e-mail* e estava convidando ele para uma nova atividade profissional. Ele ia ser o seu assistente jurídico. Mas agora, só para lhe dizer, o tal Sr. Jorge *(ininteligível),* que a senhora estava tão preocupada...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não estou preocupada, não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ..., é um jornalista da Agência *France Presse*. O que ligou para ela...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu estou dizendo... viu...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ... no dia 17 é um jornalista da *France Presse*.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas eu não estou preocupada com ele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, é só para explicar à senhora.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Estou dizendo que eu...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Estou lhe dizendo... Estou lhe dizendo para a sua curiosidade...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ... que o Sr. Jorge, que lhe ligou no dia 17 de maio, é jornalista da Agência *France Presse*.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só para a sua informação.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Pois não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A senhora pode anotar aí ao lado, se quiser. Eu já lhe dou aqui o documento.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu... Eu não disse que estava preocupada com ele, Deputada. Eu disse que tomei conhecimento do que estava ocorrendo através dele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Bom, eu quero... Vamos voltar. Eu quero saber... Minha última pergunta, até porque tem outros Deputados que querem perguntar, qual era... Como é que a senhora imagina a motivação desse rapaz, que acabou com a sua própria vida, que vai morar a vida inteira no Sistema de Proteção à Testemunha, que é um absoluto inferno, para apenas acusar a senhora e o Sr. Sérgio?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não sei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A senhora acha que isso vem do além?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu acredito que esse rapaz já tenha outros problemas. Eu acredito que essa atitude dele... Eu não... não sei. Eu não posso lhe informar o motivo. Não posso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vou concluir. Dentro do que eu ouvi, a senhora transformou esse rapaz, que em princípio é louco, em seu assessor.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Olha...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Viraria seu assessor jurídico.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Veja bem...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só um minutinho. Ao mesmo tempo, a senhora começa o depoimento não sabendo, como advogada, quem é o Marcola, e mentindo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu não estou mentindo. Eu estou me baseando nas sentenças judiciais. Nas sentenças judiciais não aponta ele com liderança nenhuma.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A senhora almoçou... A senhora almoçou em que restaurante, antes de ir ao Tribunal?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu almocei no restaurante, antes de ir ao Tribunal, aqui.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Que restaurante? Qual deles?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Um restaurante que é um serve-serve.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - *Self-service.*

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Aqui na Casa.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aqui na Casa?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Antes de ir para o STJ?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Que hora a senhora almoçou, a senhora lembra?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, mas deve ter fotos do horário...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, é só perguntar a hora que a senhora almoçou. Outra pergunta: por que a senhora não comprou ª.. Quando a gente compra a passagem, a gente compra de ida e volta.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas não tinha, Deputada.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, não, não. Quando a gente vai comprar uma passagem...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Deputada, quando eu fui comprar...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A senhora mora em São Paulo, não mora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu moro, claro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quando a gente sai de casa para viajar, a gente compra passagem de ida e volta. A não ser que a gente resolva ficar para sempre no outro Estado.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas o normal — até porque é metade do preço, e mais barato, portanto — é que a gente compre a passagem de ida e de volta. Pode até não marcar ou fazer uma pré-marcação.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, a senhora não. A senhora costuma viajar. Como não sabe quando volta nem para onde vai, é isso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não é isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não? Então o que é?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu fui até o aeroporto. Eu fui à GOL, eu fui à TAM e só tinha passagem de vinda. Quando eu cheguei no aeroporto, aqui em Brasília, eu fui para verificar qual o horário que tinha para o mesmo dia. Me disseram que não tinha horário nenhum. Eu fui até na BR.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Bom...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - A senhora pode inclusive levantar, oficiando aí o que é que eu fiz. Para o primeiro horário da manhã eu comprei a passagem, inclusive com valor... Olha, saiu às 6h06min o vôo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu tenho duas perguntas aqui. Antes de a audiência começar, a senhora não teve nenhum contato com Arthur?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Antes da audiência começar?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Preste atenção: antes de a audiência começar.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Antes da audiência começar, não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Nenhum?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele não encontrou a senhora aqui?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - No corredor?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, aqui.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu cumprimento todo mundo, converso com todo mundo. Eu... eu não tive contato com ele, porque ele, acho que fica no som. Ele não fica aqui na Casa. O contato que eu tive foi do lado do...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então a senhora não teve, antes da audiência?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, posso dizer?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu só estou perguntando: sim ou não?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não me lembro, Deputada.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas eu... O contato que eu tive foi com o Sr. Manoel Alvim, com o Secretário.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A senhora nega a acusação de que a senhora colocou no bolso dele...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu nego a acusação.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu nem terminei! Que a senhora colocou no bolso dele 200 reais em 4 notas de 50 reais?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso mesmo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A senhora nega?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Nego.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, o único dinheiro que a senhora gastou naquela tarde foi pagando táxi para ir buscar o CD e a confecção dos CDs, é isso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso mesmo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Obrigada, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Concedo a palavra ao nobre Deputado Colbert Martins.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ai... Não pode parar um pouquinho? Não agüento mais...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Deputado Neucimar, eu, como tive que me ausentar, vou pedir a V.Exa. para dar prosseguimento. Eu me prepararei para fazer a inquirição mais tarde. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Concedo a palavra ao nobre Deputado Luiz Couto.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Um minutinho. Ela está pedindo acho que para ir ao banheiro. Ela está pedindo um intervalo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Um intervalo de 5 minutos para que a advogada tenha acesso às dependências da Casa. Suspensa por 5 minutos.

(A reunião é suspensa.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está reiniciada a sessão. Eu quero consultar o Plenário. Nós temos uma grande lista de inscritos. A depoente afirma que tem um mal passageiro. Eu até peço à Secretaria da Comissão que traga do Setor Médico, para ver que mal é esse... Mas eu consulto o Plenário se seria interessante nós ouvirmos o Sr. Sérgio Weslei enquanto ela está sendo consultada pelos médicos.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sr. Presidente, concordo com o senhor. Só tenho um adendo: V.Exa. poderia exibir aquele vídeo que a Comissão tem preparado, antes de ouvir o Sérgio, até para servir de subsídio para a gente na oitiva do Sérgio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu não sei se teria a possibilidade. Eu consulto a Secretaria se há possibilidade de exibir o vídeo.

Consulto a Comissão. Boto em discussão a oitiva do vídeo.

Não havendo quem queira discutir, em votação.

Aqueles que a aprovam permaneçam como se acham. *(Pausa.)*

Aprovada a oitiva do vídeo, a exibição do vídeo.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A vantagem é que a oitiva do vídeo vai dizer a verdade. *(Risos.) (Pausa.)*

Teremos agora um período audiovisual.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sr. Presidente, cuidado para não sair videoconferência, hein?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É. *(Pausa.)*

Peço que apaguem esta carreira de luz aqui, por favor, para que fique mais fácil.

Quero dizer aos Deputados que o que vai ser passado agora são *(falha na gravação)* Brasil e imagens da Câmara dos Deputados, assim que tiver condições. Peço que tirem aquela bolsa dali.

Aí está bom, não precisa apagar mais luzes. *(Pausa.)*

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sr. Presidente, se V.Exa. disponibilizar a fita para a tevê, eles podem inclusive apagar a luz da tevê. É a *TV Câmara. (Pausa.)*

(Exibição de vídeo.)

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aqui não é ninguém ainda não. Eles não chegaram. Quer dizer, há um monte de gente, mas não são os... Não, eles não chegaram ainda. Ela deve estar sentada ali. A tal cadeirinha que ela falou. A conversa do corredor, lá, às 17h16.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Está aqui...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mais rápido, porque você está com o texto.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - As imagens são mais para a frente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, já estão ali conversando, lá sentadinhos. *(Pausa.)* Não aquele é o garçom, aquele de...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Já vai começar ali, Deputado Arnaldo. Dezesseis, dezessete e pouco já começa.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Poderia ir passando mais rápido, é só uma página inteira. Telefonema. Página 79. Veja o horário da página 79. Tem um monte? Ah! Tá. Não, mas onde está aquela que eles entram no restaurante? Não, isso é 17h45min, gente!

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Coloca 17h26min.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Isso é quando eles estão saindo para fora para pegar o....

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Coloca 17h26min.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Isso já depois do restaurante, quando eles estão saindo os 3 lá da frente, estão saindo para pegar o táxi. Já saíram. Agora, eles vão aparecer no táxi. Está vendo os 3 lá na frente?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Coloca 17h26mim, por favor.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Esse CD começa no 45. Volta e aumenta a tela.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual é o horário agora?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Esse aí, 17h45mim, isso aí já estão indo embora. Quem é que está operando? Dá para colocar no 17h26min? Consegue colocar?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, já é outro CD.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, coloca no 17h26min, que mostra o advogado indo para o restaurante, o advogado ligando, ela indo depois.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Deve ser o primeiro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Amplia para nós a tela.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Calma! Põe antes. Espera aí. Vê até aonde vai esse. Esse não chega até o 17. Essas estão lá sentadinhas. Não, mas continua no último, porque tem a foto deles aí fora. Tem a imagem. Ah! Não, não tem, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual é o horário?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Estão vendo outro CD. Olha lá, está vendo? Dá para ver? Pára a imagem. Volta e pára a imagem. Volta um pouquinho, aumenta a tela, abre a tela. Pronto! Pára a imagem. É ela...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sr. Presidente, às 17h26min, tem a imagem de um advogado, 17 horas 26 minutos e 18 segundos, advogado no telefone. Às 16 horas e 26 minutos e 21 segundos ele conclui a ligação e fica aguardando até às 16 horas 26 minutos e 30 segundos, quando ele começa a se dirigir ao restaurante. Logo em seguida, chega o Arthur, às 17 horas 28 minutos e 39 segundos.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas falta o de 17 horas e 23 minutos e 26 segundos... É, do pátio é mais nítido.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Isso é no *shopping* já.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Olha o horário lá: 18h06min. *(Pausa.)*

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Depois tem às 18h22min, uma boa imagem também, quando eles estão saindo do *shopping:* 18h22min. Espera aí. *(Pausa.)*

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É assim, Deputado, Deputado Arnaldo. Ela...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É no *shopping*, eles andando no shopping. É aí, aí, aí, aí, volta, anterior a eles aí. Na foto vê melhor. É na anterior. Na

verdade, o horário exato, só para você saber, é 20h50min. Pára. Nesse e na anterior já tá também.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quando ele amplia, ele troca.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Volta, volta um pouquinho, aumenta agora. Ah lá, já estão eles lá, saindo da loja. Os 2 saindo. Isso, os 3, né? Se continuar...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sr. Presidente,...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não, Relator.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu posso descrever as fotos aqui, né?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É, eu acho que as fotos inclusive estão bem mais nítidas, porque são...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A seqüência...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A câmara 12.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Isso tá mais para propaganda de loja. *(Pausa.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A foto já vem...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É aí, aí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Estão os 3 aí.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Estão os 3 aí.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Aí, aí. Abre a tela. Aí, aí.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Isso não é uma cidade, isso é um *Big Brother*. Em qualquer lugar você é visto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tem eles de frente. Vê às 18h06. Vê se tem aí.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É quando eles estão chegando, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Hein? É 18h06min. *(Pausa.)* É que aí está 18h20min, não é? Às 18h06min é que tem também uma foto boa. Aí, entrando.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - A anterior.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Aí, entrando. Essa aí. Veja 18h06, por favor.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Já viram.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Dezoito horas 6 minutos e 21 segundo, aí.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Aí, essa é a boa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Essa aí é perfeita.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Essa é a prova do crime. Aumenta essa daí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas sempre vai para frente, quando aumenta.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Essa aí, aumenta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Aí, está perfeito.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Vamos voltar, Presidente?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Bom, acho que podemos acender as luzes, todo mundo... Ainda não?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Disponibiliza, libera a imagem para a imprensa. Libera essa imagem para a imprensa. Aqui são as imagens internas, Deputado, não é?

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Tem de mostrar essa interna para a imprensa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu só tenho as fotos aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Essa foto aí fala tudo. *(Risos.)* Bom, vamos reiniciar então. Podem acender as luzes. Eu agradeço aí à técnica o esforço. Quero dizer que foi votada aqui a possibilidade de ouvirmos o Sérgio, enquanto se recupera, parece que teve algum distúrbio na pressão, mas o médico disse que em 20 minutos pode estar sendo ouvido novamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sr. Presidente, permite-me, só para revelar aqui, Presidente, aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No final aqui do nosso corredor aqui, em direção ao... Deputado Arnaldo! No final do corredor em direção ao restaurante, nós temos aquela passagem ali, tem até o detector de metais ao lado. Ali nós temos uma câmera que captou as imagens. Então, às 17h28min, chegou ali o advogado, 17 horas 28 minutos 01 segundo; 17 horas 28 minutos e 22 segundo, ele

permanecia ali; 17 horas 28 minutos e 31 segundos, ele permanecia, próximo àquela escada ali na entrada do restaurante. Às 17 horas 32 minutos e 41 segundos é a ligação telefônica dele para o Arthur. Registrado. Está aí a foto. O Arthur já confirmou no horário o recebimento da ligação: 17 horas 32 minutos e 41 segundos. Aí, às 17 horas 33, portanto... e 35 minutos, portanto, 1 minuto e meio depois, chega o Arthur. Às 17 horas e 35 minutos, portanto, 2 minutos e meio depois a doutora está descendo a escada, saindo do Anexo. Então 2 minutos e meio após eles estarem dentro do restaurante, ela recém-estava dobrando a escada.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sr. Presidente, esse conjunto do Relator poderá ser distribuído para nós?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Às 16 horas 36 minutos e 18 segundos, mais precisamente às 17 horas 36 minutos e 31 segundos, ela está entrando no restaurante. Então ela entra no restaurante exatamente 3 minutos depois que eles entram. Às 17h45min eles estão saindo do restaurante. Às 17 horas 45 minutos e 56 segundos. Portanto às 17h46min eles passam na porta saindo da Câmara. Às 17 horas 45 minutos e 54 segundos, 55, 56, 59, no mesmo minuto... A imagem que vamos ter, externa, deles já é das 17h46min. Tem uma imagem boa às 17h46min44seg, dirigindo-se ao Anexo IV, onde pegaram um taxi. Às 17 horas 46 minutos e 48 segundos eles estão atravessando a rua em direção ao Anexo IV. Então aquilo que perguntei para ela, se ela tinha ido acompanhada, todas as imagens mostram que ela não foi acompanhando eles até o restaurante. Ela foi sozinha.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sr. Presidente, vai disponibilizar essa foto para nós?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Acredito que sim.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - E aquela parte do depoimento da reunião reservada que já foi tornada pública, será distribuída para nós, da Taquigrafia?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, ela não foi tornada pública.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sr. Presidente, pela ordem. Eu queria fazer um... Alguns veículos de comunicação nos pediram... Se fosse possível, eles queriam fazer a imagem da cenas. Só que fica impossível reproduzir isso aqui.

Então V.Exa. poderia designar um servidor, que num computador, o jornalista vai lá e filma o que quiser. Fica mais simples do que a gente parar a sessão para fazer isso tudo de novo. Já que V.Exa. tornou público, até porque tem as fotos que, de repente, é mais fácil para a utilização.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Sr. Presidente, pela ordem. Será que não já foi dado tempo suficiente para a recuperação da depoente, para que a gente não tivesse que interpolar, zerar, começar de novo?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É, eu preferia até continuar na ordem, mas a recomendação médica era de 20 a 30 minutos. Passaram 10 minutos, então ou esperamos mais...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Daqui a pouco começa a sessão, a Ordem do Dia. Começa logo.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Chame o Sérgio. Chame o Sérgio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Vamos colocar... Nós já colocamos em votação, já foi aprovado, então chamo o Sr. Sérgio Weslei da Cunha.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Oh, Manuel, já foi autorizado trazer o Sérgio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Já pedi para trazer o Sérgio. Já estão trazendo o Sérgio Weslei da Cunha?

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Ô, Mané, tá perguntando lá o Presidente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Autorizou disponibilizar as fotos para a imprensa?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Autorizou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Foi votado aqui tornar público.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não as fotos, eles querem as imagens.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quero aqui dizer que foi votado tornar públicas as imagens. E foi aprovado pelo Plenário da CPI.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - As imagens já são públicas. Já foram exibidas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, não tem problema nenhum, se pode tornar pública, não tem problema nenhum. *(Pausa.)*

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está ali o rapaz.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está chegando. Quero dizer aos Deputados da programação da CPI amanhã: às 2h, nós estaremos ouvindo as operadoras e técnicos das universidades sobre o problema aquele de celulares, porque vimos versões muito divergentes em termos de preço e tudo mais. Quinta-feira, deverá ser feita a acareação entre os 2 advogados pela manhã, a acareação entre os 2 advogados e o Arthur. Hoje, deverá ser feita, como já foi aprovada a acareação entre eles, hoje, deverá ser feita a acareação entre os 2 advogados, além das oitivas. *(Pausa.)* Sr. Sérgio Weslei da Cunha.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está acompanhado de advogado, não é?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Peça ao advogado que se sente aí atrás. *(Pausa.)* Que o advogado se sente atrás, por favor. Esse é o costume da CPI. *(Pausa.)* Sr. Sérgio Weslei da Cunha.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Pois não. Aqui está ligado ou desligado?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está ligado.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Pois não, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu pergunto se quer fazer o compromisso de dizer a verdade.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Com certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Apesar de ser um compromisso que não gera qualquer outra... não gera qualquer outra obrigação, em razão de já estar pedida a prisão preventiva de ambos pela CPI, então, não podem mais ser ouvidos como testemunhas. Agora, já são ouvidos como indiciados da CPI. Mas, mesmo não fazendo diferença, V.Sa. tem um tempo para ler o compromisso.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - *"Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado*."

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Muito obrigado, Sr. Sérgio. Sr. Sérgio, o senhor sabe de todas as acusações que pesam sobre o senhor?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Pela mídia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Isso. E, oficialmente, pela CPI, pesam sobre o senhor as acusações de corrupção ativa e formação de quadrilha. Essas são as acusações que pesam contra o senhor.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - E quebra de sigilo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Isso. E, houve um episódio lamentável e V.Sa., o senhor tem tempo para contar a sua versão dos fatos. Então, o tempo é do senhor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Boa tarde, Sr. Presidente. Boa tarde, Sr. Relator e boa tarde, demais Parlamentares e presentes. Preliminarmente, gostaria de agradecer a presença do Dr. Ademar Gomes, Presidente do Conselho da ACRIMESP e sua equipe, pelo enorme gesto de desprendimento que, após me ouvir no Conselho, aceitou fazer minha defesa. Também gostaria de deixar bem claro, pelo que foi veiculado à mídia, que não sou advogado do PCC ou de qualquer outra facção. Estou aqui para me defender, defender a instituição à qual pertenço, que é a OAB, e falando a verdade. Assumo totalmente a responsabilidade pelos meus atos e com a consciência tranqüila de que não cometi nenhum crime. Não cometi o crime de corrupção ativa e não cometi o crime de formação de quadrilha, como os senhores verão ao final desta oitiva. Também gostaria de deixar bem claro que não sou formado por nenhuma facção ou por ninguém. Fiz escola pública, 1º e 2º Graus, na periferia de São Paulo, e passei numa escola pública federal, onde fiz minha faculdade. E, para não delongar, Excelência, contando minúcias, gostaria que vocês me inquirissem e eu responderia na medida em que fosse perguntado.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sr. Presidente, quem é o advogado dele?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Sr. Ademar Jonas... Gomes. É isso?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É, OAB 32081...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É, não precisa. É OAB 32081.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Eu gostaria de saber quem está pagando o advogado dele?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Foi-me indicado pela ACRIMESP, gratuitamente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ACRIMESP?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Associação dos Criminalistas do Estado de São Paulo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ACRIMESP, Associação dos Criminalistas do Estado de São Paulo, dos advogados criminalistas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sr. Sérgio, então, o senhor declina do seu tempo para explicar o que aconteceu, é isso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É, Excelência, porque já é público e notório, as fitas falam por si, realmente, houve a gravação, fomos até o *shopping*, entendeu, foram feitas 2 cópias, a minha cópia está comigo, eu apresentarei aqui hoje nesta CPI, não foi usada em momento nenhum e, além do mais, o que contém ela, como os senhores mesmos disseram na oitiva do Arthur, não... nada foi falado sobre megatransferência nem sobre rebelião nem nada. Então, inclusive, eu tinha o direito constitucional de saber, porque era meu cliente que estava sendo ouvido aqui, eu tinha o direito constitucional de ter todas as notas taquigráficas, inclusive, da parte reservada, porque eram os 2 autores, os 2 condutores da prisão do meu cliente que estavam sendo ouvidos.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Presidente, só antes de a gente fazer perguntas, vamos pedir para ele relatar como é que foi o contato, como é que as fitas chegaram às mãos dele, como é que foi o processo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu estive aqui, vim sozinho, cheguei cedo, porque eu vim no primeiro vôo de São Paulo para cá, às 7h40min, então, cheguei aqui por volta das 10h30min, procurei o Sr. Manoel, porque era a primeira vez em Brasília, para ver como é que funcionava e como é que eu faria para obter uma cópia do depoimento do meu cliente, visto que — inclusive, até hoje, 23 dias após, sequer ele foi interrogado pela Justiça paulista —, para que eu usasse o interrogatório dele aqui, se possível, para auxiliá-lo no processo em São Paulo. Chegando aqui, me dirigi — deve ter a fita disso também —, conversei uns 20, 30

minutos com o Sr. Manoel fora do balcão, lá na Secretaria, no andar de cima, em que ele me expôs que seria possível. Aí, eu falei: "Mas, as notas taquigráficas demoram 2 a 3 semanas. *"O senhor pode me arrumar uma cópia do CD?" "Não, no final da sessão nós veremos"*. Porque, até então, era pública a sessão! Só após esse episódio, nós fomos praticamente colocados para fora da sala, ficamos... foi colocado tapa-vidros, ali, alguns cartazes, alguma coisa, nós ficamos na parte de trás, aqui, tomando cafezinho, isolados pelo corpo legislativo, tanto lá quanto aqui. Ao final de tudo isso, meu cliente foi ouvido, participei com o meu advogado, aqui, ao lado dele, transformou-se a parte do meu cliente também em reservada, participei da oitiva. Terminando, eu estava aqui na parte de trás, o rapaz falou assim... eu vi ele saindo... entrava e saía toda a hora aqui dentro e entrava na cabine. Entrava e saia. Eu falei: *"Eu já conversei com o Sr. Manoel, abordei ele*, *ele veio e eu disse assim: '*Ah, *Como é que eu faço para obter a cópia, porque eu preciso usar para o meu cliente lá?'"* Ele falou: *"Ah, eu vou ver se consigo".* Eu falei: *"Olha, o Sr. Manoel, eu já conversei com ele e está pré-autorizado".* Pelo o que eu entendi, seria autorizado obter uma cópia da fita. Aliás, nem é fita, é uma memória eletrônica. Fita não se usa mais aqui. Ele me explicou e falou: *"Ó, doutor, o senhor vai ter que me acompanhar* — e me deu o telefone dele e pediu o meu cartão — *por que? Porque aqui agora a memória é digital e não se faz mais fita. Só que aqui não tem o leitor, que é tipo uma memória de câmera digital. Tem que ter um leitor para jogar para o CD. O senhor pode me acompanhar depois, que eu vou embora, eu já fico no centro, vamos lá, o senhor faz a gravação, leva e amanhã eu trago e devolvo a memória para cá."* Eu falei: *"Sem problema nenhum."* Estou subentendendo que a coisa estava autorizada. Ele saiu e falou: *"Doutor, eu vou lá em cima guardar minhas coisas e confirmar a autorização e já retorno. O senhor me liga para nós nos encontrarmos."* Eu falei: *"Não conheço aqui. Vou me perder aqui dentro."* Ele falou: *"O doutor me liga. Conhece o restaurante?"* Falei: *"Conheço, almocei lá hoje inclusive com um Deputado."* Ele falou assim: *"Não, então nós nos encontramos lá."* Liguei para ele...

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Almoçou com um Deputado?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Que Deputado?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ele não me conhecia. Eu não vou envolvê-lo aqui. Ele não me conhecia. Ele sentou na mesa porque não tinha local, lá onde vende macarrão, ali na lanchonete, entendeu? Acidentalmente. Ele sentou na minha mesa, nós conversamos. Eu não vou envolver um Parlamentar que não tem nada a ver com o assunto nem com a Comissão. É... não seria antiético a esse respeito. Então, o que acontece, caro Parlamentar, eu liguei para ele, ele falou assim: *"Olha, eu já combinei com a doutora..."* Também, porque eu tinha autorizado, porque o cliente dela havia sido é... requisitado. Já havia sido aprovado um requerimento para ele comparecer também aqui, no dia 10, só que ele não foi apresentado. Só veio o meu cliente e os dois advogados que efetuaram a prisão do meu cliente. O que ocorreu? Liguei para ele e falou assim: *"Olha, a doutora já combinou comigo lá... "*

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Dois delegados e não advogados.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Desculpa, Excelência. Dois delegados: Dr. Rui e Dr. Godofredo, com quem eu voltei para São Paulo, inclusive. É... E o que acontece? Nos encontramos, liguei para ele e ele falou assim: *"Doutor, eu vou para o restaurante, porque a doutora já combinou comigo lá."* Liguei para a doutora e falei: *"Doutora, onde a senhora está ?"* Ela falou: *"Estou aqui na secretaria tentando obter uma cópia."* Eu falei: *"Olha, o rapaz me ligou e parece que autorizou, porque ele pediu para encontrar com ele lá na...na... no restaurante."* Fomos até o restaurante, eu e ele. Se eu não me engano, não sei se eu desci junto ou se eu cheguei primeiro que ele. Eu só sei que estávamos, primeiro, eu e ele. Pedimos bolinho, estava comendo, chegou a doutora logo em seguida. Falei: *"Olha, doutora, nós temos que pegar um táxi e ir até o centro."* Pegamos o táxi, os 3 juntos mais o motorista, tá...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quem pagou o táxi?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A doutora, porque eu estava sem dinheiro e ela tinha um pouco de dinheiro trocado.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Qual o telefone da doutora?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não lembro agora, Excelência. Eu teria que pegar no meu celular para ver. De cabeça eu não lembro, porque ela me passou aqui na hora, porque eu a conheci aqui na hora.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor tem registro do celular?

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Na sua memória tem registro do celular dela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Registro?

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - No seu celular está registrado o celular dela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Deve estar.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Então, quero que o senhor confirme se está?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor conhece ela desde quando?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu a vi algumas vezes no fórum de criminalística, em São Paulo, que nós nos encontramos mais de 300, 500 advogados que atuam diariamente lá, entendeu? Eu me encontrei com ela lá algumas vezes, mas conversar e ter contato foi quando eu soube que ela era advogada do outro requerido, que não foi apresentado. Foi aí que nós fomos expulsos da sala...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não, aí... e o laço lá em São Paulo, o senhor a viu por acaso?

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Só um detalhe, só um detalhe. O senhor não foi expulso da sala, não. É a segunda vez que o senhor fala isso. O senhor não foi expulso da sala, a reunião foi transformada em fechada, reservada e, em razão disso, o senhor teve que sair. O senhor não foi expulso, não. É a segunda vez que o senhor fala isso. É a segunda vez que o senhor fala. Não vai falar mais isso não.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, o artigo... o Regimento Interno da Câmara inclusive me permitiria assistir à sessão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - De forma nenhuma.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Não permitiria não, senhor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Porque era reservada e, não, sigilosa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas não precisa...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Mas era reservada e não sigilosa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Toda reunião reservada é sigilosa. O efeito aqui é reunião reservada e reunião secreta. São 2 tipos diferentes de reunião, mas ambas são, são ...

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Eu quero saber se ele consegue o telefone da Dra. Cristina no celular dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ...são sigilosas e toda reunião reservada não precisa. Bom, V.Sa. já falou...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Vou ligar aqui. Só para concluir, excelência, então... fomos até o *shopping* onde foram feitas duas cópias. Eu fiquei com uma cópia. Saí e eles ficaram lá. A doutora que pagou inclusive as cópias do... Quando eu disse na mídia que ela pagou, não foi porque pagou para o Arthur, porque eu não vi ela pagar nada para o Arthur. Ela pagou o dinheiro dos 2 CDs virgens e mais o valor do trabalho da cópia. Eu pus no bolso e, como eu tinha viagem já marcada ida e volta, eu me dirigi ao aeroporto, e eles ficaram lá, porque ela dormiu aqui, ficou no... ele ficou inclusive de arrumar um hotel para ela. E eu peguei o meu táxi e fui embora inclusive junto com o Dr. Godofredo e o Dr. Raul Jungmann, que eu vi no avião.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Qual o telefone?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Vou pegar aqui.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor pegou o telefone dela aqui?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso, o cartão dela aqui.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas o senhor já tinha o *e-mail* dela em São Paulo, não era isso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, não. Pode olhar que não tem nenhum *e-mail* dela para mim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Vou pedir só para ele dar o telefone e, posteriormente, vamos seguir a lista de inscrições, senão vamos ficar debatendo muito tempo. Ele está com dificuldade. Enquanto ele tem dificuldade de achar, quero só dizer que no art. 48 do Regimento Interno diz: *"As reuniões serão reservadas a juízo da Comissão. As reuniões em que haja matéria que deva ser debatida com a presença apenas dos funcionários em serviço na Comissão e técnicos ou autoridades que esta convidar."*

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu me incluiria nos técnicos, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então....

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Nos técnicos judiciários.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor nunca foi convidado para ficar aqui, e o senhor sabe disso. O senhor sabe disso, porque o senhor argumentou e eu disse que aquela reunião, os delegados estariam responsáveis por falar com a Comissão e que o senhor não era advogado dos delegados, não era... não tinha nada a ver com a reunião. Então, o senhor tinha pleno conhecimento que o senhor não tinha possibilidades de ter qualquer cópia ou acesso às informações que foram dadas naquela reunião. O senhor não teria a menor possibilidade. Esse conhecimento o senhor tinha, porque foi informado que o senhor não tinha a possibilidade.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Sr. Presidente, pela oportunidade, V.Exa. fez uma afirmação de que ele fora informado pelo senhor de que ele não poderia ter acesso àquelas informações. Gostaria de ouvir dele se ele de fato foi informado por V.Exa., acredito em V.Exa. evidentemente, porque cai por terra toda a tese dele de que ele não tinha menor idéia de que ele não podia ter acesso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque ele... Exatamente. Na hora da reunião, ele não queria se retirar. Aí veio a Secretaria da Comissão, e eu disse: *"De forma nenhuma, ele não pode ter conhecimento do que vai ser tratado nesta reunião".* E a secretaria da Comissão foi lá e falou com ele, e ele foi embora.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sr. Presidente, apenas para registrar que ele tem gravado no celular dele o telefone da Maria Cristina: 9475-9200.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está bom. Vamos passar então às oitivas. O primeiro inscrito, a não ser que o Relator queira fazer uso da palavra, o primeiro inscrito é o Deputado Arnaldo Faria de Sá.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - O senhor conhecia a Maria Cristina de algum processo ou só de transitar no fórum da Barra Funda?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Só de transitar, Excelência.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Seu cliente não é também do PCC?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ele negou enfaticamente aqui que o fosse.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Não, estou perguntando...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Para mim também ele disse que não é, que não pertence a nenhuma facção. E aqui, na presença, onde participei da oitiva dele junto com os Srs. Deputados, ele negou enfaticamente que seja.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Quando foi pedido para o senhor ser retirado da sala, o senhor saiu pela porta da frente. Esse contato com o Arthur foi na porta do fundo. Se o senhor não conhece a Casa, como o senhor foi levado para a porta do fundo?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não fui levado, Excelência. Anteriormente, antes de começar a sessão, estava vazio o plenário, eu via que o pessoal atravessava de um lado para o outro, cortando caminho, inclusive para subir lá na Secretaria. Falou: *"Ó, você corta caminho aqui por dentro que tem duas saídas."* Como lá na frente estava lotado, cheio de gente, falou: *"Lá atrás tem cafezinho e tem água."* Eu vim e me sentei no cafezinho, mas junto com o Assessor Legislativo.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - E quem foi a primeira pessoa que abordou o Arthur, foi o senhor ou foi a Maria Cristina?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Olha, eu não lembro em que momento, não posso falar por ela. Eu sei que eu conversei com ele, perguntei: *"É você que vai me fornecer a cópia que eu solicitei ao Secretário, é você que grava?"* Ele falou: *"É."* Falei: *"Como é que faz para ter a cópia?"* Ele me passou o telefone dele e pediu meu cartão e eu forneci. Agora quem abordou primeiro não sei, Excelência.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Arnaldo, um segundo. O secretário disse para o senhor procurar o funcionário do Som?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, não disse para eu procurar, não disse para eu procurar.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Então, como o senhor perguntou para ele se era ele que ia lhe fornecer, que o senhor tinha conversado com o secretário?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Porque ele que vinha gravando, ele que...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Então, o senhor, por conta própria, disse, perguntou se era ele que lhe forneceria a fita que o senhor não adquiriu lá em cima?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso, exatamente, exatamente.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Quanto a Maria Cristina pagou pela fita?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não vi pagamento algum, Excelência.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Na loja foi de graça, então?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Na loja, não. Na loja ela pagou os dois CDs e o serviços da cópia, que não sei se foi dezoito e alguma coisa, porque foi ela que pagou inclusive. Deve estar filmado lá.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Temos a imagem do senhor entrando no *shopping*, o senhor está ao lado dela.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso, estávamos os 3 no táxi.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Então, a conversa toda daqui até lá, qual foi a conversa?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A conversa foi o que o rapaz omitiu, e o Deputado Neucimar o acordou, porque ele comentou conosco que alguém ouve aqui tudo que é dito, porque ele comentou no caminho do restaurante até o táxi que os Deputados estavam imputando a todos os advogados, não só eu ou ela, todos da OAB, que os advogados é que lavavam dinheiro neste País. Que o dinheiro entrava na conta do advogado, eles compravam imóveis e esse dinheiro ficaria limpo. Eu não teria como ter acesso a isso, porque a fita nem teria sido gravada.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Espera um pouquinho, espera um pouquinho. Quando a sessão é reservada, o técnico de som não conhece o áudio que está sendo divulgado aqui dentro.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Foi questionado ao Arthur aqui, na oitiva dele.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Não, não, não. Espera um pouquinho, espera um pouquinho. Quando a sessão é reservada, o técnico de som

tá lá dentro, mas ele não ouve o que está sendo falado. Ele só sente o sinal de gravação e não gravação.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Mas tá aqui na oitiva dele que ele entrou... o próprio Deputado dizendo que ele entrou várias vezes.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Eu perguntei, ele falou que pode ouvir.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ele entrou várias vezes aqui no plenário. E ele comentou isso conosco sim. Então, ele mente também. Ele não é todo esse santinho que ele tá querendo pintar. Ele comentou conosco, aí nós demos risada. Eu falei: *"Doutora, tá à disposição o meu sigilo bancário, eles vão ficar com dó, vão depositar alguma coisa na minha conta".* E eu não tenho ligação nenhuma com partido, com nada. Minha conta, abro todo meu sigilo bancário. Está aqui à disposição. Comentei dando risada, porque ele comentou a informação. Como é que eu poderia saber disso antes dele ter feito as cópias a caminho do *shopping*, como foi inquirido aqui na oitiva dele?

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Ou o senhor ou a Maria Cristina é o culpado nessa história. De quem é a culpa? É sua ou da Maria Cristina?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não tenho culpa nenhuma, Excelência.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Então é dela a culpa?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não sei. Eu estou respondendo pelos meus atos. Eu não cometi nenhum ilícito, não cometi nenhum crime.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - E essa fita que foi repassada para o PCC. Quem repassou? Foi o senhor ou foi a Maria Cristina?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não repassei, porque eu não tenho cliente do PCC.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - O senhor esteve com o Leandro aqui, pô!

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Mas ele negou, Excelência, que fosse do partido. O cliente chega no meu escritório, a família vai me procurar, eu não pergunto de qual facção ele é, se ele pertence a alguma facção, Excelência.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Quem contratou o senhor para ser advogado do Leandro?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A esposa dele.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Quem é a esposa dele?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não me lembro. É Fernanda, se eu não me engano. Não me lembro o nome agora. É Fernanda, está lá nos autos. Eu trouxe da outra vez que foi a oitiva dele, eu trouxe a pasta dele, Excelência. Hoje eu estou respondendo pelos meus atos. Eu não lembro. Foi a família que me contratou. Olha meu cartão de crédito, comprei a passagem em 6 vezes, eles vão me pagar em 6 vezes pela Gol, entendeu? Ele negou aqui enfaticamente que pertencesse, inclusive ele disse para mim que é inocente, que foi forjado no caso das armas. Ele falou aqui na CPI.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Onde é o seu escritório?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Em frente ao Foro de Santana, na Avenida Engenheiro Caetano Álvares, 651.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Além do Leandro, qual o outro bandido que é seu cliente?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Bandido? Eu sou criminalista, Excelência. Não cabe a mim julgá-los. Todos os clientes que vêm para mim, eu procuro fazer a melhor defesa possível.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - O senhor estava sexta-feira à noite em São Paulo?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sexta-feira à noite?

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Imediato.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Estava.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sábado o senhor estava em São Paulo?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Estava.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Domingo o senhor estava em São Paulo?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Estava.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Segunda-feira o senhor estava em São Paulo?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Estava.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - E o que o senhor sentiu quando viu todo aquele caos na cidade ocasionado por essa fita?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu senti que não era verídico, porque nada foi ocasionado pela fita. Tá aqui na própria oitiva. O Relator e o Presidente dizendo que nada que tem na fita desencadeou qualquer outra ação, porque inclusive está aqui dizendo nas notas taquigráficas, da oitiva do Leandro, um comentário entre o Dr. Paulo Pimenta e o Dr. Moroni Torgan, que é o seguinte, falando inclusive para o rapaz ficar tranqüilo que não tinha sido a fita que tinha sido desencadeada.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Hoje, hoje, o senhor tá sabendo disso, mas na sexta-feira...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu sabia, porque tinha a fita.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - No sábado, no domingo, já sabia de tudo?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu sabia que não era a minha fita que estava causando tudo aquilo. Nem fita, é um CD.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Me permite?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Pois não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Como é que o senhor sabia?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Do quê?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que não tinha sido aquele CD?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ué, porque o que estava, eu tenho o CD.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - E vou entregá-lo aqui. Eu sabia que estava...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. O senhor tinha escutado o CD?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É lógico, para ajudar na defesa do meu cliente, que sequer, que sequer foi ouvido ainda em São Paulo, foi interrogado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. O senhor, no início aqui da sua manifestação,...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Hã.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...o senhor usou a seguinte expressão: *"Eu inclusive tinha direito de ter essas informações, porque os delegados eram os condutores da prisão do meu cliente. E ter acesso a essas informações era um direito que eu tinha, uma prerrogativa constitucional*".

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exatamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor acha isso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Continuo achando.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor foi pegar, então, porque o senhor achava que o senhor tinha direito. É isso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, não fui pegar. Eu solicitei na Secretaria e subentendi que havia sido autorizado, porque o próprio técnico foi lá fazer a cópia comigo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. A Dra. Maria Cristina Rachado alertou o senhor de que sair da Casa com um funcionário e fazer essa gravação nas condições em que ela estava sendo feita poderia se constituir num crime, correto?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não me lembro dela ter alertado sobre esse fato.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor não achou estranho — o senhor, um advogado criminalista, uma pessoa experiente — que um funcionário da Câmara dissesse: *"Olha, eu vou conseguir a cópia pro senhor. Aí tu vai ter que pegar um táxi e ir no shopping tirar cópia, porque eu não posso tirar aqui dentro*". O senhor achou que isso era um procedimento de rotina do funcionário?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Rotina não, Excelência, mas a explicação que ele me deu — e também não sou tão experiente assim, porque eu tenho 3 anos de advocacia —, a justificativa que ele me deu foi justamente que tinha sido implantada essa memória eletrônica, e que aqui na Casa não tinha como passar de um leitor daquele CD para passar para CD.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - E eu aceitei como plausível a explicação dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A Dra. Maria Cristina nos afirmou que ela lhe alertou.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, eu desconheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ela chamou a atenção do senhor e lhe disse: Dr. Sérgio, o senhor tem certeza disso que o senhor está fazendo?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Mas, por que eu fazendo se ela estava junto também? E só imputaram a mim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas nós queremos entender exatamente isso, Dr. Sérgio.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor estava lá no restaurante com o rapaz, com o Arthur.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí ela chegou lá.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Chegou, porque já havia combinado também de ir para fazer a cópia...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ela tinha combinado com quem?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Com ele. E eu liguei para ela e lhe falei: *"Olha, já estou aqui com ele, vamos lá fazer a cópia*".

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor está dizendo que a Dra. Maria Cristina tinha combinado de obter as cópias. Mas doutor...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim, as filmagens mostram isso aqui atrás, Excelência.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas por que ela pegaria as cópias se não tinha nenhum cliente dela sendo ouvido?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É justamente por isso. Porque, no requerimento aprovado, foi aprovado para ouvir o cliente dela também, que não foi apresentado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, doutor, mas o depoimento daquele dia não dizia respeito ao depoimento dela.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Mas eles queriam fazer a ligação do meu cliente com o cliente dela. Queria que ele afirmasse aqui que ele fosse de alguma facção, o qual ele negou. Isso serviria para ajudar o cliente dela, segundo ela. E eu autorizei que ela tivesse acesso à cópia do meu cliente também.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor autorizou que ela tivesse uma cópia do depoimento do seu cliente?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exatamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pô, mas pro senhor autorizar alguma coisa o senhor teria que ter a posse dessa informação.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu subentendi, Excelência, que eu também estava...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Autorização preliminar da Comissão.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor disse o seguinte: *"Eu autorizei que a Dra. Maria Cristina tivesse cópia do depoimento do meu cliente*".

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, partiu do senhor a autorização para que ela também recebesse uma cópia.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Que ela já havia feito o pedido também na Secretaria e já havia feito o pedido na mesa aqui na hora. Nós 2 fizemos tanto lá quanto aqui. E foi-nos dito que seria fornecida a cópia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

Permita, Deputado. Eu quero que o senhor reconstrua para nós aqui o que aconteceu após o final de sessão? O Arthur estava te esperando, o senhor tinha combinado com ele, como é que aconteceu o episódio?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, eu já...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu quero ouvir de novo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, eu tinha sido abordado, eu abordei ele aqui...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tinha sido abordado ou o senhor abordou, o senhor não sabe.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É. Não me lembro, as fitas falam por si, Excelência. Isso é detalhe.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por falar em fitas por que o senhor negou na televisão que o senhor tinha ido ao *shopping*?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu neguei?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Negou.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eles editam. O que eu falei... não fizeram complemento do que eu disse.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, foi feita uma pergunta pro senhor, pelo repórter, e o senhor afirmou que o senhor não tinha ido a nenhum local depois que o senhor saiu da Câmara. O senhor tinha se dirigido direto ao aeroporto. Eu vi a sua manifestação na televisão.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O senhor viu depois a outra entrevista coletiva?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vi.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu retificando aquela?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, eu quero dizer por que o senhor mentiu na primeira vez?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não menti; eu omiti. Eu omiti a informação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por que você omitiu?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Para não ficar dando — como eu expliquei lá, eles não colocaram no ar —, para que eu não ficasse dando explicação individual para 30, 40 veículos de comunicação. Meu patrono... nós requeremos uma coletiva onde eu expliquei tudo. E essa parte não colocaram.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim. Quero saber o seguinte: a imprensa lhe perguntou aonde o senhor tinha ido depois que saiu da Câmara. O senhor disse: *"Eu fui direto para o aeroporto, não passei em nenhum local*". Aí o senhor foi avisado: *"As imagens do shopping mostram que o senhor esteve lá*". Aí o senhor mudou de versão, por quê?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não mudei de versão, Excelência; é que na hora não era conveniente, para mim, para eu falar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não era conveniente por quê?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Porque o foro conveniente é aqui. Aqui que eu vou me explicar, aqui que eu vou me defender, e aqui que eu vou provar minha inocência..

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, o senhor omitiu que tinha ido ao *shopping* por conveniência?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Por conveniência. Estratégia de *marketing* e de defesa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Estratégia de defesa.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É. Lá, na coletiva, eu expliquei por que omiti e, eles cortaram da edição. V.Exas estão cansados de falar alguma coisa e eles invertem.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, o senhor está...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não tenho experiência com a mídia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. Então, relate para nós, para o Deputado poder voltar à oitiva. Aí, no final, o senhor abordou ele, ou ele abordou o senhor, no final dos trabalhos aqui, e o que aconteceu?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ele me disse que iria guardar o material dele lá em cima; confirmar a autorização com o chefe dele; e que eu poderia encontrá-lo. Aí eu falei: *"Mas onde eu te encontro, que eu não conheço aqui, eu vou me perder nesses corredores*". Ele falou: *"O senhor conhece aonde doutor?*" Eu falei: *"Almocei no restaurante da Câmara, e sei voltar até lá*". Então, me encontre lá. E eu encontrei com ele lá. Acho que, se eu não me engano, deve ter uma ligação do meu celular para o celular dele, a única. Liguei para ele e nos encontramos lá.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Para quê?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A fim de fazer a cópia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas o senhor não disse que combinou com ele de se encontrar no restaurante?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí o senhor ligou para ele para quê?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, eu combinei no telefonema.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor disse aqui o seguinte..

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu estou dizendo, não...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutor, eu estou perguntando, o senhor responde. O senhor disse que abordou ele aqui, ou ele lhe abordou.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso. As fitas falam por si.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo? Que ele disse para o senhor: *"Eu vou até à Secretaria..."*

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Vou guardar meu material de trabalho...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - "...*guardar meu material e lhe encontro no restaurante*.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, eu falei: *"Eu te encontro no restaurante".*

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu liguei para confirmar*: "Você vai descer no restaurante?"*. *"Vou".* Desci. Encontrei com ele lá, a doutora chegou, nós fomos, pegamos o táxi, fomos até à loja, está tudo filmado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu estou, eu estou, eu estou...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso é irrelevante.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu estou perguntando, doutor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso é irrelevante.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu estou perguntando, doutor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso é irrelevante.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor aguarde eu perguntar, o senhor responde.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso é irrelevante.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não é irrelevante, quem sabe se é relevante ou não somos nós. O que o senhor fez durante esse tempo que o senhor ficou esperando ele ir lá em cima e voltar?

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sr. Relator, Sr. Relator, pedir licença a V.Exa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Com todo o prazer.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Depois que terminar a sua pergunta, passar para o Deputado Josias Quintal que eu vou até o Plenário, está havendo votação nominal. Depois eu termino.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O que o senhor fez?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não me lembro, Excelência. Os detalhes eu não lembro. A primeira vez que eu estive aqui, esse monte de gente, de personalidades, de imprensa, eu não me lembro, Excelência, as fitas falam por si. O que eu fiz foi obter a cópia, achando que tivesse sido autorizado, de um modo legal,

não paguei ninguém, não corrompi ninguém, entendeu, não divulguei e guardei comigo, está aqui.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor combinou com ele que ele teria algum ganho financeiro pelo que ele estava fazendo para o senhor?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Jamais, jamais. Pedi para... isso deve mostrar a fita no *shopping*, saímos juntos, se mostrar, eu pegando táxi, eu fui embora, eles ficaram lá, daí para a frente não sei o que aconteceu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por que razão o senhor ligou para a Dra. Maria Cristina encontrar você no restaurante?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Porque ela também queria uma cópia da fita.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual era o seu interesse em proporcionar que ela também tivesse uma cópia da fita?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ela me pediu: *"Doutor, posso ter uma cópia para ajudar na, na, na, na defesa do meu cliente?"*. Eu falei: *"Sem problema, se for autorizado para mim pode ser autorizado para a doutora",* porque eles queriam fazer a ligação do meu cliente com o dela, e o meu cliente negou tudo. Para a defesa dela, do cliente dela, seria...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual era o cliente dela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu acho que é o Marcos Willians, né? Marcos Willians, que vai depor aqui?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É o cliente dela.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu creio que sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor já sabia disso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, fiquei sabendo aqui na hora. Na hora que foi transformado em reservada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor sabia que o depoimento ficou reservado porque os delegados podiam prestar alguma informação que pudesse, caso fosse publicizada, prejudicar a investigação a respeito do seu cliente ou do Marcola? O senhor sabia que foi por isso que a reunião foi reservada, correto?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu imaginei que sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mesmo assim o senhor buscou as informações que foram tratadas de maneira reservada.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Porque eu continuo achando, Excelência, que eu tenho direito constitucional de tê-las.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Relator.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pelo fato de que o senhor acha que o senhor tem esse direito, então o senhor foi atrás delas.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, eu fui atrás delas não, eu pedi, legalmente, autorização para obter as cópias e subentendi, após o funcionário dizer que ia confirmar, ia checar a autorização e desceu e se dispôs a ir até ao *shopping* fazer a cópia...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eram duas cópias de CD.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Duas cópias de CD.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Uma está com o senhor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Uma está aqui, que eu vou entregar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E a outra...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A outra foi dada para a doutora.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Foi dada para quem?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Para a Dra. Maria Cristina. As fitas provam isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Provam o quê?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Que foi dada uma cópia para mim e outra cópia para ela.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Uma cópia ficou com o senhor?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso, está aqui.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E a outra cópia ficou com ela.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim. Se ficou com ela, eu não sei, eu sei que foi entregue uma para mim e entregue uma para ela.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Entregue por quem?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Pelo Arthur, dentro da loja de som.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor voltou a ter algum contato com ela após esse dia?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Nenhum. Só agora depois que estouraram essas repercussões, essas, essas acusações infundadas.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, e aí? Depois que estouraram essas acusações o senhor teve contato com ela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Tive sim, tive sim, na sede da ACRIMESP.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quantas vezes vocês reuniram?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Umas duas vezes, umas duas vezes.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Combinaram esse depoimento?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Óbvio que não, óbvio que não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem certeza que o senhor a encontrou?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Que eu encontrei?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Com certeza, encontrei no escritório do Dr. Ademar.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Relator, vamos pedir para ele ler para a gente a última ligação que ele recebeu no celular dele, agora à tarde. Qual foi o último número que o senhor recebeu, uma ligação?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Agora à tarde?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Agora. Vice-Presidente, podia ver o número para a gente?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É 7446 02 67. Minha mãe, que está lá preocupada e assistindo a essa meleca aqui.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O anterior?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Minha casa, 9217 86 54, que tá grampeado já.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Sr. Presidente, acho que esta Comissão merece o respeito no sentido de não permitir que o advogado trate isso aqui como sendo uma meleca.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, meleca da minha parte, Excelência.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Ah, de sua parte. Agora concordo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu me meti numa meleca que não tinha nada a ver com isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual é a meleca que o senhor se meteu?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Nessa, nessa enroscada, um erro...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual é o erro?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Oi?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual é o erro?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O erro?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O erro.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O erro foi não ter pego uma autorização formal, que hoje eu não estaria aqui, para obter a cópia do meu cliente, que eu acho que eu tenho direito.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor considera, então, o fato de ter ido até o *shopping* um erro, então?

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Sr. Relator...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vou passar para o senhor agora, Deputado.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não. Não de ter ido ao *shopping*, não ter pego uma autorização formal.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor considera o fato de ter ido ao *shopping* um erro?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Uma ilegalidade?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Considera um procedimento normal?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Considero um procedimento normal.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Sr. Relator...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Um momento só. O senhor vai fazer a entrega do CD agora ou posterior?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Vou entregar agora. Vou assinar, pode periciar, passar no código de barra, lá, que vai constar que é da loja.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Esse CD, foi feita cópia dele?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Não?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A CPI recebe, passa para o Relator e para a Secretária. *(Pausa.)* Relator?

Com a palavra o nobre Deputado Francisco Appio. *(Ausente.)*

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Josias Quintal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Fez a permuta?

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Deputado Josias Quintal com a palavra.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Obrigado, Presidente. Dr. Sérgio, eu acho que a minha pergunta vai ser um pouco redundante, porque, a essa altura do depoimento, então, muita coisa está-se tornando repetitiva. Mas, como essa audiência é gravada e eu quero que esse ponto seja explorado, depois, na avaliação, no relatório, eu pergunto o seguinte: V.Sa., um advogado experiente, sabe que isso aqui é uma CPI, é uma Comissão Parlamentar de Inquérito.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Com certeza.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Sabe que existem procedimentos aqui que são gravados, existe um setor de gravação e que tem uma chefia, existe um setor que tem um chefe e existe uma hierarquia, uma subordinação de todos os atos praticados aqui dentro. O senhor, como advogado, sabe disso.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Com certeza.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - O senhor, quando solicitou ao Arthur o CD, o senhor, com toda sua experiência, sabia do caráter ilícito daquele seu ato. Correto?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, não sabia.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Como não sabia? Como obter uma gravação, uma cópia de um procedimento havido aqui dentro que não pela via legal, que não pela via formal?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Para mim, era, Excelência. Eu agi sem dolo. Para mim, era.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - O senhor age assim na Justiça? Quando o senhor quer alguma peça processual, o senhor as obtém na Justiça também desse modo ou o senhor peticiona ao Juiz?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Peticiono. Acabei de repetir aqui: o meu erro foi não ter pego uma autorização formal.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Então, o senhor admite, o senhor admite que tinha entendimento do caráter ilícito daquele ato?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ilícito, não, porque verbalmente eu subentendi que havia sido autorizado.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Mas como o senhor entendeu que havia sido autorizado?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu subentendi!

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Como um funcionário, um funcionário de segundo escalão, que não tem nenhuma outra função a não ser operar o equipamento técnico, poderia ceder-lhe essa informação e na circunstância em que lhe cedeu, dando um passeio, indo lá ao *shopping,* numa conversa altamente suspeita? Como o senhor não pôde perceber tudo isso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, o passeio foi, na realidade, porque aqui não tem equipamento para ler, porque, ele mesmo explicou na oitiva dele que esses equipamentos foram implantados aqui há poucas semanas. Então, a memória, que não tem um leitor aqui na Câmara. Ele falou: *"Tem que se deslocar até um local"*. E quando ele... eu já havia pedido para o Secretário na parte da manhã e... ao sair da cabine, ele falou assim: *"Vou até lá em cima guardar meu equipamento e vou confirmar a autorização"*. Eu liguei, ele falou: *"Tá confirmado. Me aguarda no restaurante",* alguma coisa assim, que eu me encontrei com ele no restaurante: *"Vamos se dirigir até lá?"* Eu fui, na boa vontade, na boa-fé, sem dolo nenhum!

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Por que o senhor não se dirigiu ao Presidente da Comissão e solicitou ao Presidente da Comissão?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Porque, encerrados os trabalhos, todo mundo vai embora! Eu não sei como é que faz aqui.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - O senhor tinha pressa na obtenção dessa fita?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Óbvio que não! Fiquei aguardando, fui ao restaurante, tomei café!

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Se não tinha pressa, por que não ter usado...?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu tinha pressa assim, porque eu tinha um vôo... Desculpe, Excelência, quer complementar a pergunta?

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Não, não, pode falar. O senhor tinha pressa?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, não tinha pressa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Só um momento, por favor. Primeiro, os Deputados que não votaram, está havendo votação nominal, então, devem ir lá votar. Segundo, o seu tempo de aparte já esgotou, Deputado.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Está bem, Presidente. Agora, Presidente, uma questão de ordem. Eu queria fazer uma ponderação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Os Deputados, todos eles, querem fazer perguntas. Então, eu fico observando que sobra muito pouco tempo para os Deputados fazerem perguntas. Os Deputados participam aqui do processo, da investigação. Então, eu tenho percebido... Ponderar a V.Exa. no sentido de que seja dada também mais oportunidade aos Parlamentares presentes aqui porque...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sem problema nenhum.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - ... a presença deles enriquece também os trabalhos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Inclusive, eu tenho seguido a lista de inscrição aqui, naturalmente.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sr. Presidente...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tem V.Exa. a palavra por mais 5 minutos, no máximo.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Eu quero saber do depoente quem lhe deu orientação regimental, quando disse que sabia o que tinha que ser e o que não tinha que ser.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Orientação regimental?

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - É, o senhor falou aí que o senhor tinha direito...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, essa aqui eu preparei agora, a lição de casa, eu fui ver ontem se eu havia incorrido em algum erro e, no meu entendimento, eu não incorri. É um direito constitucional ter acesso e o Regimento da Câmara diz que ...

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Mas onde o senhor achou?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA -... os técnicos podem ficar....

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Mas onde o senhor achou, o senhor achou?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - E eu me incluí nos técnicos.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Onde o senhor achou o Regimento?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - No *site* da Câmara Federal.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Quando o senhor acessou o *site*?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ontem.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Ontem?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É. Eu tirei uma cópia.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - E o senhor ouviu essa fita, esse CD quando? Em que local? E em que horário?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O CD...?

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - É.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu ouvi no outro dia seguinte, tanto que eu nem tinha pressa disso.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Onde? A que horas? E em que local?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - No meu escritório.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - E quem operou? Foi o senhor mesmo?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Não tinha mais ninguém que tinha operado?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu trabalho sozinho, Excelência, escritório pequeno.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - O seu cliente está preso onde?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Até na sexta-feira ele estava no CDP 2 do Belém.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - E em qual outro estabelecimento prisional o senhor tem clientes?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ah, tem vários, Excelência. Eles mudam. Nós não somos avisados. Eu tenho vários casos em andamento, uns 10 ou 15, e os sentenciados ou quem não tem sentença ainda... Quem já tem sentença, que eu cuido da execução, eles são remanejados ao bel-prazer da administração. Geralmente, quem...

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Pela última informação que o senhor tem onde o senhor tinha clientes? Em quais presídios o senhor tinha clientes?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Olha, eu tenho clientes em vários... Em... em...

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Quais? Cite alguns.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu tenho no CDP 2 de Belém; tenho no CDP 1, tenho em Franco da Rocha, tenho em Itirapina, em vários locais. Eles são transferidos. Tenho em Martinópolis, em vários, em vários... Eles são transferidos ao bel-prazer. A gente só fica sabendo no dia da audiência onde eles estão.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Eu quero saber quais.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não lembro de cabeça, Excelência. Eu tenho que pegar minha... Eu teria que trazer todo o meu porta-fólio e ver onde cada um está hoje.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - O senhor tem o porta-fólio dos bandidos?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, não tenho... Dos bandidos, não, dos meus clientes. Eu tenho uma pasta para cada um, de todas as ações, as petições, as coisas que eu faço.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - E qual a incidência criminal, o maior número de artigos de incidência criminal dos seus clientes?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É tudo coisa... São pessoas pobres que não têm nem dinheiro para pagar advogado.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Não, não. Qual a incidência criminal, artigo, o artigo, o artigo que... 155, 157?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É 155, 157, II, a gente faz de tudo.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - O que é o 155?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Um cinco cinco é furto.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - E o 157, o que é?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O senhor sabe, Excelência. É...

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Eu estou te perguntando: o que é o 157?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É roubo, é roubo.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Hã?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Roubo.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Roubo?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Então, o senhor defende 155, 157?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu defendo cliente, qualquer cliente na esfera criminal. Pode ser 171, pode ser um crime de corrupção ativa, passiva, é o cliente que aparece no meu escritório.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Tem algum latrocínio?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Graças a Deus, não.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Por que o senhor falou *"graças a Deus, não*"?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Porque é um crime mais infamante, que a mídia vem mais em cima, se for um cliente famoso. Depende. Eu não tenho, nem latrocínio, nem estupro. Até hoje não defendi nenhum nestes 3 anos de carreira.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Como o senhor se sentiu quando o senhor viu policiais mortos, quando o senhor viu inocentes mortos em razão de toda essa confusão da rebelião?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Olha, Excelência, isso aí é uma... é algo que tem que ser creditado ao Estado. Eu não posso... Eu me senti, lógico, eu me senti mal como cidadão, vendo policiais serem mortos, como também tem pessoas inocentes que foram mortas pela Polícia, conforme está nos jornais hoje, na mídia. Só que eu me senti muito mal, só que é... Minha consciência é tranqüila aqui. Eu não provoquei nada disso aqui, e essa fita aqui muito menos.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Quantas vezes o senhor ouviu essa fita?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu?

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - É.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu ouvi duas vezes.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Duas?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Duas vezes.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Acho que foi mais, hein?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu ouvi duas vezes.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Alguém... O senhor emprestou para alguém ouvir, então?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Tirou cópia?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Tem certeza?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Absoluta.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - A mesma que o senhor tinha quando disse que não foi no *shopping*?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É, tá aqui, ó. Já foi entregue. É a mesma, original. Pode checar o código de barra que vai bater com o código de barra da loja, o CD com o código de barra da capa, que eles fazem o leitor, deve constar o número ali. Pode fazer perícia.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - A Dra. Cristina disse que foi o senhor que conseguiu essa fita.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, ela diz o que ela quiser, Excelência. Eu estou aqui para me defender com a verdade, me prontifiquei, vim até aqui, estou expondo, estou assumindo meus atos, estou entregando aqui, não utilizei isso para nada, era só simplesmente para a defesa do meu cliente, e está aqui, ó.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - O senhor não disse agora, respondendo ao Deputado Josias Quintal, que reconhece que errou, porque não tinha autorização formal?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, ele queria me induzir a isso, mas eu disse que eu não errei, porque...

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Queria te induzir?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, ele estava querendo, inquirindo, estava me inquirindo para que eu dissesse isso, mas eu não disse isso. Eu fiz tudo com a melhor das intenções, sem dolo algum. Eu achei que o rapaz tivesse ido realmente confirmar o meu pedido na parte da manhã, e deve ter na fita gravada também eu conversando com o Sr. Manoel, por uns 20 minutos, no corredor. Eu achei, subentendi que havia sido autorizado. Não cometi dolo nenhum. Não cometi crime nenhum.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Isso é na sua opinião, não é?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência...

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Desculpa, mas tenho que usar uma expressão meio vulgar: o senhor não é “trouxa”. Está dando uma de trouxa por quê?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Olha, Excelência, eu não vou nem responder essa questão, Excelência. Me desculpe.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sr. Presidente, obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu agradeço ao Deputado Arnaldo Faria de Sá.

Com a palavra a Deputada Laura Carneiro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu vou tentar primeiro conhecer você, desculpa, o senhor. O senhor disse que é formado há 3 anos. Quantos anos o senhor tem?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Tenho 38.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor tem 38 anos. O que o senhor fazia antes de o senhor se formar?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Várias coisas. Trabalhava na iniciativa privada.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas em que área da iniciativa privada?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Vendas. Área comercial, de vendas.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Na área comercial. Quais eram as empresas?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, acho que isso não é relevante para o que está sendo investigado aqui.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É relevante, sim.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Vocês podem ...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor não vai...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Vocês podem investigar minha vida...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor me perdoe, mas quem faz a investigação somos nós, e eu tenho o meu jeito de perguntar. Eu quero que o senhor me responda, por favor, em que empresa o senhor trabalhou.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu trabalhei numa empresa que nem existe mais, que prestava serviços para a CESP, quando eu morava na cidade de Ilha Solteira e fazia faculdade na universidade federal, do outro lado do...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Isso quando foi?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Foi agora, nos últimos 3 anos aí.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, eu quero saber o que o senhor fazia antes. O senhor responde a alguma ação criminal? Alguma vez respondeu?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Já respondi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor respondeu ação criminal?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Que tipo de ação?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Que tipo de ação?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É, qual era o crime?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, vocês já quebraram meus sigilos todos: fiscais, bancários...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Gente, eu só estou fazendo uma pergunta. Se já..., não... Deputado Moroni, eu estou fazendo uma pergunta.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, me reservo o direito de não responder a uma questão particular.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas isso não é particular. Isso é absolutamente relevante para o trabalho que nós estamos fazendo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso aí eu não considero...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor responde ação judicial? É público...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Já respondi, Excelência.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Já respondeu ação judicial?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Já, já respondi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor pode dizer por que crime foi imputado?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Foi... Foi um carro que eu comprei e o carro era furtado e... Eu já estou inclusive reabilitado do crime. Fui condenado a 1 ano em regime aberto, isso 10, 15 anos atrás.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, o senhor foi... O senhor esteve preso, é isso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Nunca?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Nunca.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor só foi condenado a 1 ano, no sistema aberto...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Dois anos de *sursis*, regime aberto, cumpri e já... Inclusive já estou reabilitado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas isso foi quando o senhor era jovem?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quantos anos o senhor tinha? Eu quero só entender sua cronologia...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Devia ter uns 22, 23, por aí.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está certo. Depois disso, então... O senhor, com 22, 23 anos... Depois disso, o senhor resolveu... Aí o senhor começou a trabalhar na área comercial, é isso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor não quer dizer o nome da empresa...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A empresa até faliu já. Eu acho que não vai...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas só trabalhou nessa empresa?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É, exatamente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, o senhor trabalhou dos 23 aos 30...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não? Então, o que aconteceu?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Trabalhei como autônomo, uma série de coisas, Excelência.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas a gente... Eu quero saber a série de coisas.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não me lembro, Excelência.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor não se lembra. Está certo, tudo bem. Então, depois o senhor... Há quanto tempo o senhor resolveu fazer Direito?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sempre foi meu sonho.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim, e aí?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - E, aí, apesar de ter feito o primeiro grau em escola pública, na periferia de São Paulo, fiz o segundo grau também em escola pública. Por meus próprios esforços, estudei durante uns 2 anos apostilas, sem fazer cursinho e, via vestibular, eu entrei numa universidade federal.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então o senhor, durante 2 anos, portanto, mais ou menos... 38 menos 3, 35; menos 5, 30. É isso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, quando o senhor tinha 28 anos, o senhor começou a estudar sozinho...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Hã, hã.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ... com as suas apostilas...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Apostila de que escola o senhor fazia?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ah, Excelência, é irrelevante. De cursinhos, eu não lembro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas o senhor não tem que discutir o que é relevante para mim e o que não é. O senhor deixa eu perguntar.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não lembro, Excelência...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Como era irrelevante saber que o senhor está condenado num crime, meu Deus! É a minha... Presidente, por favor. Se o senhor puder garantir as minhas perguntas, eu lhe agradeço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - V.Exa. tem todo o direito de perguntar o que bem entender.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele pode dizer que não responde.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o depoente deve responder de acordo com a sua consciência.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Bom, então, aos 28 anos o senhor fez a sua... O senhor estudou através de apostilas...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso. Cursinhos aqui de São Paulo: Etapa, Objetivo... Vou fazer propaganda.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Faz mal não. Isto aqui é uma casa pública.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É? Então.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aí o senhor aos 30 anos entrou na faculdade, na USP...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Vou fazer outro curso na USP, mas foi na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Porque Ilha Solteira...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Universidade Federal do Mato...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - ... fica do lado de cá do Rio Paraná, é só atravessar o rio para o lado de lá é Mato Grosso do Sul.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aí o senhor se formou em Mato Grosso do Sul?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Como é que o senhor foi parar de volta em São Paulo?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Porque eu morava em São Paulo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor só foi lá passar os 5 anos de faculdade?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, sempre morei no Estado de São Paulo. Ilha Solteira pertence ao Estado de São Paulo, Excelência.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim, mas a universidade que o senhor cursava...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Do lado de lá do rio.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim. O senhor morava então em Ilha Solteira?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sempre morou lá?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quando é que o senhor se transferiu para a cidade, para a Capital?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Quando terminou o meu curso, em 2003, eu retornei para São Paulo, fiquei uns 13, 15 dias na casa dos meus pais, adquiri o apartamento em que eu moro até hoje na periferia pelo Sistema Financeiro de Habitação, que vale uns 35 mil reais, e moro nele até hoje.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Agora, durante o período que o senhor ficou em Ilha Solteira, o senhor trabalhava em quê? Como se sustentava para poder estudar?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu era gerente comercial dessa empresa terceirizada, como essa Ad Service aqui, *q*ue presta serviços terceirizados

para a CESP e para a CETEPIA, a companhia de transmissão de energia e a companhia de geração de energia.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, o senhor trabalhava nisso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Na área comercial nessa empresa, que não existe mais. Chama-se Líder Bem. Não existe mais. Procure na Junta Comercial, deve ter.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, o senhor começa a trabalhar em São Paulo?

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Deputada Laura, ele falou que mora na periferia de São Paulo. Pergunte a ele qual é o bairro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Em que bairro o senhor mora na periferia de São Paulo?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Brazilândia.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Brazilândia. Bom, aí, o senhor começou a advogar e conheceu....

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Bom. Vamos continuar. Aí o senhor continuou morando, enfim, continuou trabalhando, começou a advogar...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim, passei no primeiro exame da Ordem.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Claro. O senhor começou a advogar e... Como é que o senhor conheceu a Dra. Maria Cristina?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Aqui. De vista, eu já tinha visto ela no Fórum, essa quantidade de advogados ou mais que transitam lá todos os dias nos corredores. De vista...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - De vista, várias vezes, mas só a conheceu aqui?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Aqui.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Agora, o senhor me faz uma... Pode ser que o senhor tenha essa atividade, quer dizer, que o senhor faça assim, eu não faço. Cada uma das pessoas que o senhor conhece, o senhor cadastra o telefone celular dela no seu telefone? Na verdade, foi uma visita casual.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência...

O SR. DEPUTADO LUIZ CARREIRA - Não, eu só estou perguntando se é seu costume cadastrar no seu telefone celular todas as pessoas, ou advogados, ou pessoas, cujas quais... Então, é costume do senhor registrar no seu celular pessoas que o senhor acabou de conhecer, que foi o que aconteceu?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não foi uma simples coincidência porque, depois desse rolo todo que teve, eu me encontrei com ela no escritório do Dr. Ademar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, espera aí. Vamos continuar. Depois disso tudo que aconteceu, vocês se encontram no escritório do Dr. Ademar. É isso? Vocês marcaram de se encontrar no escritório do Dr. Ademar?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, não marcamos de nos encontrar, Excelência. Eu estou dizendo que nós nos encontrarmos ocasionalmente, porque eu procurei a ACRIMESP, fiz a minha defesa perante o Conselho, o doutor se propôs a me defender. Ela procurou o escritório também e, por acaso, eu estava lá também vendo os fatos, dando a coletiva, as coisas todas, nós nos encontramos lá. Nós estamos os dois sendo acusados da mesma coisa. É normal que os dois conversassem.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas a informação que ela nos deu não foi essa. A informação que ela nos deu foi a de que ela procurou um advogado, e era tão caro, que ela resolveu fazer sua própria defesa.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - E qual advogado? Ela disse?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, não disse por acaso.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Ademar Gomes. Ela falou.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ela disse?

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Disse. E agora ele está dizendo que o Ademar não está cobrando nada.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Pois é, eu quero entender por que... Bom, eu não tenho por que entender. O advogado faz o que quiser dos seus honorários. Bom, essa pergunta não vou fazer, Deputado Arnaldo, porque fere a minha formação. Bom, continuando: então, por isso o senhor registrou o telefone dela no seu celular?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor, antes disso, nunca telefonou para ela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Antes de quando?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Antes da sua reunião com o Dr. Ademar.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Até antes de encontrá-la aqui no dia dos fatos, no dia 10 — vocês já quebraram o meu sigilo —, não tem nenhuma ligação para ela no escritório.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, depois disso.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Depois disso? Depois que estourou esse escândalo na mídia?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Dia 10, 11,

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, 10, 11, não. Só depois que estourou esse escândalo na mídia, que foi na quarta que eu estava no Fórum trabalhando e fiquei sabendo, se não me engano, na quinta ou na sexta que eu conversei com ela pessoalmente, não me lembro de ligação nenhuma.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas, olha, o senhor disse... Bom, agora também é tanta falação que já não me lembro se foi o senhor ou se foi ela, mas um dos dois disse... Aliás, foi o senhor sim que disse que a avisou que estava no restaurante, para ela ir ao restaurante.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ah! No dia dos fatos, sim. É óbvio.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Por isso que eu falei: dias 10 e 11.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Tem uma ligação minha, do meu celular, 81020057, para a doutora, e tem uma ligação para o celular do Arthur. Só.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor disse logo no começo que o requerimento do Marcola era para a oitiva dia 10.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O requerimento foi aprovado junto com o do meu cliente no dia 3. Acho que mais uns 15 requerimentos.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim, o requerimento foi aprovado. Não significa que a reunião era no dia 10. O senhor que avisou a D. Maria Cristina...?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Óbvio que não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não foi o senhor?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Óbvio que não. Eu estava na sala do Dr. Rui, na 5º Delegacia, Roubo a Banco, acompanhando o meu cliente desde o dia 1º. Na segunda-feira, acho que dia 8, ele chegou e falou assim: *"Olha, seu cliente vai para Brasília porque ele foi intimado a comparecer, a prestar esclarecimentos"*. Eu avisei a família dele, ele falou: *"Não, doutor, a gente vai providenciar a compra no seu cartão, a passagem de ida e volta, que nós vamos te ressarcir"*. Foi o que eu fiz. Acompanhei o meu cliente aqui na oitiva dele. Simplesmente isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Uma última pergunta, até porque os outros Deputados também vão perguntar: o que o senhor acha que o Arthur Vinícius tinha como objetivo quando se auto-incriminou, dizendo que tinha recebido R$ 200,00 e que iria receber mais dinheiro pela venda ilegal da gravação da sessão reservada da CPI?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu acho o quê?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor acha que ele inventou isso por quê? Ele ia se auto-incriminar?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, eu não sei por quê, entendeu? Sinceramente...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, o senhor acha que ele está mentindo?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, no ponto do quê? Do valor? Para mim, ele não pediu valor, nem eu ofereci valor para ele. Nisso ele está mentindo, como mentiu que não tinha vazado a informação que foi dita aqui na sessão reservada, no caminho do restaurante até o táxi, sobre os advogados da OAB que lavam dinheiro em geral. Eu não teria como saber isso. Acho que a senhora mesmo inquiriu ele aqui, eu selecionei — entendeu? — na oitiva dele, e ele saiu...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, fui eu que o inquiri se ele ouvia ou não ouvia.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - E ele falou que ouvia, no táxi, e tal. Aí eu falei: Espera aí, como é que o senhor sabe disso, se eu que disse ao Neucimado. *'Eu gravei"*.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Deputado Neucimar.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É. Ele disse: Espera aí, mas isso aí eu disse na sessão reservada. Como é que você sabe? Aí ele falou: *"É que às vezes dá*

para escutar alguma coisa". E um outro Deputado disse: *"Você entrou várias vezes aqui na sessão"*. Então, isso ele vazou. Então, como ele mentiu nesse fato, ele pode estar mentindo em outro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, você acha que ele mentiu? Ele acabou com a vida dele, vai para o sistema de proteção à testemunha, foi demitido e mentiu?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Então, essa questão do demitido, eu não sei se é verdade, porque tudo o que disse a mídia deturpou, o que eu li na mídia em São Paulo, na Internet, é que ele já estava sendo investigado pela Polícia Legislativa aqui da Câmara, ia ser demitido. E é muito conveniente passar para ele de réu para vítima, para testemunha protegida. Isso no meu entendimento. Agora, se é verdade ou não, eu não sei. Eu não acho nada.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Bom, isso eu não posso dizer se estava ou não. De qualquer jeito, não pode ser para ninguém uma bênção entrar num regime de proteção à testemunha. Isso eu lhe garanto.

Obrigada, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agradeço à Deputada Laura Carneiro, Vice-Presidente da CPI.

Em permuta com o Deputado Francisco Appio, Deputado Carlos Sampaio com a palavra.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sr. Presidente, ele está com a transcrição na mão, o depoente. De quem é essa transcrição?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Que transcrição? São as notas taquigráficas tiradas do *site* da Câmara, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É da reunião pública.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Reunião pública, da oitiva do Arthur.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está bom. Deputado Carlos Sampaio com a palavra.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Dr. Sérgio, o senhor afirmou aqui hoje que, em chegando aqui, procurou pelo Sr. Manoel para entender como é que funcionava esse procedimento com relação à fita, até porque o senhor estava querendo exercitar de forma eficiente a defesa do seu cliente. E ele lhe informou que, ao final, ele poderia expor ao senhor como é que seria a melhor forma de

fazê-lo, até porque, naquele momento, a audiência ainda — para o senhor e para todos — era uma audiência pública. Isso é fato?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exatamente.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Em seguida, houve uma conversão de uma audiência pública para sigilosa.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - O senhor, como advogado, bacharel, formado numa universidade federal, consegue distinguir, pelo menos aos olhos de um cidadão comum, a diferença de uma audiência pública para uma audiência sigilosa? Como o senhor diferiria, esquecendo o aspecto de o senhor ser advogado, como o senhor difere uma audiência pública de uma sigilosa?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Olha, para mim, sigilosa é uma coisa; secreta é outra. Eu tinha feito o dever de casa e interpretei o §1º do Regimento da Câmara, em que diz que *"serão reservadas, a juízo da Comissão, as reuniões em que haja matéria que deva ser debatida com a presença apenas dos funcionários em serviço na Comissão e técnicos ou autoridades que esta convidar*". Eu entendi que as autoridades fossem os delegados. Os técnicos, eu me incluí nos técnicos. Eu sou um técnico jurídico que estava aqui assessorando o meu cliente. Não vi mal nenhum. É um direito constitucional. Inclusive eu tinha até pensado em impetrar um *habeas data* se me fosse negado.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Dr. Sérgio, deixa-me ver se eu entendi. O senhor é advogado, formado numa universidade federal...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - ... e incluiu-se dentre os técnicos do Judiciário.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim, da parte do meu cliente, não da Casa.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Mas o senhor sabe o que é um técnico do Poder Judiciário?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - É alguém que presta concurso para esta função junto ao Poder Judiciário. O senhor não prestou concurso algum. O senhor é advogado.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exatamente.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - O senhor integra as carreiras jurídicas, não é?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exatamente.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Então, se o senhor fez a tarefa de casa, perdoe-me a conclusão, fez uma tarefa equivocada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Posso fazer um adendo?

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Equiparar-se a um técnico do Judiciário que presta concurso, o senhor, um advogado formado, assusta até um aluno de Direito.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Aqui não diz técnico da Casa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputado Carlos Sampaio, posso fazer um adendo?

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Pois não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Inclusive fala: técnicos que esta Comissão convidar para assistir.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - E ele, pelo que soube, tentou indagar sobre o assunto...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E ele nunca recebeu nenhum convite. Inclusive, quando quis ficar, foi informado de que não deveria, não poderia ficar.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Formalmente informado de que não poderia ficar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Exatamente.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - O senhor sabe — e já foi dito pelo Relator aqui — que a Dra. Cristina colocou a culpa no senhor, no sentido de afirmar textualmente: *"Doutor, doutor, o senhor acha que isso é certo?".* Isso aconteceu?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ela colocou a culpa em mim?

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Disse exatamente que, quando o senhor estava saindo, juntamente com essa questão da fita, ela disse: *"Doutor, doutor, o senhor acha que isso é certo?".*

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Desconheço, Excelência.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Então, numa acareação com ela, obviamente o senhor manteria a sua versão?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É lógico.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - E a dela, portanto, não tem procedência?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É óbvio.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - O senhor afirmou que ela era advogada de um réu que não veio no dia e que, por essa razão, o senhor acabou se encontrando com ela aqui.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É, porque ela veio. Não era para ela estar aqui.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Eu sei. Mas de onde o senhor soube que ela era advogada de um réu que não veio no dia, se em momento algum o réu dela havia sido intimado ou qualquer notificação pública havia nesse sentido?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Porque justamente quando se transformou em reservada, foi dito que havia advogados do PCC — já fomos rotulados de início como do PCC — e que ela era advogada do Marcola. Foi dito publicamente na sessão, para que fosse votado para se transformar em reservada.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Nesse momento, então...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu tomei conhecimento de que ela era advogada do cliente que ela é.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Que ela era advogada de um cliente que não ia ser ouvido?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não sei, eu não sei. Eu respondo pelo meu cliente.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Eu sei. Mas o senhor afirmou aqui, por isso que eu achei estranho. O senhor afirmou que ela era advogada de um réu que não veio no dia em que era para ser ouvido. O senhor fez uma afirmação: que ele não veio no dia em que era para ser ouvido.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu imagino, Excelência, que todos os requerimentos que são aprovados uma semana antes..., as pessoas devam se apresentar no dia em que está marcado na pauta.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Mas está correto.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Só que no dia só vieram os 2 delegados...

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Não estava marcada a audiência do Sr. Marcola para aquele dia.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, eu sei, mas foi aprovado o requerimento. Então, por isso... Eu imagino que, por isso, ela apareceu aqui.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - O senhor acabou de dizer uma frase: *"eu imagino que quando existe a aprovação de um requerimento a pessoa tem de comparecer na data que está marcada*". O senhor fez um raciocínio correto. O do Sr. Marcola não estava marcado. Como o senhor sabia que ela estava aqui, apesar de o réu dela não estar aqui?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Porque foi dito na Comissão que ela era a advogada dele.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Foi durante, então?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Foi durante. Quando foram transformar de pública para reservada: *"Vamos transformar porque tem 2 advogados do PCC aí, inclusive a advogada do Marcola"*.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Foi nesse momento que o senhor se sentiu à vontade para procurar a advogada do PCC, para conversar, manter um diálogo com ela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não procurei a advogada. Nós somos...

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Até esse momento, o senhor não sabia o que ela era quem ela era? O senhor ficou sabendo aqui?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso. Tanto que...

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - E, a partir daí, trocaram cartões?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não trocamos cartões. Eu deixei cartões aqui na mesa, deixei cartões com o pessoal do café...

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - O senhor afirmou que trocou um cartão...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Troquei depois lá atrás. Quando nós fomos convidados a nos retirar da sala, nós ficamos lá atrás tomando café e água, sentados no banco, atrás. Foi aí que eu falei: "Doutora, a senhora é advogada do

seu cliente? Ele não veio? Não vai apresentar?", aquela conversa normal de todo profissional.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - O senhor, obviamente, estuda com afinco os casos dos seus clientes.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu faço o possível para defendê-los da melhor maneira possível.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - E o senhor deveria saber, portanto, que o Sr. Leandro estava sendo acusado, em que pese negar, de estar com posse de armas e justamente para promover a fuga do Sr. Marcola...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - ... coincidentemente, réu defendido pela Dra. Cristina.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, ele negou enfaticamente...

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Não, mas digo assim: o senhor sabia...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não sabia.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - ... desde quando pegou a causa qual era a acusação que pesava sobre ele.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sabia. Porte de arma.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Sei. E para o resgate do Marcola.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não. Quem disse isso?

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Isso o senhor nunca soube?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Soube pela mídia e pelo que está nos autos da prisão em flagrante.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Mas está nos autos...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Em conversa com o meu cliente, ele nega.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Mas, veja, se está nos autos da prisão em flagrante, o senhor teve conhecimento bem antes dessa data dessa audiência do dia 10, correto?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Desde quando o senhor... Então, coincidentemente ou não, o senhor já tinha lido que a acusação que pesava sobre

ele — e ele nega —, mas a acusação que pesava sobre ele era a de que, de fato, ele estava levando aquele armamento para promover o resgate do Marcola? Isso ele nega, mas isso o senhor soube pelo flagrante?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso é o que está nos autos do flagrante.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Isso. Então, o senhor já sabia há bastante tempo?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Com certeza.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - E, coincidentemente, o senhor se encontra aqui num dia com ela — a Dra. Maria Cristina —, advogada do Marcola, que é acusado..., a quem seu cliente é acusado de tentar resgatar. Apesar disso, antes o senhor nunca tinha se encontrado com ela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Nunca.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Apenas se avistado nos corredores do Fórum?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Nos corredores do Fórum, lá no Criminal.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - E quando o senhor se avistou com ela nos corredores do Fórum, o senhor, obviamente, por saber que se avistou com ela, o senhor falava: "Essa é a Dra. Maria Cristina"?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não. Os colegas às vezes falavam: *"Essa é a Dra. Maria Cristina"*.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Continuavam falando o quê? *"Esta é a Dra. Maria Cristina, advogada do PCC"?*

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, não, não.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Não, porque eu acho estranho...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - PCC não é entidade jurídica.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Veja, eu sou promotor de Justiça há 19 anos. Eu freqüento o Fórum. Correto, Dr. Sérgio?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O senhor sabe que os colegas comentam...

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Não, veja...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - *"Essa é a advogada, a Dra. Maria Cristina, esposa do Delegado Dr. Rachado".* Era essa a informação.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Ah, então a referência era com relação ao delegado?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exatamente.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Porque eu nunca vi alguém ou passar algum advogado, falar assim: "Olha, aquela é a advogada tal. Aquele é o advogado tal..."

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O doutor sabe que é praxe e ético...

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - ... sem completar a frase.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O doutor sabe que é praxe e ético. Entre os advogados ninguém vai fazer isso em público, principalmente.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - *O.k. (Pausa.)* Às 17h50, conforme foi dito aqui, o senhor ligou para ela dizendo que conseguiu a fita, não é?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, que o rapaz tinha subido para pegar autorização e que iria fornecer as cópias da fita.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Veja: o rapaz subiu para pegar autorização...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É, ele falou para mim: *"Vou subir e vou pegar autorização. Me aguarde, me ligue..."*

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Logo no início...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Liguei, me deu o telefone dele...

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Logo no início do seu...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - ... está gravado ali.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Logo no início da sua fala...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Hã?

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - ... o senhor disse que disse a ele que já havia uma pré-autorização do Sr. Manoel?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso, isso. Ele foi checar essa pré-autorização.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - O senhor não disse isso no início do seu depoimento. Depois, o senhor foi agregando fatos novos.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu disse para outros, para outros..., em outros depoimentos.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Não, eu estou aqui desde o início. Eu estou aqui desde o início.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Bom, Excelência...

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Eu quero dizer o seguinte: o senhor foi agregando fatos novos. No início, o senhor disse o seguinte: *"Eu disse a ele que havia pedido uma pré-autorização, que já tinha uma pré-autorização"...*

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso, isso.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - ... *"quando a audiência era pública".* Depois, mudou para secreta. Isso o senhor não comentou com ele?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ué, mas se ele está gravando..., ele tem mais experiência do que eu na Câmara, ele deve saber.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Que uma secreta é diferente de pública?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exatamente.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - E se é diferente de pública...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É, tanto que ele explica isso aqui...

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - E se é diferente de pública, Dr. Sérgio, deixe-me continuar, evidentemente, o senhor não poderia ter conhecimento dela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu continuo afirmando que...

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Porque se ele era um técnico e deveria saber que pública é diferente de secreta, V.Sa. deve saber que ele não poderia saber..., que ele deveria saber que aquilo que é secreto, divulgado não pode ser.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Como dizia a respeito ao meu cliente, eu continuo achando que é um direito constitucional ter acesso às informações.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Correto. O senhor já utilizou essa fita em alguma peça jurídica que o senhor formulou?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, estava transcrevendo ainda. Depois dessa situação toda na mídia, nem mexi mais com ela.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - O senhor disse que foi entregue, dentro do próprio local onde houve a degravação, no *shopping*, uma para o senhor e...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - ... e uma cópia para a Dra. Maria Cristina.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exatamente.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Ela colocou essa cópia na bolsa?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não vi.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Ela ficou com essa cópia na mão?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - As fitas devem mostrar que eu recebi a minha, pus no bolso e fui saindo, ele saindo atrás. Fui até na porta do *shopping*, peguei um táxi e fui embora.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Mas ela recebeu dentro da loja a cópia dela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exatamente, junto com a minha.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Ficou com ela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso. Ele deu uma para mim primeiro e depois deu a dela. Onde ela guardou eu não sei, Excelência.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - O senhor achou perfeitamente normal o proceder do Sr. Arthur? O senhor, um advogado, uma pessoa formada numa universidade federal...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não achei normal. Eu achei que, pelo motivo de ter sido implantado esse novo sistema de não disponibilizar os meios aqui na Câmara, e por eu subentender que havia sido autorizado e que ele foi checar a informação, eu achei normal, sim, que fosse uma cortesia.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Dr. Sérgio, eu confesso ao senhor que com muitas respostas que o senhor deu eu concordo, de outras discordo, mas algumas nos aviltam. Essa é uma delas.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, o senhor tem todo o direito de pensar...

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Uma audiência pública, uma audiência pública...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu estou falando a verdade. Vim aqui para falar a verdade.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Uma audiência pública, e o senhor vai conversar com o Sr. Manoel. Ela se torna privada, e o senhor vai com o técnico de áudio. O técnico de áudio se encontra com o senhor no restaurante...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Vai pedir primeiro autorização...

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Não, não. Isso aí o senhor está dizendo agora.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Então... Mas ele subiu para pedir autorização...

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Não, não.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - ... quando eu liguei.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Isso em momento algum foi dito, não é? E se o senhor consultou o Sr. Manoel é porque sabia que o Sr. Manoel era o responsável, não é?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu procurei o secretário da CPI.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Daí, quando se tornou secreta, o senhor procura o assistente de áudio. O assistente de áudio se encontra com o senhor no restaurante, saem juntos de táxi, vão para o *shopping*, fazem uma degravação. E dentro do seu direito constitucional de defender o seu réu, o senhor achou que ele, o Sr. Arthur, teve um procedimento adequado?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu achei...

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Ou seja, ele seria como que um advogado, junto com o senhor, do...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, eu achei que fosse uma cortesia. Tanto que eu não tinha nenhum dolo, que jamais... Eu não sou tão imbecil, tão ingênuo de ir a um *shopping*, onde eu sei que existem várias câmeras — e aqui dentro também, eu estou vendo todas as câmeras — se eu estivesse fazendo algum ilícito... Eu agi sem dolo algum, Excelência. O senhor é promotor de Justiça, o senhor sabe. Não existe dolo na minha conduta.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Não, o senhor está afirmando isso. Eu não sei. O senhor está afirmando. Por último, o senhor está afirmando aqui algo que, talvez, pretendendo evitar um entendimento, por parte desta CPI, de que houve

um conluio entre o senhor e a Dra. Maria Cristina, o senhor afirma que não combinaram, sequer, de se encontrar na ACRIMESP. Ou seja, também lá o encontro foi casual. Veja, às vezes, Dr. Sérgio, a verdade toca de forma mais favorável ao senhor, a esta Comissão do que a invenção. Se o senhor me dissesse aqui hoje: *"Não, quando soube pelos jornais que o meu nome estava envolvido e que o da Dra. Maria Cristina estava envolvido, imediatamente liguei para a Dra. Maria Cristina e falei precisamos falar ACRIMESP, para irmos à ACRIMESP para dar a nossa versão."* Agora, também, na ACRIMESP... Ela ligou para o senhor?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não. Eu procurei a ACRIMESP. Fui ouvido pelo Conselho e ela procurou a OAB. Na OAB orientaram ela a ir até a ACRIMESP, porque eles não iriam dar auxílio, tanto que ela veio sem advogado.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - E daí?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - E aí nós nos encontramos lá. Sim.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Ocasionalmente?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ué, a ACRIMESP é *(ininteligível.).*

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Olha, tem associação...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É a única entidade que se dispôs a nos defender.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Tem uma única associação do Ministério Público do Estado de São Paulo que tem mais de 3 mil associados. A do senhor tem quantos?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não me lembro. Eu não sou... não participo.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Por gentileza, o senhor saberia informar?

O SR. ADEMAR GOMES - Noventa e dois mil.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Noventa e dois mil. Na nossa tem, aproximadamente, 3 ou 4 mil associados. Eu não me encontro com colegas que gostaria de ver por anos a fio. Faz 19 anos que sou promotor. O senhor, que teve um caso diretamente envolvendo a Dra. Maria Cristina, encontrou-se com ela acidentalmente na ACRIMESP, uma associação que tem 92 mil inscritos?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Na ACRIMESP, mas os 92 mil não ficam lá no prédio.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - É evidente que não ficam. É isso que eu estou dizendo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Foi no escritório do doutor. Foi no escritório do doutor, que é Presidente do Conselho.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Também foi uma casualidade o encontro?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ela foi procurá-lo para que ele também...

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - E casualmente o senhor estava ali naquele dia.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu passei...

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - É disso que o senhor quer nos convencer?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Desde o dia que saiu na mídia, na quarta-feira, eu passei quinta-feira o dia inteiro lá, inclusive almoçando lá *(ininteligível.).*

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Dr. Sérgio, o que eu quero dizer ao senhor, se o senhor me permitir...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Passei na sexta, fiquei na segunda, ontem, o dia inteiro lá. Praticamente tentando...

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Dr. Sérgio, eu quero dizer para o senhor é que o inverso do que o senhor disse é que é o lógico. O lógico e compreensível é que o senhor procurasse por ela e ambos fossem à ACRIMESP. O inverso é que assusta a Comissão.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não tenho que procurá-la, Excelência, porque nós nos encontramos lá...

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Ocasionalmente.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - ... quinta-feira, porque eu estava lá para ser ouvido pelo Conselho, que é o Presidente do Conselho. Ela procurou também a ACRIMESP. Conversamos, sim, sobre estratégia de defesa lá no escritório dele. Como não? "*Doutora, vou falar a verdade. Vou entregar a fita.*" Isso, eu falei para ela. Entendeu? Agora, não combinar depoimento, nada *(ininteligível.).*

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - "*Vou entregar a fita*" quer dizer vou entregar o que aconteceu ou vou entregar a fita magnética?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não. Vou entregar o CD ROM que me foi dado dentro do *shopping*.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Ah, que a expressão fita também pode ser utilizada em outro sentido.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Desculpa, é que fita está muito na mídia. Fita não é fita, é CD ROM. Então, Excelência, eu... É uma associação de 92 mil filiados, só que os 92 mil não estão nessa situação em que eu me encontro ao mesmo tempo. E ele tem atendido vários e vários outros casos de profissionais que o procuram.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Satisfeito, Dr. Sérgio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Obrigado, Deputado Carlos Sampaio. Nós vamos passar a palavra ao Deputado Luiz Couto.

Antes, eu tenho uma pergunta. Eu gostaria de saber do senhor por que o senhor levou a Dona Maria Cristina junto no negócio da fita?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não levei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Como não levou?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não levei. Ela foi por livre e espontânea vontade, porque ela queria uma cópia do depoimento do meu cliente, para que a defesa...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas como que ela soube, se o senhor é que estava fazendo o contato?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não era só eu. Ela também. Vocês têm a fita, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Vocês dois estavam fazendo contato com ele?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ó, Excelência, ela tem as fitas aqui atrás, Excelência. Os contatos que foram feitos... E eu dei o cartão para o Arthur e ele me deu o telefone dela. Ela deu o cartão para ele...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E aí a reunião reservada do seu cliente o senhor deu para ela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim. Autorizei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Por que o senhor tem, tecnicamente, como profissional, um procedimento desse? O seu cliente diz que não é do PCC. O senhor, ao tomar essa atitude, o ligou ao PCC.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque deu o depoimento reservado dele justamente para a advogada do Marcola. Que profissional é esse? Que profissional é esse que dá o depoimento reservado do seu cliente para que o Marcola, o chefe do PCC, veja o seu depoimento? Que profissional é esse? Eu não consigo saber se o seu cliente, toda vez aqui diz *"eu não sou ligado ao PCC".* O senhor ligou ele ao PCC, ao dar o depoimento. Para que que foi? Para o Marcola ver que ele não tinha entregue o Marcola? É isso? Por que o senhor deu esse depoimento reservado do seu cliente ao Marcola? Por quê?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não dei para o Marcola, porque ele não estava presente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, o senhor deu ao representante dele, que é a mesma coisa.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Lógico que não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu nunca vi, nunca vi um advogado de defesa com essa qualidade que o senhor tem. Nunca. Olha que eu já atuo em CPI há 20 anos. Eu nunca vi alguém entregar o cliente de bandeja para o PCC como o senhor fez. Nunca vi. Eu não sei onde está a ética desse procedimento.

Com a palavra o Deputado Luiz Couto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Presidente, acho que nós não iremos muito tirar informações nem do Sr. Sérgio... do Dr. Sérgio, nem da Dra. Cristina. Acho que nós deveríamos concluir essa parte e partir para a acareação. Acho que a acareação vai mostrar uma série de contradições entre o depoimento da Dra. Cristina e do Dr. Sérgio. A primeira é que o Dr. Sérgio diz que foi ouvido pela Associação dos Criminalistas e lá, depois de ser ouvido pelo Dr. Ademar Gomes, ele gratuitamente resolveu aceitar ser o seu patrono. A Dra. Cristina diz aqui que não tinha advogado porque não pôde pagar o que o Dr. Ademar cobrou. Então, essa é a primeira contradição que tem de ser explicada. Ou seja, o Dr. Ademar está sendo

patrono do Dr. Sérgio gratuitamente, mas, segundo a Dra. Cristina, ela não pôde ter o advogado Dr. Ademar porque o mesmo cobrou, ou seja, e ela não podia pagar. O Dr. Sérgio disse que estudou em escola pública e também estudou em uma universidade pública. O senhor podia dizer o nome da universidade?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Pois, não, Excelência. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mato Grosso do Sul.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Padre...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Para auxiliar os trabalhos, eu queria, se o Dr. Ademar concordar — e ele pode fazer isso para auxiliar os trabalhos da CPI, apenas para nos... Seria uma opinião, digamos, abalizada, para dizer se efetivamente o senhor foi procurado pela Dra. Maria... Se o senhor quiser responder, senão, não é obrigatório, não; é apenas um pedido da CPI.

O SR. ADEMAR GOMES - Eu respondo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Isso. Se o senhor foi procurado pela... Se o senhor foi procurado pela Sra. Dra. Maria Cristina...

O SR. ADEMAR GOMES - Assim que aconteceram os fatos, através da mídia — se eu não me engano, quarta-feira, se eu não me engano, se não me falha a memória —, eu tomei conhecimento dos fatos, o Conselho pediu que eu entrasse em contato com o Dr. Sérgio e com a Dra. Cristina também...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O Conselho da Ordem?

O SR. ADEMAR GOMES - Perdão, Deputada, da ACRIMESP.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Da Associação.

O SR. ADEMAR GOMES - Para saber o que estava se passando, porque todos os casos que têm repercussão, onde envolvem advogados criminalistas, a ACRIMESP tem interesse em saber o que está acontecendo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Claro.

O SR. ADEMAR GOMES - Eu liguei para a Dra. Cristina por volta das 16h, aproximado, isso da quarta-feira, do dia em que saiu na mídia, assim que eu tomei conhecimento. Perguntei o que estava acontecendo, liguei no celular dela. Não, minto, liguei no escritório dela, depois contactei ela através do celular — se eu não me engano —, eu ou a minha secretária, e perguntei o que estava acontecendo,

porque interessa para a classe. *"Está acontecendo qual problema?"* E ela ficou de passar lá. Ela falou: *"Aguarda que eu estou indo para aí."* Isso, era por volta das 17h, talvez. Ela falou: *"Eu passo aí no teu escritório e falo contigo."* Incontinenti, ela... Esperei até 8h30min, 9h, talvez; ela não apareceu, tive outros compromissos, eu fui embora. Depois, eu liguei para o Dr. Sérgio, na casa dele, e perguntei o que estava acontecendo, qual o problema desse envolvimento, onde denegrir realmente a classe dos advogados criminalistas. Aí, ele me deu a sua versão. Ele, dizendo que isso não tinha procedência, que isso não tinha procedência. Aí, eu marquei com ele, se não me engano, e ele ficou de ir na ACRIMESP, no dia... na quinta-feira, na parte da manhã — da manhã. E, se não me engano, ele chegou lá por volta das 8, 9h, 9h30min — não me lembro o momento. Eu atendi o Dr. Sérgio e eu ouvi atentamente a versão dele. E entrei em contato com a Dra. Cristina, tentei falar com a Dra. Cristina. Não consegui falar com a Dra. Cristina até então, nesse momento. Liguei várias vezes e fui informado de que ela estava internada na UNICOR — UNICOR, se não me engano. Ela teve um problema de saúde, foi internada, mas que ela iria, incontinenti, assim que ela tivesse alta, iria falar comigo. Por volta das 17h, ou 18h — 18h, o Dr. Sérgio estava no meu escritório nesse momento ainda —, por volta das 18h, ela chegou no meu escritório, sozinha. Estava com a irmã dela lá embaixo, dizendo que estava na UNICOR, saiu por volta das 16h da UNICOR, ela saiu...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Por favor, tem um som extra aqui. Obrigada!

O SR. ADEMAR GOMES - Ela saiu da UNICOR às 16h e disse: "*Eu fui até a Ordem*". Falei: *"Mas como, você marcou comigo na parte da manhã aqui e você não veio! O que é que está acontecendo?"* Ela falou: *"Não, eu fui até a Ordem pedir uma assistência na Ordem". "Você foi ouvida?"* Ela me disse: *"Eu fui ouvida. Neguei os fatos".* Ela disse para mim, na presença, Doutor, dos meus assistentes ali. Eu disse: *"Bom, o importante é que você fale a verdade, porque da verdade nós vamos partir realmente de um princípio da sua posição real".* Isso, ela me disse naquele dia, por volta das 18h. E quando ela chegou, por uma coincidência, o Dr. Sérgio estava lá ainda realmente, no meu escritório, porque lá ele ficou. Eu tinha que ir ao banheiro, ou coisa parecida, e ela chegou. Eu até acredito que esse encontro não tenha sido marcado realmente, foi casual, porque ela, durante o dia, ela desapareceu. Para

mim, ela não telefonou, porque ela estava na UNICOR, segundo ela. Às 18h, o Dr. Sérgio estava lá. Subiu junto com ela até a minha sala. Conversei com os 2. Ela deu a versão dela. E eu pedi que, no dia seguinte — se eu não me engano, era na sexta-feira; foi na quinta-feira esse fato —, eu pedi que ela fosse lá na sexta-feira de manhã. E ela não apareceu na sexta-feira. Eu aguardei. Ela não apareceu. Tudo bem e tal. O Dr. Sérgio lá esteve novamente, foi quando eu marquei uma coletiva. Aliás, se eu não me engano, a coletiva foi na quinta-feira — se eu não me engano — , foi quando ela não compareceu. Foi quando ela não compareceu, que era para ir lá os 2 conversar e dar uma coletiva para a imprensa, enfim, expor o que estava acontecendo. Foi quando ela foi internada na UNICOR. E ele, sozinho, deu a entrevista coletiva, por volta das 15h, no meu escritório. Na sexta-feira, eu não tive contato... Não, tive, sim, contato com ela na sexta-feira. Ela chegou lá, à tardinha, ou na... Acho que foi à tarde. Não me lembro o horário, Excelência, que ela chegou lá, conversou comigo e ficou de voltar então na segunda-feira. E voltou lá segunda-feira, às 9h, abatida, realmente chateada com o que estava acontecendo, alegando inocência. Foram esses os fatos que aconteceram.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Obrigada, doutor. Mas o senhor... Só se o senhor quiser responder novamente. O senhor sabe dizer se o senhor cobrou ou também foi gratuito como foi com o Dr. Sérgio?

O SR. ADEMAR GOMES - Veja só. A princípio, a ACRIMESP tem uma norma que todo associado que estiver em dia com a tesouraria tem direito realmente a atendimento. Ela não tinha, ela estava com problema de inadimplência. E o Dr. Sérgio também, por sua vez. Os 2.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Os 2 estavam inadimplentes com a associação.

O SR. ADEMAR GOMES - Perfeitamente. Perfeitamente. E eu expus: *"Olha, realmente eu não tenho por que lhe atender*", e expus as razões do estatuto. E ela... Tudo bem, eu até dei um preço, de fato, para ela. Falei: *"Eu vou te cobrar "x".* E ela: *"Ah, tudo bem, vou pensar, vou embora"*. E não apareceu. Ontem, aliás, ontem, ela ficou de ir ao escritório ontem. Não apareceu. Ontem, ela foi cedo. Ontem, foi segunda-feira. Ela chegou lá por volta das 9h30min, 10h, mais ou menos. Foi quando eu dei o preço. Ela foi embora, não falou mais comigo, tal, coisa parecida. E o Dr. Sérgio voltou ao escritório expondo a situação dele. Eu disse, inclusive: *"Eu*

acho que a defesa de vocês vai ser realmente conflitante". Eu escutei um e escutei outro. Não entrei agora no mérito. Eu disse: *"Eu aconselho a você, Maria Cristina, você comparecer lá, pessoalmente, sem advogados. Não só você, Maria Cristina, como ele também".* Eu falei: *"Vocês podem ir lá, vocês são advogados, vocês vão se defender. Não tem por que vocês ficarem preocupados com essa situação. Falem a verdade, apenas a verdade. Relata o que aconteceu! Porque, segundo o que vocês estão me comentando, vocês não participaram de um ato de corrupção, vocês não deram dinheiro a ninguém, segundo vocês estão me contando. Então vocês vão sozinhos".* O Sérgio, ontem à noite, voltou ao meu escritório, implorou, pediu que eu o acompanhasse até aqui. Eu, de fato, não viria mesmo. Eu tenho compromissos no escritório. Mas ele foi lá, pediu: *"Doutor, pelo amor de Deus, me acompanha até lá. Se for o caso, futuramente, até acerto os honorários com o senhor. No momento, realmente, estou numa situação difícil, não tenho condição".* E eu.. A gente age muitas vezes pelo lado emocional, então, prontifiquei-me. Inclusive, através, hoje, com o Dr. Sérgio aqui, e a Maria Cristina não retornou à tardinha... Liguei para ela à noite, dizendo: *"Eu não vou te acompanhar; você vai sozinha ou você procura um outro profissional".* Foi isso que aconteceu.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Obrigada, Dr. Ademar, pelos esclarecimentos necessários à nossa investigação. Com a palavra o Deputado Luiz Couto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Durante o tempo que estudou na Universidade Federal de Mato Grosso, o senhor morou em Mato Grosso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, eu morava na... no campus de Três Lagoas. Fica do lado de Mato Grosso, porque 90% dos estudantes de Andradina, Araçatuba, da região ali...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Durante esse tempo, como é que o senhor sobrevivia?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Já respondi para Excelência e responderei com todo prazer para V.Exa. Eu era... Trabalhava no departamento comercial de uma empresa prestadora de serviço terceirizada da CESP e da CETEP, lá na cidade de Ilha Solteira. E a Prefeitura de Ilha Solteira disponibiliza ônibus gratuitos, são 9 ou 10 ônibus, porque toda a faculdade praticamente é de Ilha

Solteira, Andradina, Mirandópolis e Araçatuba. De Mato Grosso mesmo só tem o nome.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor disse que, na data em que o Leandro iria ser ouvido, o senhor chegou aqui mais ou menos às 10 e meia.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Dez e meia, 11 horas... Deve ter... As fitas provam isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É. Aí, o senhor foi lá na Comissão para saber...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Como funcionava.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO -...como funcionava. O senhor, antes de ter o contato com o Arthur, o senhor teve algum contato anterior antes de ele ser visto aqui?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Só após a reunião se tornar reservada e nós fomos retirados para a parte de trás é que eu vi, ele entrava toda hora no plenário e saía, entrava no plenário e saía, abria ali. Foi aí que eu fui perceber que ali tinha um monte de aparelhagem de som. Eu falei: *"É você que grava?" "É."* Eu falei: *"Olha, eu conversei com o Manoel e solicitei uma cópia porque o meu cliente inclusive não foi interrogado".*

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - *"Tem como conseguir?"* Ele falou: *"Olha, no final da reunião eu vou checar a autorização e te informo. Me liga."* Me deu o telefone dele e eu dei o meu cartão. Deve estar filmado isso aí.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, foi o senhor que procurou o Arthur ou foi o Arthur que lhe procurou?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não lembro agora, Excelência. Eu sei que ele tem o meu cartão e eu tinha o número dele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É importante o senhor lembrar isso aqui.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não consigo lembrar, Excelência. Minha vida caiu...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor disse que viu o Arthur passar várias vezes aqui?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ele entrava várias vezes no plenário.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, o senhor pelo menos disse: "*Esse rapaz que está passando aí deve ter...*" Como é que o senhor sabia que ele era a pessoa que gravava aí?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Porque ele saía de dentro da salinha ali e deixava tudo aberto, a porta. Até achei... Por isso que eu acho que tem alguma coisa a mais além disso aí, entendeu, Excelência?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Porque ele saía, tipo se insinuava, ele ia tomar café toda hora, ia toda hora pegar café. Só que eu não posso julgar ninguém nem vou fazer essa acusação contra ninguém.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só um aparte. Você, então, vamos dizer... Na tua análise, em função de tudo o que você ouviu, o senhor achou que ele tinha algum outro interesse por ter vindo várias vezes ao plenário, é isso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim, sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor acha que ele, na verdade, esperava receber uma recompensa por ter entregue a....

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Para mim, não. Eu nunca prometi recompensa nenhuma para ele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não. Ele esperava.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não sei, aí teria que perguntar para ele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Senão, o que teria demais, não é, Padre?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É. Dr. Sérgio, quando nós verificamos, o senhor disse que a sua ida para o *shopping* foi uma estratégia que o senhor montou para a defesa, para a sua defesa?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não entendi a pergunta, Excelência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, quando o senhor esteve lá, saiu daqui com a Dra. Cristina e o Arthur, a sua ida para o *shopping* teria sido uma estratégia de defesa?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Para o meu cliente, sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Para o seu cliente.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Para obter a oitiva dele, para que auxiliasse até para eu impetrar um *habeas corpus* com a íntegra do interrogatório dele, onde ele negou o crime imputado a ele, negou ser de qualquer facção, para que isso de alguma maneira pudesse auxiliá-lo, mesmo que eu pusesse um CD para o Desembargador ver.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas o senhor já sabia que o Arthur estava lá com a gravação e que iria...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim, sim, quando ele saiu daqui e disse que iria lá na parte de cima guardar o material de trabalho dele...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - ... confirmar a autorização que eu havia pedido, e que eu ligasse para ele daí a uns 10 minutos, eu liguei. Ele falou assim: *"Não, doutor, está liberado, me encontra em tal lugar que nós vamos em tal lugar fazer a cópia".* Eu agi sem dolo, Excelência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Mas o senhor falou o seguinte, que o senhor esteve com o Secretário Manoel Alvim...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... e ele disse que aquilo que era público o senhor teria...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, ele não disse que era público, porque até então era tudo público.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ele falou assim *"Não, não tem problema."*

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas aí é o seguinte: o senhor não achou estranho que um funcionário saísse aqui da Câmara, fosse lá para um *shopping*, procurou uma primeira loja, uma primeira loja...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não faziam, nós fomos em outra.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, o senhor adentrou essa loja juntamente com o Arthur?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A Cristina também estava presente?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Na que foi feita a cópia, sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Por que a Cristina disse que ela ficou olhando a vitrine, enquanto o senhor... Não, eu estou dizendo o seguinte, que o senhor teria entrado...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Os senhores sabem quem está mentindo porque os senhores têm a cópia.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Pela ordem, Sr. Presidente. Padre Luiz Couto, só um minuto, deixa eu só...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Espera aí. Olha...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Só um minutinho, sobre essa questão das fitas, Deputado Neucimar Fraga. Até é bom que o Deputado Moroni Torgan esteja aqui para ouvir. Eu acho que nós falhamos muito quando nós estávamos ouvindo o primeiro depoimento e que estava sendo transmitido ao vivo, e a pessoa que seria ouvida em seguida — e a nossa idéia aqui é fazer acareação daqui a pouco — tinha acesso a telefone e tinha acesso às informações que estavam sendo transmitidas pela TV e pela Internet. O Deputado, nosso Relator, Paulo Pimenta, foi quem repetiu insistentemente para a Dra. Cristina que nós tínhamos as fitas, nós tínhamos as imagens. Inclusive, foi transmitido também. E o Dr. Sérgio faz questão de relembrar isso para a gente. Portanto, a gente precisa também ter esse cuidado nos próximos depoimentos, onde nós não queremos que a segunda pessoa saiba dos detalhes do que foi discutido, ter cuidado com essa questão do celular. Porque ele mesmo, quando eu perguntei qual foi a última ligação que ele recebeu — e a gente depois, na quebra do sigilo, nós vamos saber —, ele se referiu à família, à mãe e, me parece, que à casa dele. Então, é muito fácil você passar essas informações. É tanto, que há tranqüilidade nas informações com que ele põe aquilo que ela já colocou aqui. A gente precisa ter esse cuidado nos próximos depoimentos que a gente quiser fazer acareação, porque senão o resultado é esse que está tendo aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A Secretaria da Comissão vai tomar as devidas providências nos próximos depoimentos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dr. Sérgio, a Dra. Cristina chegou a dizer...

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Permita-me, Sr. Presidente?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Pois não.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Legalmente, nós não podemos evitar que o advogado esteja junto com seu cliente, mesmo separadamente. Então, é um negócio, infelizmente, que é uma lacuna legal que temos.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não, Deputado Moroni, eu não estou me referindo ao advogado, estou me referindo à questão seguinte. Enquanto nós tomávamos o depoimento da Dra. Cristina, o Dr. Sérgio estava numa outra sala. Só que o depoimento da Dra. Cristina não estava sendo reservado para ele, porque estava sendo transmitido ao vivo, por vários canais de televisão, e ele recebendo ligações, inclusive. Então, se nós queríamos que, num momento como este, tivesse um resultado melhor, nós tínhamos que nos precaver.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Quem estava recebendo ligações era o advogado. E não há como proibir que isso aconteça.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Presidente, eu solicitaria de V.Exa., porque eu estou sendo bastante prejudicado...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Com a palavra o nobre Deputado Luiz Couto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... nas minhas questões, porque, a cada momento, eu tenho que parar, quer dizer, as informações que estamos colocando. Então, eu peço que ninguém mais intervenha, uma vez que eu sempre estou escutando e nunca vou intervir na fala de um Deputado, a não ser que ele me conceda esse privilégio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - É verdade. O nobre Deputado tem a palavra.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eu queria agora... A Dra. Cristina disse para o senhor que era advogada de Marcola, logo no início.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, ela não disse para mim. Os Deputados é que disseram...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas o senhor sabia.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - ... assim, em alto e bom som, que era ela.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor sabia.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Aí eu fiquei sabendo que era ela, porque...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, aí o senhor disse que tinha uma fita que era para saber da informação que o seu... que o Leandro teria. E o senhor dá essa fita para a Cristina. Ora...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - De profissional para profissional, excelência. Ela disse que auxiliaria... auxiliaria...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas Cristina, sendo advogada do Marcola, que o senhor já sabe, pelas informações, que ele está preso lá e ele se autoproclama como o chefe, como o general do PCC. O senhor não pensou que estaria colocando, ou seja, o seu cliente se tivesse dito informações... A que momento o senhor teve conhecimento do teor da fita?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, eu achei justamente ao contrário, porque a advogada dele, tendo acesso, vendo que meu cliente não tinha incriminado o cliente dela em nada, isso ajudaria o cliente dela na formação de quadrilha, que estavam querendo qualificar os dois.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo, mas o seguinte...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Foi de profissional para profissional. É, cortesia profissional.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor tomou conhecimento do teor a que hora? O senhor pegou a fita...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Quando eu cheguei em São Paulo, no outro dia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - São Paulo. São Paulo. Pois é, mas no outro dia, pela manhã, ou seja, o Marcola...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - No dia 11...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Já tinha a informação toda...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não sei.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E já, em teleconferência...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não sei.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Passava para todos os presídios...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso é a mídia que disse.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Todo o teor, não apenas da fala, porque não interessava para ele a fala do seu cliente, porque ele não disse nada, não disse nada. O que interessava para o Marcola eram as informações que foram prestadas pelos 2 delegados. Essa que interessava, que tinha informações privilegiadas. Então, na realidade, quer dizer, vamos colocar a informação do Leandro. E Leandro deve ter entrado em contado com o senhor, diz: *"Olha, eu não disse nada".* E também não disse nada. Eu até cheguei a avisar que ele estava debochando da gente, no que não dava qualquer resposta, porque ele não queria se auto-incriminar, e era um direito que ele tinha. Mas eu queria perguntar para o senhor, para concluir, aqui... Há um momento em que, na fala... na fala do Arthur, ele diz que vocês o abordaram atrás da cabina de áudio, onde ele trabalhava. Foram vocês que chegaram e disseram: "*Olha, vem cá, eu quero falar com você*."?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, Excelência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não foi dessa maneira. Ele saía e entrava toda hora do plenário, deixava a porta aberta da aparelhagem, ia tomar café do nosso lado, com os funcionários do cafezinho ali, entendeu? Nós perguntamos para ele: "*Você é quem faz as gravações? Você que está gravando?" "É*." "*Olha, eu solicitei ao Sr. Manoel o inteiro teor do depoimento do meu cliente, eu gostaria de ter acesso. É com você que eu falo, ou procuro com ele?"* Ele falou assim: *"Vou confirmar essa informação no final do..."*

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ele diz: *"Aí, lá atrás tem uns cafezinhos. Aí, toda vez que eu ia tomar ou um café ou água, eles",* aí eles é o senhor e a Dra. Cristina, *"eles me abordavam".* Por que tantas vezes abordaram o Sr Arthur? A primeira vez...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - As câmeras dizem o... Se pegarem as filmagens, vai ver quem está falando a verdade, Excelência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Há um momento inclusive em que a Dra. Cristina está sentada, o senhor de um lado e o Arthur também numa espécie de rodinha conversando. Conversando.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exatamente.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E não perto do cafezinho. Já era mais distante do cafezinho.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exatamente nós estávamos vendo como é que faríamos legalmente para ter uma cópia da fita.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, mas a fita, o senhor...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Que não fala nada em si, inclusive, Excelência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo, está bom, perguntando da gravação e tudo. Vocês queriam saber, é, queriam saber quando a luzinha estava vermelha, quando não estava. Vocês procuraram também.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, não dá nem para ver a luzinha, porque foi colocado um papel crepom pardo fixado, para nem se ter acesso, em ver as luzinhas, não se via as luzinhas, e mais 3, ou 4 funcionários legislativos tanto numa porta quanto na outra, com um cordão de isolamento.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Olha, o Arthur não sabia, ou seja, sabia que o senhor era advogado e a Dra. Cristina, mas saber o nome completo, Dr. Sérgio...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ele tem o cartão, Excelência. Ele sabe porque foi mandado ele ler aqui.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Porque vocês deram o cartão para ele?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Demos o cartão para ele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A que horas vocês deram o cartão para ele?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Lá atrás, eu não me lembro a que horas.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Tá bom.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - E ele... Se ele sabe o nome completo, foi porque foi pedido para ele ler aqui, porque eu li o depoimento dele integralmente, e ele não me acusa nenhuma vez de ter pago qualquer coisa ou oferecido alguma vantagem.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Muito bem. Aí tem o seguinte: *"Perguntando como eles conseguiriam a gravação." "O que que eles pediram?"* E você diz: *"Eu quero saber como é que a gente consegue essa gravação"*. "*Aí eu falei*: "*Quando se tornar pública." Porque em determinado momento vocês iam votar requerimento e a reunião ia ser tornar pública. Eles não entenderam muito bem o*

que era se tornar pública". Ou seja, conversa fiada, porque advogado sabe o que é pública e o que é privado. *"Eu falei que se podia requerer na nossa coordenação"*, o que é verdade. *"Se a reunião é pública, eles podem recorrer lá na coordenação e tudo bem"*. Aí é o que chama a atenção. *"Aí eles ficaram ouriçados com essa informação de que eles conseguiriam a gravação"*. Que tanto postura ouriçada de vocês que essa informação que o Arthur diz é verdadeira ou você... não, vocês não ficaram tão ouriçados assim?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, as fitas aí atrás mostram que ninguém ficou ouriçado, Excelência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pronto. Aí ele diz: "*Voltei a minha cabine e fiquei lá*." Aí, no caso, não é mais ela. É o senhor. *"Ele voltou e disse."* — aí, ele, no caso, o senhor, Dr. Sérgio —: "*Mas como é esse negócio de pública?" "Quando eu saí de novo, eu falei:" "Não, a reunião em determinado momento se torna pública." "Aí eles não entenderam muito bem o que era pública e falaram: "Essa reservada vai se tornar pública?"* Ou seja, havia um interesse do senhor de conseguir as informações que foram dadas em caráter reservado. O senhor, como para defender o seu cliente, o senhor queria ter isso aqui.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Com certeza.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E na realidade o que o senhor buscou não foi a informação pública, o que o senhor queria era a informação que foi prestada em caráter reservado?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, Excelência. Eu queria a íntegra do que foi dito ao meu cliente, porque eu continuo achando que é um direito constitucional meu e do meu cliente.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas por que o senhor queria saber o que estava sendo dito lá dentro? O senhor perguntou para ele: *"O que está sendo dito lá dentro?"*

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não perguntei, Excelência. Ele comentou, no caminho do restaurante para o táxi, algumas coisas que ele tinha ouvido aqui ou lá na cabine. Não sei de onde ele ouviu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputado Luiz Couto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Vou terminar. Vou terminar, ou o senhor vai me dispensar, porque intervieram tanto que me deixaram aqui... Termino já.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está bom.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Aí, o senhor ainda quis ficar sabendo de como funcionava aqui. Olha a gravação: *"Se está batendo no vermelho, é porque está muito alto. Eu vou e abaixo. Se está muito baixo, é porque algum participante não ligou o microfone. Por estar desligado, eu acho, que não se atenta".* Aí, diz: *"Eu fui várias vezes, 2 ou 3 vezes conversar com o Deputado Moroni. Falei: Deputado, tem que apertar aí. Não tive conhecimento do que estava sendo dito na reunião."* Mas, o seguinte... Mas no momento em que ele voltou de novo, aí vocês falaram: *"Ô, cara, eu te ofereço uma grana e tudo e tal."* O senhor ofereceu grana para o Sr. Arthur ir ao *shopping* tirar cópia da fita? Ele diz que vocês pagaram 200 reais, 4 notas de 50.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Vocês, não, Excelência. Ele não diz *"vocês".*

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Hein?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ele não diz *"vocês".* Em momento algum eu ofereci também. Estou com a íntegra, ele não diz *"vocês".* Diz *"ela*".

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, digo, no caso, ela. Ela colocou, porque o senhor disse que não tinha dinheiro. Quem pagou tudo ao senhor naquele dia, até o táxi, foi ela.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O táxi, o valor das cópias na loja, foi a doutora.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Aí, o senhor nega que tenha oferecido a ele qualquer compensação financeira.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Com certeza. Qualquer compensação financeira, Excelência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor acha que o Sr. Arthur iria se desgastar totalmente, iria perder o emprego e tudo mais, porque ele, num ato de generosidade, diz: "*Está aqui a fita para vocês, nem é preciso vocês irem lá na Comissão, eu entrego a vocês".* O senhor acredita nesse ato de generosidade do Sr. Arthur, ou tem mais coisas que o senhor sabe dessa relação com o Arthur, que o senhor não quer dizer?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, o único fato suspeito que tinha, e a explicação plausível que ele me deu, foi ter que se deslocar daqui até o

shopping. Só que ele mesmo fala no depoimento aqui que o sistema foi implantado há pouco tempo e não tem um leitor de CD. Foi a explicação plausível que ele me deu. Eu não tive dolo algum. Não ofereci dinheiro algum. Inclusive o conteúdo da fita, se o senhor me permite também ler, porque senão depois eu não vou conseguir... "*O Deputado Paulo Pimenta, conversando com o Presidente Moroni Torgan, diz o seguinte.* Eu li todo o depoimento, tanto do delegado Godofredo Bittencourt quanto do Delegado Ruy. Não há nenhuma referência a nenhum tema relativo a essa especulação que eu escutei de que teria possivelmente ocorrido como declaração de que qualquer um dos 2 delegados, afirmações de que os delegados poderiam ter dito que estavam planejando transferências. Não foi dito isso. Deputado Paulo Pimenta. Eu tive o cuidado de ler por 2 vezes a transcrição da reunião, e não há de parte do delegado Godofredo nem de parte do delegado Ruy qualquer referência, alguma coisa relativa a transferências, planejamento de transferências ou coisa dessa natureza. Daí a mídia, uma fita que obtive, achando que era por vias legais, uma autorização tácita, uma autorização verbal, sem dolo algum, daí a mídia me dizer que essa fita foi o que desencadeou tudo em São Paulo, Excelência, é uma balela. Da mesma maneira como esse rapaz está mentindo que foi pago 200 reais para ele. Não foi pago nada para esse rapaz. Não foi pago. Da mesma maneira que ele mentiu para o Deputado aqui, dizendo que não tinha vazado a informação de que os advogados lavavam dinheiro, porque não teríamos condições de saber isso no caminho, antes de degravar a fita, se ele não tivesse falado para nós. Então, esse rapaz mente também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Muito obrigado, Deputado Luiz Couto.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sr. Presidente, se ele diz que o rapaz não recebeu nada, qual é a disposição do rapaz de sair daqui e ir até o *shopping*, gravar e dar para alguém a fita?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E perder o emprego? *(Risos.)*

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - O que é isso? Ele está achando que somos trouxas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputado Francisco Appio. (*Pausa.)* Ausente.

Deputada Perpétua Almeida, em troca com o Deputado Bosco Costa.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Sérgio, desde quando o senhor conhece a Dra. Cristina?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Já respondi, Excelência. Eu a conheci aqui formalmente, conversei com ela aqui, no dia 10 de maio, e, de vista, nos fóruns criminais lá em São Paulo.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Como é que foi a conversa de vocês antes de embarcarem aqui para Brasília, de São Paulo?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Cheque a listagem do vôo e a senhora verá que eu vim sozinho.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Eu sei. Eu sei que o senhor veio sozinho. Por que ela não quis vir no mesmo vôo com o senhor?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Porque eu não tenho contato com ela. Eu não conheço ela. Não a conhecia até aquela data.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não foi o senhor que informou a ela o depoimento que ia ter na CPI?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Lógico que não!

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E indicou pela Internet qual era o *site* da Câmara?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Lógico que não. Doutora, ela tem 18 anos de advocacia, eu tenho 3. Ela acompanha a vida do cliente dela melhor do que eu. Ela advoga para poucos clientes, pelo que ela me disse. Eu tenho vários e recebo pouco. Ela recebe de alguns clientes só.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor não tentou combinar com ela para virem no mesmo vôo e ela se recusou a vir?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ah, pára, Excelência! Se ela disse isso, ela está mentindo. Não, eu vim sozinho. Fui informado pelo Dr. Rui, na sala dele, que meu cliente viria para cá. Inclusive brincávamos se iríamos no mesmo avião ou não. Eu vim no vôo sozinho, primeiro vôo da GOL, já comprei a passagem de ida e volta para o mesmo dia, o primeiro vôo que vem para São Paulo e o último que retorna, inclusive tendo retornado sozinho também, não voltei com ela. Voltei com o Dr. Godofredo Bittencourt e o Dr. Raul Jungmann.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor é batizado?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Oi?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor é batizado?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - No quê?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor conhece outra forma de batismo?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Conheço várias, de várias denominações.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Qual é a outra? Então me conte quais são as que o senhor conhece.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu prefiro não declinar sobre o meu credo religioso, Excelência.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas o senhor disse que conhecia várias formas.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Lógico, tem batismo no Candomblé, tem batismo espírita, tem batismo na Evangélica e tem batismo na Católica.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E no PCC tem?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não sei. Não sou do PCC. Teria que perguntar para algum deles.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Quem pagou a sua faculdade?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ninguém, Excelência. Se a senhora prestasse atenção, foi pública.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Eu estou prestando atenção, só quero que você responda.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, foi pública.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - A sua faculdade pública, o senhor fez onde?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, acabei de responder.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Em que Município?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Três Lagoas.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Três Lagoas.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Universidade pública.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Nós vamos checar. Qual é o nome da universidade mesmo?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Campus de Três Lagoas, via vestibular.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Nós vamos pedir à Secretaria para checar.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Faz o favor.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor tem muitos processos?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Alguns, Excelência. A maioria dativo.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - A maioria o quê?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Dativo. O cliente vem, combina pagar mil reais, eu divido o carnezinho em 5 vezes, ele paga a primeira e some.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor vai...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - E eu continuo defendendo.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor vai sempre lá...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Porque para mim é laboratório.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor vai sempre lá aos presídios?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Vou quando tem algum cliente meu preso.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Vai, assim, quantas vezes?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ah, Excelência, isso não dá para declinar. Tem semana que... Graças a Deus, esta semana eu não tenho nenhuma audiência. Tem semana que eu tenho 3 audiências. Tem semana que eu tenho um cliente novo, tem semana que eu tenho 2.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Aí, o senhor vai sempre, cada semana a um presídio?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, sempre não. Lógico que não. Não sou freqüentador de presídios.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - A qual presídio o senhor vai mais?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - No CDP do Belém II.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Esse é o que o senhor vai na maioria das vezes?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É. Porque todos os réus presos que não foram julgados ainda ficam em CDP, lá em São Paulo. Só vão para presídio os que já têm condenação definitiva, Excelência.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo. Diga-me uma coisa, naquele dia que a gente estava participando daquelas oitivas, que seu cliente estava aqui, o senhor estava sentado lá atrás. Não é isso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Naquela hora que o senhor...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, na hora do meu cliente, eu estava aqui, ao lado dele.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não, depois. Antes.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Na parte pública da reunião, estava lá atrás.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sim. Naquele horário, naquele momento em que o senhor abriu o celular...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Hã.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - ...deixou o celular aberto em cima da mesa, quem o senhor queria que ouvisse a conversa?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu abri o celular?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Quem o senhor queria que ouvisse a conversa?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Aliás, as fotos que estão nos jornais e tudo da doutora e uma outra pessoa, assim do lado, não sou eu, Excelência. É o condutor, é o agente policial que estava conduzindo meu cliente, que estava do lado da doutora, lá. Não sou eu que estou do lado dela.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor não tinha nenhuma intenção que alguém ouvisse...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, Excelência. Eu não tenho intenção de nada. Eu sou um advogado em início de carreira, entendeu? O primeiro caso de repercussão e olha onde eu vim parar, entendeu? Estou sendo usado. O conteúdo da fita... Agi sem dolo algum, não cometi crime nenhum, não ofereci vantagem, não paguei. O rapaz não me acusa de pagar, entendeu? Não... Inclusive nem para minha própria defesa eu revelei isso para imprensa, porque eu podia ter vazado essa fita para imprensa. Todo mundo veria que não foi a fita que ocasionou o que aconteceu em São Paulo. Eu não o fiz para me defender aqui no foro adequado, e estou sendo enredado por esta situação. Eu sou um advogado pobre. Eu coloco à disposição...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Chega a ser infantil o fato...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exatamente, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Chega a ser infantil o fato de dizer que está com o disquete, que isso é prova de que não passou. Hã, foi passado por celular, em conferência de celular. Isso quer dizer que era só botar o disquete no computador, abrir o celular e passar.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Claro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, chega a ser infantil essa alegação.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Como é fácil saber do depoimento anterior, que estava sendo dado aqui. Celular na mão faz tudo, inclusive aquela confusão que fez em São Paulo. Agora, Dr. Sérgio, o senhor, naquele dia dos depoimentos, quando o senhor ficou circulando com a D. Maria Cristina, que ela ficava um pouco com medo — nas imagens ela ia um pouco atrás, inclusive na maioria das imagens, e ela repetiu isso aqui —, o senhor teria dito para ela que ia entregá-la para o PCC, como é que... ia entregá-la para o partido?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - *(Risos.)*

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Essa mesma frase que o senhor usou aqui hoje durante 2 momentos, se referindo ao partido...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, eu falei...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Deixa eu só concluir. Depois, o senhor se explica. O senhor teria dito para ela que ia entregá-la ao partido, porque como a advogada do Marcola, do partido, estava tão medrosa para pegar um CD? Agora o senhor pode falar.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, não procede essa afirmação.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Como o senhor se referia a ela naqueles momentos em que ela ficava alertando preocupada?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Como o Arthur diz aqui no depoimento dela: todo momento por doutora.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ela é muito medrosa?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu acho que ela é muito mais esperta que eu.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Por que o senhor acha que ela é mais esperta que o senhor? O senhor é pouco esperto; ela é muito mais?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Porque eu não vi as imagens, e, pelo que a senhora está me relatando, que viu as imagens, se ela já ficava nessa defensiva — entendeu? — era para que futuramente, se acontecesse algo... Porque, da minha parte, volto a repetir, não existiu dolo algum. Eu achei que estivesse pegando algo normal, como continuo achando e vou lutar por isso até o final.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Então, vamos relembrar aqui: o senhor foi lá, na Secretaria, pediu a um funcionário para que lhe cedesse a fita. O que ele lhe disse?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Que não teria problema nenhum em me ceder a fita. Eu falei: *"Só que eu queria as notas taquigráficas"*. Ao que ele falou: *"As notas taquigráficas demoram alguns dias para serem distribuídas e disponibilizadas na Internet"*. Eu falei: *"Tem condições de ter uma cópia da... da... da sessão do áudio? Porque, aí, eu mesmo decodifico ou pego e mando uma cópia para o Desembargador entrando com um habeas corpus no TJ para o meu cliente!"* Ele falou: *"Não tem problema nenhum"*.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ele disse: *"Não tem problema nenhum."?*

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Aqui atrás, quando o rapaz se insinuou várias vezes *(ininteligível)...*

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Espera aí, só um pouquinho, só um pouquinho. Ele lhe disse que não... O senhor tem disposição para continuar respondendo?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ele lhe disse que não tinha problema nenhum e lhe garantiu lhe entregar o CD quando?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Assim que terminasse a sessão.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O funcionário lhe disse isso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Assim que terminasse, ele ia lhe entregar?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Assim que fossem efetuadas as cópias, que eu esperasse um pouco, que eu o procurasse.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo. Então, por que o senhor não...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso tem filmado lá na...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - ... por que o senhor não esperou esse processo para voltar com ele, já que o senhor foi com ele, que é o chefe daqui, a pessoa que coordena aqui a CPI, por que o senhor não foi com ele para pegar o CD?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Porque o rapaz que ficava entrando e saindo, que eu descobri que era gravação, eu cheguei nele e falei assim: *"É você que faz áudio? É você que vai me fornecer a cópia que ele autorizou?"* Ele falou: *"É. Só vou checar isso"*. Terminou a sessão, ele disse...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ele lhe deu essa resposta: *"É. Só vou...?"*

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - *"Vou checar a informação. Eu vou guardar meu material e vou ver... vou confirmar a autorização"*. Aí, ele pediu, me deu o telefone dele, celular, liguei do meu celular para ele, ele falou: *"Já estou descendo para o restaurante. Eu vou te encontrar lá"*. Era o único lugar que eu sabia andar aqui dentro!

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Sérgio, quem... o senhor disse aqui que quem pagou o táxi foi a Dra. Cristina?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exatamente.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Quem pagou a despesa lá na cópia foi ela também?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Se tem a filmagem da loja, vai comprovar que eu estou falando a verdade. Foi ela também.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Foi ela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Dois CDs e o serviço da cópia.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor já tinha combinado com ela anteriormente que ela iria fazer esses pagamentos?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, óbvio que não! Nós nem sabíamos que ia ter reunião reservada, que não ia ser permitida a nossa presença, que não ia ser permitido cópia, Excelência!

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não, não. Anteriormente, antes de vocês irem para o *shopping*?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, não. Eu perguntei: *"Eu não tenho dinheiro para fazer as cópias nem pagar o táxi"*. Ela falou: *"Eu tenho, doutor"*. E fomos, e ela pagou.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Foi ela que se dispôs?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu tinha dinheiro só para pegar o táxi, para pegar o táxi lá de frente e ir para o aeroporto.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Deputada, só uma intervenção. O senhor já confirmou conosco duas vezes que, na hora de pagar os 18 reais do CD, o senhor não pagou porque não tinha dinheiro. Confirma?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não tinha dinheiro suficiente. Eu tinha dinheiro só para pagar o meu táxi até o aeroporto.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Quanto era a corrida de táxi para o aeroporto?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não conheço aqui. Eu acho que paguei 30 reais. Eu não conheço Brasília. É a primeira que eu vim, Excelência.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - E como é que o senhor sabia que era só o suficiente para pagar o táxi?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Porque quando eu vim, eu vim de táxi do aeroporto, eu paguei 31, eu falei: se eu tenho 50, dá para eu voltar para o aeroporto.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Deputada Perpétua, permita-me um aparte.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Deputado Neucimar, Deputada Perpétua, vocês me permitem, só pela oportunidade?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Um aparte para você e, depois, para o Deputado...

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Só pela oportunidade. O interesse em ter a fita era do senhor?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - O senhor procurou pelo Sr. Manoel?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Em seguida, pelo técnico de áudio?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Assim que ele disse: *"Tenho condições, eu lhe entrego a fita*..."

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - *"Tenho a autorização"*.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - *"Tenho a autorização"*, o senhor não tinha sequer 18 reais para pagar. Não fosse ela, o senhor não teria a fita que o senhor veio aqui tão-somente para tê-la? É a essa conclusão que eu chego?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não entendi o final da pergunta.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Não fosse ela, o senhor não teria condições de obter a fita para a qual o senhor veio aqui exatamente para tê-la. *"Vamos lá no shopping?" "Vamos"*. Chegou para ela e disse: *"Ou você paga ou eu não tenho dinheiro para pagar"*. Mas como? O senhor, como advogado, veio para buscar essa fita...?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, não vim para buscar a fita. A fita foi uma conseqüência...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor foi lá para buscar a fita!

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Foi uma conseqüência, Excelência, e, aí, como eu disse para ela: *"Eu estou com pouco dinheiro"*, ela falou: *"Não, doutor, eu pago as despesas. O senhor me arruma uma cópia para eu ajudar na defesa do meu cliente?"* Eu falei: *"Sem problema"*. O que eu falei? Consigo a minha fita e ainda não tenho despesa nenhuma.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Uma pergunta: o senhor não ficou com medo? Ah, desculpa.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - É ele, Laura, depois você.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Há quanto tempo o senhor advoga?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Vai fazer 3 anos ainda, Excelência.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - O senhor advogou algum tempo sem OAB?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Nunca.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Porque a sua OAB é de novembro de 2004. Não dá 3 anos.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não dá 3 anos. Vai fazer 3 anos. Foi isso que eu falei, são 2 anos e pouco.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Não, vai fazer um ano e meio, vai fazer um ano e meio.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Dois mil e quatro, 2005 e 2006: 2 anos.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Não. Novembro de 2006 vai fazer 2 anos.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, ela foi emitida, Excelência. Olha aí. O senhor vê: eu estava advogando com certidões. Ela foi emitida nessa data que a nova OAB... Eu advogava... A gente advoga, quando faz inscrição na OAB e passa no exame, a gente advoga com certidões. Todo mês tem que renovar a certidão.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - De quando é essa certidão? A primeira?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu passei em abril de 2004. Fez 2 anos.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Então, não dá nem 3 anos.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Mas fez 2, eu estou falando 3 para fazer um *merchandising* básico, não é? *(Risos na platéia.)*

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - *Merchandising* básico?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor vive de *merchandising*?

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Quando ele é pego na mentira, ele faz *merchandising*.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não vivo, Excelência; eu não vivo, Excelência.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Só mais uma, a Deputada Laura, depois eu retorno.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É só um aparte mesmo. O seu cliente, o seu cliente, o Leandro, era acusado de alguma maneira de participar do PCC, concorda?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ele negou aqui na presença dos senhores.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, espera aí, eu não terminei nem a frase. Eu sei que ele negou. Eu li as transcrições. Mas ele era acusado de participar do PCC. O senhor utilizou a advogada do líder do comando do PCC para pagar as fitas sobre o Leandro. Qual era a interseção que havia entre o Leandro e o PCC? O senhor está dizendo que não tinha nenhuma. Se ele negou, não tinha nenhuma. E por que ela precisava ter a fita?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Justamente porque ele negou, isso não o incriminaria numa possível formação de quadrilha.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Exatamente o contrário, pelo amor de Deus.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu entendo de outra maneira. Cada um tem uma ótica, Excelência.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Dr. Sérgio,...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É verdade, cada um tem uma ótica. Graças a Deus.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - ... o senhor disse aqui que freqüentemente, não muitas vezes, mas de vez em quando, precisava ir nos

presídios por conta do seu trabalho. O fato de o senhor ir nos presídios de vez em quando, não lhe incomoda de algumas pessoas dizerem que o senhor é pombo-correio?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Como ser pombo-correio se eu vou lá por meu cliente, para eu poder representá-lo processualmente, eu vou lá colher a assinatura dele numa procuração? Porque, quando é preso numa delegacia — tem delegados aqui e sabem como funciona —, quando ele não é assistido por um advogado, o advogado não fica com a Nota de Culpa. O que a gente faz? A família contata. O primeiro passo é obter uma procuração do cliente para poder atuar no processo. Isso é normal. Eu não sou pombo-correio. Eu vou pegar a procuração dos meus clientes. E, quando muito, na segunda vez, para orientá-lo antes do seu interrogatório, porque depois não tem mais necessidade de ir em presídio. E não é presídio, é CDP, Excelência.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor tomou conhecimento de algum acerto, de como foi essa questão das televisões do presídio? O senhor tem essas informações?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - As mesmas da mídia que a doutora tem, que V.Exa. tem.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Nem quando o senhor estava por lá, o senhor não checou a informação?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não estive por lá, eu não estive por lá. Aliás, vou defender a instituição. Não existe um CDP, um presídio que eu tenha ido que eu não tenha que ter passado por detector de metal, tirado minha caneta, meu relógio, meu cinto e meu anel. Isso que advogado que leva celular para presídio, isso é mentira.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Está certo, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - *(Risos.)* O difícil é acreditar no senhor, porque, na semana passada, o Diretor do Serviço Penitenciário disse que não tinha Raio X nos presídios. O senhor está dizendo que passa sempre por Raio X.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não tem Raio X, Excelência. Eu falei detector de metal.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Presidente, Presidente, ele está fazendo *merchandising* básico do PCC.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nem detector de metais, meu amigo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Em todos que eu fui, Excelência, tem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nós perguntamos as duas coisas, e eles disseram que não tinha. Tá difícil.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, em todos que eu fui tem, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Olha, é muito grave essa sua situação, muito grave mesmo. E as suas respostas aqui... Eu acredito que o Conselho de Ética, tanto dos advogados criminalistas quanto da OAB, tem que tomar uma atitude. O senhor entregou de bandeja o seu cliente para uma organização criminosa.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Discordo, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não tem como discordar, não tem como. O senhor entregou a fita do depoimento reservado do seu cliente na mão da advogada do líder da organização criminosa.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Justamente...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Como é que o senhor vai discordar?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - *(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Que bobagem é essa? Como é que vai discordar? O senhor ligou-o ao PCC. O senhor pegou; o senhor está dizendo que a advogada do Marcola pagou as suas cópias todas. O senhor ligou-o, mais uma vez, ao PCC. O senhor, nas suas atitudes, tem ligado; o seu cliente é o PCC direto. Direto.

Deputado Neucimar Fraga com a palavra.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Sr. Presidente, vou ser breve, até porque nós queremos participar da acareação. Mas eu tenho algumas dúvidas. Sr. Ronildo, qual é o seu patrimônio, hoje?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Patrimônio?

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - É.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu tenho um carro.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Que modelo, que ano?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Gol, 2003, trinta e seis vezes, o carnezinho; e um apartamento, lá na Brazilândia, lá na periferia; financiado pelo Sistema Financeiro de Habitação em 180 meses, se eu não me engano.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você mora em São Paulo há quanto tempo?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Agora, que eu voltei, eu moro há 3 anos. Vai fazer 3 anos ainda, como corrigiu o nobre Deputado.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você morou lá de qual época?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu morei até os 28, 29 anos, quando eu fui para o interior; passei no vestibular; morei lá esse período, lá, cinco anos.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você trabalhava em que em São Paulo nessa época?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Trabalhei em várias coisas, Excelência.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - A última empresa que você trabalhou em São Paulo antes de ir para o interior?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu era assessor comercial de uma empresa de segurança que vendia portaria, vigilância. Sempre nesse ramo de empresa terceirizada. Sei lá, no setor comercial.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - E você era casado já nessa época?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Quando você foi para o interior, você já foi casado, tinha filhos?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Fui casado, com 2 filhos. Tenho 2 filhos.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Foi para qual cidade?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ilha Solteira, Excelência.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - De onde, qual Estado?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - São Paulo, Excelência.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - E quando você fez o vestibular para advogado você já estava casado e morava em Ilha Solteira?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não fiz; eu fiz vestibular para Direito eu já estava casado.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Para Direito. Você morava em São Paulo, Ilha Solteira.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Morei 3 anos numa cidade chamada Lavínia, que é do lado, e depois mais 3 anos em Ilha Solteira**.**

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - E de Ilha Solteira até o local que você fez o vestibular são quantos quilômetros?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Setenta quilômetros.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - É perto?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Pertíssimo.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Então, você fez o concurso para o curso de Direito nessa faculdade no Mato Grosso.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Fiz o vestibular; e a Prefeitura de Ilha Solteira disponibiliza, gratuitamente, nove ônibus para os estudantes irem. Para você vê a quantidade de estudantes que vão que estudam lá; vão e voltam todo dia.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Aí você...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É mais rápido do que de São Paulo, do centro da cidade, na minha casa.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você concluiu o seu curso em qual ano?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Em 2003.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Em 2003, concluiu o curso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Concluí o curso.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - De Direito.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - E foi para São Paulo?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sempre morei em São Paulo.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - E foi requerer a sua inscrição na OAB.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Tecnicamente, Excelência, quem faz faculdade em outro Estado, e mora em outro, pode prestar a OAB, escolher qual a OAB quer prestar. E eu fiz a de São Paulo, que, inclusive, é a mais difícil de se passar. Terminei o curso, prestei a OAB, passei no primeiro exame. Não tem nada de ilegal nisso.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Não, porque nós já ouvimos, aqui na CPI, que o Sr .Hélio Garcia Ortiz foi preso por fraudar concursos, inclusive concurso em vestibular. E existem ligações da Polícia Civil interceptadas que ligam o seu Hélio Ortiz ao PCC. O Sr. Hélio Ortiz tinha ligação com o PCC; fraudava concurso tanto de vestibular quanto concurso público e, a serviço do PCC, ele infiltrava quem ele queria, a pedido do PCC, nos concursos. E o Sr. Hélio Ortiz também trabalhava e tinha esquema no Mato Grosso. E, justamente, nesse período, de 1998 a 2003, onde ele acabou sendo preso aqui pela polícia do Distrito Federal. Então, essa ligação do Sr. Hélio Ortiz também... Nós vamos avançar também sobre essa investigação, Sr. Presidente, para saber o período em que ele passou no vestibular do Mato Grosso, para ver se o senhor tem...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Faça o grafotécnico, Excelência, nas provas.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Para saber se não existe nenhum envolvimento, porque o Sr. Hélio Ortiz fraudou concurso de vestibular em diversos Estados do País, inclusive no Mato Grosso do Sul. Sr. Presidente, eu vou encerrar a minha participação para que nós possamos passar para a segunda parte da acareação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tem a oitiva da Dona Maria Cristina; ainda tem que concluir a oitiva. Eu queria agora saber só algumas coisas, Sr .Sérgio. O senhor conheceu a Cristina aqui, já disse; já disse que ela é muito mais esperta que o senhor. Agora, quem é que ofereceu dinheiro para o Arthur ir até o s*hopping* fazer essa degravação? Porque nunca aconteceu aqui, não foi funcionário. Pelo menos, quero que seja do conhecimento geral aqui, nunca um funcionário saiu para ir até o *shopping* fazer uma degravação e convencê-lo, inclusive, que valia a pena vender isso. Quem é que ofereceu isso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não fui, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, e ele foi por quê? Por que ele foi até o *shopping*?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Foi porque, segundo informações suas, o único lugar que teria um leitor para ler o novo sistema que foi implantado seria lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas por que ele ia abandonar o emprego dele para ir até o *shopping*?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ele não abandonou o emprego. Ele encerrou a sessão, guardou o material, acho que assinou o ponto dele. Ele estava livre. Ele ia embora.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sr. Presidente, para não parecer que aceitamos o que ele fala. Ele falou *"informações suas*". Ninguém deu informações para ele, não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Suas, dele, Arthur.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora, o que convenceu ele a ir até o *shopping* com vocês?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não sei, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quem o convenceu: foi tu ou foi ela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não. Eu não convenci ninguém.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu não convenceu? Então, foi ela quem convenceu?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não sei. pergunte para ela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, se tem 2 e um não convenceu, então, tu afirma que a Cristina...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não afirmo nada, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, tu afirma...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não afirmo, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Alguém convenceu ele para ir lá.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Alguém convenceu. Se alguém convenceu, não fui eu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Alguém convenceu e não foi tu. Se os 2 interessados são tu e ela, quem é? Está afirmado já que a Cristina foi que convenceu o Arthur para ir lá. Ela convenceu o Arthur para ir lá no *shopping*. E ela convenceu como? Foram os 200 reais que ela prometeu?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, só perguntando para ela. Eu não ofereci dinheiro, não tenho dolo e não cometi crime algum.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu não ofereceu dinheiro para ele?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Nem outra vantagem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu só acompanhou ela? No mesmo taxi, pegou o mesmo arquivo... Tu não vê que não tem? Eu acho que tu, como advogado, tem que ver que não tem diferença nenhuma: se ela pagou, tu pagou, porque os 2 estão juntos. São co-autores. Tanto é que cada um pegou a sua cópia do disco. São co-autores iguais. Tanto faz se foi tu que ofereceu ou se foi ela que ofereceu. São co-autores iguais, não tem diferença nenhuma. E tu, como advogado criminalista, tem que saber disso. Se eu pego o mesmo taxi e vou lá: *"Há, mas foi coincidência pegar o mesmo taxi."* Não, mas eu fui lá pegar o mesmo objeto. Ele fez uma cópia para mim e uma cópia para ela. Então, a co-autoria está mais do que materializada. Não precisa mais nada do que isso. Tu foi no mesmo taxi, tu conversaste no mesmo corredor, tu foste no mesmo taxi, na mesma loja e pegaste o mesmo CD, duas cópias. Então, não faz a mínima diferença se foi ela que pagou ou se foi tu que pagou.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Sr. Presidente, só para deixar bem claro, Deputada Laura Carneiro, que essa transferência dos dados, dos *chips* para o CD poderia ser feita aqui na Casa de forma legal, caso fosse concedido. De forma legal não precisaria ir no *shopping* para fazer transferência do *chip* para o CD. Aqui na Casa mesmo faria a leitura...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tem todo equipamento aqui para isso.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não é isso que o Arthur afirma aqui no..

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arthur Moroni) - Tem todo equipamento aqui para isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A minha pergunta é apenas 2 coisinhas. Só para pegar o gancho dessa questão. O senhor acha que a Câmara dos Deputados não tem como degravar suas próprias fitas? É a mesma coisa de dizer que o *chip* não pode ser ouvido na Câmara. Significava dizer que a gente teria que sair daqui correndo com o *chip*, ir lá na loja no *shopping* para poder transformar em texto. Essa é demais, doutor. Mas, vamos à pergunta. Como foi, o senhor disse que ficou aqui, está nas fitas, não foi? O senhor, a Maria Cristina e o Arthur. Que conversa vocês tiveram nesse momento?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não me lembro, Excelência. Não me lembro. Vocês querem que eu caia em contradição, que fale uma coisa para um, uma coisa para outro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não queremos que caia, não. O senhor já caiu várias vezes.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, só quero saber porque ela se lembra. Quero saber se o senhor se lembra.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Então, eu não lembro. Não estou acostumado com isso. Eu não me lembro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor não se lembra? Está bom.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu queria saber outra coisa. O senhor, quando ela veio pedir cópia do seu cliente, o senhor disse: "*Olha, a senhora não representa meu cliente. A senhora não representa ninguém aqui. Que cópia a senhora quer? Que conversa é essa?"* O senhor disse isso para ela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, minha tese de defesa difere do entendimento do doutor. Eu achei, inclusive, como uma questão profissional, que a negativa do meu cliente em pertencer a facção da qual o cliente dela é imputado de ser o líder, auxiliaria o cliente dela em uma possível formação de quadrilha. Por isso que eu, eu falei assim. Autorizei. Falei: "*Doutora, pode, sim*".

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Inclusive o depoimento dos 2 delegados também ajudaram muito.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ué. Não tem nada neles de anormal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Também ajudaram muito o cliente dela.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ajudaram o quê? Não sei. Teria que perguntar para ela, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas o senhor disse isso, que era ilegal para ela. Ou o senhor disse não?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, lógico que não. Para mim é legal. Eu agi sem dolo. Eu agi sem dolo, Excelência.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sr. Presidente, eu gostaria de saber do depoente se ele tem algum processo criminal contra ele.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Já respondi, Excelência.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Eu estou perguntando.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Que tipo de infração penal?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Já respondi para a nobre Deputada aqui. É... Tive uma condenação por furto, 10 anos atrás. Já estou reabilitado.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Não parece.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Bom. Então, a Dona Cristina pagou o táxi e disse: *"Pode deixar que é tudo por minha conta".* Foi isso o que ela disse?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não foi dessa maneira, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Como é que foi?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu já expliquei, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, o senhor já explicou e eu quero ouvir como é que foi?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Inclusive para V.Sa., para V.Exa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, como é que foi? Está em dúvida como é que foi?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu estou em dúvida?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois é. Se não está, não se lembrou mais?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu estou em dúvida? Já expliquei aqui para o nobre Deputado, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, fale. Se for falar a verdade, a gente fala 100 vezes, sem titubear

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - *(Risos.)* Ah.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Dá para falar 100 vezes sem titubear, sem problema nenhum.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu estava sem dinheiro. Como eu autorizei ela a ter cópia, ela falou... "*Doutor, eu tenho dinheiro trocado, eu pago".*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor autorizou ela a ter cópia?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - "*Eu pago, eu pago*"... Do meu cliente. "*Eu pago o táxi e eu pago..."*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor autorizou ela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não. Não autorizei, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor autorizou ela a ter cópia do seu cliente?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É interessante. O seu cliente precisava de autorização para ter cópia. Quem autorizou o senhor e ela a ter cópia do depoimento dos delegados?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Tacitamente, eu subentendi...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quem autorizou? Não existe isso? Não, é só apertar aí. O senhor mesmo desligou. O senhor, quando vai ao Fórum, o senhor pede autorização no processo para quem? Para o Juiz, para o tabelião, ou para o chefe do microfone?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu já respondi a essa pergunta, Excelência, e vou responder novamente. Eu fiz um...uma... uma petição verbal. Solicitei verbalmente para o Sr. Manoel. Quando o rapaz disse que iria subir para checar essa informação...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não. O senhor não está me respondendo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - ... eu subentendi. Eu subentendi que isso...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu quero saber: no Fórum, o senhor pede autorização...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - No Fórum, é... é outro processo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ... de cópia do processo ao Juiz, ao chefe do Cartório ou ao chefe do som? A quem o senhor pede?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Para fazer o quê, Excelência? Para fazer cópia? Se eu tiver...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está difícil, mas a verdade, eu respondo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Se eu tiver... Se eu tiver procuração nos autos, eu peço para o Cartório, para o cartorário, qualquer atendente que tiver.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Para o cartorário?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não é o chefe de som lá, não é?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O quê?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Que o senhor pede isso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Óbvio, que não é gravado o som lá. Lá é... é taquigrafado, é na hora, é digitado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor se formou agora, em 2003, o senhor tem tudo na mente. O senhor sabe que uma CPI tem poderes de Justiça. Como é que o senhor vai ao chefe de som para pegar uma cópia num *shopping,* e quer dizer para todo mundo aqui, com a maior cara-de-pau, que isso é a coisa mais natural do mundo? Se o senhor nunca fez esse procedimento no Judiciário. Nunca. Em nenhuma vez. Quer dizer, o senhor está escarnecendo aqui do pessoal, é isso? O senhor acha legal ficar rindo assim do pessoal, e ficar fazendo piada disso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não estou rindo e nem fazendo piada, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não. O senhor já falou várias vezes aqui: *"Não, isso é marketing"* . Isso é não sei quê. O senhor está achando uma coisa maravilhosa, é isso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A minha vida, só eu sei como é que eu estou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer, mas... É o tipo de resposta que o senhor está dando. Quer dizer, é inverossímil qualquer tipo de

resposta que o senhor esteja dando. Está inverossímil o seu depoimento. Não dá para acreditar no seu depoimento. Porque o senhor sabe, se o senhor fosse alguém que não era formado, alguém que não tivesse conhecimento de nada, até poderia... Mas, assim mesmo, qualquer um que não tenha conhecimento sabe que, quando vai-se pedir alguma coisa para uma autoridade, se pede para a autoridade, não para o porteiro do prédio. Se pede para a autoridade. E o senhor, como advogado, sabe que qualquer pedido nesse sentido numa CPI tem que passar pelo Presidente da Casa, tem que passar pelo Presidente da CPI. Qualquer pedido. Não tem tácito, não tem coisa nenhuma, pode falar o que quiser. Qualquer pedido, nesse sentido, tem que passar pelo Presidente da CPI. E o Presidente da CPI vai determinar se pode ou não. Porque o senhor, quando falou aqui, reclamou para o Presidente da CPI, que veio o Secretário Manoel Alvim dizer: *"Olha, o advogado está reclamando que vai ter que sair da sala num depoimento reservado"*. Eu disse a ele: "*Não tem direito a esse depoimento. Esse depoimento não é do cliente dele. E ele tem que sair."* Na hora que o senhor reclamou, o senhor não foi reclamar para o rapaz do som. O senhor reclamou para mim. Como é que na hora de pegar essa fita o senhor quer dizer e inventar para todo o mundo que, na verdade... *"Ah, não, na verdade, isso foi algo que eu entendi. Eu entendi que podia chegar para o chefe de som e pegar um depoimento reservado e sigiloso da CPI"*. Quer dizer, isso só pode ser brincadeira. Eu não posso admitir mais nada. O senhor está dispensado até à acareação. Eu peço que o senhor fique na sala, porque a Dra. Maria Cristina vai voltar.

(Pausa prolongada.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pela ordem de inscrição, darei continuidade aos trabalhos. Deputado Luiz Couto e, logo em seguida, o Deputado Raul Jungmann. Depois, a Deputada Perpétua Almeida, Deputado Carlos Sampaio.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Sr. Presidente, eu abro mão da minha inscrição.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Abre mão. Tem Josias Quintal, João Campos e Neucimar Fraga. Quero dizer que a Dra. Maria Cristina teve algum probleminha de saúde, mas os médicos já disseram que ela se recuperou.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu até agradeço a compreensão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E, de qualquer forma, médicos estão aqui de plantão para qualquer problema que tiver.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Está certo. Muito obrigada. Eu sou hipertensa, então esse foi o motivo do problema.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu vou passar a palavra...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu estou à disposição de V.Exa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Muito obrigado.

Eu vou passar a palavra ao Deputado Luiz Couto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dra. Cristina, a senhora disse que não tem advogado na pessoa do Dr. Ademar Gomes, porque ele lhe cobrou muito caro e a senhora não tinha como pagar. É verdade?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso. É verdade.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quando é que a senhora procurou o Dr. Ademar Gomes?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É... o Dr. Ademar Gomes entrou em contato comigo. E a última vez que eu procurei o Dr. Ademar Gomes, eu estive ontem, por volta das 8h30min da manhã no escritório dele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Foi o Dr. Ademar que procurou a senhora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele que ligou, me colocando à disposição a ACRIMESP. E depois ele deu o valor dos honorários, que eu achei um pouco caro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É verdade que a senhora estava inadimplente com a associação?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não! Acho que não, de jeito algum. Nem com a associação, nem com a Ordem, nada.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não? A senhora não estava inadimplente?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não! A minha secretária é quem cuida disso. Mas acredito que não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Até isso...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Porque ele disse aqui que negou os fatos dizendo que a senhora...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ah, entendi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele, Dr. Ademar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dr. Ademar.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ah, sim. Pois não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dr. Ademar, Dr. Ademar, que a senhora estava inadimplente e que há uma orientação da Associação de não... do Estatuto, de não... Ou seja, atender a sócios que estejam inadimplentes.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu vou providenciar os recibos e juntar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Está certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Acredito que os tenho todos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A senhora...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Desde 89.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A senhora disse que conheceu o Dr. Sérgio lá no fórum, tinha um conhecimento mais geral, quando a senhora...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nunca teve contato...?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu disse que conheci o Dr. Sérgio aqui.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Aqui, quer dizer, a senhora nunca teve nenhum contato com o Dr. Sérgio antes do dia em que a senhora esteve aqui?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Tive um contato com o Dr. Sérgio no escritório do Dr. Ademar, ontem, também.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ontem? Ontem?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas que eu conheci o Dr. Sérgio foi aqui.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas antes, antes daquela...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Antes do dia 10 de maio? Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, não é?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Como é que a senhora, por exemplo, não conhecendo o Dr. Sérgio, a senhora paga o táxi, paga os serviços lá do, da loja, e parece que paga também o lanche no restaurante?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Não fui eu que paguei o lanche.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quem pagou?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O Dr. Sérgio.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ele disse que não tinha dinheiro, como é que é?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele pagou o lanche, sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo, pagou o lanche. Então, ele pagou o lanche para a senhora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, ele pagou, na realidade, ele pagou o lanche.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O lanche.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso, para mim, para o Sr. Arthur...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, e foi mais ou menos quanto, quanto, quanto...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não me lembro, eu não me lembro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não sabe, não?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não saberia dizer o valor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. A senhora, quando saiu daqui, e o seu... A senhora disse que seguia um pouco distante o Dr. Sérgio e o Arthur, que caminhavam um pouco mais à frente.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É verdade?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É verdade.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A senhora quando... E eles iam na direção do restaurante.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Iam na direção do restaurante.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. E a senhora...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Inicialmente, eu, eu fiquei, assim, preocupada, mas como iam para o restaurante, eu achei que era normal.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A senhora recebeu algum telefonema de Dr. Sérgio?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Recebi um telefonema do Dr. Sérgio.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O que que ele dizia?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Dizia que era para eu descer, que estaria à disposição a... o CD.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O CD do que fosse permitido.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer que a senhora chegou sozinha lá no restaurante?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu cheguei, eu cheguei sozinha. A hora em que eu cheguei, eles já estavam sentados. Isso mesmo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo, então, está certo. A senhora... Esse interesse na parte reservada partiu de onde?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, olha, eu não tinha interesse na parte reservada.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, eu digo... Mas partiu de quem ter acesso às informações?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ninguém falou em parte reservada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quem convenceu o Arthur, quem convenceu o Arthur a dar essa dica, foi a senhora ou foi o Dr. Sérgio?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, quem convenceu o Arthur a dar essa informação?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Foi o Dr. Sérgio.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dr. Sérgio. É isso o que eu quero saber.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso mesmo, foi o Dr. Sérgio.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É. Quando a gente...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas eu acredito que ele também não queria que fosse... O que não fosse permitido.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas veja o seguinte, ele pega uma parte que era pública, que ele queria, mas depois ele tem uma parte reservada, onde tinha, inclusive... Inclusive, tinha as informações dadas pelos delegados e essas informações diziam respeito ao seu cliente Marcola.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Marcola.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ele disse que entregou para a senhora cópia do depoimento reservado do cliente dele por uma questão de demonstrar...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas, do cliente dele, não era reservado, era público.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, público. Certo, mas para dizer que não tinha nenhuma ligação com o cliente da senhora e que teria sido a senhora que, ou seja, que entregou todo o teor da fita para o Marcola, que deu toda a publicidade.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu não entreguei, eu quero que vocês... Eu tenho o número do telefone, todos os telefones, podem quebrar o sigilo telefônico. Eu me hospedei no hotel, eu não falei com ninguém, não usei o telefone, usei o meu telefone, do hotel, para a minha residência, para falar com os meus filhos. Eu não fiz gravação nenhuma. Eu quero que vocês convoquem o Marcola e perguntem se fui eu que passei alguma gravação para ele. Eu não passei, eu tenho a consciência tranqüila sobre isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quando a senhora...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E se vocês querem...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só pela oportunidade.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A senhora sabe informar se efetivamente a fita foi passada?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Para o... Eu vi, através da impressa, que a fita tinha sido divulgada e que a fita seria referente ao porquê que ele... A mulher dele tinha sido colocada em liberdade, mas não relacionada a ele. O que eu soube foi através da imprensa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não cheguei a ouvir o CD, a.. Não, eu não ouvi. Nem na própria loja, eu não ouvi. Vocês podem perguntar se eles mandaram... Eu nem sabia o que continha o CD.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas a senhora falou, quando foi perguntada por que o interesse na parte pública...A senhora tem, inclusive, daquela parte reservada, a senhora disse que era uma curiosidade.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu disse porque é o seguinte: eu, eu... Era uma curiosidade, e depois o meu cliente vai depor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas a senhora...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu tenho que estar ciente do que está ocorrendo para poder fazer a defesa dele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas a senhora ... a curiosidade de ter a informação do Leandro, que não tem nada a ver com a senhora, não é o seu cliente. Por que essa curiosidade?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, é...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Houve algum acordo da senhora com o Dr. Sérgio...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Para passar essa informação...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Para despistar ...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não houve.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... a outra informação?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não houve acordo nenhum.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não houve? Ora, eu .. a senhora disse que, quando aceitou fazer a defesa de Marcola, a senhora não sabia que ele era do PCC.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É, eu não sabia e não sei que ele é do PCC.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas a senhora lê os jornais...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu... Eu vejo e ouço nos jornais.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas, se o senhor verificar todas as decisões judiciais, ninguém conseguiu provar que o Sr. Marcola é líder do PCC.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas ele diz, ele afirma...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele, ele... Ele nunca ...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... que é o general, que manda.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu nunca ouvi. Olha, eu... Para mim, como advogada, ele sempre afirmou o contrário.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, mas o seguinte: o...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Entendeu?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pelo que eu ...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu posso fornecer as sentenças todas dos processos que eu defendi que eu as trouxe e o senhor vai verificar que os juízes dizem que quem acusa o Marcola é a mídia, que quem fez o Marcola o líder foi a mídia; está na sentença do juiz, está aqui.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Quando perguntado quem é que pagava pelo serviço que a senhora faz...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - A tia dele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... como advogada. É a tia?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E aí quando se procurou ter mais informações, a senhora disse assim: eu não posso dizer, pois eu posso ser morta.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu disse que eu não podia dizer não por ser morta... Eu disse que eu... Acho que eu me interpretei mal.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas usou essa expressão!

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu não posso dizer, por quê? Porque eu vou envolver pessoas que são inocentes, entendeu? Eu, eu tenho que manter o meu sigilo, eu não posso... O que o cliente me relata, eu... é... eu tenho... Eu vou infringir o código de ética, eu não posso fazer isso.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Deputado Luiz Couto, permita-me só uma breve intervenção?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois não.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não posso fazer isso.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - É, a senhora afirmou que, como advogada, não sabia que o Marcola era do PCC, correto?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Correto.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - A informação que nós temos, não sei se é informação equivocada... O esposo da senhora trabalha em quê?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O meu marido é delegado de Polícia.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Polícia, o quê?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Hã?

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Polícia o quê? Civil...?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Polícia Civil.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Que a senhora não soubesse que o Marcola é do PCC, a gente até pode imaginar.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha,...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Mas que o marido da senhora, como delegado da Polícia Civil, não soubesse que o Marcola é do PCC e não informasse para a senhora é inacreditável.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu posso é... é.. falar? É o seguinte: o meu marido, ele é... Eu nunca comentei com ele sobre os meus clientes, nunca. E, quando o meu marido soube, ele soube também através da imprensa e ele falou: "*Olha, ele é do PCC*." E eu discuti com ele. Então, o que que

aconteceu? Ele falou: *"Enquanto você continuar advogando para esse cliente, eu durmo em quarto separado".*

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Então, a senhora discute com ele sobre seus clientes?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, ele quis que eu... Por exemplo, impor... Olha, deixa eu dizer... Ele quis impor... Por exemplo, eu sou advogada. Eu escolhi ser advogada. Eu não posso deixar de defender fulano, sicrano, beltrano, não. Eu não posso, inclusive...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Eu queria só... Eu queria só um aparte aqui, na qualidade de Presidente em exercício.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não posso isso. Uai, vocês estão entrando...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Hoje, enquanto, eventualmente, a Ordem não decidir sobre a carteira da Dra. Maria Cristina, ela é advogada. Então, não nos cabe requerer de um advogado que fale de seu cliente. Aí nós estaríamos exorbitando das nossas funções. Eu acho que, se pudermos nos ater à questão específica que está sendo colocada aqui, nós estaremos avançando. Deputado, V.Exa. tem mais um minuto, que o Deputado Raul Jungmann está me torturando aqui de morte?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Houve 3 intervenções aí que tiraram mais ou menos 2 minutos. Dra. Cristina, a senhora, segundo o Dr. Sérgio, a senhora é mais esperta do que ele. Que esperteza é essa?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu gostaria que o senhor perguntasse a ele o porquê da esperteza, porque eu não sei.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O que é a expressão "fulano é batizado".

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - "Fulano é batizado"?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não sei...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Na relação, a senhora usou alguma vez a expressão?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Batizado?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Batizado.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, que eu sei que é batizado é quando é católico...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo, mas tem outra expressão dizer...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Meu Deus! Eu, eu... Eu não sei essa regra...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ...no mundo do crime, fulano ser batizado.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não sei o que quer dizer isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não sabe. A senhora, quantas vezes esteve no presídio conversando com o Marcola?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Foram poucas as vezes, e todos os presídios que são visitados pelos advogados, lá, o nome do advogado fica no livro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Entendeu? O horário, o horário do atendimento. Inclusive tem lugares que é até gravado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Então, tudo isso, vocês podem pedir para a Secretaria da Administração, que ela vai fornecer.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E alguma vez...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - A última vez que eu visitei o Marcola, que eu tive contato com ele, foi em março.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E alguma vez a senhora... Ele telefonou para a senhora ou a senhora telefonou para ele?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, nenhuma vez. Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nenhuma vez. A tia é que todo mês vai...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - A tia é que todo mês vai ao meu escritório...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas foi ela que contratou a senhora para trabalhar ou foi outra pessoa? Ela paga. Mas quem é que contratou?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Foi a própria família dele. A tia dele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A tia cuida de tudo isso aqui. Para concluir, a senhora disse que não entrou na loja; enquanto Arthur e o Sérgio entraram, a senhora ficou olhando a vitrine.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Então eu vou esclarecer.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu, na primeira loja, eu fiquei na porta. Deve ter as fotos do... do *shopping*.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dra. Cristina...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu entrei foi para pagar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ela aparece...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele falou: "*Doutora, eu estou sem...*"

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Aparece sempre nas fotos a senhora muito próxima do Dr. Sérgio, e o Arthur é que fica como que querendo se esconder, ou querendo... Ou atrás ou na frente. Mas que a senhora está sempre, e algumas vezes aparece com destaque, a senhora anda sempre com essas 2 bolsas. Justamente estava na outra vez?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não. Essa, não. Essa é outra.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas estava com 2 bolsas ou 1 bolsa só?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Que eu estava com 2 bolsas? Eu sempre uso a bolsa e a bolsa com os documentos**.**

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É, não é?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - A pasta.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Que é própria para o advogado levar suas pastas.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É, porque em alguma fotografia, quando a senhora...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Deputado Luiz Couto, tempo encerrado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, quando a senhora vai saindo, aparece a senhora com 2 bolsas. Em um momento, como a senhora só tivesse uma bolsa, uma pasta, mas depois aparece com 2 bolsas na hora da saída.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, às vezes eu seguro as bolsas assim, outra vez eu coloco assim...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E seguro a bolsa na mão.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Presidente, eu acho que temos elementos bastantes para a acareação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Com a palavra o nobre Deputado Raul Jungmann.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Muito obrigado. Dra. Cristina, a senhora acabou de declarar, ainda há pouco, que a última vez que esteve com o Marcola foi em março. É isso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Muito obrigado. A senhora é advogada do Marcola ou do PCC?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu sou advogada do Marcos Willians Herbas Camacho.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Está certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não advogo para o PCC.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Não advoga para o PCC.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - E também não é advogada de mais nenhum outro líder, grande líder do PCC?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Eu advogo, por exemplo, para todas as pessoas que me procuram.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Sim, mas a senhora é advogada de outro Líder do PCC?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Antes... Antes do Marcos Willians eu advoguei...

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Para quem?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Para o Marcelo Vieira.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Marcelo Vieira?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Ele é do PCC?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, a imprensa diz que é, e eles negam. Eu vou saber como? Eu não sei...

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Está.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E o advogado, por exemplo, a gente não pode ficar, por exemplo, perguntando: *"Você é, não é?".*

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - A senhora...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Quanto menos você entrar na vida do cliente é melhor.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Entendi, entendi. A senhora é advogada do Sr. José Carlos Rabelo?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Está. Então, Sr. Presidente, por favor, eu quero passar às mãos da CPI o seguinte documento, que é um documento oficial do Sistema Penitenciário do Estado de São Paulo, que me foi cedido hoje. Quero dizer que a depoente ou se engana ou mente a respeito da data do último encontro com Marcola, porque aqui está registrado que ela esteve com o Sr. Marcola, pela última vez, em abril. O registro da senhora é 95701, da OAB?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Então, a pergunta que eu quero fazer à senhora é a seguinte: José Carlos Rabelo, o Pateta, é um dos líderes do PCC. Por que a senhora, depois de passar na cela e depois de se encontrar com o seu cliente, Marcola, foi encontrar com o Líder do PCC que não é seu cliente? O que a senhora fazia lá?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, é o seguinte: a Dra. Maria Odete que seria a advogada do... desse José Carlos Rabelo, como ela tinha uma audiência, ela me pediu que fizesse a gentileza de pegar uma procuração em nome... assinada por esse José Carlos Rabelo para ela. Eu conversei com ele e falei: *"A Dra. Maria Odete pediu-me para que viesse aqui..."*. Eu, inclusive, acho que

falei antes com ele, eu não me lembro, para depois falar com o Marcos Willians. Eles estavam no mesmo presídio, que é Avaré.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Não, a senhora não vai no mesmo dia. A senhora... Este ano, a senhora esteve com o Marcola no dia 11 de janeiro...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Vinte e cinco...

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - ...e esteve, no dia 19, em Avaré. A senhora esteve, no dia 11, em Presidente Bernardes, com o Marcola; esteve, no dia 19, em Avaré...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Espere um pouquinho, dia 11 de quê?

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Onze de janeiro de 2006.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim, estive. Onze de janeiro.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - A senhora esteve, no dia 19/06, com o Marcola, na Penitenciária de Avaré. A senhora voltou a estar com o Marcola no dia 25...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso, a data do aniversário dele.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - ...de janeiro, também lá com o Marcola, e a senhora volta a estar com ele mais 2 vezes. Agora, fica claro e evidente, Sr. Presidente, que, pelo número de vezes, como também pelo fato de atender a outro integrante da quadrilha do PCC, fica evidente que há uma contradição entre o depoimento, o que é dito pela depoente, e os fatos que estão aqui aferidos exatamente por esta planilha do Sistema Penitenciário do Estado de São Paulo, que eu peço para passar às mãos do ilustre Presidente.

Em segundo lugar, a senhora disse...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A Secretaria acolhe a documentação.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Está, muito obrigado.

Em segundo lugar, a senhora nos fez referência aqui que, durante o dia em que nós tivemos aqui a audiência reservada e ocorreu a gravação, que depois foi devidamente vazada, que a senhora esteve no STJ. Não existe registro da passagem da senhora no STJ.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu estive no STJ, e no STJ tem um local onde você tira as informações processuais. Eu tirei a...

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Sim. A senhora me disse que recebeu um crachá. A senhora fez inclusive referência a um crachá... O crachá..

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu tirei...

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - A senhora me perdoe. A senhora me perdoe, mas o crachá é para quem se identifica, e não existe registro da senhora no STJ durante esse dia, posso antecipar à Comissão. Não existe esse registro.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu posso comprovar com documento que eu estive, porque eu tirei o...

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Fique à vontade. A senhora tem todo o direito.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu peço para juntar os documentos.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - A senhora tem todo o direito.

Bom, indo adiante, isto aqui é cópia do livro-caixa do PCC, é uma cópia do livro-caixa do PCC que aqui se encontra, e eles colocam claramente aqui, no dever e haver, dez mil reais para advogado/visitas. Esse dinheiro se destina à senhora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - A senhora sabe quem é esse advogado?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não...

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Muito bem. A senhora nega que o Sr. Marcola é Líder do PCC, a senhora nega que existem vínculos entre o PCC e o Marcola, enquanto Liderança do PCC. Entretanto, Marcola é conhecido e reconhecido, inclusive nos autos, por vários apelidos. Um deles é Narigudo. Aqui se encontra um valor de 4.500 reais que foi retirado pelo Narigudo, dentro do livro-caixa do PCC. A senhora continua achando que o Marcola não tem nada a ver com isso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu disse ao senhor o que eu sei. Eu, eu não... ele nunca me disse ser líder do PCC.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Bom, aqui está exatamente a referência ao Marcola, de acordo com o seu apelido no meio criminal, de acordo com os inquéritos, de acordo com o processo...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas não tem só ele, Deputado...

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - ...e pelo próprio livro-caixa.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ...como Narigudo.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Bom, evidente, a senhora pode fazer a defesa que a senhora quiser...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, é...

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - ... a senhora tem o direito de fazê-lo, e eu peço também para passar à Presidência essa informação.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ai, meu Deus do céu.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Num determinado momento do seu depoimento, a senhora diz o seguinte: *"ligaram daqui pra mim"*. Como é que as pessoas daqui sabiam o seu celular para ligar para a senhora? A senhora deu?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Meu celular?

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Sim.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É, quando eu estive, é... quando terminou a reunião, eu subi até a Secretaria e pedi cópia da fita. Só que num... Da fita que fosse permitido. Aí, eu, que que eu fiz? É. Eu deixei um cartão com Seu Manoel Alvim. Ele demorou algum tempo a me atender, tinham outros funcionários, e eu entreguei nas mãos o meu cartão. No meu cartão tem todos os telefones. Tem inclusive celular que eu não tenho mais. Mas tem no cartão.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Presidente, permita-me, já que Manoel Alvim... perguntar: você recebeu, Manoel, esse cartão?

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Recebeu. Muito obrigado.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E inclusive eu permaneci cerca de uns 30 minutos, até que ele viesse me atender.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Uma questão a mais.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ai, meu Deus.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - A senhora disse aqui que era casada com um delegado de polícia. A senhora sabe que ele responde inquérito hoje?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu sei.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Sabe? Sobre o quê?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Por conta disso.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Por conta efetivamente disso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso mesmo.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Muito obrigado.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas eu quero esclarecer que a profissão dele é a profissão dele. A minha é a minha.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Claro.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E ele nunca fez qualquer intervenção ou me auxiliou de forma nenhuma em nenhum processo, nem desse cliente, nem de outro. O Rachado, ele é uma pessoa assim, sabe...

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Inteira.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ... íntegro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A senhora...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Vocês podem...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Permite-me, Deputado Raul Jungmann?

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Diga.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, é horrível a gente falar. Eles dão risada. Fica difícil isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Permite-me? Eu só gostaria de saber uma coisa: a senhora já defendeu alguma pessoa que respondeu inquérito ou flagrante na delegacia do seu marido?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nunca?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, e se...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu não estou dizendo que ele tenha...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ...mas na delegacia dele.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nunca a senhora defendeu ninguém?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não. O senhor pode levantar, Deputado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está bom.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sr. Presidente, permite-me? Eu não entendi, doutora. A senhora disse que ele responde inquérito por conta disso. Conta disso o quê?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele responde... está à disposição da Corregedoria, pela divulgação dos jornais, que, na realidade, eles não divulgam...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Presidente.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ...o que ocorre, entendeu, e ele, como delegado de polícia, foi colocado à disposição . Ele respondia por cartas precatórias...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Bom, doutora, esse episódio aconteceu faz uma semana.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim, mas, foi, aconteceu isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Antes?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, aconteceu agora.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Respondia por carta precatória o quê, doutora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele respondia pela Delegacia de Cartas Precatórias...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ...no 20º DP, na Água Fria.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí, quando veio a público esse episódio...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Quando veio a público que eu, advogada, era casada com um delegado... Porque eu nunca usei isso. Então, o que aconteceu? É, esse problema todo, ele foi colocado à disposição da Corregedoria.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A Corregedoria...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Corregedoria da Polícia Civil.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por conta da divulgação do seu nome...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso. Por conta de... tudo por conta da divulgação do meu nome.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Devolvo a palavra, agradecendo, ao Deputado Raul Jungmann.

O SR. DEPUTADO RAUL JUNGMANN - Eu concluo, Sr. Presidente. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Com a palavra agora o Deputado Francisco Appio. Ausente.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Depois sou eu, não?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Com a palavra o Deputado Alberto Fraga.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Presidente, só um minutinho, antes.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não. Eu estou antes do Fraga.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Foi uma troca do Deputado Alberto Fraga com a Laura.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Dra. Maria Cristina.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - É que ele vai se inteirar agora.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Presidente, só uma questão que eu...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, Deputada Perpétua Almeida. Antes, o Relator que fazer uma observação. Pois não, Relator.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora disse que encontrou ontem o Dr. Sérgio?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso mesmo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ontem, pela manhã?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No escritório.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Quando aconteceu esse episódio todo, o Dr. Ademar entrou em contato e também entrou em contato com o Dr. Sérgio.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pergunto para a senhora o seguinte.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Antes de ontem?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu encontrei ele ontem.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não. Ontem vocês se encontraram.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Foi o primeiro dia que vocês se encontraram depois...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não foi o primeiro dia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vocês já tinham se encontrado?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Logo que esse episódio foi publicado, o Dr. Ademar Gomes entrou em contato e nós fomos até o escritório dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Juntos?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Ele foi primeiro e eu depois.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas se encontram lá?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Nós nos encontramos lá. E ontem era, na parte da manhã, para decidir o valor dos honorários.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Foi esse o motivo do encontro. Aí, eu fiquei preocupada porque eu não tinha como parcelar, porque seria à vista. Então, eu achei por bem vir.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Muito bem. A senhora foi orientada a vir sem advogado?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Eu entrei com uma representação na Ordem e esperava que alguém da Ordem dos Advogados estivesse aqui.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas a senhora...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu pedi, inclusive...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas a senhora foi orientada por alguém...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... para que comparecesse sem advogado?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Eu não fui orientada. Eu vim de livre e espontânea vontade.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ninguém sugeriu à senhora que viesse sem advogado?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não, não. Ninguém me sugeriu. Quem... O doutor, ele me ligou à noite, por volta de umas 20 horas, ontem, dizendo que ele não poderia, que ele não era mais meu advogado. E aí, 20 horas, como que você vai conseguir um advogado? Não tem como.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E a senhora acha que teria um conflito para que o Dr. Ademar fosse advogado da senhora e do Dr. Sérgio?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu acho que sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tem um conflito?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ué, diante do que eu estou ouvindo...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, a senhora acredita que o Dr. Ademar se considerou, digamos assim, impedido de ...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso. Claro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... de advogar para os 2?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O próprio Dr. Ademar...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu sei. Eu ouvi ele falar. A senhora acha, que na medida em que cada um tem uma versão sobre o fato...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Certo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...o Dr. Ademar não poderia defender os 2.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso mesmo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Se os 2 estivessem contando a mesma história...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...o Dr. Ademar poderia defender os 2.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Certo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então a senhora concorda conosco que a senhora está contando uma história e o Dr. Sérgio outra?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu contei o que realmente ocorreu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas se a senhora conclui que o Dr. Ademar...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim, eu estou concluindo que ele está contando outra história. Pronto.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...não poderia, não poderia advogar para os 2...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...na medida em que cada um tem uma versão...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...então, evidentemente que os 2 estão contando uma versão diferente a respeito de um determinado episódio.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Portanto, ou 1 dos 2 não está falando a verdade ou os 2 não estão falando a verdade.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Correto?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu gostaria que fizesse uma acareação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputada Perpétua Almeida, em permuta com o Deputado Alberto Fraga.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Dona Cristina, no momento em que a senhora estava no toalete, a senhora falou com quem ao telefone?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Na toalete? Com ninguém. Eu falei foi na sala, quando eu estava acamada. Meu telefone está aqui. Eu falei com a minha filha. Olha. Pode olhar. Eu não apaguei.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ela causou dúvida. Eu quero que ela veja os telefones, para onde eu dei esse telefone. Está aqui, eu não apaguei. Ela pode ver, ó.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Eu já deixo que...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Eu queria que a senhora tentasse lembrar, botasse a sua memória para lembrar mesmo, como é que a senhora conheceu...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Um minutinho só, Deputada.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só põe na ligação, que aí a gente vê o horário.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Quer ver? Assim. Está aqui. Acho que nem eu sei mexer nisso daqui.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Tudo bem. a senhora está dizendo que falou com a sua filha. O seu sigilo vai ser quebrado mesmo...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ligações efetuadas...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Já foi quebrado.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Já foi quebrado, aliás.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Está aqui, ó. Pronto.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Só não o temos agora.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sheila é a minha secretária.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Está certo, D. Cristina.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Esse aqui é o Odair, que é o motorista. Escritório, ó. Escritório. E eu liguei.. Não liguei de lugar nenhum.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Pronto? Podemos retomar?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não. Só uma dúvida. Porque, na verdade, a ligação é para Sheila, que é sua secretária.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sua filha estava no seu escritório?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - A minha filha estava no meu escritório.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, Obrigada.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo. Eu queria que a senhora lembrasse bem, bem direitinho. Pode ser que, na primeira versão do seu depoimento, a senhora não tenha lembrado. Como é mesmo que a senhora chegou a conhecer o Dr. Sérgio? Não foi aqui em Brasília, não é verdade?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Que eu conheci o Dr. Sérgio?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - A senhora sabe por que eu estou lhe perguntando isso.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Foi em Brasília. *(Pausa.)*

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - A senhora não conheceu ele em São Paulo?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Deputada...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - A senhora não quer falar?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu já... Não, é, eu... Eu já disse.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ele passou algum *e-mail* para a senhora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O Dr. Sérgio?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sim.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ele tem o seu *e-mail*?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É, ele tem o meu cartão, que eu também forneci para ele.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Quem lhe avisou que o Marcola poderia ser ouvido naquele dia?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Desculpe. Quem me avisou? Eu, eu olhei no *site*. Olha, eu, eu, eu pediria... Eu já respondi a essas perguntas.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Eu queria que a senhora respondesse de novo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Nossa!

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sim, sim.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu já respondi e volto a responder. Eu verifiquei no *site* e vi que...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Quem lhe deu o papelzinho do *site*?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Quem deu o papelzinho do *site*?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - A senhora está preocupada em falar isso aqui, não está?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, olha. Vocês estão me colocando numa situação constrangedora!

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Por quê? Eu estou só lhe perguntando quem lhe deu o papel que dizia que o seu cliente ia ser ouvido? Por que isso é constrangedor?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ou tem mais alguma coisa por trás, que a senhora não quer falar aqui?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não, não. Não, não tem nada por trás. Eu tirei do próprio *site*...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - A senhora está com medo?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não estou com medo de nada!

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Então, quem lhe deu aquele papel — a senhora sabe de que papel eu estou perguntando —, que dizia que o seu cliente ia ser ouvido naquele dia?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu tirei o papel do computador, no escritório.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - A senhora vai sustentar isso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É, eu vou sustentar isso.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Está certo. Num segundo momento, talvez, eu retome essa discussão. A senhora diz aqui — e disse desde o início — que a senhora não advoga para o PCC, para o crime organizado, que seu cliente não pertence ao PCC. A senhora defende ele de que mesmo, então?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu o defendo dessas acusações. Só que, ao final, as sentenças são sempre absolutórias e improcedentes, e não se consegue provar que ele faz parte de facção nenhuma. Eu trouxe, inclusive, aqui as sentenças. Eu passei as sentenças, os acórdãos!

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo. Diga-me uma coisa: como é que ele lhe conheceu? Ele chegou até a senhora como? Através de quem?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu, é, advogo para várias pessoas na área criminal. Eu não me lembro, agora, quem indicou. Eu me lembro que eu consegui uma redução de pena e essa pessoa me indicou para fazer a defesa dele.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E como é que foi o contato dele com a senhora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O contato, o primeiro contato dele, ele disse que não era líder e que estava sendo injustiçado! E eu acreditei, certo?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - A senhora continua acreditando nele?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E continuo acreditando nele! Até que me provem o contrário, eu continuo acreditando nele.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - A senhora quer continuar, inclusive, sendo advogada dele?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu acho que, diante desta acusação aqui, é incompatível eu continuar fazendo a defesa dele.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - A senhora não vai ficar preocupada em largar a defesa do Marcola agora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, olha, eu vou, primeiro, aguardar que ele providencie um advogado à altura e, e... porque eu tenho que me defender. E é incompatível alguém que está sendo processado defender o cliente! Não tem como!

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - A senhora acha que vai conseguir sair disso, desse serviço que a senhora presta para ele?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu não tenho férias. Eu trabalho há 18 anos sem férias. Eu estou estressada! Eu, eu... Eu não... Vocês viram que eu passei mal. Eu não tenho condição de sofrer uma pressão como eu estou sofrendo agora. Eu não tenho condição! E não tenho mais idade para isso, e não preciso disso!

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - A senhora não tem medo de largar o trabalho de advocacia que a senhora está fazendo para ele hoje?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não tenho medo.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Nunca chegou a ter medo disso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não, não tenho medo.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Nunca pensou em largar o Marcola?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu nunca pensei, porque o seguinte: é... é... Não, nunca pensei em largar.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - A senhora está sendo sincera agora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu estou sendo sincera.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Em que momento a senhora foi mais sincera, agora, ou no momento em que nós conversamos a sós?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, o que nós conversamos a sós é público. Nós não conversamos nada a sós que não fosse do conhecimento desta CPI.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Está certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - A senhora está me constrangendo e me colocando numa situação difícil.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não, estou lhe fazendo perguntas; a senhora responde.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim, está; eu estou respondendo, com todo o respeito.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - A senhora iniciou esse depoimento aqui dizendo que era uma advogada de carreira — eu acho que é mesmo, claro —, com muitos anos de profissão, e disse que conhecia as leis. Por isso que, inclusive, nem quis que o Deputado Moroni lesse os termos aos quais a senhora estava submetida. É, como a senhora, que conhece as leis, é uma grande advogada, até porque se não fosse o Marcola não lhe procurava, como é que a senhora, sabendo as leis, procurou um funcionário da casa, um subordinado...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não procurei o funcionário.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Deixa eu terminar. Procurou um funcionário da casa, um subordinado, para pegar dele uma fita que constava... um DVD, um CD, que constava depoimentos sigilosos de uma pessoa?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu quero voltar a afirmar que, em momento algum, eu pedi a esse funcionário essa fita. Eu não entrei em contato com o funcionário, não fui eu que falei com o funcionário.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Quem pediu?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, o Dr. Sérgio pediu, tanto que ele ligou no meu celular e mandou descer.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ele disse que a senhora e ele foram pedir juntos.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, então, vamos fazer a acareação e definir isso. E o melhor de tudo é perguntar para o próprio Arthur, que eu tenho certeza que ele não vai mentir.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - A senhora tem ainda a fita que a senhora pegou do Arthur?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, a fita eu devolvi para o Arthur. Eu não tenho fita nenhuma. Eu não passei para ninguém; pode ir, eu tenho computador, tenho tudo; pode verificar tudo; pode entrar no meu escritório, na minha residência. Eu estou te explicando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quem passou o conteúdo da fita para o PCC?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não sei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A senhora devolveu a fita para o Arthur?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Devolvi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quando?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - No mesmo dia.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Por que, a senhora não queria mais ela? Copiou onde?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu não copiei em lugar nenhum.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E para que a senhora foi, pagou a fita, pagou o táxi, ficou lá, esperou.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Porque o Arthur disse que ia entrar em contato com a CPI — pode perguntar para ele — e que ele ia conseguir o depoimento todo.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sim, ele lhe deu a fita, e a senhora não quis mais depois.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Eu acreditei nele. Eu falei: está bom.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O Dr. Sérgio disse que a senhora pegou uma fita e ele outra.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Bom, olha, vamos fazer a acareação e nós resolvemos isso.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Nas imagens, eu via que a senhora, às vezes, estava um pouco mais atrás. Por quê? A senhora tinha medo do que estava fazendo?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, não, não é que eu tinha medo do que estava fazendo. Eu achei estranho eu ter ido ao Secretário e o Secretário me dizer que não podia fornecer a fita naquele dia e, de repente, me falarem que ele ia fornecer, o funcionário. Eu achei estranho aquilo. Então, eu fiquei temerosa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A senhora chegou a falar com o doutor... com o doutor, não, com o Sérgio que a senhora tinha falado e que não poderia fornecer?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não entendi a pergunta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, a senhora está dizendo agora para a Deputada Perpétua que a senhora pediu ao secretário da CPI e ele disse que não poderia fornecer.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu falei para o Sérgio sobre isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ah, aí a senhora falou para ele que não poderia fornecer.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso mesmo. Eu falei, doutor, tem alguma coisa estranha, porque eu conversei na Secretaria e falei com o Secretário, e ele falou que não poderia.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Então, a senhora estava preocupada realmente com ...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só para fazer um esclarecimento, Deputada Perpétua.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não, só para concluir a pergunta. A senhora estava preocupada. E, quando a senhora demonstrava medo ou preocupação, o que o Dr. Sérgio lhe dizia?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele dizia assim: *"Doutora, a senhora está com medo, a senhora advoga para uma pessoa, como a senhora advoga e está com medo, doutora? Que é isso?"*

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ele fez menção em algum momento que ia dizer para o Marcola que a senhora estava com medo?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, ele não fez menção nenhuma a esse respeito. Eu só fiquei temerosa. Eu falei: *"Meu Deus!"*.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Presidente, só um esclarecimento. Eu fui até o Arthur perguntar, porque aí era o fim — é mais uma versão e eu não agüento, nem eu nem ninguém —, e o Arthur disse que não recebeu nenhuma fita de volta. Uma a senhora colocou na bolsa; a outra o Sérgio colocou na pasta. Foi o que o Arthur disse há um segundo.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Então, D. Maria Cristina?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu confirmo a minha versão.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - A senhora entregou a fita para ele no *shopping* ou aqui na Câmara?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, no *shopping*, não. Ele inclusive me indicou o hotel que eu deveria ficar.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sim.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E me acompanhou até próximo ao hotel. Ali, eu entreguei para ele.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas a senhora... Olhe só, D. Maria Cristina, é muito difícil de a gente entender. A senhora, com medo do que estava fazendo, fez uma coisa com medo, preocupada, como a senhora diz, porque achou estranho tudo isso. Pagou um táxi, para ir até o hotel...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Por isso, eu devolvi a fita.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Pagou um táxi para ir até o hotel, aliás para ir até o *shopping*. Chegou lá, o Dr. Sérgio não tinha dinheiro, a senhora pagou as despesas. Segundo o Arthur, a senhora pagou os 200 reais — pagou 200 reais por uma fita. Dez minutos depois a senhora devolveu essa fita?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não paguei 200 reais. Eu estava com dinheiro contado do hotel.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Presidente, por enquanto é só.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Muito obrigado, Deputada Perpétua.

Passo a palavra ao Deputado Alberto Fraga.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Obrigado, Sr. Presidente. Dra. Maria Cristina de Souza, a senhora, durante o seu depoimento, citou uma advogada. É aquela mesma que embarcou numa aeronave da Polícia Militar e foi fazer acordo lá com...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Eu não sei de acordo nenhum. Quem foi ao presídio, o nome dela é Iracema. Ela pertence a uma ONG.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - A senhora sabe com ordem de quem a autorização para ela entrar naquela aeronave, com quem ela viajou?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não sei.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Não sabe?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu... hum... não sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Importante. É importante ela falar. A senhora conhece a Dra. Iracema?

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - É. Eu estou esperando a resposta.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu fui...

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Não, a senhora ia mostrar um...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu vou mostrar. Ela pertence a uma ONG de proteção aos presos. E o que ela me disse que foi lá para ver qual era que tinha... os familiares pediram para ela ir; e que ela foi até lá para ver a integridade do preso; não do Marcola.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora conversou com ela, então?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu conversei com ela.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Sim. Então, ela embarcou numa aeronave da Polícia Militar, foi até o presídio, fez o acordo, e a senhora não sabe com quem ela foi? Ou quem autorizou isso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, ela.. eu fui até o escritório dela e ela disse que tinha ido com um coronel. Ela disse que tinha ido com um membro do governo e disse que tinha ido com alguém da Secretaria da Administração. Só que eu não perguntei os nomes. Mas quando a pessoa adentra um presídio, lá deve constar os nomes com quem ela foi.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Está. Sr. Presidente, eu gostaria que depois... era importante conhecer esses nomes aí, não é, já que a nossa depoente não se recorda.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Não é que eu não me recordo. Além de não me recordar não me foi citado quem foi.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Está certo. Como é que a senhora recebe honorários do Marcola?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu já expliquei que eu recebo mensalmente.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Mensalmente? É que eu não estava aqui. E quanto é que a senhora recebe?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu recebo 2 mil reais.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Dois mil reais, mensalmente, do Marcola.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu recebo da tia dele.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Mas tem contrato?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu tenho contrato de honorários.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - De honorários, não é?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu tenho procurações, eu faço recibo, tudo isso.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Mas eu tenho uma pergunta que realmente eu tenho que fazer à senhora. A senhora não se sente constrangida em ser advogada de um criminoso tendo um marido como delegado de polícia, não? O seu marido nunca falou para senhora que ele era bandido, não? O seu marido trabalha onde, é delegado de polícia de onde?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O meu marido é delegado de polícia... era, não é, das Cartas Precatórias, que fica no 20º Distrito Policial.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Ele nunca falou para a senhora que o Marcola era bandido?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu nunca conversei com o meu marido a respeito do meu trabalho. O meu marido tomou conhecimento que eu advogava, ia advogar para o Marcola cerca de 3 anos. Ele foi contrário a isso. Só que eu não entro, entende.... eu não explico, nem ele, porque cada um tem sua profissão.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Mas não explica, doutora, porque não tem explicação. É porque não tem explicação.

A senhora já alegou aqui a idade, já alegou constrangimento. A senhora não é nenhuma pessoa ingênua, não. A senhora sabia que estava lidando com bandidos. A senhora está servindo ao crime organizado, sim. A senhora é uma advogada que diz que tem muitos processos, etc.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Tenho.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Então, a senhora tem que reconhecer também que a senhora está prestando um desserviço ao País. Não reconhece isso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, todo cidadão tem direito a um advogado. Eu comecei a advogar para ele...

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Tem direito a advogado do Estado, quando ele não pode pagar.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Não é isso?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Deputado Fraga, me permite?

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Pois não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Dra. Maria Cristina, a senhora faz parte dessa OSCIP Nova Ordem?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não faço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não faz parte? A senhora conhece a Dra. Iracema há bastante tempo?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu vim conhecer a Dra. Iracema.... Desculpa. Eu conheci a Dra. Iracema pela televisão. Ela entrou em contato com o meu escritório pedindo que eu fosse até o escritório dela. E como ela sabia que eu advogava para o Marcola, ela disse: *"Doutora, eu não infringi nenhum código de ética. Eu chamei a senhora para explicar"*. Eu fui até lá a pedido.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A pedido de quem?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - A pedido do coronel, a pedido do Secretário de Administração, a pedido do governo. Agora, eu não acompanhei essa viagem, eu não sei como ela foi...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, não, doutora, eu só quero entender...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não posso...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Entendi. A senhora... A Dra. Iracema...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... procurou a senhora. Como a senhora é advogada do Marcola...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso. E como ela tinha ido...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... para que não se constituísse nenhum conflito de natureza ética...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso, isso mesmo!

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA ...de ela ter ido reunir-se com seu cliente...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...sem que tivesse sido substabelecida para ela uma procuração.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim, sim, sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí ela lhe relatou que tinha ido porque o coronel,...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...o Secretário e as outras autoridades pediram que ela fosse falar com o Marcola?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso mesmo. Foi isso mesmo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Exatamente o que ela foi falar com o Marcola?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu não entrei no detalhe do que ela foi falar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E a senhora já sabia da existência dessa ONG?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não sabia. Eu tomei conhecimento quando estive no escritório dela. Aí, eu pedi um cartão e uma cópia do...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora não sabe, portanto, o que essa advogada foi falar com o seu cliente?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não sei. Ela me disse que não foi falar só com o Marcos, ela disse que foi falar com todos aqueles que estavam juntos com ele quando foram para o RDD...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo.

Muito obrigado. Deputado.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Eu estou terminando, Dra. Cristina. Eu quero insistir numa pergunta de muita importância, que é a questão da informação que a senhora recebeu no banheiro. É importante que a senhora diga para esta Comissão.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu não recebi informação nenhuma. Quando eu fui no banheiro, eu deixei, inclusive, a minha bolsa e a mala ficaram em cima de um sofá. Eu não entrei com telefone, com nada dentro do banheiro.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Não, a senhora recebeu um papel.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Um papel? De quem?

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - É, com alguma informação. Não recebeu, não?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, está aqui. Pode olhar tudo o que tenho. A minha bolsa está aqui...

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Não, não vou...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu, inclusive, quero que o senhor olhe, porque vai ficar uma dúvida...

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Não. Eu, não...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu autorizo.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Se eu botar a mão na bolsa da senhora aí...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Por favor, eu autorizo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Deputado Fraga, escuta só. Permita-me.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu autorizo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Permita-me, só um pouquinho. Eu percebi que a doutora tem uma preocupação muito grande no sentido de que fiquem dúvidas...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu não quero que fiquem dúvidas.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... de que ela possa ter falado com alguém de maneira reservada; de que ela possa ter recebido algum documento. Inclusive, me corrija se eu estiver errado, doutora...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...mas a senhora faz questão...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...de tornar público...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...que a senhora não falou reservadamente com ninguém,...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não falei reservadamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...que a senhora não...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...porque isso poderia ensejar interpretações que poderiam lhe prejudicar.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Errôneas. Claro!

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - O.k.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não passei bem e pedi, porque como eu estava depondo, que alguém me acompanhasse.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Dra. Cristina...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Tudo bem, esse assunto está superado, então.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu...

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Mas eu queria insistir na ONG. Qual é o nome mesmo da ONG?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Da OSCIP.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Da OSCIP, não é? Essa aí que cuida de...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Nova Ordem.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Nova Ordem?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - A senhora conhece essa ONG chamada APAC?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Nunca ouviu falar?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Não mesmo? Bom, eu, Sr. Presidente, evidentemente que os depoimentos da doutora...

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Deputado Fraga, Laura, APAC é uma entidade terceirizada de presídio semi-aberto em São José dos Campos.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - É uma ONG.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Obrigada. Vocês às vezes falam as coisas e a gente não sabe. Obrigada, querido, obrigada.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Sr. Presidente, eu encerro dizendo que lamento profundamente. Nós temos que repensar verdadeiramente os caminhos das nossas CPIs, porque nós não podemos mais é dar esse tipo de, vamos dizer assim, espetáculos para a sociedade, vendo a doutora prestando um desserviço e ela não sair daqui presa. A senhora tinha que sair daqui presa, porque a senhora ajuda criminosos. Eu gostaria que a senhora, ao dormir hoje, se é que vai conseguir dormir, se lembrasse dos 43 policiais que foram assassinados enquanto defendiam a sociedade. Portanto, para mim, as suas lágrimas não vão chegar nem aos pés das lágrimas das famílias dos policiais. A senhora chorou aqui praticamente por defender bandidos. Então, a senhora deveria fazer um exame de consciência, repensar a sua vida, porque defender bandido num país que, infelizmente, a insegurança pública é

que domina, hoje, o nosso País verdadeiramente, não é um bom exemplo de mãe dentro de qualquer casa neste País. A senhora não chorou com a chacina, chorou?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu posso responder?

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Pode. Eu quero até ouvir a sua resposta.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Deputado, eu gostaria que o senhor me explicasse se ... o que o senhor disse foi a fita que gerou. O que gerou...

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - O que a senhora acha?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não foi a fita.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Não foi a fita?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Foi a transferência dos presos para Presidente Venceslau. É isso.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - É, a senhora disse que não sabia de nada, como é que a senhora sabe?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, uai, pelos noticiários. Foi o que gerou. Isso inclusive já está esclarecido.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - O Marcola. Ah, eu esqueci de perguntar. A senhora advoga para ele há 3 anos?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - A senhora esteve aqui em Brasília quando ele teve preso aqui?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Não?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não estive em Brasília.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - É, porque eu conheci o Marcola aqui, em Brasília. A senhora sabia que ele não deu problema nenhum aqui para o sistema penitenciário de Brasília?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O Marcola, ele não dá problema em sistema penitenciário nenhum.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Ah não?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Ele, se o senhor... ele tem bom comportamento carcerário.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - É, aqui ele não usava telefone, viu? Aqui ele não usava telefone. Aqui ele...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E eu acredito que ele também não use em sistema penitenciário telefone.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - *(Risos.)* Eu acho que a senhora...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele... Não foi ele que deu... aquela não era a voz dele.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - A senhora deve ter chegado da Suíça esses dias aí.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, posso dizer para o senhor?

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Hã.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Aquela voz não era a dele. O português da pessoa que falava, era bom que se investigasse...

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Que voz que não é dele, doutora?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Porque eu falei da entrevista do Cabrini. Ela tá dizendo que não é a voz dele.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - A voz não é dele.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não é dele. No RDD não existe comunicação. Ninguém consegue falar no RDD.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Mas, independente de comunicação, aquela voz é dele ou não é dele?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não é dele. O português dele é correto.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - A senhora afirma que não é dele?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu afirmo que não é dele.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Mas como advogada ou como ser humano a senhora está falando?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu afirmo: o português, a maneira de falar não é aquela. Ele não fala daquela forma.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Doutora, para encerrar minha participação então, a senhora estava respondendo as minhas colocações, que a senhora...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Qual é?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu disse que o que ocasionou esse problema todo em São Paulo não foi a fita. O que ocasionou foi a transferência de todos os presos para Presidente Venceslau. É isso que ocasionou.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - E está errado?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, e vou mais além. Uma semana antes da transferência, eu fui na Secretaria da Administração Penitenciária, na Ouvidoria, conversei com o Dr. Pedro, pedindo para que ele fosse transferido dos demais.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Hã, hã.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu fiz isso junto com a mulher dele.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - A senhora como tem uma vivência muito grande aí dentro do sistema, e todos nós aqui estamos aqui buscando, eu acho que, resolver essa questão tão grave, que é o sistema penitenciário, a senhora teria alguma sugestão não para a gente? Teria não?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Teria, claro.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Dê, por favor, eu gostaria de ouvir.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Primeiro, tratar o preso...

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Hã, com dignidade.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Com dignidade.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Está certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Esse seria o primeiro.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Que bom. E o que mais?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, só isso. E outra, o preso que cometeu delito, ele já está pagando pelo delito.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - E um trabalhozinho para ele seria demais?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu acho que seria interessante um trabalho. Eu acho que seria interessante estudo, porque a pessoa que tem estudo ela não entra na criminalidade. Ela vai ter condições. Agora me diga, Deputado, uma pessoa que é preso, ele é posto em liberdade, alguém dá emprego para ele? Não dá. O que ele vai fazer? Voltar a delinqüir. Então o que nós, sociedade, deveríamos repensar? Essa situação.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Está certo. São questões pontuais e discordâncias nossas.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Você sabe o que significa um RDD?

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - O quê?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O que significa um Regime Disciplinar Diferenciado?

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Eu acho... O RDD?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Eu acho um moleza aquilo para o Brasil, acho uma moleza.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Certo.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Eu acho que ele teria de trabalhar, pagar o crime que cometeu de forma decente, sem esse excesso de ajuda que recebe de ONGs, que são desocupados, que não sabem o que fazem. É por isso que o País está assim. Bandidos precisam pagar a sua pena de maneira decente, agora sem tantos privilégios.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Muito obrigado, Deputado Alberto Fraga. Passo a palavra ao Deputado.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sr. Presidente, Sr. Presidente, a Dra. Maria Cristina disse que o que causou esse episódio todo foi a transferência para Venceslau. Como ela sabe disso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Pela imprensa, através da imprensa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Vou passar a palavra ao Deputado João Campos. *(Pausa.)* Ausente. Depois ao Pompeo, não, ao Deputado Neucimar Fraga. V.Exa. está agora com a palavra.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Eu abro mão da fala.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então o Deputado Pompeo de Mattos tem a palavra.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Sr. Presidente, quero cumprimentar a Dra. Cristina, quero aqui primeiro fazer uma afirmação, até por um dever de ofício, afinal de contas eu também sou advogado e sei do empenho do Deputado Alberto Fraga, que é um excelente companheiro, um excelente Deputado, especialmente aqui na CPI. Mas a verdade é que não tem como alguém não defender criminoso, até pela lei brasileira, que nós fizemos aqui. Quero fazer esse reparo para não passar a impressão de que aqui somos neófitos. Quer dizer que um bandido se ele é bem bandido, se ele é muito bandido, não pode ter defesa? Não, é o contrário, ele é obrigado a ter defesa. Se não quiser defesa, lhe é nomeada uma defesa.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É isso mesmo.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Então quero fazer essa ressalva para reconhecer aqui aos advogados de todo o Brasil, especialmente aos criminalistas... E sou advogado criminalista. Não atuo nessa área específica que V.Sa. atua, mas alguém tem de fazer esse serviço mais pesado, vamos dizer assim. Agora, o que não pode misturar é a atividade do advogado com a atividade do cliente.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Claro, claro.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Não pode misturar... O advogado não pode se inscrever no rol dos bandidos a pretexto de defender o bandido. Tem que ter ainda que seja um fio de navalha, mas esse fio de navalha tem de separar o advogado do bandido. E esse cuidado os nossos colegas advogados vão ter de ter, porque senão daqui a pouco vão estar na situação que a senhora está. Queria pedir a V.Sa. A senhora esteve alguma vez no Rio Grande do Sul?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - A senhora sabe que o Marcola esteve no Rio Grande do Sul?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não estive.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Mas a senhora sabe que o Marcola esteve lá?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sei, pela folha de antecedentes.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Quando ele esteve preso no Rio Grande do Sul... A senhora diz que é advogada dele há 3 anos?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Ele esteve antes desse período preso lá.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não estive.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - A senhora não esteve?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Mas a senhora tem conhecimento de que ele esteve no Rio Grande do Sul?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu tenho conhecimento.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - A senhora não chegou a fazer uma visita ao presídio?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - A senhora sabe qual é a cidade em que ele esteve preso lá?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não sei.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Não sabe?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não sei.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Nem pela folha de antecedentes, a senhora não sabe onde ele esteve preso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, não sei.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Confesso que é um pouco...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não, não me lembro, não me lembro, eu não vou falar uma coisa que eu não sei. Não me lembro, não me lembro.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Faz tão pouco tempo que ele esteve preso no Rio Grande do Sul; a senhora já era advogada dele. Acredito que ele deva ser um cliente importante para a senhora.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu advogo para ele desde 2003.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - É, e foi nesse período que ele esteve preso.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu advogo para ele quando ele retornou a São Paulo.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - De onde?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele retornou, se não me engano, do Rio Grande do Sul mesmo. Eu comecei a advogar para ele, a primeira vez que falei com o Marcola foi no DEIC.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Foi onde?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - No DEIC.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - No DEIC?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - São Paulo.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - E ele estava retornando de onde?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele estava retornando do Rio Grande do Sul, porque ele esteve no Rio Grande do Sul, em Brasília...

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - A senhora tem certeza que era do Rio Grande do Sul que ele estava retornando?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu não tenho certeza, Deputado.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Hum, hum. Então, é porque ele esteve preso no Rio Grande do Sul, na cidade de Ijuí, numa penitenciária modulada, que é, vamos dizer assim, de segurança relativa, não é de segurança máxima, eu diria, sim, de segurança média, é uma penitenciária moderna, nova, enfim, mas não tem esses requisitos da segurança máxima. E, aí, para a senhora ter uma idéia, foram feitas manifestações, inclusive da comunidade e do próprio sistema penitenciário do Estado, para tirá-lo de lá, porque havia informações de que o PCC poderia atacar o presídio modulado de Ijuí para resgatar o Marcola. Daí a razão da pressão, inclusive do próprio Governo do Estado do Rio Grande do Sul, que remeteu o Marcola de novo para o sistema paulista. A senhora não tem conhecimento disso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não tenho conhecimento.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Mas a senhora sabe que ele tem dificuldade de estar nos presídios, em função dessa ameaça constante de invasão, enfim, de fuga, de resgate? A senhora tem informação disso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu tenho informação através da imprensa.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Sim.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas não de autoridade.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - A senhora fala com o Marcola sobre isso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Só com referência aos processos. Mais nada.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Quantos processos ele responde?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O Marcola responde, atualmente, a 2 processos. Respondia a 2. Um era da 12ª, que era... *(Pausa.)*

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Sim, pode falar.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O Marcola responde um processo perante o Juiz de Presidente Prudente. O Marcola...

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Pelo quê? Qual é o crime?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O crime é ser o mandante da morte do juiz.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Ah, perfeito!

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele respondia um processo pela 12ª Vara Criminal, de formação de quadrilha, e foi absolvido.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Sim.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele responde um outro processo, de uma megarrebelião que houve em 2001, pela... pelo Juízo da 2ª Vara do Júri de São Paulo.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Mas nesse caso da morte do Juiz Machado, que o Deputado está falando, a Rosângela e o Gegê do Mangue foram condenados, e eles disseram que foi a mando de Marcola.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu desconheço.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Mas, há uma confissão deles.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Décima Quarta Vara Criminal de São Paulo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu desconheço.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Bom, ele não foi julgado ainda por esse crime de mandante?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não foi julgado.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Não foi?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, é..

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Não há uma sentença, nem de primeiro grau?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não há sentença de pronúncia. Agora, o que houve? É... Foram feitas as alegações finais, falta, ele está com uma outra pessoa, o Sr. Júlio, eu não sei o nome todo dele, que também está respondendo esse processo, além de outros que cometeram o delito, e está aguardando o advogado do Sr. Júlio apresentar as alegações finais.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Então, e a senhora é advogada nesse processo dele?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu sou advogada nesse processo.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Então, esse é um crime de júri? Vai para o tribunal do júri.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Está no tribunal do júri.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Julgamento popular.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Perfeito.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Está na Vara do Júri de Presidente Prudente.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - E qual é o crime que ele está condenado? Qual é o processo que ele está condenado hoje?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele está condenado, por diversos roubos, a 39 anos.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Sim.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Quando ele... Desses 39, ele já cumpriu 17.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Hum, hum.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E, pelas nossas leis, ele teria direito a uma progressão de regime, mas toda vez que se tenta entrar com uma progressão de regime, ele vai novamente com alguma acusação para o RDD. E lá, no RDD...

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - É o Regime Disciplinar Diferenciado.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso. Aí, tem que se fazer a defesa dele no RDD. Até fazer a defesa dele, e ele ser colocado fora, leva uns 4, 5 meses aproximadamente.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Está bom. Então, a senhora não esteve em Ijuí, nem no Rio Grande do Sul, quando o Marcola esteve preso lá?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não estive. Não estive.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Perfeito. Nessa questão do Cabrini, da entrevista com o repórter Cabrini, de uma das emissoras de rádio, me parece que é o...

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - *Bandeirantes*.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - A Rede Record, eu acho.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - *Bandeirantes.*

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - *Bandeirantes?*

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - *Bandeirantes.*

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - É a *Bandeirantes.* Bom, eu assisti a toda a entrevista, e eu confesso que eu fiquei impressionado, por duas razões. Primeiro: pelo que foi dito na entrevista, é claro que impressiona, e, segundo, pela própria entrevista em si, que, naturalmente, é um furo de reportagem. E a senhora vem e afirma, categoricamente, que não é a voz dele.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Eu afirmo pelo seguinte motivo: ele já se encontrava no RDD. No RDD, não tem como a pessoa ter telefone celular; tem bloqueador, o telefone celular não funciona lá no RDD.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Deputado Pompeo, eu posso fazer um aparte a V.Exa.?

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Pois não.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ai, meu Deus.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Se nós formos agora discutir o RDD, nós não vamos discutir a questão principal.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Neste momento, a questão é que esta Comissão foi violada, as fitas foram vendidas, ou não vendidas, e 2 pessoas têm que depor sobre isso.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Perfeito.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Todo o resto nós vamos ouvir da testemunha quando formos à Barra... ao fórum lá, em São Paulo.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Barra Funda.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Barra Funda.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Perfeito. Perfeito. Eu espero ter assegurado o meu tempo e ter a liberdade de fazer as perguntas que eu bem entender.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, Deputado Pompeo, que nós estamos há 6 horas ouvindo isso, só isso.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Eu sei, V.Exa. ocupou o espaço e todos respeitaram o espaço que V.Exa. ocupou. Espero que tenha a dignidade de respeitar o meu. Perfeito.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Deputado Pompeo, V.Exa. sabe que eu tenho muita dignidade, agora, nós aqui estamos perguntando sobre o caso.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Eu agradeço, eu agradeço, nós 2 temos, Deputada, nós 2 temos, e eu queria ter o respeito, então, que lhe dei e não estou recebendo por V.Exa. Aliás, V.Exa. fez as perguntas que eu havia dito, na mesa, que faria, depois que disse. Perfeito. Perfeito. Dá licença, dá licença que eu quero continuar me permitindo falar, se V.Exa. conceder. Eu, eu, eu trato isso porque é importante, eu trato isso porque é importante — e eu tinha essa questão como... Aliás, como não havia sido questionado, eu vim à Comissão exatamente para questionar porque ninguém questionou isso, e aí quando eu me manifestei que esse era o meu questionamento e a razão da minha inscrição, os questionamentos vieram. Mas eu ainda quero ter o direito de poder questionar sobre isso, porque eu

acho extremamente relevante e grave, e grave, porque, Presidente Moroni, se esta Comissão foi violada — e foi violada —, nós estamos tendo uma segunda violação, que eu interpreto não menos grave, porque se... Se confirmarem as palavras da Dra. Cristina de que aquela entrevista não é verdadeira, nós temos uma violação nacional, nós temos um crime grave perpetrado por uma rede de TV, nós temos um crime grave perpetrado por um jornalista de nome, de prestígio, de conceito. Então, quer dizer, já temos aqui declarações falsas, entrevistas falsas, estão falsificando CDs... Então, essa é a nossa preocupação, porque o sistema prisional, e quem atua na área, como eu, que sou advogado criminalista — fiz um júri na semana passada e sei bem —, sabe que eles se movem pelas informações que recebem, e essas informações que veiculam na imprensa alimentam as conversas no presídio e alimentam as ações e as reações dos presídios. Não há como negar. Como, como uma audiência pública aqui transmitida — e esta aqui é transmitida pela imprensa nacional — repercute no sistema prisional, uma entrevista daquela magnitude, daquela expressão, com aquele que é tido e havido como líder do PCC, tem uma repercussão enorme. E agora quando se tem informação que essa entrevista é falsa, que essa entrevista não é verdadeira, eu, aliás, inclusive, acho que a própria Comissão, Presidente, tem que averiguar isso, porque é, sim, extremamente relevante, na hora oportuna.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sr. Deputado, eu só quero lhe informar que a Comissão já pediu ao Secretário de Administração Penitenciária todas as providências que foram tomadas com relação a essa entrevista. Então, nós esperamos que isso seja feito através de perícias, e aí nós vamos saber se foi verdadeiro, se não foi.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Eu sugiro, inclusive, Presidente, que a própria Comissão requeira à rede de televisão uma cópia e a... e a própria Comissão, através da Polícia Federal, peça uma perícia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Já solicitamos, na semana passada, a cópia.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Perfeito. V.Exa. é diligente e essas diligências é que são importantes, porque nós temos um fato que vai virar uma bola-de-neve. Quer dizer, uma vez violam aqui a CPI, vem outra vez e violam

uma entrevista, e, aí, eu fico curioso quando a Dra. Maria Cristina diz assim: *"Não, no RDD é impossível ter celular".*

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Impossível, impossível.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Quer dizer que, quer dizer que é normal, em outro local, no presídio, que não no RDD, ter celular.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu não quis dizer isso, eu disse que lá não pega o celular; eu não quis dizer com isso que tenho ciência que em outros presídios tem, tem celular. Eu não sei.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Sim.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu nunca vejo apreensão de celular em outros presídios.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Perfeito. Para eu concluir a respeito desse, da violação da fita aqui, do CD que o rapaz teria entregue para a senhora, a senhora nega que ele entregou para a senhora o CD?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Ele entregou e eu devolvi.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - A senhora devolveu?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Devolvi para ele...

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Depois de ter tirado cópia?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso mesmo.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - A senhora tirou uma cópia?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E eu não sei... Não, não fui eu que tirei. Quem tirou foi ele.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Sim, mas ele, ele...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele tirou a cópia, ele foi no... na...

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Não, mas ele lhe entregou o CD?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele entregou não só para mim, como para o Dr. Sérgio.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Perfeito. Mas ele lhe entregou o CD?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele entregou.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Tá. O que a senhora fez com o CD?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu devolvi para ele.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Mas o que é que fez antes de devolver?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Com o CD? Nada. Foi questão de minutos, de atravessar, sair do *shopping* e ele indicar o hotel.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - E ele entregou na mão o CD para a senhora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele entregou.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - E o que a senhora fez?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu já disse, Deputado.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Não, eu sei. Eu sei. Mas é importante. A senhora tem um CD, que tem notícias importantes, que a senhora até acha importante...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele falou que não tinha.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Ele falou que não tinha, mas a senhora sabia que tinha, não é?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não sabia que tinha, eu não ouvi.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Então, por que a senhora queria?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O CD?

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - É.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas eu não queria a parte que... que não fosse permitida.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Por que a senhora queria? Qual é a parte que a senhora queria?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - A parte que fosse permitida.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Então, por que a senhora não pediu na...?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputado Pompeo, tem um minuto para concluir.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu pedi.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Sim, eu vou concluir.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu pedi.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Por que a senhora não pediu lá na Comissão?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu pedi na Comissão.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Mas, no entanto, recebeu do outro.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu pedi na Comissão.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - No entanto, recebeu do outro. Essa é... essa é a questão.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É...

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Bom. Nós vamos ter a acareação. E ele fez as declarações importantes aqui que a Comissão já assistiu, já acompanhou. Nós acompanhamos também. E esse aspecto eu quero só dizer, assim, que é grave...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu sei que é grave.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - ... para a senhora. Por que é grave?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu sei.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Porque aí termina o limite... Aí está o limite até onde vai o advogado. Aí a senhora já passou para o outro lado. E é aquilo que ...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não passei para o outro lado.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - ... o Deputado Fraga tem falado. O advogado pode ser advogado do maior criminoso, o que não pode é ajudar o criminoso a cometer crime ou cometer mais crimes, na ânsia de absolver ou, enfim, de defender o criminoso. Essa não é a prática.

O instrumento de defesa do advogado é o Código e não o crime. E a senhora... E a senhora, na hora que botou a mão nesse CD, já começou a participar

de uma trama que constituiu na violação que se consumou aqui na Comissão. Essa é a minha convicção.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu agradeço a participação dos Deputados e Deputadas.

Eu só quero dizer para a senhora que, de qualquer forma, representa o seu cliente. Veja o que diz o Estatuto do PCC. O item 7º do Estatuto do PCC diz assim: *"Aqueles que estiverem em liberdade, bem estruturados, mas esquecerem de contribuir com os irmãos que estão na cadeia, serão condenados à morte"*.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sem perdão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sem perdão. Serão condenados à morte sem perdão. Esse é o art. 7º do estatuto do PCC. Quer dizer, essa é a organização que se diz defensora dos presos. Quer dizer, quem estiver na rua e não contribuir é condenado à morte sem perdão. É essa a organização?

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - E advogado, se falar a verdade aqui, também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Bom. Eu gostaria que a Sra. Maria Cristina sentasse aqui, à frente.

Vamos chamar o Sr. Sérgio Weslei da Cunha para começarmos a acareação. *(Pausa.)*

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Presidente, aproveitando, já que tem várias informações desencontradas, e o Arthur está aí, nós possamos fazer, aqui é possível também, aproveitando o momento em que os 2 advogados estão aqui, trazer também o Arthur para tirar todas as dúvidas. Não tem por quê. Se ele teve em contato com os 2, é o momento de fazer isso aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputado Luiz Couto, eu sou escravo do Plenário da CPI. A CPI deliberou, para quinta-feira, nós fazermos esta acareação. Hoje, esta acareação será entre os advogados. *(Pausa.)*

A acareação é simples. Os Deputados terão um tempo de perguntar a um e a outro sobre questões. Certo? Agora, vamos diminuir o tempo, porque já avançou muito o horário. Então, são questões objetivas em que houve contradição de um e de outro. São essas as questões que nós vamos deliberar agora. *(Pausa.)*

Eu gostaria de iniciar a acareação entre ambos. Para mim, tem uma pergunta só que deve ser respondida já. A Dra. Maria Cristina diz que foi o Dr. Sérgio quem

convenceu o Arthur a dar os CDs. Eu quero saber. A senhora disse isso para todo mundo ouvir aqui.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu repito: eu disse que eu...

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Fale mais perto.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ... eu estava na Secretaria, quando recebi um telefonema, dizendo que eu poderia descer que estariam autorizados os CDs da parte que fosse permitida e que um funcionário da Câmara ia providenciar a cópia dos CDs. Mas, até esse momento, eu não sabia se... se era do que não era permitido ou não. O Dr. Sérgio me passou, que era a cópia do que foi permitido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está bom. Dr. Sérgio, o senhor disse que não foi o senhor que convenceu? O que o senhor explica sobre isso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Convenceu quem, Excelência?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Arthur a lhe dar os CDs.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não convenci. Eu solicitei... disse a ele que já havia pedido previamente para o Sr. Manoel. Ele disse para mim que iria guardar o material, checar a autorização e me forneceria. Isso é o que eu disse.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não. O senhor disse que não tinha sido o senhor que tinha convencido. Está nas notas taquigráficas.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É óbvio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Que não foi o senhor que convenceu o Arthur a dar... Não sendo o senhor, quem foi que convenceu o Arthur?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Foi aí que eu respondi para V.Exa. que eu não convenci ninguém. Ocorreram duas abordagens lá atrás, no inquérito legislativo que estão todos...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Abordagem por quem? Quem abordou o Arthur?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Quem está na... na filmagem, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quem é?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não vou acusá-la. As imagens falam por si.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Doutor...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Agora, eu solicitei a ele. Eu não acusei ela. Em momento algum eu acuso ela.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Presta a atenção, doutor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim. O senhor só disse que na imagem tá ela aparecendo lá no contato.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Acabei de ver a imagem no processo lá, Excelência.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Doutor, presta atenção, eu estava lá na Secretaria quando o senhor me ligou e me disse que os CDs estariam à disposição.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - E antes aqui? E antes aqui, doutora? Na parte de trás?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, o que eu conversei com ele só foi café... Não conversei nada. Ele pode esclarecer isso.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exatamente, no inquérito ele diz...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele esclarece.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - ...que ela o abordou inclusive antes...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não abordei antes.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - ... do início da reunião. Está no depoimento do Arthur, lá no Processo Legislativo nº 9, de barra 2006.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Por que o senhor disse que ela, Dona Maria Cristina, *"é muito mais esperta que eu*"?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Os senhores é que chegaram a essa conclusão, me chamando de vários outros adjetivos aqui pejorativos, sobre a minha profissão, inclusive. E eu disse o seguinte: que eu não era esperto, porque eu tinha apenas uma quantidade de... de anos de advocacia.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não. Ele disse o negócio dos clientes.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exatamente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mais do que isso, o senhor disse que o senhor tinha muitos clientes e ganhava pouco. E ela tinha poucos clientes e ganhava muito.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não falei que ela ganhava muito. Eu não conheço a vida financeira dela, como eu vou saber?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, mas eu queria ter as notas.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sr. Presidente?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu posso responder?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pode.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não tenho poucos clientes.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está certo. O Deputado Carlos...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu trouxe, inclusive, algumas relações de clientes. É só puxar pela Internet.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está certo. O Deputado Carlos me consertou, ele tem razão, ele não disse o valor, mas ele disse que ela teria poucos clientes, insinuando...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por gentileza, Presidente?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não, Relator.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim, como eu teria poucos valores se ele não me conhece?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Dra. Maria Cristina?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora relatou aqui para nós que, quando o advogado entrou em contato com a senhora, comunicando que teriam acesso às informações da reunião...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim, mas da...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...a senhora disse para ele o quê?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu disse o seguinte para ele: “Doutor, o senhor tem razão? Porque eu conversei com o Seu Manoel, e ela não ficaria pronta hoje, ficaria amanhã”. Ele falou: *“Não, doutora, já vão ficar*

pronta. Aqui, na casa, não dá para fazer, mas em outro lugar dá para tirar cópia". Mas eu não imaginava, e acredito que ele também não...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que mais a senhora disse a ele? A senhora não o alertou?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Alertei!

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Alertou o que a ele?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu falei: "Doutor...", eu vou falar o que eu disse.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pode dizer.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - "Doutor, isso é uma roubada, não pode ser, isso é uma roubada".

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - *(Ininteligível)* inocência.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutor, só um momento. Doutora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E falei, eu falei assim mesmo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É lógico que não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por gentileza, pessoal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não é verdade o que ela...?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, não é verdade. Nós fomos fazer uma coisa legal, de boa-fé, sem dolo, acreditando...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ela não lhe alertou que era uma roubada isso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu fiquei preocupada!

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA – Ah, se fosse uma roubada para que ela foi junto?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por favor, estou fazendo uma pergunta à doutora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque ela disse que o senhor a convenceu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutora.?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ah, eu convenci ela? Tá.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutora, quero dar oportunidade de a senhora relatar aqui para nós, por favor.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim, pois não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O que a senhora disse a ele?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu disse que havia descido da Secretaria e que achava impossível, se o Secretário disse que não poderia fornecer, que alguém fornecesse. Eu falei: "Doutor, cuidado. Isso, isso é uma armação, isso é uma roubada, não existe isso". Ele falou: *"Doutora, não é, isso tá autorizado, nós só vamos pegar da parte permitida".*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Foi dito isso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Lógico que não, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É mentira dela, então?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É lógico que é, Excelência.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - *(Fora do microfone.)* Não. Não é mentira.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Lógico.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É mentira dela.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutora, por gentileza.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Mas lógico que é. Doutora, pelo amor de Deus, a senhora não é tão ingênua a ponto de se dirigir a um *shopping*, com toda filmagem que tem filmado nós nos corredores, o rapaz conversando com a gente na abordagem com ele, dar seu cartão para ele...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Doutor, presta atenção...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - ... dirigir-se a ele num *shopping*...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Presta atenção, doutor, é o seguinte...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Pelo amor de Deus. Não ocorreu crime algum, doutora, não sei do que a senhora está com medo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas eu, doutor, não estou dizendo que ocorreu o crime, eu disse que o fato — o senhor, por favor, me olha, doutor, por favor, me olha —... eu disse que o fato de o Sr. Manoel Alvim dizer que não podia, e o senhor...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A senhora disse o contrário, disse que ele iria te autorizar, inclusive comentou comigo, lá no escritório, que ele tinha te mandado uma correspondência te autorizando a retirar e tudo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele disse que mandaria através do SEDEX para mim — verdade —, mas que naquele momento ele não poderia mandar. Mas o senhor me disse, me convenceu que tinha sido autorizado. Doutor!

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não lhe convenci. Como que a senhora vai...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sr. doutor, presta atenção. O senhor...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não lhe convenci, doutora. Doutora, a senhora é mais experiente que eu profissionalmente, a senhora tem muito mais envergadura, muito mais clientes e mais tempo de atuação, entendeu? Então, o que acontece? Eu falei, no começo, que eu fui até o Sr. Manoel...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Meu Deus, que roubada!

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - ...fui até o Sr. Manoel...Isso aqui para eles é ótimo, entendeu, 2 advogados se destruindo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, doutor, eu não estou destruindo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu estou contando a verdade desde o começo, entreguei...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Posso pedir uma coisa para o senhor?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - À vontade.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Por favor, doutor, fala a verdade.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu estou falando. Ah! Mas não adianta drama, doutora. Eu estou falando a verdade.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Doutor?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele está mentindo, então?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutora?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu estou falando a verdade. Quem está mentindo?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Doutor, por favor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele está mentindo?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, doutor, o senhor está mentindo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A senhora... eu convenci a senhora a entrar num táxi comigo, a ir até um local...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Doutor, eu achei que fosse legal, lícito.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutora? Doutora?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A senhora achar que é legal, é uma coisa, agora eu ter te convencido é diferente.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Doutor, o senhor falou: *"Doutora, foi autorizado..."*

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A senhora foi de livre e espontânea vontade, sabendo que estava autorizado, conforme o rapaz falou para nós, que ele ia lá em cima guardar a aparelhagem e que iria confirmar a autorização que havia requerido e que a senhora havia requerido também.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso ele falou, mas mesmo assim...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Então? Então, eu não convenci a senhora, a senhora foi por livre e espontânea vontade!

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Doutor, mesmo assim eu fiquei desconfiada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Dra. Maria Cristina, a senhora disse aqui que o advogado inclusive se dirigiu à senhora da seguinte forma: *"A senhora, advogada do Marcola, com medo de fazer isso?"*

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso mesmo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele disse isso para a senhora?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Foi isso que ele disse para a senhora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Foi isso o que ele disse.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu disse isso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Disse.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É mentira, Excelência.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É mentira.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele disse isso para a senhora, doutora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele disse... ele disse o seguinte: *"Doutora...*

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Conte a verdade, doutora.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu estou contando a verdade. Quando eu desci, eles estavam juntos, os dois, eu conversei com ele e falei: "Doutor, doutor, isso é uma armação, isso é uma roubada. Doutor, nós vamos entrar numa fria. Vamos aguardar o envio do CD". Ele falou: *"Não, doutora, tá autorizado e o que nós vamos levar não é o que não é permitido."*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E ainda disse que a senhora como advogada...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Falou: *"Doutora, a senhora uma grande advogada, experiente, com medo do quê, doutora?"*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Foi isso que tu falastes para ela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Lógico que não. É mentira, Excelência. E acha que uma advogada experiente iria se prestar a esse papel? Sabendo que sair daqui junto com um funcionário, fora da Câmara, fora da Câmara, lá na... Olha, eu não vou nem mais participar disso.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Isso é uma acareação!

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O senhor tem que participar.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Isso é uma acareação!

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A senhora está mentindo. Já que é para... a senhora está mentindo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas se o senhor não quiser participar, aí parece que ela está dizendo a verdade e o senhor está mentindo!

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não a convenci. A senhora está mentindo, eu não a convenci.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Então diga para nós quem foi que pagou? Quem foi que pagou?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Pagou o quê?

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Quem foi que pagou? Quem foi que pagou?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Pagou o quê?

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - O dinheiro lá para o...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, ela pagou só a parte da filmagem lá na loja. Foi isso que eu vi. Eu peguei meu CD e fui embora.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Quem pagou foi ela ou foi você?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A parte do CD, o serviço prestado na loja foi ela.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Dr. Sérgio, quem ficou com o outro CD?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ela ficou. Está na filmagem.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ela pegou o outro CD?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ela disse que devolveu o CD e o senhor, não.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Mentira, mentira, mentira! Eu fiquei com um CD, a senhora ficou com o outro. Ele pegou os dois CDs, entregou um para mim, entregou para quem?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Quando eu devolvi o CD o senhor já tinha pegado o táxi.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu já tinha ido embora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Tinha, é verdade isso.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ah, então eu não posso falar sobre fatos que não presenciei, Excelência. Está dizendo que devolveu depois que eu fui embora de táxi do *shopping*.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu vou dizer de novo. O que eu paguei, doutor? O que o senhor viu eu pagar?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, a senhora pagou o serviço de gravação do CD e os 2 CDs.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não paguei só isso. Eu paguei o táxi.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A senhora pagou o táxi, isso já foi falado aqui, não estou questionando isso.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele sentou na frente.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exato. Nós 2 fomos atrás.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, mas nós temos que contar tudo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O que o rapaz questionou? Qual a versão que ele vazou para nós que os advogados levavam dinheiro? Vazou daqui para lá ou não vazou, doutora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É, ele disse que a mulher do Seu Marcos estava em...com problemas porque...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Contou isso, contou que os advogados levavam dinheiro com compra de imóveis.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Disseram aqui que os juízes que não poderiam ter soltado ela.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Que teria que intimar o juiz, que os advogados lavavam dinheiro...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Só isso que ele falou.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Só isso, então. Mas isso ele...

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - A senhora pagou, então, essas contas, e o que é que o doutor pagou?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O doutor pagou o restaurante.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - O restaurante?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Volta esta conversa. Ele falou o quê?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Pagou o restaurante.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Fala, fala, continua.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ele foi questionado pelo Deputado Neucimar que ele havia mentido. Aí ele falou assim: *"Ah, não, o senhor falou agora aqui na sessão."* Aí o doutor falou: *"Não, isso eu falei na sessão secreta. Como é que você sabe?" — "Ah, não, é que os advogados estavam comentando dentro de um táxi "— "Mas como é que ele sabe se isso foi dito na secreta?".* Ele saiu na

evasiva: *"Eu tenho aqui a cópia, eu autentiquei."* O Doutor questionou ele, acho que o Dr. Neucimar...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então conta qual foi a conversa que houve dentro do táxi?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A conversa foi essa.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas eu quero...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu dei risada que eu falei: "Eu estou à disposição o meu sigilo bancário, vê se tem algum dinheiro de algum lugar aí, alguma coisa acima de 2, 3 mil reais, que é o meu dia-a-dia."

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora, qual a fita foi parar no comando do PCC? Qual o CD? O que estava de sua posse ou o de posse dela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O meu está aqui e ficou na minha posse, não foi ouvido por ninguém, não foi tirado cópia para ninguém, e eu entreguei para o senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Se não foi o seu, então foi o dela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não sei. Tem que perguntar para ela, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Só tinha 2.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Tem que perguntar para ela, Excelência. O meu não foi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Foi o seu ou foi o dele?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não passei nada para ninguém. Eu fui ao hotel...

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sr. Presidente, eu só quero fazer uma pergunta é para o Sérgio.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ...não fiz um telefonema a não ser para a minha residência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu vou lhe dar o tempo agora.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Não, só quero fazer essa pergunta para o Sérgio. O Sérgio disse que quem pagou tudo foi a Dra. Maria

Cristina, que pagou o táxi, que pagou a loja, que pagou a reprodução. Mas quem estava atrás da fita era ele, por que foi ela que pagou?

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - *(Fora do microfone.)* Você é mais esperto do que ela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, eu não sou mais esperto que ninguém.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Por que ela pagou o táxi? Por que ela pagou o táxi?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Porque era a única que tinha dinheiro trocado.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Mas como o senhor estava querendo a fita se não tinha dinheiro para pagar?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Porque o meu era contado só para voltar para o aeroporto e ir embora para São Paulo, Excelência.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Mas quem foi atrás da fita, quem foi requerer a fita, quem foi?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Os dois.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Foi o senhor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Os dois, Excelência.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Foi o senhor! Foi o senhor!

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Os dois, Excelência, não fui eu.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Quem foi requerer na Secretaria foi o senhor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ela também requereu.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Sr. Presidente, acho que é importante uma coisa que não ficou claro aqui e que a Deputada Laura...

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Espera um pouquinho, espera um pouquinho Deputado Pompeo. Espera um pouquinho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu quero agora... O primeiro inscrito...

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sou eu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ... é o Deputado Arnaldo Faria de Sá. Eu vou passar o tempo ao Deputado Arnaldo Faria de Sá para fazer as suas perguntas e até aconselho a vir para este microfone aqui que fica mais fácil.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Não, eu não quero atrapalhar a filmagem lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tem V.Exa. a palavra.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Quem foi... Foi dito aqui hoje no depoimento que o Dr. Sérgio é que estava atrás da gravação da fita, dizendo ele apenas da parte legal, que ele não queria aquela outra que, segundo ele, poderia incriminar em dolo, certo? Mas ele foi requerer a fita, e na hora em que a fita é conseguida a gravação quem paga é a Dra. Maria Cristina? Isso é que eu quero uma explicação.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Já expliquei, Excelência, na minha oitiva. Foi porque ela tinha dinheiro trocado.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Na tua oitiva é uma situação, agora é acareação.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - E eu estou respondendo a mesma coisa, Excelência. Ela pagou porque ela tinha o dinheiro disponível para fazer o pagamento. Ela se dispôs a pagar o táxi e a despesa da confecção das cópias lá no *shopping*.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - E o dinheiro do rapaz, quem pagou?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ninguém pagou dinheiro para o rapaz. Eu não vi ela pagando e muito menos eu paguei.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Por que, na entrevista coletiva que você deu, você disse que houve pagamento?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É, só que cortaram a parte que eu expliquei exatamente isso ao doutor, que ela pagou o serviço da loja, a Labortec — sei lá o nome da loja lá. Ela pagou o serviço e os 2 CDs virgens. Jamais eu falei que ela pagou alguma coisa para alguém. Tanto porque não foi pago da minha parte, e não vi ela fazendo nenhum pagamento também.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - A Dra. Maria Cristina disse que estava sem advogado, porque o advogado cobraria dela um honorário que ela

não tinha condição de pagar. E o advogado que ela não tinha condição de pagar, o advogado está com você. Quem está mentindo sobre os honorários?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Pergunte ao advogado, Excelência.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Não. Você é que está na acareação, e não o advogado.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Os meus honorários eu parcelei e vou pagar na forma de um carnê de Casas Bahia, Excelência.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Então, ele está mentindo, ele está mentindo, porque ele disse que não ia pagar o advogado e agora diz que parcelou e vai pagar nas Casas Bahia.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O doutor deu a explicação e o senhor não estava presente, que ficou combinado gratuitamente agora. Não paguei nada para ele, mas futuramente eu iria acertar isso aí.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Gratuitamente agora e Casas Bahia no futuro?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É como eu faço com os meus clientes, Excelência.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sr. Presidente...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não, Deputado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...Deputado Arnaldo, por que razão o senhor disponibilizou para a Dra. Maria Cristina um depoimento do seu cliente, que não era cliente dela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Porque esta CPI queria implicar o meu cliente com o cliente dela. E foi justamente, na minha ótica, para provar que não existia ligação entre os dois.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Espera aí, agora eu tenho uma pergunta. O cliente dela é o chefe do PCC?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não sei. Não tenho conhecimento dessa informação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Por que... de que forma... O seu cliente estava aqui acusado de fazer transporte de arma para o PCC.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - E negou veementemente na presença de V.Exa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - De que forma isso implicaria com o cliente dela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Justamente para não ter ligação com a apreensão de armas, onde meu cliente negou que nenhuma arma daquela do PCC...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas de que forma implicaria com o cliente dela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, provava que realmente o cliente dela não tinha nada a ver com o meu, na hipótese de ele ser culpado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas o seu cliente estava sendo acusado de traficar armas para o PCC.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o cliente dela é do PCC. Por isso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, não sei. Não conheço o cliente dela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, como ia implicar com o cliente dela se...

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Sr. Presidente, V.Exa. me permite uma reflexão?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Deputado Arnaldo está com a palavra.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Se me permite, talvez a entrega da fita para ela demonstraria ao Sr. Marcola que o cliente dele não declinou o nome do Sr. Marcola em seu depoimento. Portanto, ele preservaria o cliente dele.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exatamente, Excelência.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Então, o senhor está confessando que o meu cliente é líder de facção?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, a senhora é que está querendo colocar palavras na minha boca, doutora. O seu cliente é?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Então!

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Que eu saiba, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, por que está com medo?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Porque vocês queriam fazer a ligação no depoimento do meu cliente. Vocês ficaram a todo o momento tentando ligar o meu cliente com o cliente dela. O meu cliente negou veementemente. Ela me solicitou uma cópia do meu depoimento, do meu cliente, e eu falei: *"Olha, se o pessoal autorizar...*"

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Foi ela que solicitou, não é?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Para mim, sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não foi o senhor que convenceu ela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Lógico que não. Eu vou convencer uma advogada experiente, Deputado? Vou convencer o senhor?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É mentira dele?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É mentira. Ele que falou que ia fornecer.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É mentira dela, Excelência. Jamais eu convenceria uma pessoa... Pelo amor de Deus.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tem a palavra o Deputado Arnaldo Faria de Sá, para concluir.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Sr. Presidente, uma acareação, temos que verdadeiramente colocar a versão dela com a dele. Acho que a Dra. Maria Cristina, logo no início, começou a contar o que aconteceu dentro do táxi. E ele a interpelou para não concluir. A senhora deve concluir o que a senhora ia dizer. Diga a verdade, como foi feito o pagamento dentro do táxi. Senão ele vai engolir a senhora aqui na frente de todo mundo. Houve pagamento, sim, dentro do táxi?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Pagamento do táxi, da corrida. Eles querem colocar a palavra na nossa boca.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - O que a senhora queria dizer no início, quando a senhora começou a falar que ele disse *"olha, não cometi crime algum",* que o rapaz foi na frente?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora tinha alertado ele de que era crime o que estava acontecendo?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Alertei, claro.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É partícipe, porque a senhora sabe que está sendo cometido um crime e vai junto. Eu sou...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Veja bem, o senhor me convenceu por quê? Eu achei que era legal, porque aquele era um funcionário da Câmara.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu te convenci?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O senhor me falou que só ia fazer...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu te convenci, as provas, as abordagens da doutora lá, as abordagens lá em cima. Ele levou a senhora.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Doutor, eu não abordei lá em cima.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ele fala isso no depoimento dele, onde a senhora vai depor amanhã.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas eu não fui. Tem as fitas, doutor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso, eu vi todas fitas.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Único lugar que eu conversei...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O inquérito. A senhora com ele, a senhora conversando antes da sessão. Ele montando o equipamento.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Doutor, o senhor está tentando confundir.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não estou tentando confundir.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Nós estamos...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A senhora está tentando jogar a culpa em mim.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Doutor, não estou jogando a culpa em ninguém.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Fale um de cada vez.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não houve crime. Por quê? Porque... O que foi gravado não é só a parte permitida?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É a parte constitucional a que meu cliente tem direito, que eu volto a afirmar.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O senhor está dizendo que eu não dei dinheiro, que o senhor não deu dinheiro — cadê o crime, doutor?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu volto a afirmar... Como?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputado Arnaldo...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O senhor não deu o dinheiro, eu não dei o dinheiro: cadê o crime?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não dei. Eles querem que a gente diz tudo aqui para satisfazer à mídia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputado Arnaldo, para concluir.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eles querem... Olha...

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - *(Ininteligível)* que foi o Arthur que inventou isso tudo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O que que eles querem? Eles querem a pura verdade, e nós queremos por quê, nós queremos que apure a verdade por quê? Por causa da sociedade, doutor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Mas isso é óbvio, isso é discurso, doutora. Nós estamos aqui para apurar os fatos.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não estou discursando nada, doutor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Doutora, eu não convenci a senhora a nada. A senhora é uma advogada muito mais experiente do que eu, tanto em idade — desculpa falar isso a uma mulher — como também em advocacia; jamais eu conseguiria convencer a senhora a me acompanhar, e a senhora com a desconfiança de que fosse algo ilícito. Isso aí é história da carochinha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputado Arnaldo Faria de Sá, para concluir a sua participação.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Eu pedi um aparte para o Arnaldo, e ele me concedeu, para fazer uma única pergunta.

Acho que não está claro, Dra. Cristina, essa questão do táxi. Vamos raciocinar: do táxi. Quando tomaram o táxi e aí, dentro do táxi, teve uma conversa. Nessa conversa do táxi foram revelados fatos que aconteceram no depoimento aqui dentro desta CPI.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Foram, foram revelados. Foi.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Eu quero que a senhora revele esses fatos que aconteceram dentro do táxi. Qual é que foi a conversa?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - A conversa foi que... a mulher do meu cliente...

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Quem conversou?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Quem conversou foi o Arthur.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - O que ele disse?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele disse que seriam convocados os juízes, porque eles não saberiam como ela tinha sido colocada em liberdade. Isso ele disse que foram os delegados que disse.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Que mais? Porque aí tem um fato importante, Presidente, porque dizia o Arthur aqui que ele não ouviu as conversas que ele próprio gravou em função de que não tinha som. E, se ele teve essa conversa, então é importante o que ele disse.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E disse mais: que o sigilo bancário seria quebrado, dos advogados. O doutor respondeu: *"Pode quebrar o meu porque eu não tenho dinheiro, ainda vão me depositar dinheiro na conta"*. E eu falei: *"O meu também está devedor, está estourado o limite; pode quebrar o sigilo bancário"*. E mais nada se comentou.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Foi essa a conversa dentro do táxi?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Foi essa a conversa dentro do táxi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputado Arnaldo, para concluir.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Eu quero saber: durante um determinado momento houve o encontro, fora desta CPI, da Dra. Cristina com o Dr. Sérgio, no escritório do Dr. Ademar Gomes.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Porque ele seria, teoricamente, o advogado dos 2.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Qual foi a combinação de vocês dois se postarem na CPI?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não houve combinação, e também o Dr. Ademar não instruiu ninguém.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - O que vocês conversaram? Vocês estiveram juntos no escritório do Dr. Ademar?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Nós estivemos juntos, mas ele não instruiu e nem...

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Mas o que vocês conversaram?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O que nós conversamos lá?

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Lá no escritório.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele perguntou como tinha sido o fato, e nós relatamos como tinha sido.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Não, a sua conversa com o Sérgio.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - A minha versão e o que eu estou falando agora. Eu relatei para ele, para o Dr. Ademar.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - O que você relatou?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu relatei para o Dr. Ademar que eu estava na Secretaria quando o Dr. Sérgio ligou. Eu relatei para o Dr. Ademar, falei: *"Doutor, isso é uma roubada; doutor, cuidado, doutor"*. Ele falou: *"Não,*

doutora, vai se fazer só cópia do que é permitido". Eu falei isso no escritório do doutor.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - E o que o Sérgio falou nessa hora lá?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O Dr. Sérgio não falou nada, eu não me lembro de ele ter comentado...

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Ele concordou com essa história, então.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele ficou quieto.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Então, concordou.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não sei se concordou, não; mas ele não falou nada.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - E ele disse que ia devolver a fita dele aqui hoje?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Eu não vi.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ela não participou da coletiva onde eu disse isso para a imprensa, mais de 40 veículos igual aqui. Eu falei que devolveria aqui, hoje.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Obrigado, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Obrigado, Deputado Arnaldo Faria de Sá.

Com a palavra o Deputado Neucimar Fraga.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Sr. Presidente, o Dr. Ademar afirmou aqui que a advogada compareceu a este depoimento sozinha, sem o acompanhamento de advogado, porque a senhora está em dívida com a ACRIMESP. Isso é verdade?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu sempre paguei regularmente. Quem efetua os pagamentos é a minha secretária. Eu vou apresentar os recibos de que estou em dia com a ACRIMESP.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Então, a senhora está em dia com a ACRIMESP?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu estou em dia.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Então, por que a senhora entende que a ACRIMESP não providenciou um advogado para acompanhá-la, como fez com o advogado?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, na realidade, o Dr. Ademar, ele está recebendo os honorários, não está sendo gratuito, não está sendo a ACRIMESP que está financiando alguma coisa. Não tem nada disso. Eu vim sozinha porque quando o Dr. Ademar me ligou me dizendo que não era mais meu advogado eram 20h. Eu já tinha mandado, que ele mandou do escritório dele, um ofício que eu compareceria, independentemente de intimação. Como eu poderia, que desculpa que eu ia dar em não comparecendo? Eu não podia...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Então, a senhora confirma que estava em dia com a ACRIMESP?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu confirmo. Eu vou apresentar os recibos.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - O.k.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Tanto com a ACRIMESP como a Ordem dos Advogados.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Dr. Sérgio, V.Sa. disse que veio para Brasília com o dinheiro contado: tinha uma nota de 50 reais no bolso. Confirma?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - No dia 10?

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Isso.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Veio com 50 reais?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Comprei a passagem em 6 vezes, pela Gol.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - O.k. E esses 50 reais você o guardou para pagar a volta do táxi para o aeroporto? Correto?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exatamente.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - A advogada afirmou que V.Sa. pagou o lanche no restaurante. Com que dinheiro?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Com o troco que eu tinha.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Não. Não foi isso que você falou. Falou que não tinha trocado...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu vim com o dinheiro...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - ...guardou os 50 reais e por isso...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não tinha trocado na...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - ...que pagou, que pagou o CD.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não tinha trocado na volta, Excelência. Quando eu vim para cá, comprei as passagens e eu tomei um táxi. Eu paguei o táxi lá do aeroporto até aqui, que foi 31 reais. Quem está acostumado sabe que dá mais ou menos isso. Sobrou 20 e poucos reais. Deu a conta, lá no restaurante, deu 15, 18 , alguma coisa assim. Eu ainda fiquei com 50 reais no bolso, que era meu táxi de volta para o aeroporto. Eu vim com o dinheiro de ida e de volta e para comer um lanche também, é óbvio.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - É estranho 2 advogados virem a Brasília com 50 reais no bolso.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É, para o senhor ver como é que está a advocacia.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Eu acho...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Por isso que eu brinquei realmente quando o Arthur disse... Partes reservadas aqui da Comissão, da sessão, dizendo que a Comissão achava que eram os advogados que lavavam o dinheiro do crime organizado em geral, inclusive do colarinho branco...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A Comissão não, por favor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, desculpa. Os depoentes, os delegados. Quando ele vazou para a gente dentro do táxi, nós demos risadas. Ele falou assim, que esse dinheiro era transformado em imóveis e depois era legalizado, lavado. Nós não teríamos, doutor... O doutor está corretíssimo em seu inquerimento, na página aqui, *ipsis verbis*, que o doutor...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Doutor, nós não estamos falando sobre isso, doutor. Vamos terminar.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Só um minutinho, que eu vou esclarecer.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Porque eu passei mal...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não doutora, eu também... Eu estou passando mais mal que a doutora, é que eu não faço drama.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Vamos terminar... Vamos responder o que os Deputados querem.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O problema é o seguinte, doutor. O doutor estava correto na sua linha de raciocínio aqui quando inquiriu...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Vamos ser objetivos, doutor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - ...quando inquiriu o Arthur e ele mentiu para os senhores. Ele não é nenhum santinho arrependido que ele está dizendo. Ele está sendo usado por alguém, manipulado, eu não sei a troco de quê. Só que ele está mentindo, porque ele não recebeu dinheiro algum. Eu não paguei e não vi a doutora pagar. Ele não foi corrompido. Portanto, eu não pratiquei esse crime. Também essa fita não foi divulgada em lugar nenhum. Outrossim, o senhor pegou ele na mentira aqui quando ele comentou, sem querer, num lapso de memória dele, ele comentou o aspecto que nós havíamos dito dentro do táxi, que era parte da comissão reservada. Como, se nós estávamos indo ainda, as câmaras provam isso, nós estamos indo para fazer a gravação? A única fonte que poderia ter vindo era a dele. Nós brincamos, eu falei: *"Puxa, quebra o meu sigilo bancário".* Eu até falei uma coisa que é aqui da Câmara, pejorativa, que eu não quero repetir aqui agora, para preservar os senhores. Eu disse assim: *"Podia desmontar um pouquinho daquele negócio aqui na minha conta, que eles iam ficar com dó de mim se eles quebrassem meu sigilo bancário".* Inclusive, ofereço de pronto para os senhores aqui.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - O senhor confirma, então, que foi a doutora que pagou os 200 reais ao Arthur?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não! Não estou dizendo isso, gente. Vocês não coloquem palavras na minha boca. Estou dizendo que ela pagou o táxi e ela pagou o serviço da filmagem lá na... Os funcionários...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Mas se você não tinha dinheiro e não pagou nada e ela estava disposta a pagar tudo e o Arthur, em depoimento a esta Comissão, disse que colocaram 200 reais no bolso dele, só pode ser ela.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Aí é o senhor que está dizendo.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Então, eu estou certo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não sei. Eu não vi. Eu não vi. Eu não presenciei. Eu não sou testemunha do fato.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Ah, você não presenciou. Pode ter acontecido sem a sua presença?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não sei. Hipótese... Não vou falar em hipótese aqui. A minha vida está em jogo aqui. A minha vida, a minha família...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Por que a sua vida está em jogo?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Porque se eu não for advogar, eu vou fazer o que na minha vida? O que eu vou fazer da minha vida?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - A minha não, né, doutor?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - De nós 2.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ah, doutor...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu fui enxovalhado pela mídia. Minha família está com medo. Meus filhos estão assistindo agora, devem estar envergonhados da minha pessoa, só que eu vou provar que eu sou inocente. Eu vou provar.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Trabalhar para o PCC dá nisso, não é?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O senhor é que está afirmando.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Eu estou dizendo, afirmando mesmo que você trabalha. Você trabalha mesmo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não trabalho. Eu não trabalho. O senhor tem que provar o que o senhor está dizendo.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Você é pombo-correio do PCC, então?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Jamais.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Não? Você já visitou Marcola alguma vez?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Jamais.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Você já visitou Marcola alguma vez? Vou perguntar de novo, para você responder: já visitou Marcola alguma vez?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Já.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Ah, bom. *(Risos.)* Viu como é que melhorou? Viu?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Mas qual a diferença? Eu posso visitar o sistema inteirinho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Obrigado, Deputado Alberto Fraga, mas a palavra está com o Deputado Neucimar.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Mas está em família. A família Fraga está fazendo a acareação.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Meu primo, só mais uma. Quem foi que teve a idéia de procurar... Porque agora o criminoso é o Arthur. Quem foi que teve a idéia de abordar o técnico de som aqui? Foi você ou foi a Dra. Cristina?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Está lá nos autos da sessão.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Não, eu quero ouvir você.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ele disse que ele foi abordado primeiro por ela, quando ele ainda estava montando a sessão, no depoimento aqui e também no depoimento no processo legislativo, e também quando ele entrava e saía nas centrais. Aí falei: *"É você que vai me fornecer a cópia?"* Tá nas fitas! Está gravado! Ninguém está enganando!

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Primeiro, abordado por ela — se me permitir, Deputado Fraga —; primeiro, abordado por ela com que insinuação, com que fala?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não sei. Aí eu tenho que ler o depoimento dele completo, porque eu não me lembro agora, Excelência. É tanta coisa na cabeça.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - E para finalizar, Neucimar, então o técnico de som, ele simplesmente inventou que recebeu 200 reais.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Posso completar?

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Pode.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Doutor, quando a CPI, ela deixou de ser pública, nós ficamos os dois ali. O que o senhor fez? O senhor saiu dali — tem testemunha, doutor —; o senhor saiu dali, deu a volta...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - A advogada está falando a verdade.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É lógico que eu saí. Eu saí... eu saí... Era o contrário, nós saímos de uma...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não sei, nós estávamos no 11. Eu não sei me situar. Doutor, aí o que eu fiz? Eu fui verificar onde o senhor estava.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Por que essa preocupação de onde eu estava?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, doutor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Por que essa preocupação de verificar onde eu estava?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu fui... eu fui... Falei: *"Onde será que o doutor está?"*

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A senhora não foi procurar onde o Arthur já havia conversado com a senhora lá atrás?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não conversou, doutor, comigo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ele fala aqui no depoimento dele.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Doutor... Doutor, o senhor sabe que não é verdade.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - E conversou antes de estar montando o equipamento dele.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Não. Ele diz aqui no depoimento — o senhor não leu — *"eles"*. Eles são você e a doutora.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Acabei de ler o depoimento do legislativo.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - "*Aí, lá atrás, tem os cafezinhos. Aí toda vez que eu ia tomar um café ou água, eles me abordavam perguntando da gravação e tudo. Só que quando se torna a reunião reservada, são desligados os alto-falantes".* Isso são as palavras do Arthur. Eles são você e ela.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, leia o depoimento, então, dele no processo legislativo aqui o que que ele fala.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Eu estou lendo nas declarações aqui.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu li no inquérito. Tá muito claro. Ele diz o seguinte no inquérito: que ele saiu para tomar café, o senhor o abordou...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Antes, antes, com quem ele conversou antes?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O que me interessa é onde foi pago...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Hã...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO -...a hora que foi pago. Deixa eu dizer para o senhor: ele diz que a D. Maria Cristina o abordou antes da audiência pública.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Isso ele diz mesmo. Mas diz no mesmo depoimento, que ele diz isso, ele diz que o senhor o abordou quando ele saiu para tomar café. Ele voltou para a sala. Depois novamente o senhor o abordou oferecendo dinheiro e, pela terceira vez, o senhor voltou a abordá-lo quando ele aceita fazer a fita. É a terceira vez, a terceira rodada.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Continuando o depoimento, ele diz que quem foi que pagou?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Todos os detalhes do...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Quem foi que pagou, ele disse, continuando o depoimento dele?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele diz que a Sra. Maria Cristina colocou 200 reais no bolso dele.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Então, não fui eu que corrompi ninguém.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ela colocou os 200 reais no bolso dele?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não vi, não vi ele colocando.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas o senhor viu... O senhor conversou com ele e ofereceu dinheiro.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, não ofereci.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, o Arthur está mentindo?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Está mentindo. Está mentindo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele é mentiroso.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Nesse aspecto ele está.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, mas esse é o crime. Então ele está mentindo! Essa é a base do crime, doutor!

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Está mentindo, sim!

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, ele falou mentira!

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim, senhora.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele acabou com a vida dele, está no Sistema de Proteção à Testemunha, perdeu o emprego e está mentindo!

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ele está mentindo. Isso não justifica que ele não tenha mentido. Vocês mesmos pegaram ele na mentira no vazamento das informações. Se ele mentiu nisso aí, porque que ele não tá mentindo no dinheiro também!

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele não ia se auto-incriminar, Dr. Sérgio!

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não ofereci dinheiro, não corrompi ninguém. Não cometi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não. O senhor não esteve com ele 3 vezes?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Estive.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas a Dra. Maria Cristina diz que o senhor esteve com ele aqui atrás, sim.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Maria Cristina não diz, quem diz são as câmaras. Eu estive com ele, sim. Só que eu, em momento algum...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Falando sobre...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Falando sobre ele, no final, me ceder uma cópia da fita que eu havia solicitado na Secretaria.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas o senhor passou 3 vezes?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Estava ali no cafezinho. Ele saía e entrava toda hora e parava perto da gente. Eu acabei de ver as fotos lá na legislativa, Excelência. Ô, eu não abordei, não bati nenhuma vez nem na filmagem. Se eu bati alguma vez na porta para chamá-lo... Ele vinha até nós!

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Eu acho que você vai ter que advogar para o criminoso Arthur, viu! Você é muito danado! Você é muito esperto!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Para concluir, Deputado Neucimar Fraga.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Sr. Presidente, nós estamos percebendo aqui que a advogada está com muito mais vontade de colaborar com esta Comissão do que o advogado. Nós estamos percebendo que ela está falando a verdade, está esclarecendo os fatos para nós, e ele vai continuar negando até o fim. E nós queremos parabenizar a advogada porque ela está falando a verdade e pode contribuir muito mais ainda com a gente.

Obrigado, Sr. Presidente!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu queria saber, D. Maria Cristina, o Arthur, com relação a esses 200 reais, está mentindo?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Está mentindo!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está mentindo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Está mentindo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A senhora não botou 4 notas de 50 no bolso dele.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não coloquei. Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Por que ele faria isso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele faria isso não por 200 reais, por muito mais.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então ele, efetivamente, disse que, depois, esperava receber mais dinheiro.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso mesmo. Ele disse que, quando ele mandasse a fita com tudo o que constasse na gravação, ele daria o valor que ele queria, mas que antes ele tinha que pedir autorização do chefe dele e que ele não poderia fazer aquilo naquele momento porque ele estava em litígio com o chefe dele. Ele estava em briga.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim. Mas, então, vamos lá: ele ia dar o valor que ele queria. Essa é a diferença das 2 versões: ela diz claramente que ele ia dar o valor para ser corrompido na venda do CD.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Por que o Arthur não está aqui nesta conversa?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A minha é a verdade. Eu *(ininteligível)*.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E o senhor diz exatamente o contrário: que não; que não houve nada disso e que o senhor tinha direito à fita e que o senhor requereu a fita e dividiu com ela a fita, porque achou que era uma forma de defender seu cliente. As versões são absolutamente contraditórias, divergentes.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, veja bem. Eu quero esclarecer ainda...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A gente quer saber só quem está falando a verdade.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - As filmagens dizem por si.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Olha, os 2, no que diz respeito às filmagens, Dr. Sérgio, dizem a mesma coisa. Não tem o áudio.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não paguei. Eu não paguei. Eu não paguei nem ofereci dinheiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu acho que agora tem um momento importante. A Dr. Maria Cristina disse que o Arthur estaria dando as fitas na expectativa de receber mais dinheiro.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso mesmo, na expectativa de receber o dinheiro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Como a senhora sabe disso, doutora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Como eu sei?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele falou.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Como é que combinaram para receber o dinheiro?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha... Não, ele disse que entraria em contato, que eu deixasse um cartão...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Com os *e-mails*...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ...com os *e-mails.* Mas ele fez o seguinte — eu não sei se ele ficou com medo de mim: ele disse que ia pedir autorização do chefe dele e que ele estaria com um problema do chefe e ele, depois que ele tivesse essa notícia, ele entraria em contato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o senhor ouviu ele falando isso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não ouvi.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O doutor já tinha pegado o táxi. Quando o doutor pegou o CD...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não posso falar sobre um fato que eu não estava presente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O doutor já tinha pegado o táxi quando ele disse?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Presidente, quando o doutor pegou o CD, olha, foi questão de segundos. Olha... ele falou: *"Eu tenho horário e vou embora"*. E entrou no táxi.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu tinha vôo marcado, Excelência.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E aí é o seguinte: eu não tinha vôo para aquele dia. Por quê? Eu não queria ficar aqui. Eu tenho os meus filhos. Mas eu só tinha conseguido para o dia seguinte, às 5 da manhã.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutora... Permite-me, Presidente?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim. Ele que, inclusive, indicou o hotel. Pois não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Dr. Sérgio, Dra. Maria Cristina... o senhor já visitou o Marcola no presídio, Dr. Sérgio?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Uma vez.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Em que circunstância?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Um cliente meu, quando ele tinha sido transferido não sei da onde para Avaré, pediu que eu fosse ver se ele estava bem, se não estava machucado, que tinha insinuações que ele tinha sido torturado,

alguma coisa. Pagou minha diligência, fui lá, chamei ele no parlatório, filmado, gravado, estava tudo grampeado... Só uma única vez.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, só quero entender, doutor. Um cliente seu pediu que o senhor fosse até o presídio...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Um cliente meu, não. Um cliente meu mandou um recado, via família, para a família me dizer para eu ir lá e providenciar os meios, que eram gasolina e o pedágio.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor foi contratado, então?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Uma diligência. Só para ver se ele tá bem e voltar, porque o cliente é da doutora.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Para uma diligência no presídio. Perfeito. Para ver...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quem pagou a diligência?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A família de um cliente meu que está preso lá em Venceslau.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. Então, só para eu não perder meu raciocínio. Esse fato é um fato novo. Para nós é novo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não. Por que ele tá dizendo? Porque ele tem os registros. Vocês já puxaram os registros de todas as cadeias que eu visitei. Eu não vou negar um fato. Eu estou aqui falando a verdade.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutor, é importante porque nós não tínhamos essa informação, que o senhor já tinha, inclusive, numa oportunidade, feito uma visita no presídio. Quando foi isso, doutor?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Foi no dia.. no dia do aniversário dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No dia do aniversário dele?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No dia do aniversário dele?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso. No dia do aniversário de São Paulo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que dia foi?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Vinte e cinco de janeiro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora esteve, no dia 25 de janeiro, com Marcola?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não me lembro de ter visto o doutor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutora, a senhora disse para nós aqui que a senhora esteve com Marcola no dia do aniversário dele?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Estive. Junto com a mulher dele.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Mas veja os horários. Eu não encontrei com ela lá.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas vocês 2 estiveram com Marcola no mesmo dia? Dia 25 de janeiro?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim. Ele tinha acabado de ser transferido.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vamos aproveitar esse gancho.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Só um minutinho. Só um minutinho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E os 2 estavam lá?

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Está confirmado aqui. Dia 25.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, Excelência. Eu fui num horário, e ela foi em outro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas foram os 2 lá.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Juntos, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu até fiquei surpresa que ele foi também no dia 25.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Só um momento, pessoal. Quero entender o que está acontecendo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu vou explicar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deixa ela explicar, Relator.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Deixa eu explicar. O que eu fiz? A Cíntia, mulher do Marcos, quis que eu fosse com ela para ver se a gente conseguia com o diretor que ela, no dia do aniversário dele, ela levou um bolinho, chegasse às mãos dele. E ela desse um abraço, porque era aniversário.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tá bom, doutora.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Então, o que é que eu fiz: eu fui com ela, mas ela... o diretor não permitiu. Eu conversei rapidamente e fui embora.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora teve com o Marcola?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu tive com ele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Agora, doutor, o senhor não acha coincidência que vocês dois estão aqui...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Agora, eu acho estranho...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Só um pouquinho que eu quero concluir o meu raciocínio: que tenham estado com o Marcola no mesmo dia. O senhor não acha isso estranho?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não. Não acho isso estranho, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor não acha isso estranho? Ótimo. O senhor vem a Brasília para acompanhar, na CPI, o depoimento de uma pessoa que foi presa, suspeita de estar levando armas e munição para uma operação de resgate do Marcola. Essa reunião foi acompanhada também pela advogada do Marcola, mesmo que o seu cliente não fosse depor nesse dia. Uma parte da reunião foi reservada. E, portanto, o Marcola não sabe ou não sabia até que ponto o seu cliente poderia, no depoimento reservado, ter ou não ter prestado informações que pudesse incriminá-lo. E a doutora, advogada do Marcola, solicita ao senhor cópia do depoimento reservado do seu cliente.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Solicitou à Mesa, lá, Excelência.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, o senhor também. O senhor disse depois.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim, o cliente solicitou a mim e eu autorizei.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, ele...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o senhor entendeu...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Espera aí, olha o que ela vai falar. Como?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor entendeu que, fazendo com que o depoimento reservado do seu cliente chegasse na advogada do Marcola, era

uma forma também de proteger a integridade de seu cliente. Na medida em que o senhor sabia que no depoimento reservado ele não tinha — digamos assim numa linguagem popular — aberto a boca. Ele não tinha entregado ninguém. Então, era importante para o seu cliente fazer chegar no Marcola a sessão reservada, até mesmo do ponto de vista da integridade dele. Correto?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, eu vim aqui para acompanhar o meu cliente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Entendeu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A doutora veio em outro vôo, nem nos comunicamos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ela fez o requerimento do cliente dela.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutor, o senhor não avisou a doutora...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...que o seu cliente iria depor?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, isso é público.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não. Estou perguntando para o senhor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - De que o meu cliente iria depor e eu avisei para ela?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É. O senhor não avisou para ela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não. Isso aí é público. Está na Internet.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor não avisou?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor achou que o Marcola iria depor naquele dia também?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não achei nada. Os requerimentos foram aprovados todos no mesmo dia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Dra. Maria Cristina...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ela ia comentar, Paulo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora comente, porque eu quero lhe fazer uma pergunta.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É... o que eu acho estranho é: por que ele foi requisitar o meu cliente, se ele não é o advogado dele?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pode, doutora? No presídio, alguém...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não pode.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Você queria roubar o cliente dela, Sérgio?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Jamais.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Eu acho estranho isso. E isso eu não tinha conhecimento.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas pode qualquer advogado chegar no presídio e pedir para ouvir um preso, sem ter procuração?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Se o preso responde a vários processos e a família nos procura para nós irmos até lá para ver se ele quer contratar nossos serviços, isso é normal...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas a família. Não foi a família dele que lhe procurou?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, foi a família de um amigo dele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Foi de um outro. E pode?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu pergunto o seguinte: qualquer advogado pode chegar no presídio e pedir para falar com o Marcola, e o Marcola vai vir falar com ele?

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Sr. Relator, eu acabei de fazer essa indagação, por telefone, ao Secretário Nagashi Furukawa, Secretário da Administração Penitenciária; dentro de 5 minutos eu terei essa resposta. Eu tive essa mesma dúvida: como é que alguém que não tem...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não tem procuração, a pedido de outro preso...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não tem procuração.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - ...legalmente, constituição para isso e procuração... a pedido de outro preso, entra no presídio de segurança máxima para falar com o Marcola...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quem quiser.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, eu acho muito estranho, sinceramente.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não é estranho, Excelência.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sinceramente, doutor, eu acho. Uma pessoa que está presa pede que a família procure um advogado e pede que esse advogado vá falar com o Marcola.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Tendo advogado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E esse advogado chega no presídio de segurança máxima, chama o Marcola, e o Marcola vem e fala com ele. E certamente o senhor deu o retorno para a família. Correto?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor deu o retorno para a família que lhe contratou?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O preso que tem mais de 10, 15, não sei quantos processos ele tem, ele pode ter quantos advogados ele quiser.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim. Mas o senhor não é advogado dele.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Então, mas para eu ser, eu precisaria conversar. Ele iria aprovar, contratar o meu serviço, para depois fazer a procuração.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor foi se oferecer para ser advogado dele?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, jamais. Como é que eu ia me oferecer.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas o que... o senhor não era advogado dele, como é que o senhor foi falar com ele?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A família pediu... a família do cliente meu pediu para que eu fosse lá, para ver se a integridade física dele...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual é o cliente do senhor?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não lembro o nome completo agora, chama Paulo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutor, o senhor foi num presídio de segurança máxima...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Estou falando, eu fui.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... pedir para falar com o Marcola, a pedido de um cliente, que lhe contratou...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É praxe, qualquer advogado, com procuração ou sem procuração, vai em qualquer presídio, requisita o preso, passa pelo detector de metal, apresenta OAB, é checado, e pode falar com o cliente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor chama... qualquer advogado que for no presídio, pedir para falar com o Marcola...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Qualquer advogado pode falar com qualquer outro preso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Pode, pode, pode.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Doutora, pode, doutora, a senhora que está... que é... que está há 18 anos na área criminal?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, não é o correto.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Deputado Carlos Sampaio.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Inclusive, o próprio Diretor, ele...

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Eu estou me inteirando disso, mas eu imagino que só poderia...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - A gente tem que ter uma procuração arquivada.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Se fosse para o fim de constituí-lo...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Uma procuração.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - ...daí teria uma razão de ser. Para o fim de constitui-lo advogado. Ou seja, daí sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, a senhora não sabia, mas a senhora agora ficou sabendo que ele ia constituir o seu cliente... advogado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas no mesmo dia? Quantos advogados mais visitaram o Marcola no dia do aniversário dele?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Tem que pedir a listagem lá na portaria.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Será que foram muitos? Tinha fila ou não?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não lembro, Excelência.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não lembra? Deixa eu fazer uma pergunta para a senhora, Dra. Maria Cristina. No dia 12, 2 dias depois que a senhora esteve aqui, a senhora procurou o Delegado Rui, correto?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por que a senhora procurou o Delegado Rui, 2 dias depois que a senhora esteve aqui?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu procurei o Dr. Rui porque eu tinha informação que o meu cliente vinha para o DEIC. E eu fui perguntar para ele se isso era verdadeiro ou não. Acho que foi 1 ou 2... acho que foi antes de eu ter vindo aqui.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, doutora, foi depois.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Foi depois? Então, foi isso que eu fui fazer. Eu não procurei ele também só, eu também fui procurar o Coronel Bueno.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora disse, doutora, 2 dias depois que a senhora esteve aqui...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... a senhora disse para o Delegado Rui a seguinte frase:

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - *"Doutor, eu não sou do PCC"*.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora disse isso para ele?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Disse. Confirmo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora disse para ele?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Disse.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - *"Doutor, eu não sou do PCC*."

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Então, vou explicar por que eu disse a ele. O Marcos, ele veio de Presidente Venceslau... Prudente. Eu cheguei no DEIC para conversar com o meu cliente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E o Dr. Rui disse para mim: *"Doutora, a senhora não pode conversar com ele agora"*.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. Mas, doutora, eu não terminei de dizer a frase que a senhora falou.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu falei...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, eu tenho o resto da frase.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ah, tem?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Doutora, doutora...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Por favor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora lembra?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Um aparte?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deixa o Relator terminar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Doutora, a senhora me permite que eu procure um documento aqui?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Pode procurar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Obrigada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora disse: *"Dr. Rui, eu não sou do PCC"*. O Dr. Rui lhe perguntou: *"Mas por que a senhora está me dizendo isso?"*

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não foi isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Está no depoimento dele.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Que ele falou, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - *"Por que a senhora me diria isso?"*

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele falou... Eu falei: *"Doutor..."*. Não falei só isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, e o que a senhora disse?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - *"Eu não trabalho para o crime organizado"*.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora disse assim para ele: *"Doutor, eu sei o que o senhor disse"*.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Para o Dr. Rui?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não falei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Está no depoimento dele, doutora.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não.... Não, não disse isso para ele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - *"Eu sei o que o senhor disse."*

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não disse isso, não, e vou lhe dizer mais, eu conversei com o Dr. Rui no sentido de ver o Marcos, e ele falou que não podia e disse que eu poderia me entrevistar com ele no sábado, às 11 horas da manhã. Posteriormente, eu continuei lá e veio um investigador e falou: *"Doutora, eu vou...*

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, a senhora não disse isso para o Dr. Rui?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não disse.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Só quero comunicar que está no depoimento do Dr. Rui...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...que a senhora disse para ele isso no dia 12, portanto, dando a entender que a senhora tinha conhecimento de coisas que ele tinha dito aqui, na reunião reservada conosco.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não falei isso para ele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. Eu quero só... Dr. Sérgio, por gentileza.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Pois não, Excelência.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vou-lhe dar a oportunidade de o senhor nos dizer quem é o seu cliente, que a família procurou, pedindo que o senhor procurasse o Sr. Marcola.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu sei que é Paulo Rogério... Eu teria que ter minha agenda aqui, Excelência.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutor, o senhor sabe que o Deputado Fraga...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, não...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Deputado Fraga...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Me comprometo a fornecer...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perguntou para o senhor: *"O senhor já visitou o Marcola?"* O senhor disse: *"Jamais"*. Ele disse de novo: *"O senhor já visitou o Marcola?"* O senhor disse: *"Jamais"*. Na terceira vez que o Deputado Fraga lhe perguntou, o senhor disse: *"Já visitei"*.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, perceba, doutor...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O meu cliente chama-se Paulo Rogério, agora não lembro se é da Silva ou de Sousa. Ele... Eu me comprometo a fornecer...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Esse seu cliente...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Esse meu cliente estava preso em Valparaíso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Continua preso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não... Continua preso, foi para Venceslau agora.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Continua seu cliente?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Continua meu cliente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Membro do PCC?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não é membro do PCC. Pelo menos não que ele tenha me dito.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Está sendo acusado de ser membro do PCC?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Também, que eu saiba, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Foi preso pelo quê?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É 157. Roubo à mão armada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Assalto a banco?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Assalto a banco. Inclusive, doutor, nesse mesmo depoimento do Dr. Rui, que eu acabei de ver lá onde eu fui intimado

para prestar depoimento, ele diz que eu não sou investigado. Aliás, que eu fui investigado e não achou nenhuma ligação comigo com o crime organizado, doutor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutor, a Dra. Maria Cristina veio a Brasília para acompanhá-lo, no sentido de que vocês produzissem prova ou informações para o PCC de que, de fato, o Leandro não tinha comprometido a organização no depoimento?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não tenho conhecimento, Excelência. Eu vim acompanhar o meu cliente, do qual eu participava todos os dias, dia 1º, dia 2, dia 3, dia 4, acompanhando os reconhecimentos dele no DEIC e tudo. Fui informado pelo Dr. Rui. Eu estive aqui e, para minha surpresa, foi naquela hora em que se tornou reservada a reunião é que eu fiquei sabendo que a doutora era, inclusive, advogada dele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Como é a história!? Você só soube, então, na hora do depoimento que ela era advogada dele?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exatamente. Porque os Parlamentares disseram: *"Vamos transformar porque ele tem 2 advogados, um advogado do PCC e um advogado do Marcola está aí."*

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas vocês estavam sentados juntinhos o tempo todo...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não. Naquela foto não sou eu...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, o senhor, para mim, não faz assim, certo? Eu estou lhe perguntando...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Estou nervoso, doutora. Excelência, eu não tenho... não tenho... Perdoe-me os lapsos. É o que é o seguinte...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está bom. Então, explica.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A foto que está no jornal, de uma pessoa assim meio calva, não sou eu ao lado da doutora.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aquela pessoa que está ao lado da doutora não é o senhor?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não sou eu. Tem a filmagem que eu estou em 2 bancadas na frente.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sabe quem é naquela foto? Eu explico.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quem é?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Aquela foto é de um investigador de polícia...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA -... que estava conduzindo meu cliente aqui.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ...que estava conduzindo e que falou: *"Doutora, cuidado. Doutora, cuidado..."*.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Falou para quem? Para a senhora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Para mim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Cuidado, doutora, por quê?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não sei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Um investigador disse para a senhora ter cuidado com o quê?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Cuidado com o quê?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não sei. Doutora, doutora.... Isso é o que ele falou para mim. Inclusive...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Junte mais o microfone, por favor.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele disse para mim, volto a repetir: *"Cuidado, doutora. Cuidado."*

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - A senhora tinha acabado de dizer o que, doutora?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E a senhora não perguntou por que o cuidado?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não entendi. Não entendi se era o que ia acontecer posteriormente. Eu não entendi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas em que momento ele fez essa... vamos lá...

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - O que ela tinha dito? O que a senhora tinha acabado de dizer?

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Qual é o nome do investigador?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O investigador é o Neto.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Como?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Neto.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Neto é apelido?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Policial Civil de São Paulo?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Policial Civil.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim, ele estava do lado da senhora. Conte aí...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Ele não estava do meu lado. Eu estava na frente, e ele estava atrás. E ele veio...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas isso em que momento?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É este aqui? (*Pausa*.)

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Deixe eu ver...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Só uma dúvida, Presidente...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Se é este aqui, ele estava do seu lado. *(Pausa.)*

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Deixe eu ver.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, o de cima é o Dr. Sérgio. Embaixo? Tem a sua foto que está marcada e a do lado...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas não é ele. Ele estava atrás...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não é esse, também.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não é esse o Neto...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim, mas o Neto sentou-se ao seu lado e...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, ele não sentou ao meu lado, ele ficou junto com os delegados.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E aí ele falou o quê? Passou pela senhora e falou "cuidado"?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele passou e falou: *"Doutora, cuidado. Doutora..."*. Só isso, mais nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Por que a senhora estava ameaçada ou alguma coisa?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Eu não entendi porque ele disse aquilo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Em que momento ele disse isso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu conheço. Eu advogo há 18 anos. Eu advogo para policiais também. Eu faço, inclusive, para ele uma ação de usucapião... para o avô dele.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Do Neto?...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Faço. Eu trabalho na área cível.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim. Mas em que momento ele disse isso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele disse no momento... eu não... no momento em que a reunião ela não era reservada. Os delegados estavam atrás. Ele passou por mim e falou isso.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Mas a senhora tinha dito o que, Dra. Cristina?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não falei nada.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Nada?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Nada.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Nada? Só *"cuidado"*... só...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Nada. *"Cuidado"...*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deixe eu recolocar aqui na ordem. O Deputado Neucimar Fraga falou. Deputado Raul Jungmann.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não está aí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputado João Campos.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Também não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputada Perpétua Almeida.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não está aí, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, é a Deputada Laura Carneiro que vai, agora, fazer uso da palavra. Eu fiquei curioso... eu fiquei um pouco curioso...

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Presidente, depois da Deputada Laura Carneiro, quem seria?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É o Luiz Couto. Logo em seguida, Deputado Alberto Fraga.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Porque eu acho que o mais importante agora é ouvirmos a terceira pessoa. E...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A terceira pessoa será ouvida. E será, também, acareação individual, com cada um. Quinta-feira será ouvida a terceira pessoa.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Quinta-feira? Não será hoje, não?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não.

Eu fiquei curioso numa coisa só...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Naquela informação de que os 2 foram juntos no aniversário do Marcola. Levaram presente para ele?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Quem foi junto? Eu não fui junto, Excelência. Poxa! Não coloque palavras...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas foram no mesmo dia.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O senhor é delegado. Eu sei. Até entendo a sua posição, porque delegado sempre tem que jogar para ver se a gente pega...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Foram no mesmo dia. Não foram mesmo dia?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Mas, poxa! Por favor, excelência...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque a sua alegação... a sua alegação...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Estou cansado. Não estou acostumado com isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu também estou cansado. Estou cansado, e muito. E os familiares de todos que morreram nessa ação do PCC estão mais cansados ainda.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - E os meus também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Estão mais cansados ainda, mais cansados. E o senhor veio aqui dizendo que nem sabia de Marcola, nem coisa nenhuma... E agora o senhor vem, no fim... no fim da acareação, o senhor vem reconhecer...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não sabia que ela era advogada dele, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor vem reconhecer.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não sabia que ela era advogada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor, então... cansado acho que está todo mundo. Inclusive, a imprensa está cansada também, os Deputados estão cansados, todo mundo está cansado. Mas nós estamos aqui para dizer a verdade...

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Inclusive, cansados de ouvir mentiras também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E eu quero saber o seguinte: por que essa família iria pedir para o senhor ir lá, se a advogada dele estava lá? Para quê? O senhor foi fazer o que lá, se a advogada estava lá?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência... Excelência, eles não têm comunicação entre si. Acontece o seguinte: a família entrou... o preso entrou em contato com visita e pediu para que eu fosse lá...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor foi fazer o que lá?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu fui ver se ele estava bem, se na transferência ele não tinha sido agredido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele reclamou de alguma agressão ou alguma coisa para a senhora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas a esposa dele estava indo junto. A esposa dele foi junto!

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Mas eu não sabia disso. Mas eu não sabia disso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quando a senhora chegou no presídio, a senhora chegou depois dele, foi antes dele, já que dizem que não se encontraram?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu não sei o horário que ele chegou.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu fui na parte da manhã.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu cheguei na parte da tarde. Inclusive está anotado o horário que eu fui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está bom. Quando a senhora chegou lá, o seu cliente ou a direção do presídio disse: *"Ó, já teve um advogado aqui para vê-lo."*

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Ele não me disse.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eles não informam.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nem o seu cliente falou nada.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Nem o meu cliente não falou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nem falou ele, também?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não falou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele lhe falou que vinha a advogada dele à tarde?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não. Não falou. Porque ele não me conhecia. Eu só fui ver a integridade física. Falei: *"Está tudo bem?" "Tudo bem".* Coisa de 5 minutos. Voltei e vim embora.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o retorno para a família...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Retorno da família da integridade física dele. Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim. O senhor voltou daí, para quem lhe pagou, e disse: *"Ó, fui lá, falei com o Marcola..."*

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim. E falei: *"Ele falou que está bem e que não foi agredido".*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Vocês, por acaso, não registram... não vêem o registro de visita do preso quando entram lá?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eles não deixam nem...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não é permitido. Você preenche uma ficha, e eles não permitem que você olhe o livro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora, quando tu fostes lá sem ter a autorização do preso — porque ele já tinha advogado —, sem ter a procuração, não foi informado que ele já tinha um advogado?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, não foi informado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não foi-lhe informado que ele já tinha um advogado...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não foi-me informado. Tanto que eu só fiquei sabendo que ela era advogada dele aqui no dia do depoimento do meu cliente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer que o senhor foi lá porque a família desconfiava que a advogada...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Dá licença um pouquinho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ...não ia fazer nada?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Aí eu já não sei, Excelência.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Doutor, doutor, eu sou superconhecida. Não tem quem não me conhece.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu fui lá para checar a integridade física. Estava tudo normal, entendeu? Eu vim embora. Simplesmente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E checar a integridade física justo no dia do aniversário...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não sabia. Foi coincidência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É. É muita coincidência para o meu gosto.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Sr. Presidente, só uma dúvida.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - É que ele respondendo... infelizmente, o Dr. Nagashi não foi localizado, até por conta do horário, mas que ele respondesse, de forma categórica, qual afirmação que fez ao Diretor do estabelecimento prisional ao visitar o preso: eu quero visitar o preso fulano de tal por tal razão. Como foi que funcionou isso? Porque tem que ter, minimamente, uma razão de ser da visita.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Com a licença da Deputada Laura Carneira, responda ao Deputado.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não é assim que funciona o sistema prisional de São Paulo. Qualquer advogado pode chegar em qualquer estabelecimento prisional, por um amigo e tal, e requisitar um preso no parlatório. Isso não quer dizer que eu esteja interferindo no trabalho do outro profissional que ele tenha constituído ou não. Não é perguntado o motivo pelo qual você está ali.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Se tiver uma causa contra o outro, o advogado pode ir lá?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Isso é uma denúncia.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Grave.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Isso é uma denúncia grave.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer, não precisa o preso anuir? Não precisa nada disso?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qualquer advogado chega a qualquer presídio e chama qualquer preso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Com certeza.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Deixe-me dizer. Na verdade, quando um preso quer contratar um advogado, e ele preso está, é até natural que se permita a entrada do advogado que lhe convier para fazer a defesa de sua causa. Até compreendo isso. Por isso eu queria saber se ele foi com essa razão: de, porventura, até pegar a causa. Era essa a minha pergunta, em razão do amigo dele ter dito: *"Olha, ele está sofrendo maus-tratos. Fale com o Marcola. Conforme for o caso, você pega a causa"*. Quero saber se houve esse tipo de conversa com o cliente dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Deputado Carlos Sampaio, V.Exa. é Promotor. Veja vem, permita-me ver se meu raciocínio está correto. Se é verdade o que o Dr. Sérgio está dizendo, é absolutamente possível estabelecer um sistema de vasos comunicantes entre os presos. Porque se qualquer familiar de preso pode pedir a um advogado que vá ao presídio, chame o preso, fale com o preso, leve a resposta para a família, a família volta e fala com o que está preso, que não é necessário procuração para que nenhum advogado fale no parlatório com qualquer preso. Então, há um sistema de comunicação, de funcionamento, porque todos os

advogados podem falar com todos os presos mesmo — e o doutor fez de lá um sinal que sim. O Presidente da Associação dos Advogados Criminalistas confirma que de fato todos os advogados podem falar com todos os presos.

Sr. Presidente, V.Exa. me permite que o Presidente da Associação confirme minha pergunta?

O SR. ADEMAR GOMES - Excelência, em São Paulo, principalmente, qualquer advogado poderá dirigir-se a qualquer estabelecimento penal e requisitar o preso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qualquer preso?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Qualquer preso?

O SR. ADEMAR GOMES - Qualquer preso pode requisitar em São Paulo. Pode o promotor chegar lá, se identificar e falar com o preso. Porque é muito comum o preso chegar, querer chamar um advogado por fora, está certo?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mesmo que não seja advogado dele, até para constituí-lo. O advogado de outro preso vai lá com o preso.

O SR. ADEMAR GOMES - Pode requisitar. Em São Paulo você pode requisitar. Chega em São Paulo diz*: "Quero falar com tal pres*o" e você se identifica, chama o preso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer que o preso não é nem consultado?

O SR. ADEMAR GOMES - Não é nem consultado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não é nem consultado?!

O SR. ADEMAR GOMES - Não é nem consultado. O preso não é nem consultado. Ele pode até se recusar: *"Não. Eu não conheço o advogado, eu não vou querer falar."* Mas ele pode requisitar. Isso pode acontecer em São Paulo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Obrigado, doutor.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Sr. Relator, que efetivamente existe esse sistema de vasos comunicantes é inegável.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não sabia que era tão fácil.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Que existe o direito ao preso de constituir o advogado que melhor lhe convier, também é inegável. E ele, estando preso, aquele que se apresentar lá para visitá-lo, efetivamente, acho que o que se faz é uma consulta...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas tem que ter pelo menos a anuência do preso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não sabia que era tão fácil.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Isso que eu ia dizer. O que se faz evidentemente é uma consulta...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sem anuência. O Deputado requisita...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não tem lá no presídio quem é o advogado do preso?

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Só para concluir.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Tem que ter é um cadastro.

O SR. ADEMAR GOMES - Sr. Presidente, evidentemente, o poder do advogado não vai além do direito do preso. Em que sentido? O preso pode dizer*: "Olha, fulano está aí. Está para falar com você."* E eu não falo. E ele não fala e ponto final.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas vem cá, não há um cadastro: preso fulano de tal, advogado fulano de tal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Foi dito aqui que o advogado requisita...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Posso falar, eu posso esclarecer?

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Pode.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É o seguinte: nos presídios, por exemplo, nos presídios onde o Marcola está há uma procuração minha. No RDD também. Então, é o seguinte: não pode entrar outro advogado para falar com ele. A não ser que ele dê procuração e autorize, fale com a assistente social. Não existe isso.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - A procuração pode ser verbal. Ele autorizando que entre na hora que for feita a visita ele dá a procuração verbal dizendo que pode entrar para falar, porque se ele quiser constituir um outro advogado ele não tem saída.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sr. Presidente, Dr. Carlos Sampaio, eu não entendi...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deixa eu só colocar agora o seguinte, que eu gostaria de saber. Dia 25 de que mês?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - De janeiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - De janeiro deste ano?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Deste ano.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deste ano. Eu vou encarregar a Deputada Laura Carneiro de entrar em contato, porque eu quero saber o horário das visitas, como foram...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem mais visitou ele nesse dia?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ...para saber quem mais visitou também nesse dia. Então, Deputada Laura Carneiro e Deputado Carlos Sampaio, eu gostaria de ver se amanhã nós temos isso em mão, antes da acareação de quinta-feira.

Com a palavra a Deputada Laura Carneiro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Maria Cristina você pode me emprestar ou pode me dizer se você tem cadastrado no seu celular o celular dele?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - No meu celular o celular dele?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É... É...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu estou lhe perguntando.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não tem.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não está cadastrado.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não está cadastrado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas o seu está cadastrado no dele.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ah, o meu está cadastrado no dele?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está. Ele costumava falar com você muito.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Eu estou achando que isso é namoro antigo, viu? Isso namoro é antigo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Não. O celular dele cadastrado...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O seu celular está cadastrado no dele.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não sei o motivo, não sei o motivo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele disse que a conhecia de vista várias vezes. Você disse que nunca tinha visto ele.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas ele disse agora, acabou de afirmar que me conheceu aqui.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não ele disse que a conhecia de vista do fórum.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não conhecia. Tinha visto por várias vezes quando nos encontramos. Nunca conversamos, Excelência.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Doutor, eu não disse que conversou. Conhecer de vista é de vista, é de olhos. Não é sentar para bater papo.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - E agora?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu quero só entender como é que uma pessoa que você conhece uma vez já está com os telefones cadastrados no celular. A senhora costuma cadastrar pessoas que a senhora viu uma vez só?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Não.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Deputada Laura...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então eu quero que a senhora tente me explicar como é que está o seu nome cadastrado no...

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Deputada Laura, apenas para corroborar com a sua questão. Veja bem, visitam o preso Marcola no mesmo dia e não se conhecem, viajam no mesmo avião e não se conhecem.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não foi. Não viajei.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não viajei, Excelência.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Por quê? Você tem medo de viajar com ela?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu tenho as passagens.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Você já mostrou que tem até o telefone dela, como é que você não ia viajar?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu tenho o telefone dela, Excelência, porque eu expliquei aqui, nós nos encontramos no escritório do advogado, entendeu? E lá foi dito, foi confirmado aqui, agora na sexta-feira, ontem, sexta-feira, encontramos 2 vezes depois que estourou isso na mídia, Excelência. Agora, conhecer, saber, conversar com ela foi aqui no dia.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Não, você disse que já conhecia...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim, mas deixa só eu continuar a minha pergunta.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Só concluindo, Laura. Você disse que conhecia ela do fórum e que ela era mulher do Delegado Rachado. Com é que você não conhecia?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, já tinha visto ela no fórum algumas vezes, e os colegas comentavam que ela era esposa de um delegado, que era o mesmo sobrenome dela. Agora, daí dizer que eu a conhecia, não.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Olha lá, diz que o delegado lá é bravo. Como é que você vai explicar isso?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ah, o senhor é que tem de explicar, está dizendo que esse é amor antigo.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Eu não, você que disse que conhecia ela lá no fórum.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu quero saber, eu vou voltar para o meu telefone celular. Já que não o conhecia, por que a senhora acha que o seu celular estava cadastrado no telefone dele? Por favor.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu desconheço isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A senhora nunca teve contato por celular? Só aquele dia? Como é que vocês chegaram a se conhecer? Eu queria entender o momento do conhecimento. Como foi?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Foi aqui.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim, que foi aqui, todo mundo já entendeu. Onde, como, que horas, que momento da sessão?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Foi no... parece-me, no intervalo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vocês não estavam sentados juntos, não é isso? Vocês não estavam sentados juntos?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não estávamos.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Um estava num canto, o outro, noutro.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E depois ele se apresentou.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele se apresentou à senhora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu nem sabia que...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele se apresentou à senhora? Eu quero saber como foi. É isso, ele se apresentou à senhora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É isso. Isso mesmo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A troco de que o senhor se apresentou a ela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não me apresentei. Foi dito aqui na frente que estava o advogado do Leandro lá atrás e ela era advogada do Marcola.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, e o senhor foi lá e se...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas ela acabou de dizer aqui, pelo amor de Deus, que o senhor se apresentou a ela.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Mas eu estou falando que não me apresentei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ela está mentindo? Não se apresentaram?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu estava em 2 bancadas para frente e ela estava atrás. Quando nós fomos colocados para fora, na saída, eu falei: Eu sou advogado do Leandro. Ela falou: *"Eu sou advogada do meu cliente que não veio.*" Isso é se apresentar?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Foi. Não, é claro que é: boa tarde, eu sou advogado do Leandro, e eu sou advogada do Marcola que não veio. Agora, e por que o Marcola não veio?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Vocês que deveriam ter apresentado ele aqui. O requerimento foi aprovado tudo no mesmo dia.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quem é que acompanhou isso, foi o senhor?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O quê?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Esses requerimentos aprovados.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quem foi?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ué, o Delegado, Dr. Rui, me informou que o meu cliente viria para cá ...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E aí o senhor informou a ela para vir também?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Lógico que não, lógico que não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então como é que ela adivinhou que foi votado esse requerimento se nunca, em nenhum momento, a CPI tinha marcado para o dia 10 o depoimento do Marcola? A única pessoa que fala isso é o senhor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Aí a senhora teria que perguntar a ela.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor falou isso 3 vezes. Três vezes o senhor disse o seguinte:

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exatamente. E foi a verdade.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Três vezes o senhor disse o seguinte: *"Os requerimentos foram votados todos."* O que eu imagino é que o senhor achava, efetivamente, como foram votados no mesmo dia os requerimentos, as oitivas seriam no mesmo dia. E aí o que quero entender é se o senhor, em algum momento, falou com ela.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E nós aqui não sabemos.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, e mesmo que tivesse falado não seria crime nenhum.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ela nega por um lado e o senhor também.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Mesmo que tivesse falado, porque eu não conhecia, não tinha telefone...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu não estou falando de crime. Eu estou perguntado se o senhor falou com ela.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Doutor, mesmo que tivesse falado? O senhor tem que ser objetivo. O senhor falou? Não. O senhor não falou.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não falei.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Então?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não precisa ajudá-lo, não, D. Maria Cristina.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Nossa, pelo amor de Deus!

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu estou negando, desde o começo, Excelência, como é que ela está me ajudando?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele diz que a senhora sabia o que continha no CD, porque ele diz o seguinte. Na versão dele, o CD foi entregue à senhora como forma de defesa do cliente dele, portanto, os 2 sabiam o que continha no CD, e a senhora, peremptória, dizendo que não...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ...que a senhora não sabia o que tinha no CD. Quem está falando a verdade, a senhora ou ele?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu não sei o que continha no CD. Quando, presta atenção...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O meu CD, eu entreguei. É o mesmo, se são cópias são idênticos.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - São idênticos? Eu não sei, eu não vi os 2.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Então, eu gostaria de ouvir.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O do senhor eu recebi agora, o dela não recebi, não sei onde está.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Os rapazes lá da foto que estão aí, que estavam aí, já devem ter deposto, inclusive, podem provar isso: foram feitas 2 cópias idênticas.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Idênticas?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exatamente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, como é que ela diz que não sabia, só o senhor diz que sabia? Quer me explicar quem está falando a verdade?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Aí é ela que tem de explicar. O meu eu sabia o conteúdo, porque eu levei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas o senhor disse que ela sabia também.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ué, se foram feitas 2 cópias.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor disse, claramente, aqui para nós que ela sabia o que estava no CD, e ela diz que não sabia, não.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ué, então vocês tirem a conclusão de vocês.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É por isso que a gente está fazendo acareação, quer saber qual dos 2 está mentindo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu não sabia.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Um dos 2 está.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Foram feitas 2 cópias, doutora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Foram feitas 2 cópias.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Idênticas?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Idênticas.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Na mesma máquina?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Idênticas.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu sabia do meu. A senhora responde pelo seu.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então a senhora responde.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu respondo. Doutor, foram feitas 2 cópias, vou dizer, desculpa, entre aspas, a "laranja" aqui efetuou o pagamento...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A laranja?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - A laranja. No final, o que que aconteceu? Eu não tinha o dinheiro que o dinheiro...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A pergunta dela é em cima do conteúdo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, se ela é a laranja, o senhor é o chefe?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Imagine, não é? Imagine. É lógico que não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, não imagino. Por quê? Ela é que é a chefa?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, não estou falando que ela é chefe de nada.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, por que imagine? Ela está dizendo que ela é laranja e que o senhor é o chefe.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu? Eu?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu estou dizendo por quê? Porque eu desconhecia que não tinha sido permitida a saída do CD.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Em outras palavras, ele a enganou. Não é isso que eu estou ouvindo?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É isso mesmo. Ele me enganou.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele a enganou. O senhor enganou ela?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu a enganei?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O senhor me enganou.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A senhora acompanhou para fazer uma cópia com o rapaz que a senhora tinha conversado antes da sessão. A senhora acompanha junto...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Doutor, mas eu não conversei sobre cópia de CD.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A senhora é que está dizendo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não tratei...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ele está dizendo o contrário, no depoimento dele.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele não está dizendo nada.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A senhora vai acompanhando, dizendo que eu a induzi, que eu a enganei?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Doutor, quando ele vier aqui...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ah, doutora, pelo amor de Deus!

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Doutor, doutor, o senhor me disse que aquelas cópias...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ah, Excelência...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ela diz uma coisa e ele diz outra, então pronto, vocês vão decidir quem está falando a verdade, não sou eu.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É mentira, é mentira, vocês querem... já estou falando que é mentira, é mentira.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E ela diz que é verdade, é verdade.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ela sabia o teor. Nós fomos lá e fizemos. Eu não divulguei. Isso não é crime.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu sabia qual teor? Que teor, doutor, que eu sabia?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O teor do que tinha no CD.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não sabia.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Do que tinha no CD, ué, a senhora acabou de dizer que tinha 2 cópias idênticas, doutora.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Doutor, mas isso não quer dizer que eu ouvi. E o senhor não me viu devolvendo para ele o CD? Como o senhor pode afirmar que eu sabia o que continha?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Enquanto eu estava lá...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu quero, doutor...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Essa é a parte que eu não estava.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Presta atenção, doutor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Que ela está dizendo que devolveu o CD para ele.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha doutor, eu tenho um nome a zelar...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu tenho muito mais.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ...e 18 anos, doutor. Olha, doutor, eu estou numa situação vexatória.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Se contar a minha aqui...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha doutor, então eu vou dizer uma coisa para o senhor: eu permaneci no hotel, eu dei um telefonema para a minha família...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Você devolveu para ele o CD então, sem ver?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu devolvi sem ver.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Isso.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu devolvi, doutor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Os CDs que foram feitos os 2 juntos?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu devolvi, doutor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Está. O meu eu devolvi hoje aqui. Eu ouvi o teor, e não tinha nada que aconteceu que pudesse ligar aos acontecimentos.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não vi.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Inclusive falado pelos próprios Deputados aqui.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não vi e não sei se podia comprometer ou não, doutor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Então está bom. Ela está dizendo que devolveu o dela depois que eu fui embora.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O problema não é comprometer ou não comprometer. O problema é que o CD foi desviado da Comissão. Esse é o problema.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O problema...Olha...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O problema é o seguinte, Excelência: ela está dizendo o seguinte: que após eu sair...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O que tinha ou não tinha dentro não me interessa, o que interessa é que o senhor disse que ela sabe o que tinha dentro e ela diz que não sabe, é isso que interessa.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não sei. Eu não sei o que continha, e eu vou pedir para V.Exas....

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - E eu estou falando a verdade.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ...no esclarecimento da verdade e de minha reputação como advogada, porque eu não só milito no crime, eu milito no cível, eu milito na família, que se levante quem passou essas informações para o presídio.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Com certeza.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Porque disseram que foi através de videoconferência. Aí consta, conforme o doutor me disse no escritório...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ou foi um dos 2, ou foram os 2.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ...do Dr. Ademar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Foram as únicas cópias que fizeram.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu quero que se prove, eu quero que se pericie a fita porque a minha honra, o meu nome está em jogo, doutor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E está mesmo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não tenho um ano, eu nunca respondi a um processo, e sou eu que sustento meus filhos. Chega de mentira, doutor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutor, o senhor sabia que a doutora estava contratando o Arthur para acompanhar processos para ela no STJ e no STF?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Jamais. Não sabia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor não viu ela combinar com ele para ele passar a ser o representante dela, para acompanhar processos no STJ e no...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não. Essa parte, se houve, se existiu, não estou dizendo que existiu, foi depois que eu saí.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O senhor ouviu, doutor. Doutor...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eles ficaram conversando sós.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, agora ela disse isso, que o senhor ouviu.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não ouvi, eu não ouvi. Eu não ouvi, doutora.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ah, doutor, presta atenção, doutor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não ouvi. Ele tem o meu *e-mail* porque ele tem o meu cartão, que tem o meu *e-mail*.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Presta atenção, doutor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, eu não vou... Doutora, eu vim aqui para falar a verdade e estou falando a verdade.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele inclusive falou, doutor...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu vim aqui para falar a verdade e estou falando a verdade.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E nós estamos falando a verdade.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutor, deixa ela falar para nós ouvirmos.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele disse, doutor, que passaria um *e-mail* e o que precisasse com relação ao que tivesse de processo em andamento em Brasília, ele verificaria. Com custo, doutor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Para quem?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele falou para nós 2. Nós estávamos juntos.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Para mim não, doutora.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ah, não?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não tenho processo... eu não tenho um processo em Brasília.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutor, o senhor sabia que ela contratou o rapaz?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não tenho um processo em Brasília.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutor, o senhor sabia que ela contratou o rapaz para acompanhar o *habeas corpus* de um cliente dela aqui?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, eu não sabia.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Sr. Relator, Sr. Relator.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor não sabia. O senhor não viu ela combinar isso com ele?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não vi combinando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ela disse que foi na sua presença.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não foi, não foi, da mesma forma como eu não vi ela devolvendo o CD para ele.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Sr. Relator, o senhor me permite um esclarecimento?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E também dando o dinheiro?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Nem dando o dinheiro. Eu não te vi dando o dinheiro.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E como ele me deu o CD se eu não dei nenhum dinheiro?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É isso que eu queria saber.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E deu o CD para o senhor se o senhor não tinha dinheiro para pagar ele? Que coisa, hein?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A senhora mesma disse que ele me deu o CD e eu fui embora e vocês ficaram conversando.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Nossa senhora!

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Sr. Relator, independentemente de ser ou não verdadeira a afirmação de quem quer que seja, para restabelecer aqui a verdade dos fatos, no início do depoimento da Sra. Maria Cristina, ela disse textualmente que quando ficou com ele — Sr. Arthur —, sozinha, ele teria perguntado para ela: *"A senhora não quer o CD completo?"* E ela respondeu: *"Mas como?"* Ele falou assim: *"Eu posso lhe enviar, assim que ele estiver pronto, um e-mail. E coloco como senha HC."* HC não é de *habeas corpus*, era a senha para dizer que estava pronto o CD completo. Está havendo um desvirtuamento dessas 2 letras.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Muito obrigado, Deputado Carlos Sampaio.

Com a palavra o Deputado Luiz Couto.

Fique à vontade, Deputado, por favor. Então, venha aqui para frente.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Esqueceu o cassetete aqui.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Enquanto o Padre Couto chega ali, Presidente... Dra. Maria Cristina, quando um preso está no RDD, qual é o procedimento necessário para que um advogado tenha acesso a ele?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Primeiro, um agendamento. Agendar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Agendamento.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso. É um agendamento com a diretoria do estabelecimento penal.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Esse agendamento é feito em 10 dias.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Dez dias.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso. Depois que é feito o agendamento...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E aí tem que ter uma procuração?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Tem que ter uma procuração lá.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por escrito?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Tem. Tem que ter. E o preso declarar quem é o seu advogado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Então, me diga uma coisa.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Como é que a D. Iracema foi lá e se reuniu com o seu preso que estava no RDD, se a procuração dele é para a senhora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Posso lhe dizer?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pode.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu... Isso eu gostaria que o senhor convocasse a Dra. Iracema e perguntasse.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, Doutora.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Porque para mim foi surpresa ela ter ido lá e falado com ele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Legalmente?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Legalmente impossível.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Impossível?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, a senhora está dizendo que foi ilegal a visita que ela fez ao seu cliente?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, o procedimento normal não é esse.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas poderia, pela lei, uma pessoa que não é advogada do Marcola, ter-se reunido com ele, ele estando no RDD?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não poderia, mas ela estava acompanhada de autoridade. E eu não sei qual foi a finalidade e o porquê que ela estava acompanhada de autoridade.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, a rigor, o único advogado ou advogada que poderia ter visitado esse preso seria a senhora.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso mesmo. Isso mesmo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sem a procuração...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sem a procuração...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... nenhum outro advogado...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Não poderia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... poderia ter feito uma visita a um preso no RDD.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não poderia, não poderia. Nem a pedido do Secretário, do Presidente da República, quem quer que fosse. Não poderia. Esse é o correto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está bom?

Deputado Luiz Couto com a palavra.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Presidente, aqui há um mutirão de mentiras que dá para um samba enredo: Marcola e Leandro no país do superpinóquios. Eu acho que é o samba enredo para o próximo carnaval, que vai ser um sucesso muito grande, porque a mentira está de um lado e de outro. E é preciso inclusive acarear com o Sr. Arthur, porque acho que também outras mentiras poderão se sobrepor às mentiras que aqui foram reveladas.

O senhor, Dr. Sérgio, disse que foi a Dra. Cristina que pagou as contas e que o senhor só tinha o dinheiro para o táxi na volta para o aeroporto. O senhor falou de 50 reais que teria. Quem pagou o lanche do senhor, de D. Cristina e de Arthur?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu paguei.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor arranjou esse dinheiro?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Expliquei para a nobre Deputada: eu vinha com 100 reais. O táxi custa 30, 31 — não me lembro direitinho, porque não achava que isso aí fosse tomar essa proporção. Do aeroporto, lá na fila do aeroporto, até aqui na porta do anexo, eu paguei acho que 30 reais. Sobrou 20. Com mais os 50 que eu tinha para voltar no táxi. Eu tinha uma folgazinha para comer também.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer que o senhor, num primeiro momento...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Aí eu não... Eu fui com... quando me encontrei com o menino, o Arthur, no restaurante, a doutora chegou depois, eu comi um bolinho, tomei um *capuccino*, coisa... Eu não lembro quanto que eu paguei, se foi 10, se foi 15. Eu não lembro. Deve estar... Na câmera está registrada. Tem o momento de eu pagando, é fácil de saber.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quem propôs a ida ao *shopping* Pátio Brasil? Quem foi que propôs?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O Arthur.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O Arthur?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É. Ele fala isso no depoimento dele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O Arthur.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - E essa é a verdade. Ele propôs por quê? Porque ele disse que só lá que seria, que teria o leitor do CD que leria o CD, porque foi implantado digitalmente há uma semana, 2 atrás, daquela época, que só lá que teria o leitor e como ele ia indo embora, ia guardar as coisas e ir embora, ele já aproveitaria dali para ir embora. Foi isso que aconteceu.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Só que eu fui embora e ele ficou. Agora, o que aconteceu daí para frente eu não sei, Excelência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quando nós verificamos a gravação, tem um momento, quando é concluída aquela reunião, aquela sessão, e que até o garçom vai levando já toda a parte que tinha de água e de café, fica Dra. Cristina sentada e o senhor e o Arthur em pé. Ficam lá como se fizessem uma reunião. O que vocês combinavam nesse momento?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, nós não combinávamos nada, Excelência. Eu só estava checando com ele, eu falei: *"Você vai me arrumar a cópia?"* Ele falou: *"Doutor, eu vou guardar minhas coisas lá em cima, vou confirmar a autorização, e, se for autorizado, o doutor me ligue"* — me deu o telefone dele — *"para nós combinarmos um local aqui na Câmara para nós nos encontrarmos, só que a cópia vai ter que ser feita em outro local, porque esse aparelho é novo, vai ter que ser feita fora daqui".*

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dra. Cristina, o que a senhora diz dessa reunião depois de terminada a sessão?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu não sei, porque eu estava na Secretaria quando o doutor me ligou no meu celular. Então, eu não sei o que eles conversaram.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas a senhora estava sentada. Estava sentada a senhora...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas ele conversou várias vezes com ele. Não foi só essa vez que ele conversou.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não? E quando ele conversou?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, ele saía, ele entrava e saía.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele conversou comigo também. Ele conversou com quem estava ali.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O Arthur?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O Arthur.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Conversou com a senhora mais ou menos quantas vezes?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Pouco, Pouco. Umas 2 vezes.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E com o...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas não conversou sobre nada.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E com o Sérgio?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, com o Sérgio...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Conversou mais do que com a senhora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu não posso... precisar... No momento que eu estava, umas 3 vezes ou mais.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Uma outra coisa: a senhora disse que...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas eu não sei o que ele conversou com ele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Está bom.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não posso falar que o que eles estavam conversando era relacionado à fita.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Mas a senhora disse que conversou, que ele conversou várias vezes com o Dr. Sérgio e também conversou com a senhora.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Conversou, isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não foi uma vez só. A senhora...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Quando o Sérgio conversou... quando o Arthur conversou comigo, eu nunca estava sozinha. Se o senhor verificar nas fotos, às vezes tem um garçom. Tinha 2 cadeiras, os garçons estavam sentados, e um deles se levantou e me deu o lugar para sentar na cadeira. Depois, o garçom pegou a cadeira e colocou num outro plenário.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É, mas, na hora em que estava essa pequena reunião — a senhora sentada, e os 2 em pé —, não tinha mais do que uma cadeira.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E eu também, por exemplo, não sei o que eles falavam.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não sei...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas a senhora estava lá?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu estava lá.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Estava na conversa?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Se tem...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Bom, uma coisa eu queria explicar: a senhora disse que, quando entrou lá na loja, que os 2 entraram na loja, e a senhora ficou olhando a vitrine, ou seja, o Dr. Sérgio disse que...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu vou lhe repetir o que eu disse.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... os 3 entraram na loja. É isso mesmo, Dr. Sérgio?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, presta atenção.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É para eu responder, ou é para ela?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É para você responder. É para ele responder.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, nós fomos até uma primeira loja. Essa primeira loja não tinha o leitor, nem nessa loja de material fotográfico. Ela indicou uma outra dentro do *shopping*. Nós nos dirigimos até ele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Os 3?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - No primeiro momento o Arthur entrou para ver se ali havia o leitor realmente. E eu e a doutora ficamos olhando realmente umas vitrines.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Depois, quando ele já estava confeccionando as cópias, as filmagens falam isto...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E o que eu falei para o senhor, doutor?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - ... nós entramos, nós entramos dentro da loja.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas o que Dra. Cristina diz é que o senhor e o Arthur entraram, e ela ficou...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Só eu e ele que entramos na loja? As filmagens falam, as filmagens falam o contrário.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. Olha, deixa eu explicar para o senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, diga.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Quando é... o Arthur pegou a informação que naquela loja não fazia aquele tipo de trabalho, naquela loja foi indicada uma outra. E eu disse para o doutor: *"Doutor... "* Não foi, doutor? Doutor, por favor. *"Doutor, eu..."*

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exato, falou assim: *"Pode ser aqui?".* Eu falei: *"Doutora, mas nós não estamos fazendo nada de ilegal".*

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não foi isso que eu falei. Eu falei: *"Doutor..."*

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O que foi que a senhora falou?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - *"Doutor, eu estou achando estranho... Doutor... Doutor, isso não pode ser. Doutor, isso é uma roubada. Doutor, nós vamos entrar num problema. Doutor, deixa ele ir, vamos ficar olhando as lojas, doutor".* Eu falei para o senhor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Está, e ele não foi na loja sozinho?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas o senhor não... Não falei isso para o senhor?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - E eu forcei a senhora a entrar na loja e pegar o CD da mão dele? Ah, vamos ser práticos!

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas eu quero que o senhor explique para ele se eu falei ou não, doutor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Vamos ser práticos.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ser práticos, não. Eu falei isso para o senhor o tempo todo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A senhora falou desde aqui. Eu estou falando assim: *"Mas eu não estou fazendo nada de ilegal. É um direito constitucional do meu cliente"*.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ah, eu falei desde aqui? No início o senhor falou que eu não falei e agora o senhor está falando que eu falei desde aqui!

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não. O nobre Deputado ouviu... o nobre Deputado disse que a senhora não entrou na loja, que a senhora disse que não entrou na loja, e eu disse que entrou. E entrou. E entrou na loja, sim.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, eu fiquei e entrei. Entrei, sim, entrei para pagar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Para pagar?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso. Fui no caixa, paguei e peguei um tíquete. Do valor que eu paguei eu não lembro, foi 18,50. Só isso. Aí...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Na segunda loja, quando encontraram...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Foi na segunda loja.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... quando entraram na loja, a Dra. Cristina também entrou, ao mesmo tempo?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ai, não! É demais!.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Num primeiro momento, nem eu nem ela entramos, porque nós já estávamos perambulando pelo *shopping*.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim. Certo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ele entrou para checar se ali fariam as cópias.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Depois, checado...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Checado, foi iniciado o processo de feitura de 2 CDs em MP3, que caberia num CD só.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Nós estávamos olhando a loja, entendeu? Ela ainda falou: *"Doutor, eu acho que esse cara é roubada. Isso é armação. Ele foi trocado na última hora*". Essas coisas. Eu falei: *"Doutora, mas nós não estamos fazendo nada de ilegal. Isso aqui é um direito constitucional, que inclusive poderia até impetrar um* habeas data *para conseguir essas informações".*

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso mesmo que ele falou para mim, Excelência.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - *"Ele só está facilitando a nossa vida"*.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quem disse?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O que ele falou.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dr. Sérgio?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Entendeu? Só que aí, num segundo momento, entramos, sim, os 2. Ela pagou no caixa o serviço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Então, agora ele admitiu...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, admitiu, não. Eu falei desde o começo que a senhora entrou na loja comigo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Doutor...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Tudo bem.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas, doutor, não é isso que eu estou falando!

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É isso que ele está me perguntando.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, doutor!

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O que o senhor está me perguntando, Excelência?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O que ele... O senhor acabou de dizer agora, doutor, que desde o início eu estava desconfiada.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A senhora estava desconfiada porque a senhora é muito mais experiente do que eu. É óbvio!

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E, sim, doutor, e falava para o senhor, o senhor falava: *"Não."* Mas o senhor...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Por que é que a senhora foi, então, se a senhora estava desconfiada?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas o senhor, doutor, o senhor tinha negado isso até há pouco. E agora o senhor confirmou.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, não. Não neguei. Não neguei. A senhora falou...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não faça isso, doutor. Doutor, tem tudo gravado, doutor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exatamente. A senhora está querendo jogar com os fatos...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não estou...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Doutora, assuma a sua responsabilidade que eu assumo a minha.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Doutor, eu assumo a minha!

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Senhora...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A senhora disse o seguinte, a senhora disse o seguinte: que eu forcei, que eu coagi.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Nossa!

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu estou falando a verdade, Excelência!

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. A senhora disse que ele...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O senhor acabou de dizer que eu também...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Está mentindo que não entrou na loja. Eu estou falando que ela entrou, porque tem as provas que...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora disse que ele disse para a senhora: *"A senhora é advogada do Marcola e está com medo disso?"*

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O doutor dizia sempre que eu era uma advogada experiente. E uma advogada... E como eu poderia ter medo? E que aquilo era legal! E que ele... que nós estávamos garantidos pela Constituição. Ele disse isso para mim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas ele disse...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E disse também para mim, olha, que o que ele ia fornecer da fita não era a parte que era proibida, e, sim, a parte que era permitida.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - E a parte que tinha como que era?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Hã? Eu não sei, eu não ouvi, doutor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas aí é o seguinte, Dra. Cristina:...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não ouvi, doutor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Como é que

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Doutor, nós já estamos nesse barco. Se eu tivesse ouvido, eu falava aqui:...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Doutora, eu...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ...eu ouvi foi no meu computador, mas eu não ouvi, doutor.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Excelência, Excelência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas eu quero, eu quero... Pode falar.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E também não passei informação para ninguém.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pronto.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E nunca ia passar.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O senhor perguntou para mim se ela havia entrado dentro da loja.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Perguntei. Sim.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu estou afirmando para o senhor, e todos os meus... essa pergunta já foi feita acho que umas 10 vezes desde o início da sessão...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo, mas é importante.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - ... e eu estou falando: ela entrou na loja, sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Tanto que ela pagou, que ela teve o tíquete. Foi onde ele deu um CD para mim e deu um CD para ela.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas eu entrei para pagar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - E nós saímos juntos, peguei um táxi e fui embora.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dra. Cristina, como a senhora diz que devolveu a fita a Arthur se a senhora não teve conhecimento do teor da fita e, segundo a fita, a senhora... a fita que o Dr. Sérgio teria levado tinha informações que não eram...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Foi o que o Arthur disse: que o que ele tinha degravado era o que pertencia somente ao cliente dele. E que ele ia entrar em contato com o chefe dele e com a Comissão para ver se eu conseguia o CD, e teria um custo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo, teria um custo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Então, quando me ligaram... Mas ele não me...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E que custo era esse?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Mas ele não falou para mim qual era.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não falou?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E quando me ligaram... Porque eu não pego recado na minha caixa postal no mesmo dia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Quando eu vi o recado, eu fiquei preocupada. Eu já estava... Por exemplo, eu nunca agi assim de ir junto. Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Muito bem.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Dezoito anos, essa foi a primeira cilada que eu entrei.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eu queria saber o seguinte...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Essa foi a primeira armadilha. Uma advogada de 18 anos acompanhar alguém? O que é que eu devia ter feito? Eu devia ter subido novamente à Secretaria e perguntado: *"Sr. Manoel, o senhor autorizou a sair? Nós podemos levar?"*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - A senhora acha, então, que o advogado induziu a senhora ao erro?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, na realidade, eu não sei se eu estava cansada. O que aconteceu? Eu acho que eu fui induzida ao erro!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Isso mesmo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu fui induzida ao erro. E outra coisa...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não por mim, doutora.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Só para esclarecer esse assunto, então.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois não.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Com a acareação do Arthur, ele vai dizer se ela sabia ou não sabia que tinha o conteúdo integral da fita.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. A Dra. Cristina disse que não sabia...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Essa parte ele falou a verdade.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não sabia...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... que o Marcola era do PCC. Ela disse que não sabia.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não sabia, não. Eu não sei.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ela não sabia? É cliente dela.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor sabia que ele era do PCC?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Pela mídia, sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Hein?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Pela mídia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, sabia.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Lógico! Sou hipócrita se eu não falar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quando o senhor foi... Naquela visita que o senhor foi lá, a partir do pedido de familiares de outro preso, o senhor já sabia que Marcola era do PCC?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu sei que a... Não, não sei que ele é do PCC. A mídia diz: ele é...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas naquela época o senhor já tinha conhecimento?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A mídia já dizia. A mídia já dizia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Já tinha conhecimento.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Só que nunca ninguém... Foi comprovado isso nos autos, e vale o que está provado nos autos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Correto. Certo. Dra. Cristina, a senhora falou o seguinte: que Arthur teria ficado com medo da senhora. Por que a senhora falou que Arthur teria ficado com medo da senhora? Qual a razão?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Porque eu sou... Olha, eu sou objetiva. Eu... é... Eu não tenho rodeios para falar, e o que eu fizer eu assumo. Eu não tenho... O que eu... Se eu tivesse contratado ele, se eu soubesse da fita, eu falava: *"Fui eu! Eu contratei, eu paguei".* Agora, não é justo que eu... Não contratei ninguém, entendeu, e ser acusada, uma acusação tão grave, que não envolve só... Envolve o meu nome, e isso aí é pior do que qualquer coisa! Eu advogo, sou militante. Eu trouxe a relação dos processos. Vocês podem inclusive pedir, através da Internet. Pelo amor de Deus!

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Duas perguntas finais. Primeiro, quer dizer, a senhora acha que o Arthur estaria fazendo uma coisa errada e por isso ele estaria com medo de que a senhora pudesse denunciá-lo?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ah! Eu creio que sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Isso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu creio que sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dr. Sérgio...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Quando ele me indicou... Eu fiquei tão assustada quando ele me indicou um hotel, eu não fui naquele hotel, eu fui para outro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ah, ele indicou um hotel para a senhora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Ele indicou um hotel, porque eu não sabia onde estava. Eu falei: onde tem um hotel? Aí, ele falou: a senhora vai naquele ali. Eu fiquei... esperei ele ir embora, que ele foi a pé...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Qual foi o hotel que ele indicou?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É do lado do Naoum, eu não sei qual.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Aí, eu esperei ele sair. Aí, eu peguei, olhei e falei: vou naquele hotel. Eu entrei no hotel é... e fiquei, não saí do hotel. Vocês podem checar. Eu pedi uma canja no hotel, eu não saí para jantar, eu não saí para lugar nenhum. Pedi para me acordarem às 4h da manhã. Eu deixei, inclusive, no hotel, um anel e um relógio, que eu não passei no hotel para pegar, porque, se eu passasse lá, eu poderia... é... alguém falar: a senhora foi lá para... para que dissessem alguma coisa? Não, eu não fui no hotel. Eu não voltei no hotel. Eu liguei e disse: *"Esqueci o anel. Por favor, me guarde o"*... Quem me atendeu, falou: *"A senhora pode ficar tranqüila que eu vou guardar o anel e o relógio da senhora. Quando a senhora vier a Brasília, a senhora pega".* Eu não fui. Eu cheguei mais cedo hoje, eu saí de lá de manhã, e não fui. De preocupada, porque... O que eu quero de vocês é a apuração da verdade, dos fatos. Está em jogo a minha reputação. Não é só isso que está em jogo. Está em jogo vidas... Sabe, a situação é gravíssima!

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vidas de quem, senhora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, é... Vidas de todos. Isso aqui está sendo televisionado para o mundo todo...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não entendi o que a senhora quer dizer. Como assim, vidas de todos?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É... vidas da minha família, de toda a minha família.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por que, senhora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, os meus filhos, depois disso, dessa divulgação da imprensa, eles são apontados...

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Então, a senhora tem medo que eles sofram represália, mas pelo PCC, não pela sociedade.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, não é medo de PCC. É o seguinte... Olha...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pode falar, doutora.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu fico preocupada...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Com o quê, doutora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu fico preocupada com discriminação, sabe? Eu, eu estou me sentindo, assim, um lixo! Olha, sinceramente...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutora, a gente compreende a sua preocupação...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu estou numa situação aqui...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Mesmo seu esposo sendo delegado a senhora tem medo?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O meu esposo... Eu... Meu trabalho é um e o dele é outro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Se tem uma coisa que nós temos que concordar com a senhora é que seus filhos, sua família não merece passar por nenhum tipo de constrangimento.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Nossa!

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Suas crianças, seus filhos, colégio, sociedade... Os nossos filhos não merecem ser responsabilizados por absolutamente nada que diga respeito ao nosso trabalho, à nossa atividade. Agora, a senhora há de convir conosco que é uma situação bastante delicada...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - E eu quero que V.Exas. esclareçam. Esclareçam para que a imprensa divulgue.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que a sua situação não é uma situação simples.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim, eu sei, é delicada. Tenho conhecimento disso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que há uma contradição a respeito das versões e que nós ainda teremos a acareação com o rapaz, que isso poderá ter desdobramentos que possam inclusive levá-la a uma situação ainda mais grave do que já está. A senhora tem consciência disso?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Tenho consciência. Tenho consciência.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora gostaria de ter uma conversa reservada conosco?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora gostaria que eu transformasse essa reunião em reunião reservada?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - De maneira alguma. Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora não se sentiria mais à vontade para conversar conosco?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, de maneira alguma. Não.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Seria melhor, a senhora não precisaria pagar a fita.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. De maneira alguma.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO - Eu tenho para mim, Sr. Relator, que a melhor coisa que nós podemos fazer é dar publicidade a essa reunião.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu sei. Eu estou fazendo essa pergunta a senhora sabe por quê?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Exatamente para mostrar o temor que a senhora tem...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - O temor?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA -... da possibilidade de que alguém imagine que numa reunião reservada a senhora pudesse falar para nós alguma

coisa diferente do que a senhora está falando aqui. Eu acho que é legítimo o seu... Digamos assim, eu vejo que a senhora fica... só de eu mencionar a possibilidade de nós transformarmos a reunião numa reunião reservada. Mas eu quero lhe dizer o seguinte: eu entendo isso, respeito, mas isso é uma demonstração da forma como essas organizações mantêm sob terror inclusive pessoas que advogam para eles. Então, isso é uma forma de ter sob controle, através do terror, através do medo. Exatamente por isso que foi tão importante para o Dr. Sérgio que chegasse às mãos da senhora e do PCC a cópia do depoimento do cliente dele, porque isso era o salvo-conduto do cliente dele, inclusive para a sua sobrevivência. Quando nós transformamos a sessão do Leandro numa sessão reservada, ficaria a dúvida, dentro do sistema penitenciário, do que ele teria falado para nós. E a forma de ele recuperar o salvo-conduto dele dentro do sistema era mostrar a cópia daquilo que ele tinha dito. Então, eu quero dizer os seguinte: eu tenho absoluta consciência que, mais importante, inclusive, do que os delegados tinham dito aqui para o Dr. Sérgio, o importante para a sobrevivência do cliente dele era o depoimento do Leandro, e acabou indo o depoimento dos delegados junto. Então, acho que isso é importante para que a gente entenda a forma de atuação e a relação que essas organizações estabelecem inclusive com os advogados, que podem, num primeiro momento, ter sido contratados como qualquer advogado criminalista, defender o cliente e que acabam estabelecendo um nível de envolvimento tal que, como já disseram aqui alguns colegas Deputados, o fio da navalha é muito restrito e a facilidade de que extrapole as tuas prerrogativas profissionais e haja de maneira criminosa é muito sensível. Muito difícil de ser estabelecido qual é o limite até onde o advogado pode ir. Eu tenho essa leitura a respeito desse episódio.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eu queria saber o seguinte: depois que essa situação toda foi publicizada e que vocês 2 estão na berlinda, vocês sofreram algum tipo de ameaça, dizendo assim: olha, cuidado com o que vai falar ou o que vão falar lá na CPI?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Nenhuma, Excelência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A senhora recebeu?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Nenhuma.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A senhora falou o seguinte: o Arthur, quando ele teve o encontro com vocês depois da sessão, aqui no corredor, depois

teve um outro lá no lanche, no restaurante, conversou com vocês também durante o trânsito, o trajeto...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O trajeto, justamente, até o táxi.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... do táxi. E também lá no Pátio Brasil conversou com vocês?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, lá quase não conversou, porque ele estava envolvido na produção das cópias.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pronto. O que é que Arthur tanto falava com vocês durante esse trajeto? O que ele falou? Além da fita tinha outras ofertas?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, não. Para mim, não. E nem para a doutora, no táxi... O que foi comentado: ele vazou o que tinha sido, o que ele tinha ouvido aqui, de uma forma ou de outra.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim. Mas o que ele vazou?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ele vazou o que eu já falei e vou repetir, Excelência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Repita.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Principalmente foi quando ele citou, inclusive no depoimento, e caiu em contradição e V.Exa. e também o Deputado Neucimar pegou ele nesse flagra, depois ele saiu pela tangente e deixaram para lá, porque eu tenho aqui na íntegra.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - O que acontece? Quando ele comentou que os advogados... que, no Brasil, o único jeito de legalizar dinheiro era depositando na conta dos advogados do Brasil, da OAB como um todo — não estava falando sobre nós —, e que esse dinheiro era só comprar um imóvel que voltava legalizado, era lavado o dinheiro automaticamente. Nós demos risada. "*Doutora, se eles verem minha conta, eles vão ficar doido, vão depositar um pouquinho lá, porque, pelo amor de Deus, minha conta... Olha o meu ganho mensal, o meu rendimento mensal, eles vão ficar com dó de mim".* Começamos a brincar a esse respeito.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - E ele vazou a respeito da esposa do cliente dele, que ia chamar juízes para cá.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quem é que... Como é que seria... da esposa do Marcola... O que ele falou?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A esposa do Marcos... Não, falou que a esposa dele tinha sido legalmente, via judicial, ela foi libertada num processo e que pairava dúvida sobre a conduta desse juiz e que seria bom intimar esse juiz para cá. Isso que ele falou. Mas principalmente em relação aos advogados lavarem dinheiro. Eu falei: "*Nossa, minha conta está aberta, à disposição; quem sabe eles iriam ficar com dó e vão...*" Aí, a Doutora falou: *"A minha também, a minha está aberta... estou com a conta devedora".*

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E com relação à convocação de juízes, o que ele disse?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - É o que está na fita. Agora, eu já vi a fita, vai ficar complicado...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas eu gostaria que o senhor dissesse.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, ele disse assim... que ele... ele fez uma síntese. Não sei se é da hora que ele entrava aqui... Mas pelo que ele falou aqui, no depoimento dele, palavras dele, lá, quem fica no vidro ali, tem acesso, sim, ouve, sim o que está sendo dito aqui dentro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É, não é?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Seria bom fazer uma checagem nesse sentido, porque isso aí não é à prova de som, esse vidro. Ele falou aqui no depoimento dele, que tive o cuidado de ler também, por duas vezes, ele diz que ouvia... que é possível ouvir algumas coisas. Então, ele comentou esses assuntos, comentou esses assuntos referentes ao que havia ouvido.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Mas ele teria... Ele, o Arthur, já tinha a proposta da fita?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, proposta não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, de levar...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, ele estava me dizendo que havia sido autorizado e que iria fazer a cópia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, eu estou dizendo o seguinte...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu estava indo com ele de boa-fé, sem dolo algum.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... quando vocês iam para o *shopping*, vocês já sabiam...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Já sabia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... o que ele ia levando?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Já sabia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputado Luiz Couto, tem um minuto para concluir.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Essa conversa que ele coloca de ter outras informações não pareceu que ele queria vender outras informações a vocês?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, não. Ele disse que tinha outras informações dessa sessão que ele trabalhou.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas que estaria...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, não, porque já que ele estava me dando o CD na íntegra, para que ele ia me vender mais uma coisa que estava me dando gratuitamente?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dra. Cristina, o que a senhora diz acerca dessa conversa do Arthur com vocês no táxi?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Bom... Olha, eu já...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas é bom repetir.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É bom repetir?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Vai tirando a...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É... Eu achei da conversa que ele disse... é...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Diga.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu achei uma forma errada dele relatar o que tinha ocorrido.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ele queria vender outra informação para a senhora?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Era isso que a senhora pensava?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu achei que ele... Logo ali, achei que não estava correto, porque ele já estava falando o que os delegados tinham dito. Quer dizer... E como ele sabia, se ele estava no áudio, se disse que quem está no áudio não tem conhecimento? É muito estranho. Eu não sei. Sabe que às vezes eu fico imaginando como é que pode...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está bom.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - No caso que ele poderia ter mais informações...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - É e eu...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... do que aquilo que estaria no áudio?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Claro!

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Está o.k. Sr. Presidente, muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Muito obrigado, Deputado Luiz Couto.

O último inscrito, Deputado Fraga, com a palavra.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Sr. Presidente, eu vou começar pela Dra. Cristina. A senhora disse que acompanhou o Dr. Sérgio para tirar uma cópia do CD por mera curiosidade. Correto? Afirmou que não tinha nenhum interesse direto na fita, pois ela não dizia respeito ao seu cliente. Também está correto? Mas diante das respostas que a senhora deu...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Peço só que ela diga “sim” ou “não”, porque a gravação não pega o gesto de cabeça.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Ah, sim.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - “Sim”.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - A senhora também afirmou que não tinha nenhum interesse direto na fita, pois ela não dizia respeito ao seu cliente. Correto?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Isso. Correto.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Diante das respostas que a senhora deu, eu quero perguntar: se não havia interesse algum e era mera curiosidade, por qual razão a senhora assim que chegou aqui na Câmara procurou pelo funcionário da CPI, o Sr. Manuel, a fim de saber como poderia obter uma cópia da fita? Como é que a senhora explica?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Olha, esta não é a primeira vez que eu estive nesta Casa. E eu... eu armazeno, eu guardo as cópias, porque eu faço defesa. Por exemplo, o processo da 12ª Vara Criminal que o Marcos Willians respondia, eu vinha aqui...

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Dona Cristina, ajude a gente...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu vou ser objetiva.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - ... ajude a gente. Está todo mundo cansado. Ajude a gente. Seja mais objetiva.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Por favor...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - E a senhora já esteve quantas vezes aqui na Casa?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Duas vezes só.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Fora essa?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Uma, mais uma vez. Mais uma vez e levei o depoimento do... como é que... Felício Geleião e juntei esse depoimento na 12ª Vara Criminal. Mas era um depoimento que era... como se diz...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O depoimento do Geleião foi público. Foi feito há um ano aqui na Comissão.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - ... foi público.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Deixa eu...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Teve público e reservado.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não... Foi... não faz muito tempo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, o depoimento de Geleião tem mais ou menos um ano...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Foi em maio do ano passado.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim, mas é que...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Em maio do ano passado.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Veja bem, que eu estive deve ter a data, porque quem me forneceu foi a própria Secretaria, não foi ninguém de fora.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim, a parte pública do depoimento.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - A parte pública. Eu juntei a parte pública no processo. Está juntado.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Vamos prosseguir?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Sim, vamos.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Qual é a razão, por que a senhora, nos minutos finais do seu depoimento, antes de encerrar a sua primeira fase de depoimento, a senhora disse... a senhora negou ter ficado com a fita, dizendo que deixou sua cópia com o próprio funcionário Arthur? Por que a senhora mudou de idéia?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu não mudei de idéia. Olha, é o seguinte: desde o início, eu já achei que não estava correto. Eu já tinha dúvidas se havia sido permitido ou não a saída do funcionário para tirar cópia. E aí o que é que eu fiz? Eu... Falei para ele que eu só tinha o dinheiro para poder pagar o hotel. Não tinha mais dinheiro.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Sim, mas a senhora pagou. A senhora pagou a despesa. Aí, o Dr. Sérgio aqui... Deve ser o quê? Por causa dos olhos verdes dele?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Ele pediu para a senhora pagar e a senhora pagou. A senhora pagou a fita, a senhora pagou a conta da lanchonete, a senhora pagou tudo.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu não paguei conta de lanchonete.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - E eu pergunto ao Dr. Sérgio: o senhor já pagou para ela o que o senhor deve para ela, Dr. Sérgio?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, Excelência. Eu paguei a conta no restaurante, fui eu.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Ah, foi você?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Na lanchonete. Foi.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - E a fita? Quem pagou a fita?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - A fita ninguém pagou. Ela pagou o trabalho.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Você deve 100 reais a ela, porque ela pagou 200.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, ela pagou 18. Como é que eu devo 200?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu paguei... Eu paguei só 18 reais e 50 centavos. Eu não paguei 200 reais.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Mas a fita foi 200 reais.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Eu não paguei isso.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Eu acho que o Dr. Sérgio ainda lhe deu o cano em 100 reais. Ele está lhe devendo 100 reais. Bom, vou continuar. Quem foi que disse essa frase: *"Ô, cara, eu te ofereço aí uma grana, me dê essa fita aí".* Quem foi que disse isso? Foi a senhora ou foi o Dr. Sérgio?

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Esse não é o meu modo de falar.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Eu também acho.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não. "Cara"... Não, isso eu não falo.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Então, foi o Dr. Sérgio.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Esse também não é o meu modo.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Não?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não.

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Esse não.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Eu só tenho que dizer, Sr. Presidente, que eu tenho de lamentar profundamente o Arthur não estar aqui neste momento, porque ele iria desmascarar os 2 advogados...

A SRA. MARIA CRISTINA DE SOUZA RACHADO - Não, eu não disse "*Ô*, cara..."

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - ... que dizem... que mentem aqui descaradamente, abusam do cansaço de todos nós e ainda querem se fazer de vítimas. Por isso, Sr. Presidente, nós vamos aguardar... Ah, sim, só para encerrar, Presidente Moroni. Dr. Sérgio, o senhor em algum momento aqui se referiu ao PCC como um partido? Se referiu?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Como assim?

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Um partido, partido?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Partido político?

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - É.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, lógico que não.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Não, um partido assim... Me ajude, Laura.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu vou lembrar. Não. Quando ele respondeu... Em determinado momento, ele, respondendo às primeiras perguntas, se não me engano foram feitas pelo Deputado Arnaldo — a primeira pergunta, literalmente a primeira...

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Hã.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ... em determinado momento ele se irritou e disse, textualmente: *"Eu nunca falei que sou desse... do partido".* Foi a expressão dele.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Ah, sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Pode pegar na nota taquigráfica.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - O senhor é filiado lá? Não, não é?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - No comecinho dele.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Só faltava a imprensa fazer... falar isso, que sou filiado, pago caixinha e quem é meu padrinho, então?

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Quem é seu padrinho? *(Risos.)*

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Só faltava falar isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ah, tem negócio de padrinho, tem?

(Não identificado) - É o Marcola.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não sei. Vocês que estavam falando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Como o senhor sabe que tem padrinho?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Está na mídia, está no jornal, gente. Isso aí é público. Engraçado, vocês só sabem a parte nossa, pública; a parte que é feita na mídia ninguém sabe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas o senhor falou que não sabia nada de PCC.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não sei. Eu não falei de partido. Eu falei...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora, o senhor já sabe que tem padrinho. Agora, o senhor já chama de partido...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu não sei. Eu não chamei de partido. Não chamei.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Chamou. Você disse...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Falei que não advogava para o PCC...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está na nota taquigráfica.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Então, colha a nota.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está na nota.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não advogava para o PCC nem outro partido. Partido político, que eu me referi.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Se tem partido é por que ele foi batizado.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Só faltava.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - "*PCC nem outro partido*"? PCC não é partido político.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Quem perguntou se eu tinha sido batizado foi o Dr. Arnaldo, que perguntou...

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Dr. Sérgio, vamos continuar aqui.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Por isso que estou dizendo aqui. É uma brincadeira aqui.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Dr. Sérgio, o senhor falou... Ainda há pouco o senhor falou que o CD não contém nada de sigiloso...

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Mas você pediu para a Doutora falar desse conteúdo. Como é que o senhor sabe disso, se essa cópia era uma cópia idêntica?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu pedi para ela falar do conteúdo?

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - É. Você pediu para ela dizer o que estava lá no CD.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não, eu...

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Não é idêntica à sua, não?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Exato. Até o momento em que eu estava presente, que eu estava com ela, foram feitas duas cópias idênticas.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Mas falaram numa cópia completa.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Uma cópia completa, a que eu entreguei aqui na Mesa. Está aí.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Você não pediu para ela falar do conteúdo?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Lógico que não. Falar para quem?

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Para todos nós aqui.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Ué, se ela está negando, está dizendo que devolveu depois que eu fui embora... Ela está dizendo que ela devolveu para o Arthur a cópia. É isso que ela está dizendo.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Mas é isso que eu não entendo: paga, pagou para quê, então? E devolveu sem usar?

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Deveria perguntar para ela, Excelência.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Mas você também fez a mesma coisa.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Não.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Você não está de santo aqui também não.

O SR. SÉRGIO WESLEI DA CUNHA - Eu usei... eu usei... Eu tenho acesso às informações. Certo? Fiquei com o CD em meu poder por uma semana. Não divulguei, não emprestei para ninguém e devolvi aqui nesta CPI.

O SR. DEPUTADO ALBERTO FRAGA - Sr. Presidente, eu concluo dizendo, já que nós infelizmente não temos como prender ninguém, que pelo menos a OAB tome as providências necessárias para retirar do mercado profissionais desse quilate. É verdadeiramente... Estão a serviço do crime organizado. Mantenho todas as minhas afirmações e eu espero que a OAB, de uma vez por todas, apure, porque a vida pregressa dos 2 certamente causa inveja a qualquer bandido do PCC.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quero dizer que nós continuaremos as investigações, continuaremos com toda determinação. Quarta-feira, amanhã, teremos técnicos e membros das operadoras; quinta-feira, teremos a acareação. Os 2 já foram convocados para a acareação na quinta-feira. Já assinaram a convocação. Eu passo o tempo à Deputada Laura Carneiro para um requerimento.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Requerimento do Deputado Moroni Torgan. Solicita seja convidado o Sr. Leonardo de Menezes, Professor de Engenharia Elétrica da Universidade de Brasília, para prestar depoimento a esta Comissão de Inquérito.

> *"Sr. Presidente, requeiro a V.Exa., com base no art. 36, II, do Regimento Interno da Câmara dos Deputados e do §3º do art. 58 da Constituição Federal combinado com o art. 2º da Lei nº 1.579, de 18 de março de 1952, que seja convidado o Sr. Leonardo de Menezes, professor de engenharia elétrica da Universidade de Brasília, para prestar depoimento a esta Comissão Parlamentar de Inquérito".*

Em discussão.

Não havendo quem queira discutir, em votação.

Os Srs. Deputados que o aprovam permaneçam como se encontram. *(Pausa.)*

Aprovado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu gostaria de dizer que a determinação desta CPI vai continuar. E vai continuar unida agora com o Judiciário também. Temos recebido grande auxílio e grande apoio, especialmente da Ministra Ellen Gracie, do Supremo Tribunal Federal. Tenho certeza de que ela já está evoluindo, inclusive. O cadastro de apenados já está feito pela Justiça. E acredito que evoluiremos também para a especialização do Judiciário no combate ao crime organizado, e vai ser muito importante. Como a mentira não prospera, as versões ficam muito complicadas. A verdade é sempre muito tranqüila de ser dita.

Dou por encerrada a sessão, convocando outra para amanhã às 14h.